

EL DESENLACE DEL FENÓMENO VANIR. UN BESTSELLER UNICO EN ESPAÑA

LENA VALENTI



EL LIBRO DEL RAGHARÖK

SAGA VANIR X. PARTE II

■ Nadie puede perdonar y amar libremente si antes no se quita
las máscaras ■



O Livro do Ragnarök
Saga Vanir X - Parte II
Lena Valenti

I

Era a mão direita de Loki. Assim ele tinha confirmado quando lhe delegou a missão de acabar aquilo que Se-Rak não pôde acabar, o suposto príncipe dos elfos escuros.

Era o momento de Lek-ir. Devia esmagar qualquer rebelião, qualquer luz de esperança. E esteve fazendo isso até então. Tinha a todos seus arqueiros preparados para apontar com suas flechas àquele pequeno grupo de rebeldes. Depois de tudo, o exército de *Svartalfheim* que ele comandava, tinha viajado por todo o círculo procurando aqueles seres mágicos de Nerthus para caçá-los e enterrar qualquer hipotética rebelião. Como imaginavam que iam lutar com tão poucos efetivos?

A grande maioria de humanos tinha sido exterminada. Muitos deles feridos mortalmente e agonizando, e a outra parte sobrevivente convertida em *nosferatu* pelos vampiros.

Para os *svartálfar*, aquela missão tinha sido tão fácil como respirar. Uma vez que ajudaram a destruir todo tipo de vida, tinham que reunir ali, aos pés do texo, da árvore celta mais antiga, para interceptar esses bardos que tinham conseguido acabar com Se-Rak.

Lek-ir não podia entender como dois seres tão inofensivos tinham conseguido acabar com a existência de um poderoso e escuro príncipe élfico. Mas seja como for, ele acabaria sua tarefa.

Se-rak e seus elfos, os que chegavam de sua viagem de aniquilação, levitaram e ficaram em suspensão no céu, para poder contemplar com seus olhos, negros como suas almas, os últimos suspiros daqueles indivíduos que acreditavam em Odin e que pretendiam resistir contra o poder de seu Senhor.

Eram valentes, e isso não podia negar. Um punhado contra centenas de milhares era uma briga desigual. O que esse grupo de guerreiros realizava, só se podia comparar com uma façanha espartana. Tendo em conta que os espartanos não lutaram contra tantos inimigos como os que os presentes enfrentavam.

Lek-ir elevou sua mão direita, com o olhar fixos em seus alvos, e ordenou que apontassem a cada um dos membros da resistência. O vento impetuoso açoitou seus cabelos negros e lisos. As marcas de seus rostos se iluminaram com determinação. O tempo apocalíptico acompanhou cada ordem e cada ação, como se a cena dantesca que presenciavam necessitasse de mais elementos dramáticos.

Os elfos da Escuridão não rendiam homenagem a ninguém. Todo seu exército élfico dirigiu seus arcos e a ponta de suas flechas negras contra os poucos berserkers, vanirios, einherjars e valkyrias que lutavam. E justo quando ia baixar a mão para que as disparassem, viu emergir uma cabeça loira pelas raízes do teixo, que já escorregavam pelo precipício abismal que se criou em sua superfície.

Lek-ir sentiu que a jovem barda carregava um totem de poder nas mãos. O elfo tomou seu arco de detrás de suas costas e ele mesmo trespassou uma flecha na corda tensa de linho inquebrável. Apontou-a ao peito de Daimhin.

Loki estaria orgulhoso dele quando soubesse que suas flechas tinham sido mortais contra cada um desses indivíduos que ousavam enfrentá-lo. Ele acabaria com os que saíam do teixo.

Os dois irmãos loiros, uma vaniria japonesa e um berserker com moicano e cabelo vermelho.

Então, quando ia disparar contra a barda e ordenar a chuva inclemente de setas contra eles, recebeu uma mensagem do vento, de um grupo de *svartálfars* que se aproximavam de onde eles estavam.

"Lek-ir."

"O que está acontecendo?"

"Aproxima-se de vocês uma nuvem a grande velocidade. Em seu interior se esconde um vanirio e uma berserker com um totem divino".

"Outro totem?", perguntou, surpreso. "De que totem fala? Não compreendo".

"Um que estava escondido em uma *hule*, sob as ilhas escandinavas".

“E por que, se pode saber, não interceptaram o objeto quando saíram da *hule*?”

Fez-se um silêncio tímido e culpado.

“A fada guia nos despistou, e nós a seguimos pensando que não tinham encontrado o objeto. Eles saíram camuflados em uma nuvem, e perdemos seu rastro”.

“Insinua que uma diminuta fada enganou a um grupo de *svartálfars*?” Não permitiu que o outro respondesse. “São uma vergonha para nossa estirpe”.

“Lamento, Senhor. Tentamos caçá-los, mas se moveram com muita velocidade. O vanirio que vai em seu interior é extremamente veloz”.

“Lamenta? Lamenta? — repetiu incrédulo. Ele mesmo mataria esse *svart* com suas próprias mãos, por ser incompetente. — Não quero ouvir nenhuma palavra mais. Sabemos a quem pertence o totem?”, quis saber Lek-ir, nervoso.

“Não, Senhor. Mas sim sabemos que os seres que materializam a cumulunimbus e cobrem o resto são metade elfos... São os únicos que podem se misturar com os elementos desse modo”.

“Mais elfos? Onde estavam estes elfos, se pode saber?”

“Sob o chão de Fionia”.

“Estupendo — sussurrou com desgosto. — Então, devem ser elfos subterrâneos. E se for assim, pertencem aos domínios de Nerthus”, assumiu pensativo. Então, o totem que protegiam era da deusa da Terra? E para que serviria?

Lek-ir se virou e observou o momento exato em que essa nuvem espessa sobrevoava a área quente e de conflito, misturando-se com os gases, a fumaça, e as próprias nuvens cirros que nasciam com o apocalipse e a mudança climática. Ao longe, vários tornados percorriam a superfície de um lado ao outro, arrastando tudo a seu caminho. Eram grandes como podia ser uma cidade, e podia ver-se ao longo de seu cinzento tubo, dando voltas sobre seu próprio eixo, tudo o que já haviam desenraizado da terra.

Era lindo. Espetacular.

A tempestade de neve, potente e feral, que levantava o tornado, ajudava aquela nuvem a avançar, que além disso era

alcançada por uma vaniria grávida e seu companheiro loiro. Acabavam de entrar nela.

Lek-ir lançou um olhar cheio de suspeita e depois desviou sua atenção ao resto dos guerreiros.

Einherjars, valkyrias, berserkers, vanirios e demais, estavam se mobilizando como se tratasse de uma coreografia, cada um assumindo um posto e uma posição. Feridos, coxos, capengantes, estavam decididos a agir, a executar uma ação conjunta.

— Tramam algo — disse Lek-ir, incrédulo.

Sorriu com diversão, pois a guerra era mais divertida quando o outro apresentava sua confiança e lutava por sua vida. Porque não havia nada mais belo que ver como Hela aparecia em todas suas formas e levava o último suspiro de suas vítimas. Lek-ir gostava de ver o modo como a luz dos olhos de seus competidores apagava.

Então o elfo elevou a mão para que todo seu exército prestasse atenção nele. E quando o obteve, apontou à nuvem que se aproximava pelo Sul para, em seguida, gritar com todas suas forças:

— Vão atrás da nuvem! Levam um totem! Terão que interceptá-la!

Ato seguido, os elfos se reuniram e empreenderam o voo juntos, como se tratasse de desenhar um dardo no ar.

Lek-ir ordenava. Eles obedeciam.

Naquele precipício era de onde melhor se observava a batalha. Hela chegava de sua longa viagem pelo mundo, semeando o terror em cada país, cidade e território, e aterrorizando as almas que encontrava pela frente. Todas iriam ao Helheim, e ali, as eliminaria para que nunca mais pudessem reencarnar. Entretanto, o único obstáculo, o único que resistia em sua atroz perseguição da vida, era aquela luz que a sacerdotisa de cabelo vermelho continuava emitindo.

A humana, companheira de um berserker com dons de *seirdrman*, era seu némesis.

Hela abria as portas do Inferno e fechava o ciclo da reencarnação. Ruth abria as portas do céu e permitia que as almas retornassem e descansassem da extenuante experiência na Terra.

Por essa razão, ela mesma se encarregaria de matar essa jovem intrometida, e faria isso com suas próprias mãos. E a faria sofrer. Faria-a sofrer porque precisava que a alma dessa garota nunca voltasse para a vida, porque retornaria sem dúvida muito mais forte, porque os ciclos sempre eram assim, e porque Hela odiava ter concorrência. Por isso, sua morte seria sempre lembrada. Ela faria que fosse memorável.

Primeiro mataria os pequenos que protegia com seu próprio corpo, umas crianças cheias de energia e vitalidade, cujo aroma de medo a maravilhava. E depois mataria o *noaiti*, esse apoio emocional e vital que essa humana se agarrava como se fosse sua última esperança. Juntos tinham superado muitas coisas e tinham evitado vitórias maiores dos jotuns. Mas desta vez não iam escapar.

Quando a alma de Ruth estivesse repleta de dor e já não houvesse luz a que sustentar-se, a esmagaria simplesmente. E ela mesma absorveria a alma da Guerreira, para que nunca retornasse de entre os mortos. Não haveria sinal dela nem em Helheim nem no caldeirão. A essência de Ruth deixaria de existir. Desapareceria para sempre.

Hela jogou o longo cabelo para trás e permitiu que o vendaval açoitasse suas belas feições.

Sua mãe Angrboda a admirou do outro lado do despenhadeiro onde converteu o cemitério celta de Llangernyw e assentiu ao escutar seus pensamentos, como se lhe desse permissão para executá-los.

Não precisava dizer mais nada. Quando seu pai chegasse montado em Fenrir, estaria feliz de ver como tinham conduzido o fim desses guerreiros. Sentiria-se orgulhoso de sua família.

Com esse pensamento em mente, Hela saltou do alto da beira áspera da colina e caiu ao vazio, duzentos metros de queda livre até tocar com os pés ossudos a terra manchada de sangue, suor e lágrimas. E não de lágrimas de jotuns, mas sim desses humanos que tanto choravam.

Competia a ela.

Não se salvariam do ataque dos elfos, nem do fogo e do gelo dos gigantes, nem da mordida dos purs e dos etones, nem muito menos das garras dos lobachos ou das presas dos vampiros.

Todos queriam sua parte, seu pedaço de carne.

Uns a cabeça, os outros o coração, o resto, o sangue.

Ela, em troca, queria suas almas.

Asgard

Yggdrasil

Depois de ir ao Vingolf e avisar à todas suas valkyrias, depois de dar um bate-papo motivador a todas essas mulheres que uma vez tinham sido alcançadas no ventre de suas mães humanas por um raio, e que deviam descer ao Midgard, não para recolher guerreiros mortos, mas sim para lutar por suas próprias vidas, a Resplandecente deusa dos Vanir, compareceu de novo, a toda pressa, ao Yggdrasil.

Contemplou, com o coração em um punho, como aquela esplêndida árvore, que conectava a todos os mundos, consumia-se pela escuridão e seu tronco, branco e puro, enegrecia-se por momentos.

O céu, uma vez claro e nítido de Asgard, povoava-se de nuvens tormentosas e estranhas, alheias à beleza que cobria com sua escuridão.

Não. Aquilo não parecia nada bem.

Skuld, a norna do futuro, que também tinha funções de valkyria, ficou aos pés do freixo perene, chorando pela árvore da vida e do Universo, porque não havia modo de salvá-lo. O tear estava quebrado a seu lado, abandonado como um brinquedo ao que se deixava de querer e de dar uso, ou, em seu defeito, jogado como um que se quebrou depois de tanto usá-lo.

O certo era que tudo se tingia de uma luz deprimente que despojava, a quem a contemplava, de toda esperança.

Em Asgard, nunca era nada assim. Era um reino acostumado ao sol, à lua e às estrelas universais, não à penumbra que insistia em fazer-se espaço com sua feiura.

Com exceção do dia em que Balder morreu e o luto se instaurou durante séculos naquele Reino, só a luz iluminava os dias dos asgardianos. Mas aquele trágico acontecimento já foi superado. Além disso, todos acreditaram secretamente que Balder retornaria, porque assim diziam as profecias. Entretanto, o presente dizia algo muito diferente.

Estavam perdendo. A vida e a saúde dos reinos lhes escapava como faria a água entre os dedos. E isso propiciava o tempo do não futuro.

Skuld, a norna desse tempo, sentia-se mais perdida que nunca.

Freyja engoliu em seco, compungida, e vestida como a guerreira mágica que era, caminhou com passo seguro até Skuld. Nesse momento, deuses ou não deuses, deviam apoiar-se e sentir compaixão uns pelos outros.

A vidente ruiva de olhos negros e rosto marcado com a língua de Olgar, elevou a cabeça e a observou conformadamente, pois sua alma já se resignou àquele desgraçado destino.

— E as outras duas? — perguntou Freyja friamente.

— Urd e Verdandi se retiraram para nossa morada. Prepararam-se para o adeus.

Os olhos prateados de Freyja se acenderam intermitentemente, acompanhando assim sua surpresa e sua falta de conformismo.

— Retiraram-se, diz?

— Sim, Vanir. Estão hibernando. As nornas têm essa capacidade de entregar-se ao sono eterno, se assim o desejarem.

— É isso? Assim é como elas decidem agir, não? Que covardes.

— Elas não são guerreiras como você, Freyja — as defendeu Skuld.

— Inclusive uma mãe que protege os seus bebês tampouco sabe de guerra, mas sim sabe de amor e de orgulho. Onde está o delas? Só sabem fiar? Não servem para nada mais?

Os olhos escuros de Skuld a desafiaram. Freyja era a deusa mais poderosa do panteão nórdico, só comparável à celta Morrigan.

Mas não assustava Skuld. Ela havia visto muitas coisas, sempre se adiantou aos acontecimentos, e sempre esteve um passo na frente dos outros.

Quanto tinham mudado as coisas... Agora já não via nada.

— Ninguém está em posição de recriminar a ninguém como vive seu próprio luto, não acha, Resplandecente? Para que veio? O que precisa? Veio por algo, suponho.

— A gente tem que lutar por aquilo que representa. Não podem se render e esperar que Loki entre aqui e as degole simplesmente — expressou impulsivamente, continuando com sua reprimenda. — É indigno.

Skuld permaneceu em silêncio, reparando na presença mística e enérgica de Freyja.

Ela intimidava. Era esplendidamente forte e severa. Seu caráter era vigoroso, ao mesmo tempo que altivo. Mas havia algo em seu olhar que destilava dinamismo, coragem e amor. Amor por suas valkyrias as quais considerava como suas filhas. Amor cada vez que falava de Nerthus. E respeito, desdém e algo mais cada vez que pronunciava o nome de Odin.

Freyja sentia. Sentia muitas emoções em seu interior, porque ainda vivia. E queria continuar vivendo, embora a contaminação dos mundos e o inferno do reino médio estivesse chegando às raízes de seu freixo amado. O que estava claro era que a Vanir ia lutar, fosse em Asgard ou em Midgard. Não ia se dar por vencida. Não queria dar seu mundo por perdido.

E a entendia. Entendia-a porque quem muito amava, muito tinha que perder. E Freyja não era perdedora, nunca. A ela, contra o que muitos opinavam, sobrava-lhe amor e paixão pelos seus. Era assim autêntica e intensa. Uma deusa cadela a que, apesar de tudo, não se podia odiar.

Skuld não a odiava. Freyja lhe inspirava uma grande deferência, porque Skuld, embora já não pudesse ler nem ver o futuro porque o tear se quebrou, sempre saberia mais que outros. Igual a Urd e Verdandi, que não sabiam como agir ao ver que as linhas do passado já não existiam e que as do presente eram incertas.

— O que quer, Freyja? — disse-lhe com voz calma.

— Você é valkyria, Skuld. É uma das minhas — disse ela, agachando-se em frente a ela.

— Não. Não sou — respondeu. — Meus poderes como valkyria foram fruto de uma jogada de Orlag. Como podia ver e ler o futuro, acreditou que me outorgar dons de valkyria seria divertido na hora de recolher guerreiros em batalha, porque assim saberia quem cairia e a quem devia socorrer. Mas, as coisas mudaram em algum momento no tear. E me releguei a ser norna e tecelã. Você e eu sabemos o que foi que mudou meu caminho.

Freyja sabia. Foi a manipulação de Odin. Sua viagem no tempo, e as consequências que teve para Noah e Nanna.

Nanna adotou o papel de Skuld, e ela se encarregou de recolher aos guerreiros mortos.

— Minha função em Yggdrasil é agora mesmo insignificante — ressaltou a norna.

— Todos somamos — respondeu Freyja em desacordo. — Se algo me ensinou o suceder de nosso destino, é que, ao final, todos somos relevantes, todos importamos. O bater de asas de uma mariposa em uma parte do mundo pode provocar um maremoto no outro lado. Estamos todos conectados. É como um enorme quebra-cabeças, no qual as peças devem encaixar. Talvez ainda possa fazer cumprir seu papel. Por que não foi hibernar? — perguntou, tocando levemente sua curiosidade. — Talvez você continue aqui por uma razão, não acha?

Skuld não podia acreditar no que ouvia.

— É muito otimista. Não há nada que possamos fazer. Odin sabe. Thor sabe. Heimdal sabe. Frey, Njörd... todos.

— Maldição — murmurou Freyja, deixando transparecer seu verdadeiro estado de ânimo ansioso. — Me nego a acreditar nisso. Você, por ser a norna do futuro, é muito pessimista.

Skuld exalou, cansada. Essa deusa estava louca se realmente acreditava que algo ia acontecer para mudar a situação de maneira tão radical.

— Que mais precisa ver do presente, Freyja, para se dar conta de que as coisas aconteceram errado? Por que tem tanta fé?

— Pergunta por quê?! — rugiu emocionada, agarrando Skuld pelo braço. As letras de sua pele se iluminaram e mudaram ao contato da deusa. — Porque me nego a acreditar que minha mãe, a Deusa Nerthus, esteja se sacrificando por nada! Vai estar lá embaixo, dando a cara por um reino ao que foi exilada, por um Deus que a apedrejou. Estou aqui porque quero ver agora mesmo o que acontece ali embaixo — Ihe ordenou, levantando-a de um puxão. — Por isso vim. Me dê água do poço de Mímir.

Skuld negou com a cabeça, assustada com a Deusa.

— Não pode fazer isso. Yggdrasil está poluído. A água já não é boa. Olhe suas raízes — apontou, indicando a cor carvão das raízes que antes eram brancas e inquebráveis.

Freyja, sem soltar Skuld, procurou com seus olhos o pano do tear que anteriormente tinham ensopado na água do manancial de Mímir, para que Odin e ela bebessem de seu conhecimento. Tomou-o entre as mãos e o pressionou no peito da norna, salpicando-a e umedecendo sua toga negra e folgada.

— Ainda está molhado. Ainda contém água. Espreme-o, tecelã — ordenou, soberana. — Deixe-me ver minha mãe. Porque, se morrer, não quero que o faça sozinha. Quero estar presente.

Os olhos prateados de Freyja se iluminaram de uma maneira incendiária, como eram suas emoções.

A norna olhou o pedaço do tear e à Deusa de maneira intermitente, como se não pudesse conceber que Freyja quisesse ver tão triste acontecimento.

— Pode fazer isso?! — instigou-a. — Ou precisa dos dois ursos que foram dormir em seu inverno particular?

Skuld negou com a cabeça. Não. Não precisava delas. Ainda havia água nos fios do destino. E se era o desejo da Deusa, o outorgaria.

— Como deseja, Freyja. Ajoelhe-se — Ihe ordenou.

A Deusa, apesar de ser o que era, o fez...

Menos mal que as nornas eram um poder e uma energia à parte das divindades, senão Skuld desfrutaria de alardear desse momento durante toda a eternidade.

Skuld retorceu o pano e o localizou sobre a boca de Freyja, que inclinou a cabeça para trás.

— De acordo, Vanir. Abra-se ao conhecimento e à visão e aceite o que tem que te revelar. Lembre que só pode pedir o presente.

— Sim — assentiu Freyja, tirando o capacete alado de sua cabeça em sinal de respeito.

— São as últimas gotas do poço de Mímir. As aproveite — lhe recordou. — Pede pelo que quer ver.

— Quero ver o presente de meus guerreiros no Midgard. E quero ver minha mãe.

Quando as gotas do manancial caíram no interior da boca de Freyja, esta fechou os olhos, cegada por uma explosão de luz enérgica que explodiu por trás das pálpebras.

Então, os últimos acontecimentos do Midgard lhe foram revelados.

Raoulz e Brunnylda representavam esses exércitos novos de Nerthus, que tinham decidido lutar no Ragnarök por uma espécie em que não acreditavam muito. Arriscariam suas vidas pelos humanos ou o que restasse deles, quando, em realidade, esse reino e essa realidade não lhes pertencia. Essa batalha não era deles.

Mas, inclusive Brunnylda, a princesa das Agonias, a mais desumana, fria e manipuladora de todas elas, estava repentinamente comprometida com aquela guerra, porque nela lutava um príncipe *huldre* que tinha se apossado de sua mente. Assim se sentia. Assim se sentiu sempre.

Os elfos temiam às Agonias por seu incrível poder, porque podiam obrigá-los a fazer o que elas quisessem e porque possuíam a força da sedução, a mesma que colocava de joelhos a lobachos, vampiros, elfos da escuridão e todo tipo de jotuns que as olhassem. Se elas assim o desejavam, com só um bater daqueles longos e curvados cílios, tinha-os comendo em suas mãos.

Os *huldre*, pela primeira vez, decidiram que em vez de analisar seu dom como algo terrivelmente negativo, o aproveitaram em seu

benefício. Assim, jotun ao que elas hipnotizavam, jotun que eles matavam com suas flechas e suas lanças.

Raoulz não sabia, mas Brunnylda tinha enlaçado sua alma com ele desde a primeira vez que o viu, fazia muitíssimo tempo, em outro espaço, em outro mundo e em outro lugar.

O príncipe dos elfos se fazia de bobo, porque o certo era que o aterrorizava acreditar que era o desejo e o amor platônico de uma Agonia. Mas assim era.

Portanto, embora os *huldre elver* e as Agonias não pareciam ser muito úteis nessa guerra, sim que o eram. Pois embora o elfo negasse uma e mil vezes, e não havia mais cego que o que não queria ver, ele, inconscientemente, também procurava que a Agonia não se expusesse muito.

Porque era na guerra quando emergiam as mais altas e baixas paixões e quando o coração se revelava junto com o medo.

Seja como fosse, a coragem dos dois exércitos de Agonias e *Huldre Elver* era incontestável. E o que faziam pelo resto dos guerreiros diretamente relacionados com Odin e Freyja, era digno de admirar. Porque lutavam em favor desses deuses, embora sua deusa Nerthus não estivesse ali com eles.

Chegaram a esse lugar através dos bardos Daimhin e Carrick, e com eles se mantiveram, os ajudando a tentar conseguir seu objetivo e fazer realidade sua missão.

Só precisavam ver se suportariam até o final.

II

No interior de Llangernyw Instantes antes

— Já tem o selo? — perguntou o elfo. — Nossa deusa Freyja é muito exigente com isso... Sem o *comharradh*, o dom não é entregue por completo. Então, não poderá cumprir seu objetivo.

Ela assentiu e mostrou parte do nó perene que aparecia por debaixo do espartilho, à altura do peito.

— Tenho-o. Steven é meu companheiro — disse com orgulho. — Ele me dá o dom.

Steven sorriu e inchou o peito.

Agelystor ficou satisfeito. O elfo da luz passou a palma aberta de sua mão de longas unhas pela pedra e disse:

— Que o que oculta o feitiço seja mostrado.

Uma espécie de pó dourado rodeou a pedra retangular. Pouco a pouco, a imagem se desdobrou até que mostrou um livro de capas douradas.

Daimhin o estudou e o tirou das mãos de Agelystor. Agelystor se pôs a rir, como se o livro lhe tivesse dado uma grata surpresa.

— Sabe o que é? — perguntou Agelystor.

— Um livro.

— Ah! Mas não é um livro qualquer, menina — moveu o dedo indicador de um lado ao outro, em sinal de negação. — Este diário dourado — explicou Agelystor, — foi entregue à valkyria mais

poderosa de todos os tempos, pelas mãos de Freyja. Foi criado em Asgard. Suas folhas de linho inquebrável foram extraídas do tear das nornas Verdandi, Urd e Skuld.

Daimhin o folheou e encontrou uma página que não demorou para ler.

— Dizem que me chamo Bryn. Bryn, “A Selvagem”... — fechou o livro e disse: — Não pode ser. Mas este livro pertence à General.

Agelystor negou com a cabeça.

— Também pertence a você. Neste diário, que Ardam das Highlands encontrou sob os escombros de Arran; neste diário que viajou através de rios e mares até chegar às mãos das Agonias de Lochranza; neste diário que os elfos da Escuridão quiseram destruir, esconde-se uma história. Uma história — apontou o *comharradh* de Daimhin — que só você pode ler com o coração. Só você, Barda. Saiam daqui. Voltem para a superfície do Midgard e leia-o. Daimhin, leia-o.

— Por que não o pode ler aqui? — perguntou Steven, confuso. — Aqui estamos a salvo.

— Isto não deixa de ser uma *hule*. As grutas de Nerthus são atemporais, não têm a ver com o tempo real do Midgard. O que aqui se ler não influi na Terra. Tem que sair e lê-lo. E têm que se apressarem muito — lhes recomendou, lamentando a situação. — Têm que sair já. — Agelystor se levantou do trono e começou a empurrá-los e a apressá-los para que saíssem dali.

— Mas... — Daimhin o olhava por cima do ombro. — Só tenho que ler?

— Tem que ler, Daimhin, em frente a Crann Bethadh, o teixo da vida e da morte, o símbolo de seu clã. Ali, leia a primeira página deste livro. Ali, onde tudo começou e tudo pode acabar. Ali, onde tudo acabou, tudo pode voltar a começar. — Seu rosto cheio de rugas sorriu com mistério.

— Mas já li a primeira página... fala de Bryn.

— Não. Não fala de Bryn — respondeu ele de forma enigmática. — Abre o coração, barda, e leia-o. A verdade te será revelada. E vocês — apontou os outros três, — se encarreguem de que

ninguém a machuque enquanto lê. Protejam-na. É nossa última oportunidade.

Com essas palavras, Agelystor ficou em sua *hule*, aparecendo através do longo túnel que daria à superfície do Midgard para comprovar que os quatro guerreiros subiam o longo caminho até aquele inferno.

E o inferno real tinha chegado à Terra enquanto eles se mantiveram resguardados na *hule*.

Quando os quatro saíram à superfície, não estavam em frente ao teixo. Parte da superfície caiu e agora, a árvore, aparecia sozinha no alto de tudo, como na ponta de um escarpado.

A seus pés, hordas de purs, etones, vampiros, lobachos e elfos escalavam a árida rocha, que antes tinha sido montanha plana e verde.

As Agonias atraíam aos vampiros como podiam. Eram muitas. Por fim tinham chegado os reforços e Brunnylda encabeçava a ofensiva. Mas nunca seriam suficientes.

Raoulz, o líder dos *huldre*, encarregava-se de matar a todo aquele jotun que ficava nocauteado pela energia das *döðskamps*. Faziam uma boa equipe.

Abaixo, tentando defender o teixo, Daimhin podia localizar os seus pais, Gwyn e Beatha, que tinham chegado para apoiá-los. Como Ruth, Adam, Daanna e Menw... Inclusive os einherjars e suas valkyrias tinham chegado a tempo e lançavam raios, tentando deter o avanço dos exércitos de elfos escuros que ameaçavam pelo oeste.

Era o Ragnarök.

O Ragnarök em todo seu esplendor.

Carrick a segurou pelo braço e lhe disse:

— Daimhin. Vá.

— Vamos todos!

— Não — a censurou ele. — Daimhin, voe até o teixo e comece a ler o livro. É o que tem que fazer. É sua missão, a razão pela qual é tão especial. Nós a protegeremos.

— Carrick... — Daimhin o abraçou com tanta força que parecia que ia quebra-lá. Não sabia o que tinha que lhe dizer, as palavras não saíam. — Carrick...

— Sim, sei — lamentou ele, sabendo que aquela era, possivelmente, a última vez que se veriam nesse mundo.

— *Is caoumh lium the, mo bratháir*. Eu o amo, meu irmão. Sempre. *Mae*.

— E eu a você, irmã. A mais valente guerreira de todos os tempos. A melhor das irmãs que alguém pode ter. *Mae*. — Beijou-a na testa e se despediu dela com um sorriso autêntico, um de verdade, cheio de luz, para tentar apagar todas as vezes que ambos tinham chorado em silêncio, em sua própria escuridão.

Carrick se uniu a Aiko, que graças a seu dom de invisibilidade, podia defender o avanço à Barda.

Steven começou a subir a rocha quente ao tato. Daimhin o agarrou pelo colete e voou com ele durante os seguintes metros até seu destino, esquivando rochas que caíam, os gases das gretas que se abriam e queimavam, inclusive, as serpentes douradas dos elfos escuros que já os tinham localizado e tentavam detê-los como fosse.

Daimhin e Steven tentaram esquivar tudo, com mais vontade que acerto. E justo quando chegavam ao teixo, Steven foi alcançado por uma serpente que rodeou seu joelho.

— Daimhin! — gritou ele. — Continue adiante.

— Não! — ela tentou socorrê-lo, mas nesse instante, outra serpente mais lhe rodeou o pescoço, estrangulando-o. — Por favor, não! Steven!

— Barda, me olhe — disse Steven tomando ar, tentando permanecer calmo. Seus olhos amarelos se tornaram vermelhos. Completamente vermelhos de amor, paixão e carinho por sua companheira. — Segue adiante e lê o livro por mim e por todos... eu a amo, *hjertet min*. Meu coração... — Uma nova serpente rodeou seu braço. Steven perdeu o equilíbrio. A rocha sobre a qual se sustentava com seus pés, derrubou-se e destruiu com parte da parcela que sustentava o teixo. Steven caía pelo precipício. Daimhin quis ir atrás dele antes que desaparecesse de sua vista. — Não faça

isso, vaniria! Faça o que tem que fazer, barda! — O berserker caiu através daquele penhasco, afundando-se entre a multidão de purs e etones no declive daquele escarpado repentino.

Se não obedecesse a Steven, se perdesse a oportunidade de ler, o teixo arderia e afundaria no abismo das gretas, e nunca mais seria recuperado. Tinha que cumprir com sua promessa. Porque uma barda nunca quebrava uma promessa.

Com o rosto banhado em lágrimas, Daimhin se localizou sob o teixo, sobre suas raízes.

Steven não tinha morrido. Não podia. Não morreria. Ela o reviveria sempre. Faria o impossível para recuperá-lo. Ele era seu verdadeiro imortal e o guardião de seu coração. Assim não. Não pensaria que tinha morrido.

Tampouco olharia o que acontecia com seus pais.

Nem tampouco pensaria no destino que sofreriam Carrick e Aiko.

Não estaria atenta à caça que sofriam as valkyrias, nem dos ataques inclementes dos Svartálfar contra os *Huldre elver* e as Agonias.

Não veria como a Guerreira era espreitada por centenas de espíritos malignos de Hela, nem como o Noaiti entregava a vida para proteger os gêmeos... Nem pensaria em que Daanna e Menw estavam às portas de um triste final, um lutando pelo outro, e ambos protegendo seu filho não nascido.

Não recordaria que havia um deus dourado perdido em uma realidade alheia e que não estava ali para ajudá-los. Nem que um druida, uma cientista, uma híbrida e o líder do clã keltoi esperavam em uma nau para fazer sua aparição.

Não daria atenção à incrível onda de fogo que a vários quilômetros de distância avançava à frente, ameaçando queimar tudo a seu caminho.

Todo sinal de vida se apagaria. Tão fácil como quem apagava uma luz.

Antes de abrir o livro, não pensaria em que já não havia salvação, só morte; nem tampouco que o Ragnarök se cumpriu e os bons tinham perdido.

Se tinha que ler, lia com o coração aberto e puro, como lhe tinha pedido Agelystor, acreditando que a última coisa que se perdia era a esperança.

Daimhin abriu o livro; e nas primeiras páginas o vocabulário das runas apareceu ante si. Um vocabulário que antes tinha permanecido oculto.

Onde antes estava escrita a lenda de Bryn, agora outra história aparecia. Uma história de deuses, lenda para muitos, ficção para outros.

Para fazê-la realidade, ela somente tinha que acreditar.

Por isso, com lágrimas nos olhos e a valentia de seu espírito, sabendo que todos outros morriam para lhe permitir ler o livro em voz alta, começou:

— Quando a noite mais escura chegou ao Midgard, quando Loki e seus filhos estenderam seus tentáculos, quando só restava um suspiro de vida ao Mundo Médio, a ponte arco-íris Bifröst ardeu de raiva e se refletiu no céu. E ali, todos, vivos e mortos, viram como se abria uma porta estelar. A porta pela qual os deuses viajam para retornar para casa... A porta que cruzarão para proteger a todos seus filhos.

III

Midgard Llangernyw

Quando Gabriel era humano, e daquilo lhe parecia que tinha passado uma eternidade, lia os livros sobre mitologia nórdica. Adorava sobretudo os que estavam ilustrados. Neles via os deuses segundo os artistas, e aos jotuns. Nesses tomos podia ver como seria o Ragnarök ou como Hela e Angrboda eram ilustradas; ao lobo Fenrir, ao Jormungander e, obviamente, a Loki.

Quando criança, na casa de seu tio Jamie, passou muitas noites imaginando como seria o fim do mundo segundo os deuses, mas nunca imaginou aquele quadro vivo e em movimento, de tantas cores escuras e elétricas, com tantas chamas, tornados, e monstros em qualquer parte... A realidade superava em muito a sua imaginação. A realidade superava a todos os livros de mitologia e ficção. Porque neles não mencionavam o aroma de morte e a destruição que acompanhava o último dia da Terra. Aquilo era o mais desolador e triste. O aroma. O aroma de desesperança e rendição.

Mais ainda, o que menos imaginou foi que ele estaria presente nesse momento. E não como um humano inofensivo que esperava que chegasse a grande onda, ou a grande explosão, ou um nada... O que nunca pensou foi que seria um guerreiro de Odin, o *Engel*, um soldado líder e um *einherjar* sacrificando-se por todos os humanos que não tinham nem poderes, nem voz nem voto.

Ele estava ali em nome dessa civilização da qual uma vez fez parte, mas não lutava por eles.

Por quem o loiro de cachos indomáveis e olhos travessos lutava, em realidade, era por esse grupo de amigos que o rodeava e aos que lhes tinha pedido um último esforço para formar uma ofensiva que dessem resultados certos e lhes outorgasse uma oportunidade. Talvez não a de vencer, mas sim a de morrer fazendo o máximo dano possível ao inimigo.

Ali, na terra, todos formaram um círculo. Sabiam o que tinham que fazer para permitir que a nuvem avançasse. Thor também já sabia que movimentos devia realizar.

Nesse lugar, Ardum, Bryn, Róta, Miya, Gunny, Isamu, seu tio Jamie, ao que protegiam os berserkers de Chicago e os kofuns, Ruth, Adam, Nora, Liam, Gwyn, Beatha e suas duas filhas carregadas às suas costas com pareôs, reuniram-se durante uns segundos para executar os movimentos daquela estratégia. A nuvem se dirigia para eles com uma intenção, porque assim tinham decidido.

Thor, Jade, Daanna e Menw permaneciam ocultos nela, rodeados de bruma. Em algum momento, a nuvem daria uma mudança brusca para levar a todos os elfos da escuridão a que seguissem seu rastro e os atraíssem ao foco que eles estavam criando. Um foco de atenção que desembocaria em um efeito magnético para todos os jotuns, e como consequência, daria lugar a uma destruição maciça.

Ali, os guerreiros procedentes de diferentes épocas e diferentes clãs, olharam uns aos outros esperando o momento em que a nuvem se dirigisse para eles rapidamente, arrastando a todos seus perseguidores.

Gabriel entrelaçou os dedos com Gúnnr e a olhou naqueles olhos que sempre o mantiveram lúcido e louco ao mesmo tempo. A sua linda valkyria de franja comprida, cabelo liso e fúria extremamente brutal, tinha o queixo trêmulo pela emoção. Como a todos, fossem guerreiros imortais e poderosos, o poder do adeus os afetava porque era esmagante.

Aquele seria o momento de todos. Aquela era a decisão de suas vidas.

—É a filha de Thor — disse Gabriel, limpando as lágrimas que se deslizavam por suas bochechas, com os polegares. — Demonstre. Sabe o que tem que fazer. Faça, Gúnnr.

Gúnnr negou com a cabeça e apoiou seu rosto naquela cálida mão que sempre a segurou e que sempre lutou a seu lado.

— Não me orgulha ser filha do Deus do Trovão, *mo engel* — lhe deixou claro. — O que vou fazer, não o farei em seu nome. — Ele permaneceu mudo. — O farei no seu — afirmou irrevogavelmente, com o coração na mão. — Porque me orgulha ser sua mulher, sua valkyria, e a guerreira que fez que suas asas se abrissem. E o farei em nome de minhas irmãs e meus amigos —olhou para Ardam, para sua General; para sua demônia Róta, e para seu Miyamoto. Admirou a todos e cada um deles porque tinham aprendido a sobrepor-se às dificuldades, e porque eram altruístas. Sabiam o que tinham que fazer. Tinha vivido a vida intensa que queriam ao lado das pessoas que amavam, e embora tivessem desejado dispor de mais tempo, eles eram guerreiros, e sabiam que para aquele que tinha nascido para a guerra não havia tempo de paz.

As valkyrias e os einherjars, os berserkers e os vanirios, inclusive os humanos que anonimamente e heroicamente resistiram à conquista de Loki, foram feitos para a batalha e para protestar contra as injustiças. Eles estavam ali em forma de protesto. Se Loki queria o Midgard, primeiro devia passar por cima de seus cadáveres.

Os olhos de Gaby umedeceram, e permitiu que sua valkyria abraçasse fortemente as suas duas irmãs, Bryn e Róta, que se fundiram com ela, e afundaram seus rostos a cada lado de seu pescoço.

Bryn inspirou profundamente para poder falar e lhe murmurou ao ouvido:

— Nós em você. E você em nós — a abraçou como se nunca quisesse deixá-la ir. — Você em nosso coração. Nós no seu — pousou sua mão sobre o peito esquerdo da valkyria. — E ninguém mais — jurou a General.

Róta, que sempre falava e tinha algo que dizer, tão apaixonada como era, não lhe saíam as palavras. Tal era sua raiva e sua angústia. O destino do Midgard as obrigava a fazer sacrifícios, a separar-se. Mas as almas que tanto se amavam, nenhuma vez se separavam completamente, não? Isso era o que Róta queria acreditar, o que gostava de imaginar. Se não fosse assim, do que tinha servido tudo isso até então?

— Róta — disse Gúnnr, compreendendo a sua irmã.

— Minha voz não sai — sussurrou em voz muito baixa.

— Não precisa falar para que eu te ouça, amiga minha — lhe assegurou com todo o amor que sentia por elas. — Eu também a amo.

A valkyria de cabelo vermelho e olhos claros assentiu, emudecida, tomada pela situação.

— É minha irmã da alma. Você e Bryn sempre serão — lhes recordou Gunny. — Não sei onde está Nanna. Mas esteja onde estiver — levantou o olhar ao céu — espero que nos encontremos as quatro de novo, e dancemos juntas lá onde Olgar nos levar.

O grupo de guerreiros se uniram em grupo, um abraço grupal onde sobravam os reconhecimentos e as despedidas. Os guerreiros de Odin e Freyja, os einherjars e as valkyrias, sabiam qual era seu papel.

Ardam, Miya e Gabriel assentiram olhando-se nos olhos, conformados com sua sina. Seu destino já estava escrito.

Os jotuns, os gigantes, os elfos da escuridão se aproximavam deles, em tromba, e os valentes guerreiros permaneciam quietos, abraçados, como uma equipe de futebol americana que discutia uma jogada.

Mas eles não discutiam nada. Esperavam um sinal. Por cima de suas cabeças, a nuvem dos *Alfkamp* se aproximava.

— Bryn, Róta — pediu Gabriel.

As duas valkyrias, a General e a filha do *seirdrman* mais poderoso do Midgard, reuniram-se no centro do grupo. Bryn segurava a mão do pequeno Johnson, o filho da irmã de Steven, um híbrido nascido do amor de uma berserker chamada Scarlett e um vanirio chamado John.

O pequeno as olhou a uma e à outra, pois o tinham localizado no meio de seus corpos.

— Já vamos? — perguntou Johnson à valkyria. Fazia muito pouco que falava, mas desde que começou a fazê-lo, ninguém o pôde parar.

Bryn lhe sorriu, e Ardam, que estava atrás dela, assentiu com a cabeça.

— Já vamos, pequeno — respondeu com seus olhos chocolate cheios de desespero, camuflado de uma falsa tranquilidade. — Abrace a sua General, guri — ordenou Ardam, lhe acariciando o queixo com carinho. — Seja forte.

— Sou. Sou forte como você — replicou Johnson com os olhos claros assustados e o queixo trêmulo. Era um menino muito inteligente e sabia o que ia acontecer com eles.

— Sei, meu guerreiro — Ardam piscou seu olho do piercing, e teve que fazer esforços titânicos para não começar a chorar com ele.

Johnson assentiu, e afundou o rosto no ventre de Bryn, obedecendo assim ao homem mais incrível e lutador que tinha conhecido. Esta olhou desesperada para Róta, e a de cabelo vermelho devolveu-lhe o mesmo olhar.

Não havia nada mais doloroso para elas, e tampouco mais digno que o que iam fazer.

Ali, cobertas por outros guerreiros que formavam uma montanha de proteção sobre elas e os einherjars, Róta segurou os ombros de Bryn, e Bryn segurou os de Róta, cobrindo o pequeno híbrido com seus corpos, e deixando que todos os outros as cobrissem. Como se fossem a base de um castelo humano, defendendo-se e sustentando uma à outra.

— Só temos esta oportunidade, irmã — disse Bryn. — Façamos que se lembrem de nós — pediu com os olhos vermelhos transbordantes de lágrimas. — Criemos nossa lenda.

Róta assentiu sem poder conter seu bico. Adorava as suas irmãs, porra. E odiava render-se daquela maneira, mas se caía, como ia fazer, faria matando.

— Não houve melhor espelho no qual me olhar que você, Bryn, a Selvagem — confessou Róta com seu olhar rubi cheio de paixão e admiração por sua irmã.

— Jura? — respondeu Bryn, orgulhosa de ouvir suas palavras.

— Juro, General.

— Então te direi. — Bryn a agarrou pela nuca — que não há morte mais digna que a que tenho a seu lado. Porque não houve ninguém com um coração melhor que o seu. E me honra cruzar com você a linha do além. Juntas.

— Sim. Juntas. — Róta suspirou, feliz e triste ao mesmo tempo. — Então, façamos com grande estilo, minha irmã.

Os corpos das duas guerreiras começaram a rodear-se de luz. Do céu, centenas de raios e relâmpagos caíram sobre a superfície, alcançando jotuns de todo tipo.

A amizade era imortal, igual ao amor. E elas se amariam sempre, estivessem onde estivessem.

— Eu em seu coração e você no meu — sentenciou Róta, fechando os olhos com força.

— Eu em seu coração e você no meu — repetiu Bryn, abraçando-se fortemente a Róta.

— Preparem-se — disse Gabriel com o olhar fixo na nuvem. — Vão dar uma mudança de direção muito rápida.

Milhares de elfos perseguiram os *Alfkamp* camuflados como se não houvesse um amanhã. Ardam continuou olhando a nuvem para permitir que Gabriel e Gúnnr se dessem um beijo de adeus.

Gaby afundou a mão no cabelo de Gunny, e a beijou nos lábios como se desejasse morrer em sua boca, e não na Terra hostil.

— *Jeg elsker deg, mo engel* — sussurrou Gúnnr, engolindo as lágrimas.

— Sempre será o ar sob minhas asas. Amo você, minha valkyria. Tudo valeu a pena por você.

Gúnnr uniu sua testa à dele e lhe dedicou um último sorriso.

— Gabriel — avisou Ardam. — Viram para cá. Caem rapidamente —anunciou, observando a nuvem seguida de vampiros e *svartálfars*. — Chegou a hora.

Sem mais, Gúnnr, ainda com um sorriso nos lábios, elevou voo tudo o que pôde e mais, como se fosse um foguete que queria transpassar a camada espessa de fumaça, gás, fogo e poluição, deixando para trás o espesso redemoinho de jotuns do céu. Como se desejasse assim ver a lua dos humanos pela última vez. Ali, no abismo noturno, no insondável universo azeviche, com aquele mar de nuvens negras e vermelhas sob seus pés, Gúnnr fechou os olhos e duas enormes lágrimas caíram por seus cantos. Abriu os dedos de sua mão direita, em que segurava o pingente que Thor lhe tinha dado com a réplica de Mjölñir e, com a palma para cima, pronunciou uma palavra que criava controvérsia em seu interior:

— Pai!

Abaixo, os corpos das duas valkyrias se converteram em pura luz, e seus raios atravessaram os corpos dos guerreiros que as cobriam.

Ali, envoltos de luz, Ardam abraçou Bryn pelas costas, e lhe disse ao ouvido:

— Até a morte contigo, sereia — rodeou a cintura de Bryn com seus largos e musculosos braços e abrangeu o corpo de Johnson para que se mantivesse de pé quando chegasse a descarga. O sustentaria quando o pirralho já não pudesse fazê-lo.

Bryn, que começava a ser pura energia, girou a cabeça para seu dalriadano, e seu rosto, brilhante como um diamante, absorveu todo seu amor. Ardam a olhou como se fosse sua âncora naquele sacrifício, para que entendesse que ali ninguém morria sozinho. Beijou-a, e os fios elétricos que saíam do corpo da General percorreram suas bochechas, sua barba, os piercings de seu rosto, seu cabelo comprido e moreno. Envolveram-no como se o enorme corpo do dariadano fosse um tear.

Miya fez o mesmo com Róta, e elevou a espada que lhe tinha cedido o Deus do mar e das tormentas, Susanoo, por cima de sua cabeça. Através da ponta de sua afiada lâmina, um raio de eletricidade saiu em disparada para o céu, como se assinalasse de onde vinham e onde pertenciam.

— Amo você, *bebi*. — Miya se declarou a Róta com a voz quebrada. Seus olhos puxados e prateados sorriram com carinho para sua demônia de cabelo vermelho e língua viperina. Tinha-lhe dado tudo, inclusive uma segunda oportunidade que não soube que necessitava tanto até que a conheceu. Cheirou seu cabelo, que agora parecia branco de tanta luz que irradiava. Seus olhos vermelhos o observaram por cima do ombro, e ele ficou sem palavras ao saber-se tão amado e aceito por ela. Porque seu amor livrava-o da dor da morte.

— *Koishiteru, Miyamoto Kenshin* — lhe disse essas palavras em japonês porque eram as que se diziam à pessoa que escolhia para o resto de sua vida. Um “eu te amo” eterno. — Escolhi viver e te amar. Também escolho morrer contigo.

Era uma *Farvel Furie* grupal.

O sacrifício das valkyrias.

Mas não era uma *Farvel Furie* qualquer. Junto ao grito que elas dariam entregando sua alma e seu poder, também se sacrificavam seus einherjars, um híbrido e muitos guerreiros. A energia conjunta se desdobraria a centenas de quilômetros ao redor.

Jamie, o tio de Gabriel, segurou a mão de Isamu, e ambos, por acordo tácito, afastaram-se do grupo de guerreiros, e se dirigiram para o lado contrário, só para despistar ao enxame de elfos e vampiros que impactariam contra eles como consequência de seguir o rastro daquela nuvem que tão somente estava a uns metros de distância de suas cabeças.

O japonês, que sabia lutar melhor que Jamie, colocou-se diante dele para protegê-lo dos lobachos, dos trols e dos purs que iam atrás deles.

Gabriel o observou à distância, e com seus olhos azuis fixos em seu tio, disse-lhe que o amava. Que lhe agradecia o gesto. Fariam-nos ganhar uns segundos muito valiosos para que as valkyrias se

entregassem e gritassem como merecia o fim do mundo. Seria uma hecatombe de proporções consideráveis.

Jamie era um vanirio transformado por Isamu, os dois se apaixonaram. E a Gabriel parecia justo e adequado que ambos morressem juntos na mesma guerra, defendendo um ao outro. O que mais agradecia era que, o homem que tinha sido um pai para ele, estivesse a seu lado até seu último suspiro. Porque, ao menos, morreriam juntos, em família. Porque todos aqueles guerreiros eram a família que Gab tinha escolhido. E era a que sobressaía em seu coração.

Gaby fechou os olhos, rodeando seus einherjars e suas valkyrias, e elevou o rosto ao céu.

A nuvem vinha até eles, e as guerreiras dos trovões já estavam preparadas.

— Ruth! Adam! — gritou Gaby nesse instante.

De entre a pira humana, que se abriu somente para eles, emergiu a Guerreira com Nora nos braços, e, atrás dela, Adam com Liam às suas costas.

— Depressa! — exclamou Gabriel, sentindo a poderosa energia de Bryn e Róta afetando a sua energia vital. Estavam-nos eletrocutando.

Ruth e Adam tinham um papel a desempenhar. E o pensavam cumprir. Quando ela passou pelo lado de Gabriel, Ruth lhe deu um beijo na bochecha, tão rápido como fugaz, e falou:

— Adeus, meu anjo. Voltaremos a nos ver.

Não foi uma pergunta, mas sim uma sentença firme.

Ruth desconhecia o que ia acontecer quando morressem, mas sim conhecia o mais além, porque ela enviava às almas a esse lugar. Talvez eles não se rodeariam de luz, nem haveria um túnel luminoso e um paraíso no qual voltar a juntar-se. Mas não precisariam, porque, por mais escuro que fosse o reduto ao que chegassem, uma vez mortos, seria o resplendor de seus espíritos o que os guiaria.

Gaby tentou sorrir para ela, mas era impossível. A dor dos raios das valkyrias o assolava.

De dentro, escutou-se Bryn gritar o nome de seu Pégaso, Angélico.

Adam e Ruth elevaram os olhos, e antes que a nuvem colidisse contra eles, um belo cavalo alado branco, tão majestoso como valente, os recolheu. Adam, de um salto, encarregou-se de elevar os seus sobrinhos e a sua mulher no lombo do animal. Este desdobrou suas asas e correu tão rápido como pôde através do céu, para afastá-los dali.

Pela extremidade do olho, Gaby avistou Hela e os seus espectros perseguindo Ruth e Adam. Não saberia o que aconteceria com eles. Mas, ao menos, sua fuga tinha afastado as almas escuras da zona de interação, e limpava o caminho.

Não seria otimista a respeito, porque o exército de Loki era terrivelmente implacável. E Hela, aparentemente, queria algo de sua jovem amiga. Se Ruth viveria ou não, era uma incógnita.

— Beatha! Gwyn! — o grito de Gabriel reverberou em todo o campo de batalha. — Vão! Ajudem Thor e Jade a avançar!

Os dois vanirios loiros, vestidos de rigoroso negro, com suas filhas nas costas, as protegendo como feras, também se afastaram do círculo, e com suas espadas e facas em mão, com seus dons e sua arte na luta, decidiram avançar.

Justo quando a nuvem passou por cima deles, penetraram em seu interior, voando agarrados ao corpo de Thor, o qual tinha estendido o braço para, por sua vez, tomar a espada do Deus japonês das tormentas, que Miya tão amavelmente os legava para lutar contra Loki. Uma vez com ela na mão, Thor adquiriu uma velocidade supersônica que ninguém podia seguir. Ele tinha uma consolidação. Nora teve uma visão. E fariam o possível para que ela fosse uma realidade, porque isso significaria que ainda havia uma remota possibilidade.

Quando os elfos escuros e os vampiros, cegos de raiva, obedecendo as ordens de Lek-ir, passaram por cima da montanha de guerreiros que as valkyrias haviam reunido em redor, a luz que desprendiam de seu centro, do interior de suas almas e da força intrínseca de seus sentimentos, deixou-os cegos, atordoando-os totalmente.

E então, dois gritos horripilantes e totalmente dilaceradores emudeceram os jotuns e os deixaram imóveis ao redor, com um insistente zumbindo nos ouvidos.

Era o grito das valkyrias.

Dos corpos de Bryn, a Selvagem, e Róta, a Má, nasceu uma explosão que varreu tudo o que se encontrava em um perímetro de várias centenas de metros, e com eles os corpos de milhares de jotuns, trols, purs, lobachos, gigantes de gelo e fogo e *svartálfars* se desintegraram, matando-os no ato.

Angrboda, que observava tudo da distância neutra da ravina, não entendia o que tinha acontecido.

— Essas valkyrias, filhas da Resplandecente... — grunhiu, convertendo suas mãos em dois punhos tensos e trêmulos. Dizer isso para ela era um insulto.

O exército de Loki era incrivelmente numeroso, e com aquele sacrifício não iam conseguir vencê-lo, mas sim que dizimá-los momentaneamente. Por isso, decidiu que ela mesma ia acabar com aqueles rebeldes. E quando o fizesse, sorriria olhando o céu, imaginando que Freyja a observava.

Lek-ir, paralisado, suspenso no céu, observava aturdido o acontecido. A quantos *svarts* tinham matado com aquilo? Porra, era loucura. Impensável. As valkyrias foram feitas para o corpo a corpo, não para dar sua vida daquele modo. Aquilo transtornou seus planos e o obrigou a recompor-se.

A giganta morena, esposa de Loki, saltou pelo precipício como tinha feito sua filha, Hela, e decidiu que ela mesma deteria essa estranha nuvem que avançava implacável até o Llangernyew onde, fazia um momento, havia uma vaniria loira bonita e jovem disposta a ler um livro. Mas essa garota já não estava. Onde se meteu?

Lek-ir voltou para reunir seus elfos, e ordenou do céu uma chuva de flechas dirigida à nuvem. As nuvens não eram sólidas, e as flechas correriam através delas. Desceram até ficar ao mesmo nível do chão, sobre aquela montanha de cristal duro que se criou com aquela pira de guerreiros einherjars e valkyrias abraçados. Ali estavam todos, presos, unidos perenemente, como se fossem um gigante cubo de gelo. Mortos.

Nunca tinha visto uma *Farvel Furie*, tinha ouvido que era algo espetacular e heroico. Mas Lek-ir não achava nada heroico em ser um perdedor. Eles tinham dado suas vidas, e não tinha sentido fazer isso, se depois não podiam apreciar o que tinham conseguido.

Mas ele sim se asseguraria de obter o reconhecimento de seu deus, e de viver para desfrutá-lo. Loki estaria orgulhoso.

E, nesse instante, quando centenas de setas negras, agudas e metálicas, criadas para rasgar e atravessar carne, sobrevoavam sua cabeça com o objetivo de trespassar aos seres que criavam essa nuvem veloz e aos que se ocultavam em seu interior, escutou um som ensurdecedor procedente do céu. Levantou a cabeça para avistar que relâmpago tinha propiciado tal estrondo, e em vez de ver um fio enorme elétrico de luz, viu uma valkyria de cabelo liso castanho, franja comprida e reto e uns olhos vermelhos enormes cheios de lágrimas e também de determinação. Olhava como se na escuridão de suas pupilas e no vermelho de sua íris se ocultasse a paixão. Esses eram os valores e a dignidade que Lek-ir nunca tinha conhecido.

Segurava um martelo como o do Deus do Trovão entre suas mãos, por cima de sua cabeça, e caía a toda velocidade sobre aquela pira de cristal.

— *Asynjur!* — ouviu a valkyria gritar.

O elfo da escuridão não soube reagir àquela aparição, nem tampouco compreendeu aquele grito que saiu da alma da guerreira antes de chocar o martelo contra aquele imenso diamante cristalizado, provocando a emulsão de milhares de lascas cortantes.

"*Asynjur!*", havia dito a morena. Trovão. Era um grito de guerra?

Mas, mesmo assim, apesar de tudo, Lek-ir menos soube proteger-se da horripilante explosão que arrasou centenas de quilômetros ao redor, raspando o solo, uma detonação fulminante que mandou a própria Angrboda a voar pelos ares, e que apagou do mapa a todos os jotuns que, por terra, avançavam no campo de batalha.

A pira de cristal desapareceu, resultado do impacto do martelo.

A valkyria se desintegrou com essa ação, como se desintegrou a todos os filhos de Loki, que até então povoavam a superfície daquele descampado bélico aos pés de Llangernyw.

Angélico voava sobre a terra destroçada e sangrenta. Sobre seu lombo, Ruth, Adam, Liam e Nora, seguravam-se às suas mágicas crinas para não cair. O belo animal de conto de fadas tinha recebido a ordem de Bryn de afastá-los daquele lugar e protegê-los. De levá-los tão longe como fosse possível, porque enquanto Ruth desprendesse essa luz e fosse um farol para as almas que morriam e corriam através dela, algo ganhava. Nem tudo estava perdido.

Entretanto, as almas puras não apareciam por nenhum lugar. Em troca, sim, estavam os espectros de Hela, que a atravessavam sem piedade, correndo através de sua alma, e a feriam como se de punhaladas incisivas e diabólicas se tratassem.

Quando Adam olhou para trás, deu-se conta de que Hela encabeçava uma colônia de escuridão composta por elfos, vampiros e espíritos malignos. Todos iam atrás deles.

Longe ficava já o doloroso e belo sacrifício que tinham feito as valkyrias e os einherjars, junto aos poucos berserkers e vanirios que ficavam em pé.

Adam descobriu que, na morte, também havia plasticidade e beleza, porque o gesto filantropo que tinham tido com o resto, convertia-lhes em diamantes, em imortais, e em mais poderosos que os próprios deuses, que continuavam em Asgard acovardados ao ver tanta morte.

Não era justo. Não seria jamais. Que ele encontrasse seu *reflekt* e que a amasse tanto e não pudesse desfrutar de mais dias de sol e vida junto a ela. Que amasse a essas crianças que defendia com seu próprio corpo mais que a si mesmo, e que não lhes pudesse dar o tempo que pediam para crescer, e para lutar de igual para igual contra exércitos como aquele, que ganhavam em idade, experiência e força e, entretanto, nem chegavam à sola dos sapatos de Liam nem de Nora, que não calçavam, porque os incomodava. Assim inverossímil era tudo.

Esses monstros armados até as sobrancelhas, e duas crianças de seis anos de idade, descalços. Assim era o abuso de poder.

Adam apertou os dentes com frustração e brigou para que a tristeza não o abatesse. Para enfrentar isso, deixou que sua ira e sua raiva berserker o invadissem por completo. Angélico era o cavalo veloz de Bryn, mas não poderia fugir eternamente daquela horda malévola que a própria morte liderava.

Liam e Nora se abraçavam fortemente ao corpo de Ruth, sentada à frente.

Sua preciosa *kone* tinha deixado de lançar flechas, porque estava esgotada, como ele. Com muita dificuldade tinham podido subir sobre o Pégaso.

Quando os jotuns os pegassem, não teriam forças para lutar. Era o fim.

Ele era um berserker. Um lobo que protegeria a sua amada manada até a morte. Não foi feito para fugir. E era um dilema, porque não era capaz de enfrentar Hela e deixar Ruth e seus sobrinhos sozinhos, protegidos por um lindo potro divino que a única coisa que faria seria esgotar-se até encontrar a morte. E logo o quê? Quando os caçassem, o que aconteceria? Esmagariam-nos e os fariam sofrer, e ele não poderia fazer nada. Porque, pelas mãos da perversa Hela, a morte não seria somente uma estocada.

O capuz já não cobria Ruth, e seu longo cabelo ondulado acertava seu rosto, açoitado pelo vento. Seus olhos amarelos temiam o pior. Era terrível ser alcançado por aqueles monstros tendo duas crianças com eles.

O que podiam fazer?

— Ruth.

A jovem olhou o seu berserker por cima do ombro. O cabelo comprido e negro de Adam, seus olhos amarelos transbordantes de decisão e raiva, e salpicados pelo amor que sentia por eles, deixou-a nocauteada e sem palavras, mais ferida gravemente que qualquer golpe recebido. Odiava vê-lo assim. Odiava que ele sofresse, porque seu sofrimento também a machucava.

— Quanto quer prolongar isto?

Ela engoliu em seco e olhou os meninos, a pequena loira e o intrépido moreno com cara de índio, que a observavam e esperavam sua resposta com os olhos abertos como pratos.

O ar era quente, cada vez mais. Esquivavam os tornados, que dançavam de um lado ao outro como apreciassem aquela festa em que cada explosão e cada grito era como a percussão de um tambor que marcasse o ritmo do Armagedon.

Um Apocalipse excessivamente perverso.

Ela passou a língua pelos lábios ressecados e, finalmente, perguntou-lhe:

— No que está pensando? O que quer fazer, *mo mann*?

Adam lhe sorriu com tristeza e assinalou com seu queixo uma parcela de terra sobre o mar agitado e escuro. Já não havia nem sinal do azul que sempre o caracterizava.

Era uma parte da ilha Skomer, da costa sul de Gales. Sua origem era vulcânica. Era muito pequena, mas com o movimento das placas e a agitação da lava subterrânea, criou-se uma cratera em erupção, como milhares de crateras em atividade tinham nascido por toda a superfície da terra.

Ruth desviou os olhos âmbar para o lugar que o noaiti apontava. A violenta emissão da cratera tingia parte do teto estelar de fumaça escura, e a lava e o fogo brilhavam fazendo contraste com toda sua superfície. A lava, fervendo oculta no magma, saía como um gêiser, e encontrava seu esfriamento no mar. Mas continuava emergindo do buraco da terra, e o fazia sem cessar.

— Ali — foi o único que disse Adam. — Terá que ir ali. Não quero vê-los sofrer — disse Adam.

— Eu tampouco — exalou ela, começando a chorar sem forças. — Estou esgotada.

— Não chore, minha vida — lhe pediu Adam, destroçado ao vê-la assim. — Você decide o que fazer e como.

— Sinto dor! — Ruth deixou de lutar e se encolheu, segurando o peito e o estômago. No centro do torso nascia um hematoma negro, resultado do efeito que tinham as almas putrefatas ao passar por ela.

— Então? — perguntou Adam, quebrado por dentro. — Nós decidimos como e quando vamos, meu bem. Hela não a machucará mais do que está fazendo. E não permitirei que ela leve os meus pequenos. Nem pensar.

A Guerreira se recompôs das muito duras punhaladas que a deixavam sem força e, depois de aspirar pelo nariz, levantou o queixo e cravou seus olhos nele. Estava de acordo. Era um modo de escapar deles, embora não da morte. O único que podiam celebrar era que essa deusa doente e má não ia feri-los mais, e não conseguiria o que queria.

— Sim. Sim — disse mais animada. — Façamos isso — decidiu Ruth. — Vamos juntos, lobinho — lhe pediu com ternura.

— Iremos caçando — falou ele.

Ruth estendeu os braços até tomar o rosto de Adam. Seu cabelo vermelho se enredou com o dele, e quando uniram seus lábios, esmagando aos pequenos com isso, sentiram que aquele seria o último beijo que se dariam em vida.

Entregariam até a última fresta de luz nesse gesto. Era um juramento e um agradecimento por tudo vivido, tudo entregue, e tudo feito.

Quando romperam o beijo, Adam se encarregou de dominar Angélico e de levá-lo por onde ele queria. Estirou seus braços e pousou suas imensas mãos no pescoço do Pégaso, suavemente. Assim cobria a suas duas pérolas pequenas e a sua mulher, e assim guiava o cavalo de Bryn.

— Rodeie o vulcão, Angélico.

O Pégaso cumpriu a ordem prontamente. Como uma bala, se dirigiu até à cratera dal qual emanava espessa e luminosa lava.

Com decisão, os quatro olharam à frente. O vento, os tornados que levantavam o mar e salpicavam neles com suas duras gotas como grãos de areia, a fumaça dos vulcões... Nada seria suficiente para detê-los.

Hela, atrás deles, acelerou a perseguição, avivando as ânsias de seu exército por caçá-los.

— Descem até o vulcão. Vamos! — apontou a filha de Loki, sorridente e triunfal. — Já a tenho, puta — murmurou.

O Pégaso, com seus quatro cavaleiros, rodeou o vulcão estendendo suas asas e virando, como se tratasse de circular uma rota circular. Atrás deles, os jotuns os seguiam como um enxame de abutres cobiçosos.

Adam controlou a distâncias que os separavam, e quando considerou oportuno, guiou o Pégaso, afastando-o consideravelmente do vulcão.

Enquanto isso, Hela e os seus ainda davam a volta à cratera.

Ruth, Liam, Nora e o *noaiti* do clã berserker de Wolverhampton, levitavam em um ponto suspenso, com Angélico que pausadamente batia suas imensas asas brancas, olhando para onde eles o faziam. Encarando a seus inimigos sem nada a ocultar.

Adam rodeou seus dois sobrinhos com um braço e encostou a bochecha na cabecinha loira de Nora. Os pequenos se abraçaram a Ruth. Esta, rígida como uma amazona, e mais viva que nunca, estendeu sua mão para frente e gritou:

— *Sylfingir!* — o arco dos elfos, branco e de marfim, materializou-se entre seus ágeis dedos.

Adam, por sua vez, tirou seu *oks* das costas e o estendeu para segurá-lo com sua mão livre.

Os dois fixaram sua atenção na curva que tomavam seus perseguidores, girando a cratera do vulcão. Quando saíssem dali, iriam em linha reta para eles.

Não lhes dariam esse gosto. Desta vez, eles seriam os perseguidos e os caçados.

— Prometi a você amor eterno e ser seu no bem e no mal — disse Adam por cima das cabeças dos gêmeos. — Hoje te demonstro — lhe recordou com palavras a declaração com canção que ele fez em seu local, no RAGNARÖK, — quanto te amo, minha Guerreira — assegurou elevando o *oks* por cima de sua cabeça e mostrando as presas de sua boca. — Te amando até meu final!

Depois desse grito, Angélico saiu em disparada como um projétil até os jotuns que saíam do vulcão para eles.

Ruth levou a mão às costas para tirar suas flechas iridescentes e disparar sem cessar a todos os espectros, vampiros e svartálfars

que os atacavam. Angélico era muito rápido, e os jotuns não podiam detê-los.

Adam cortava cabeças e membros em seu avanço, e Nora e Liam se abraçavam fortemente à cintura de Ruth, que liderava o ataque.

Quando restava somente uns metros para chegar ao gêiser, Ruth avistou Hela, e esta a olhou sem compreender o que ia fazer.

Certamente, a mente de uma deusa do Inferno não entenderia a ação que eles iam realizar, porque todo mundo tentava arrancar minutos da morte. Todos fugiam dela. Todos clamavam por viver mais.

Mas Ruth sabia que não estavam fugindo covardemente. O que queriam era morrer brigando, e não receber uma morte injusta, e mais quando duas almas inocentes como eram a de Liam e a de Nora viajavam com eles.

Mesmo assim, a Guerreira passou rápido e livre perto dela, e focalizando toda sua energia, a pouca que restava, na filha de Loki, preparou uma flecha especial para ela.

Uma em nome de todos aqueles que tinham perdido a vida na Terra. Em nome de todos os que a tinham feito feliz. Em nome de Gaby e Aileen. Em nome da Maria e das sacerdotisas. Em nome de seu Adam e seus gêmeos. Essa flecha que carregava no fio do arco, levaria toda sua intenção, e esperava lhe deixar uma lembrança indelével em sua eternidade escura e arrogante, em nome de todos.

Ruth, uma garota cheia de luz, lançou sua última flecha contra a Rainha do Helheim. Queria acertá-la entre as sobrancelhas. Mas Hela se afastou com agilidade, e a flecha iridescente só cortou sua bochecha, fazendo-a sangrar.

A Deusa, horrorizada, deu meia volta para contemplar, deslocada, como o Pégaso entrando nas profundidades da cratera e como os vampiros neófitos e com um único neurônio os seguiam, para começar a ser consumidos pelas chamas. Os elfos da Escuridão se detiveram a tempo, e os espectros os seguiram, pois neles o fogo nada podia queimar.

— Estão loucos — disse Hela, passando o dorso da mão pela bochecha. Observou incrédula que a ferida não se fechava. Seria possível que a Guerreira ia deixar-lhe uma marca sangrenta por toda a vida? E tudo por ter sido ferida por uma flecha iridescente dos elfos? — Cadela! — gritou indignada.

No interior da cratera, quando os corpos caíam livres, Adam segurou seus gêmeos que já estavam inconscientes e seus corpos começavam a arder, como ardia já a roupa de Ruth e a dele.

Mas Ruth se girou no ar, para realizar seu último gesto de amor. Então lhe deu tempo de tomar seu rosto e beijá-lo, forçando um sorriso apesar de toda a dor.

O único que pôde dizer foi:

— Seu lugar é a meu lado, até Deus quiser.

Os quatro, unidos e inseparáveis, afundaram-se na lava, e seus corpos arderam para sempre.

IV

Carrick e Aiko, que recentemente tinham saído do teixo, lutavam costas contra costas, um ao lado do outro, para tentar evitar que os purs, os trols e demais assassinos escalassem a ravina aos pés do teixo e alcançassem Daimhin.

Sua irmã, sua preciosa e valente irmã, era a barda que todos esperavam. E ele se sentia feliz e exultante de ser o irmão mais velho de uma heroína. Mas para que Daimhin fosse isso, tinham que dar o melhor de si, e evitar que nada nem ninguém a alcançasse.

Acabava de ver Steven, o berserker de moicano avermelhado, sendo alcançado por vários braceletes dos *svartálfars*. Sem ar, Carrick seguiu o corpo do guerreiro caindo pelo despenhadeiro e desaparecer entre as garras de um grupo de purs famintos.

Escutou o doloroso grito de Daimhin atravessar o ar e o espaço. Seu companheiro acabava de morrer, e o fazia por ela. Daimhin não podia perder a fé nem a esperança. Tinha que ler.

— Leia, Daimhin, leia! — gritou Carrick com todas suas forças, tentando alcançar a alma desolada de sua irmã caçula.

Ao compartilhar o mesmo sangue, o jovem guerreiro experimentou seu pesar, e decidiu lhe transmitir a força que necessitava. Não ia abandoná-la. Dividiu a atenção entre cobrir suas costas e proteger Daimhin.

Era um criador de ilusões e mundos, e usaria aquela vantagem em seu benefício. Enquanto lutava e agitava sua espada de lado a lado, com giros inverossímeis de seu próprio corpo, imaginou que Daimhin era coberta por uma cúpula que a fazia invisível.

Com olhos aprovadores, verificou que o que ele criava se cumpria, e satisfeito, pôde vislumbrar como sua irmãzinha desaparecia no interior da cúpula, disposta a abrir o livro para começar a ler.

Carrick passara toda sua vida lutando contra a apatia e a crueldade dos outros. Para ele, a vida só tinha sentido se a vingança alcançasse sucesso. Parecia uma tarefa impossível vencer Loki. Aquilo era uma loucura, um abismo repleto de monstros e sofrimento extremo. Talvez, todos os guerreiros que lutavam de seu lado também sentiam um desalento parecido ao dele. Mas

continuavam ali. Sem dar o braço a torcer. Muitos cabeças raspadas tinham perecido no intento, e Carrick lamentava profundamente. Mas em uma guerra violenta sempre haviam baixas. E, com toda probabilidade, todos ajudariam a aumentar seus números com suas mortes. Dos *huldre elver* e as Agonias, que já haviam dito que nada tinham a ver com eles, mas ali estavam. Até os berserkers e vanirios, lutando juntos.

O que Daimhin podia conseguir ou não com a leitura daquele livro, só os deuses sabiam. O importante e o que era relevante era compreender que todos morriam por um mesmo objetivo. Foder o Vigarista. Nem mais nem menos.

Se não havia visto mau, Carrick pôde verificar com seus próprios olhos como as valkyrias e os einherjars tinham feito uma montanha humana. Dessa montanha, viu sair correndo a sua mãe e o seu pai, junto às suas irmãs. E se alegrou tanto de vê-los ainda vivos, que isso lhe deu forças para continuar lutando. De repente, eles voaram e entraram em uma espécie de nuvem que tinha vida própria e avançava a um ritmo intenso até o teixo onde se encontrava Daimhin, lendo sobre seus ramos.

Carrick não entendia nada, até que escutou a voz mental de seu pai lhe dizer claramente:

“Aguentem. Aguenta. Vamos ajudá-los. Protejam Daimhin”.

Aiko o olhou de esguelha e elevou uma sobrancelha negra, curiosa.

— O que está acontecendo?

Sua japonesa continuava em pé, mas ambos já estavam muito feridos gravemente. Não obstante, não iam deixar a sua irmã sozinha. Dela dependia tudo.

— Essa nuvem — indicou, esquivando as garras de um lobacho. — Nessa nuvem tão distante estão meus pais — explicou exultante. — Temos que aguentar como pudermos.

Aiko o faria porque era uma sobrevivente. Não precisava que ninguém lhe recordasse que devia manter-se com vida. Mas o faria por seu Peter Pan, seu precioso guerreiro loiro e cabeça raspada que a amava tanto como ela o amava.

A kofun deu um salto pelos ares e aproveitou uma cambalhota sobre si mesma para degolar ao lobacho que tinha Carrick às suas costas e ao qual ainda não tinha avistado.

Pareciam circenses movendo-se de maneira *gaita* e mágica. Mas ali, o público não os aplaudiriam, porque só queriam comê-los.

E subitamente, quando a nuvem que se encontravam seus pais avançava sem demora no mesmo nível do solo, uma intensa luz emergiu do corpo das valkyrias e dos einherjars, e houve uma explosão cujas ondas expansivas lançou os gigantes pelos ares e a todos os que então tocavam terra firme.

Daimhin e Aiko se viram envoltos em uma espiral de ar e eletricidade inclemente que os fez colidir contra a parede de rocha e de terra que ainda segurava o teixo, a uns três mil metros acima de suas cabeças. Pela extremidade do olho, viu que Daimhin tampouco era invulnerável àquela onda, e saiu lançada para trás, com o livro entre suas mãos. Já não estava coberta. Tinha que voltar a localizá-la para criar a realidade.

Quando o vanirio abriu de novo os olhos, um incessante assobio nos ouvidos o deixou parcialmente surdo. Viu o rosto de Aiko sobre ele, falando e dizendo coisas ininteligíveis, tentando levantá-lo.

A cabeça e o peito doíam. E não foi até que dirigiu seus olhos marrons para baixo quando se deu conta de que tinha uma flecha dos svartálfars que lhe atravessava as costas até quase tocar o coração. De aí sua dor.

— Aiko — murmurou.

Ela procedeu tão rápido como soube. Partiu a parte que sobressaía e a arrancou prontamente.

— Vamos! Bebe de mim! — urgiu-lhe enquanto oferecia seu pescoço para que Carrick se repusesse.

Surpreendentemente, o vanirio se negou, deixando Aiko desolada.

— Como não? Bebe de mim! — tentou obrigá-lo. — Tem que se recuperar!

— Se o fizer, ficará debilitada, japonesa — ele explicou, estirado ainda entre as pedras. — Preciso de você forte. Preciso que me ajude.

— Eu preciso que viva!

— Aiko, me olhe — estendeu sua mão ensanguentada e a segurou pela nuca. — Preciso que me proteja. Estou protegendo a minha irmã como posso. Ela tem que ler. Entende? Não se trata de mim. Não se trata de você. É ela. Ela é a chave — disse, respirando fundo. — Deixe-me aqui, entre as ruínas e as pedras, e permita-me proteger Daimhin. É a única que pode nos salvar.

— Mas, Carrick... — disse ela com a serenidade própria de uma kofun. — Amo você. Não quero te perder.

— Minha ninja samurai... — lhe disse com voz carinhosa. — Como vamos nos perder, quando por fim nos encontramos? O amor que nos une é imortal. Sempre será.

A linda asiática permitiu que a emoção a embargasse. Girou o rosto até a amável mão que segurava sua cabeça e deu um suave beijo na palma.

— *Aishiteru*, Carrick.

— *Aishiteru*, Aiko.

— Protegerei você. Juro — se levantou com decisão, expulsando as pedras que tinham se cravado na suave carne, e depois fixou seus olhos na nuvem e nas hordas intermináveis que a perseguiram e que vinham do céu, e voltavam a renascer da terra, chegando de cada ponto cardeal.

Carrick fechou os olhos para economizar toda a força possível e se concentrou em contatar com sua irmã mentalmente. Tinha que vê-la para poder exercer sua ilusão de novo sobre ela.

Ali, no alto do teixo, Daimhin abriu o livro; e nas primeiras páginas o vocabulário das runas apareceu ante si. Um vocabulário que antes tinha permanecido oculto.

Onde uma vez se escreveu a lenda de Bryn, agora outra história aparecia. Uma história de deuses, lenda para muitos, ficção para outros.

Para fazê-la realidade, ela somente tinha que acreditar.

Por isso, com lágrimas nos olhos e a valentia de seu espírito, sabendo que todos os outros morriam para lhe permitir ler o livro em voz alta, começou:

— Quando a noite mais escura chegou ao Midgard, quando Loki e seus filhos estenderam seus tentáculos, quando só restava um suspiro de vida no Mundo médio, a ponte arco-íris Bifröst ardeu de raiva e se refletiu no céu. E ali, todos, vivos e mortos, viram como se abria uma porta estelar. A porta pela qual os deuses viajam para retornar para casa... A porta que cruzarão para proteger a todos seus filhos...

E de repente...

Zás!

Uma onda expansiva a golpeou com tanta força que a fez voar pelos ares, com o livro na mão, várias centenas de metros atrás. Não pôde continuar lendo e bateu com força contra o chão, impactando com a cabeça e atordoando-se ligeiramente imediatamente.

Enquanto isso, através da nuvem, Thor olhava incrédulo o que acontecia. Embora o sacrifício das valkyrias e dos einherjars lhes tinham deixado o campo livre para poder chegar até Daimhin, o céu voltava a encher-se de elfos da escuridão e de vampiros neófitos; da terra saíam de novo purs e etones, e apareciam no horizonte novos lobachos, acompanhados de gigantes. Toda aquela paisagem desoladora era manchada com as aparições dos espectros que povoavam o ar.

E então, a nuvem começou a dissipar-se com a chegada da primeira chuva de flechas dos *svartálfars*, que desta vez, sim, alcançavam-lhes. Os *Alfkamp* se materializaram, tomando corpo e forma real, feridos pelas setas de seus inimigos.

Serennia deu a ordem às centenas de membros de seu exército, de que se transformassem e lutassem. A híbrida de olhos rosas e orelhas bicudas lançou uma última olhada a Thor e a Jade e lhes disse:

— Já não podemos seguir — afirmou lamentando-se. — Tentaremos lhes dar o máximo tempo possível — elevou o olhar para vislumbrar o belo teixo. — Estão perto. Não falta muito.

Embora todos soubessem que os jotuns eram muitos.

Mesmo assim, Thor e os vanirios aproveitariam o valioso espaço livre de inimigos que lhes tinha dado a morte de seus amigos e sua consequente explosão. Thor segurou bem Jade contra seu corpo e se dispôs a avançar para o teixo sozinho. Daanna, Menw, Beatha e Gwyn seguiram agarrando-se aos seus membros.

Lek-ir viu e ordenou a seus elfos que apontassem com suas milhares de flechas àquele reduto de guerreiros que queriam conseguir seu propósito. Não ia escapar nenhum rebelde mais. Não poderiam nem fugir nem sobreviver a uma chuva de setas como aqueles, que não deixavam espaço à manobra. Iam converter-se em autênticos coadores.

Thor sabia, por isso tentou ir o mais rápido possível através do grosseiro descampado onde acontecia a batalha do final dos tempos.

Os elfos, todos igualmente uniformizados, com seus cabelos brancos e lisos, suas peles azeviches marcadas e aqueles arcos elegantes e enormes, monopolizavam o céu apontando contra eles.

Thor carregava o casco Invencível de Nerthus posto. Não lhe fariam nada. Mas sim alcançariam seus amigos, e também à mulher de sua vida.

E, quando menos esperava, quando todos temiam o pior, algo aconteceu que mudou o suceder dos acontecimentos. Um giro inesperado.

Nerthus era a Deusa Mãe da Terra. E como tal, não ia deixar o que restava de seus filhos sós e expostos. Ela devia protegê-los e aparecer quando mais precisassem dela para que seu dom pudesse ser aproveitado e fosse determinante para conseguir seu propósito.

E sim, não havia um só humano em pé, certo. Mas os elfos e as agonias lhe pertenciam, como os vanirios. Porque eles eram o

projeto e a invenção de sua filha Freyja, e se importavam à sua pequena, então, também importavam a ela.

Nerthus estava ali como única representação divina do Midgard e de Asgard. Ali, junto a ela, não havia um só deus mais lutando, porque todos estavam presos em Asgard. Mas à Deusa nunca importou ter ou não o respaldo de Odin e os seus. Bastava a ela o amor incondicional que sempre professou à bela Resplandecente, e com o respeito e a adoração que os humanos e seus seres mágicos sempre lhe tiveram. Era uma bonita maneira de encontrar um fim, e de mostrar-se, em nome de Freyja e dos seus.

Por isso, quando seu carro dourado encabeçado por seus bois imortais de chifres afiados e olhos vermelhos sobrevoou o campo de batalha e impactou como um canhão contra todo jotun que se interpunha em seu caminho, em seu rosto se refletiu uma expressão de calma e segurança brutal. Essa calma que outorga o estar satisfeito e tranquilo com si mesma, porque tinha dado tudo e estava à vontade com sua consciência.

Seu carro, sua presença, tinha o efeito de transmitir paz a todo aquele que ela escolhesse e que não fosse deus ou semideus. Por isso, quando ela entrou em cena e emergiu de entre as nuvens como uma estrela fugaz, todo assassino Loki ficou quieto admirando àquela deusa que vestia-se como uma Troiana, que mantinha o queixo no alto e deixava que seu cabelo solto e vermelho deixasse uma esteira avermelhada às suas costas, inevitável de ver, impossível de ignorar. Seus olhos verdes sorriam quando o carro simplesmente localizou-se ao lado do voo de seus *Alfkamp* e provocou que todos aqueles que atacavam a seu redor ficassem lívidos. Para Serennia e seu exército foi uma pausa, já que de repente deixaram de receber golpes e ataques.

Todos a olharam com veneração e lhe sorriram.

— Obrigada, mãe — disse Serennia.

Não precisavam receber nenhuma ordem mais por sua parte. Nerthus aterrissou com seu carro no meio do combate. Ela anestesiava os jotuns com sua presença e lhes arrancava o instinto de matar e brigar. Mas os *Alfkamp*, os *huldre elver* liderados por

Raoulz, e as Agonias, cuja liderança exibia uma incansável Brunnylda, sabiam muito bem o que tinham que fazer.

Thor, Jade e outros, que fizessem o que tivessem que fazer. Que continuassem sem olhar para trás.

Brunnylda estava esgotada de seduzir a todo macho que ela atraía naquele inferno. As Agonias como ela absorviam a energia dos guerreiros e a utilizavam em seu próprio benefício. Mas os jotuns não tinham boa energia a absorver. De fato, não eram um bom alimento para elas. Muita maldade, e muito pouco consistente. Por isso, só os aturdiavam com sua presença, reboavam e sorriam como umas sereias feiticeiras, momento que aproveitavam os *huldre elver* de Raoulz para arrebatá-los com suas espadas e suas flechas.

Tentavam trabalhar juntos, e ela desfrutava com cada olhar de frieza e desprezo que lhe dirigia Raoulz, porque gostava de saber que afetava o belo elfo de olhos negros. Não sabia que estúpido tinha inventado a norma de que as *dodskämp* e os elfos nunca deviam estar juntos, mas não a entendia, porque se fosse por ela, absorveria uma e outra vez Raoulz. Manteria-o preso. Faria-o dela.

Mas o que importava o que ela quisesse? Nessa guerra só sobreviveriam se encontrassem o modo de sair daquela dimensão. E o poder de desaparecer e chegar a outra realidade só a tinham os *huldre elver*. E duvidava que eles a quisessem levar.

Assim, se esse era seu final, faria com estilo. Sem recriminações nem remorsos.

Mas então, suas esperanças se renovaram quando, em um abrir e fechar de olhos, sentiram a presença da Deusa Mãe naquele lugar de morte.

Nerthus estava ali, as acompanhando!

Era a única que poderia tirá-los dali, dessa guerra que não lhes pertencia. Só a Mãe poderia encontrar um lugar para protegê-las se as levasse com ela.

Assim, Brunnylda ordenou ao resto das Agonias para rodear Nerthus e permanecer perto dela. Os jotuns já não lutavam, só olhavam encantados à Deusa Vanir da Terra. O único que elas

deviam fazer era atrai-los para que Raoulz e os seus lhes dessem a última estocada.

Mas quando a bela e estonteante Agonia se localizou perto do carro de Nerthus, deu-se conta de que eles não eram os únicos que lutavam ao lado da Mãe.

Havia uns seres vestidos de negro, com os torsos cobertos por armaduras rosadas, esbeltos e altos como elfos, mas que irradiavam uma energia estranha, inquietante e familiar. Eram elfos? O que eram? Por que o modo de olhar lhe parecia tão familiar? Então, a que parecia a líder desse novo grupo de guerreiros, olhou-a por cima do ombro, como se notasse sua presença. Quando aqueles olhos rosas se cravaram nos seus, Brunnylda soube que algo estranho acontecia.

Era uma Agonia? Ou era uma elfa? Que demônios acontecia?

—Brunnylda.

A voz harmônica e musical de Nerthus a tirou de sua concentração. Atendeu à Deusa, que segurava as rédeas de seus bois, embora estivessem detidos em meio daquele espaço destinado à morte e à culminação do Ragnarök.

Sempre lhe pareceu uma beldade inigualável. Embora sabia o que diziam de sua filha Freyja e asseguravam que era ainda mais bela.

— É uma honra tê-la aqui, Nerthus.

A Deusa a olhou de cima a baixo, pensativa. E então, agachou-se e pegou uma espada fina, pertencente a um general da tropa inglesa. Tinha o carro cheio com todas as armas que guerreiros de todas as épocas lhe entregaram quando chegaram a seu retiro. E agora, ela as repartia a seus *huldre elver*, às Agonias, e ao que seja que fossem esses seres como a garota de olhos rosas e orelhas bicudas.

Eram guerreiros, não havia dúvida. Mas também sabiam seduzir.

— Deixem de atrair — ela ordenou, dando a espada. — Deixem de provocar. Pegue este sabre e comece a cortar cabeças e a atravessar corações. Os jotuns não vão resistir enquanto eu estiver aqui e continuar com vida. Aproveitem.

Raoulz, que escutava a conversa, respirou mais calmo e sorriu à Deusa. Esta o olhou, por sua vez, e arqueou uma sobrancelha avermelhada.

— Você também, elfo. Aproveitem o tempo que estão aqui e acabem com todos os que puderem.

Nerthus sabia que não disporia de muita margem nem espaço nesse lugar. De fato, sua vida certamente se acabava. Mas sua função era essa. E tinha decidido aparecer então, nesse instante, porque sabia que sua interação ajudaria Thor e Jade a avançar até Daimhin, e os faria dispor de uns segundos necessários, até que o Vigarista aparecesse.

E não demoraria para aparecer, porque Loki não ia deixar que ninguém jogasse seus planos por terra.

E do Norte, que uma vez esteve gelado e agora sucumbia ao fogo, chegou ele, tal e como tinha prometido. Montado sobre seu filho Fenrir, que mostrava orgulhoso o deus que levava sobre seu lombo.

Suas patas grossas e de afiadas unhas negras avançavam através da planície aberta por centenas de milhares de gretas pelas quais os purs subiam até a superfície. Comeram aquele mundo como os vermes apodreciam as maçãs: de dentro para fora.

Aquele horizonte desértico tinha um fim, e ele esperava chegar até o precipício marcado pelo solitário e triste teixo que ainda permanecia em pé, e delimitado também pela cabeça do gigante Mímir, centenas de metros mais para a esquerda, que estava com a nuca virada para ele, porque olhava ao abismo, àquele grosseiro terreno onde toda esperança morria e o fim tinha seu nascimento.

Loki desejava debruçar naquele glorioso mirante e vislumbrá-lo com seus olhos, só repletos do prazer que nascia da mais abismal escuridão e as essências mais ególatras. Porque para ele tinha o mesmo valor ser o Deus que criou tudo, que ser o Deus que o destruiu, já que para isso precisava ser todo-poderoso: e ele era. Portanto, Odin e ele, sim, estavam à mesma altura. À exceção de que ele o tinha derrotado.

Seus exércitos cumpriram com seus trabalhos. Norte, Sul, Leste e Oeste tinham sido destruídos e invadidos por seus séquitos, e Jormungander estava a só um passo da sua ordem de acabar de estrangular aquele planeta e fazê-lo voar pelos ares para sempre. Sorriu com frieza estufou o peito pela sua proeza. Uma vez que saiu de seu cárcere de cristal, destruir aquele Reino foi somente costurar e cantar, como faziam as nornas.

Fenrir deteve seu avanço, e com seu olhar aquilino analisou o perímetro que os rodeava. Depois inalou algumas vezes, elevando ligeiramente sua peluda cabeça, e então suas orelhas se esticaram.

— O que está acontecendo? — Loki detectou a mudança no corpo de seu filho.

Fenrir passou a língua pelo focinho e fixou seus olhos à sua direita, em um ponto que só ele via.

“É a mãe”.

— O que há com ela?

“Não tenho certeza”.

O Vigarista não estava disposto a que ninguém atrasasse seu grito de vitória, mas se tratava da mãe de seus filhos, a qual presumia que tinha que estar guardando a cabeça de Mímir e vigiando que os bardos não saíssem do teixo. Mas não estava ali. Ali não havia ninguém. Teriam saído, e os elfos da escuridão teriam se encarregado deles? Já tinham morrido? E onde estava o totem que supostamente possuíam? Porque ele o sentia, tinha que estar em algum lugar à vista. Perto.

Longe dos tornados, do mar bravo que se vislumbrava ao fundo, e que liderava uma onda gigante que cedo ou tarde ia fazer desaparecer todo o território sob a água, e além das explosões vulcânicas que ouvia em qualquer parte, o que não escutava era um só grito de guerra ou de dor. Só silêncio. O silêncio que precederia a hecatombe final. De fato, era normal que todos os rebeldes de Odin tivessem morrido, já que eram muito poucos para manter a resistência, e menos durante dois dias inteiros. A ponto estava de finalizar a segunda lua e, embora todo o Midgard se encontrava coberto por uma espessa camada negra de fumaças, gases e poluição, que o envolviam como a uma cebola, além

daquele manto apocalíptico, ainda existia o sol e o amanhecer que ninguém voltaria a ver. Nem Odin, nem seus vanirios e berserkers iam viver para contemplá-lo.

Assim permitiu a Fenrir que o levasse até a gigante, porque supôs que podia perder uns segundos de seu tempo em ver como estava e que lhe fizesse um pequeno resumo do acontecido durante sua ausência.

Quando chegou até ela, a bela gigante tinha o corpo cheio de pedras estilhaçadas e cortantes, como se fosse o efeito dos projéteis de uma bomba que tivesse acabado de explodir.

Em realidade, não estava muito longe da planície onde se desenvolvia a guerra, mas parecia desvairada, como se aquilo não fosse com ela. Seu cabelo negro, encaracolado e comprido estava cheio de poeira, colado ao crânio por aquelas partes onde o couro cabeludo se rasgou ou abriu devido ao impacto contra o chão, fruto das ondas de expansão.

Fenrir se aproximou de sua mãe jotun e farejou seus joelhos machucados. Ela parecia estar bem, a salvo, mas não fazia tentativa de levantar-se da planície. Era como se aquele pequeno retiro fosse o lugar onde queria estar, em vez de no vasto campo de morte e destruição que havia ali embaixo.

— Angrboda? — disse Loki sem poder compreender a imagem que tinha ante si. — Que demônios faz aqui sentada?

A giganta levantou o olhar e seus olhos maliciosos não pareceram ter resposta. Inclusive ela mesma se fazia a mesma pergunta, alheia ao sangue que brotava de suas feridas.

— As valkyrias fizeram uma *Farvel Furie* grupal, e logo a bastarda de Thor bateu a pira de cristal com seu martelo. Não recordo nada mais — passou a mão pela nuca, e quando a retirou, percebeu que tinha sangue na palma. — Exceto que me levantei aqui, e que não tinha vontade de continuar lutando.

Os olhos negros do Vigarista se tornaram mortíferos. Se fosse por ele, arrancaria a cabeça dessa mulher e a daria de comer o Mímir, mas não faria nenhuma coisa nem outra, porque precisava de ambos.

— A que se refere com que não tem vontade de continuar lutando? — indagou o Deus, a ponto de perder a paciência. — Eu digo quando se deixa de lutar — apesar de ter percorrido uma quarta parte do mundo em dois dias, Loki continuava com suas tranças coloridas em seu lugar e seu rosto impoluto. Inclusive sua armadura continuava lustrosa. Ele sempre cuidava de manter sua aparência irrepreensível.

— Sei que devo ir lá embaixo e acabar de esmagar a esses imundos — respondeu Angrboda sem mostrar nenhum pinga de medo. — E sei que devo vigiar aos bardos e cuidar da cabeça de Mímir. Mas agora mesmo — deu de ombros — não tenho o impulso e a vontade de fazê-lo.

Loki não compreendia nada do que dizia sua senhora esposa e mãe de suas bestas. Era como se estivesse alienada e completamente louca da cabeça.

Mas Loki conhecia todos os deuses e sabia de seus dons. Não era um deus estúpido. Analisava, sintetizava e decidia sobre seus passos. Como faria naquele momento.

Só havia uma mulher em todos os nove Reinos que influenciaria dessa maneira sobre Angrboda. E o faria precisamente porque a gigante não era uma deusa. Era uma feiticeira, mas não tinha sangue divino.

Para que alguém aniquilasse o instinto de vingança de sua bruxa, esse alguém devia ser uma mulher cuja presença pudesse mitigar o ódio, a raiva, e a fome de morte que tinham seus assassinos.

E assim que o rosto da bela harpia Nerthus apareceu na sua mente e sentiu sua presença perto, Loki decidiu que era o momento de encarregar-se de que o Ragnarök chegasse a seu bem-sucedido final.

Tinha Fenrir e Hela muito perto, e ao Jormungander sob a terra desejando morder a cauda para fazer aquele planeta explodir. Além disso, contava com a cabeça de Mímir e com os poderes dos feitiços de sua mulher Angrboda.

Mas para fazê-la voltar, ele devia acabar com Nerthus, porque já não tinha nenhuma dúvida de que a única Deusa que podia

intervir no suceder dos acontecimentos no Midgard era ela. E, pelo visto, para sua surpresa, Nerthus tinha agido.

Loki sorriu e se desmaterializou sobre o lombo de seu filho lobino. A Deusa da Terra morreria com seu Reino, e ele apreciaria acabar com sua vida imortal.

Já explicaria a sua filha em pessoa como sua mãe tinha perecido sob a sola de sua bota.

Beatha, Gwyn e suas filhas decidiram desprender-se de Thor e de Jade, para que ele chegasse o mais rápido possível até o teixo, já que quanto mais peso ele levasse, mais o retardariam. Daanna e Menw os acompanhariam em sua ascensão, onde supunha que estaria Daimhin. Mas nem Gwyn nem Beatha conseguiam ver sua filha.

Mesmo assim, quando se afastaram de Thor e de Jade, sabiam que seu líder casivelano entenderia perfeitamente por que o tinham feito. E não era por outro motivo que socorrer Carrick, que se achava em más condições enquanto Aiko lutava contra os jotuns.

Não obstante, ao descer e chegar a seu lado, deram-se conta de que os assassinos de Loki deixavam de lutar, e muitos deles caíam de joelhos ante a presença da deusa Nerthus. Era incrível ver como a imagem dessa mulher, seu brilho e sua energia, subjugava a vontade de matar dos jotuns.

Os dois belos vanirios loiros, altos, esbeltos e membros do Conselho de Dudley, se agacharam em frente a Carrick.

— Como está, filho? — perguntou um preocupadíssimo Gwyn. Uma flecha o tinha trespassado pelas costas, e lhe havia tocado o coração. Agora estava apoiado em uma pedra plana. — O tiraremos daqui — prometeu.

Suas duas irmãs pequenas o saudaram elevando a mão, e Carrick fez o mesmo, desenhando um sorriso em seu esgotado rosto.

— São as guerreiras mais jovens daqui — reconheceu orgulhoso. — Que valentes, minhas irmãs...

— Somos como você — respondeu a pequena Nayoba.

Carrick respirou fundo pela boca. Tinha os lábios ressecados e pálidos, manchados com seu próprio sangue. Tossiu e deteve seu pai antes que o tocasse.

— Não, *allaidh* — pediu.

Gwyn e Beatha se olharam emocionados, pois não entendiam que rejeitasse sua ajuda.

— É óbvio que sim. O tiraremos daqui — protestou Beatha. — Agora podemos — olhou a seu redor... — Os jotuns estão em transe. Nerthus os tem enfeitiçados. Podemos te ajudar.

Carrick observou a sua mãe e lhe transmitiu todo o amor que sentia por ela, embora tivessem estado tanto tempo separados.

— Não, *mammaidh* — repetiu levantando a mão e apontando com o indicador o alto do precipício que havia sobre sua cabeça, a uns três mil metros. — Ali. Ali está Daimhin... — sussurrou.

Os dois vanirios seguiram seu dedo salpicado de poeira e sangue, mas não viram sua pequena.

— Ela não está ali — disse Beatha com voz angustiada... — Não está ali, filho.

Carrick negou, veemente.

— Sim, está — disse com contundência. — Eu a protejo e a faço invisível aos olhos de outros. Vocês não a veem. Mas eu sim — admitiu com os olhos claros perdidos nesse ponto da ravina. — Está nervosa. E ferida. A última explosão bateu sua cabeça fortemente contra o chão e tem um ombro deslocado — seu olhar não mentia. Via-a com clareza. — Coxeia, mas segura o livro dourado entre suas mãos. Custa-lhe segurá-lo, mas já está ali... Precisa de mim. Tem que ler tranquila e sentir-se segura. Enquanto eu estiver com ela, ninguém a verá. Lutem junto a Aiko. Deixem que eu defenda a minha irmã. Ela tem que manter-se oculta.

Beatha e Gwyn não tiveram nenhuma dúvida em acreditar nele, mas então, quando ainda mantinham os olhos fixos no precipício onde o teixo ainda permanecia de pé, viram a aparição de Loki, que segurava seu cajado Laeviatann e observava com olhos assassinos e instigadores o horizonte que tinha frente a ele. O Vigarista não gostou em nada de ver que seus guerreiros tinham deixado de lutar, e que, um a um, estavam sendo eliminados pelos

elfos e as agonias, por uma vaniria kofun que protegia a um moribundo, e por eles. Porque eles iam se somar à matança.

V

Loki estava bem a seu lado. A uns dez metros de distância. Esse espaço era o único que os separava. Isso, e a ilusão que Carrick tinha tecido a seu redor e que a fazia ser invisível aos olhos do resto. O golpe que tomou depois da explosão foi violento e inesperado. E se a isso acrescentava a falta de esperança e a ansiedade que sentia pela ausência do vínculo mental com Steven, Daimhin não tinha coragem para seguir adiante.

Seu *cáraid* tinha morrido. Aquela era a maior dor de todas.

“Vamos, irmãzinha”, dizia-lhe mentalmente Carrick, “Loki já está aqui. Começa a ler. Não se desmorne agora. Eu estou contigo. E leremos juntos”.

Mas Carrick não sentia o que ela sentia. Era como se um abismo tivesse sido aberto, um buraco negro em seu peito, ali onde antes compartilhou seu coração com o berserker.

“Tem que fazer isso por ele! Por mim! Por você! Por todos, porra! Leia, barda!”, insistia Carrick.

Ele tinha razão. Estava viva, tinha o livro de Bryn, a Selvagem, entre suas mãos, ali onde Freyja deixou como legado umas palavras que deviam ser lidas. Tinha que sobrepor-se à sensação agônica de vazio.

Daimhin aspirou pelo nariz e abriu com dificuldade o livro bem no momento em que sentiu os olhos de Loki sobre ela. Maldição, parecia que a estava olhando. A teria descoberto?

“Calma. Não pode vê-la”.

Ela o olhou, e não viu nada em seu olhar, além de escuridão e trevas. Loki poderia ser um sedutor e um deus atraente, mas tudo o que tinha de bela, tinha de maligno.

“Espera. Espera que se vá e não te ouça para começar a ler em voz alta”, pediu Carrick.

Daimhin escutou seu irmão com atenção, embora estivesse centrada no rosto do Trickster. Talvez foi o olhá-lo cara a cara, frente a frente, o que a ajudou a armar-se de coragem e a ler o livro, mas antes ele tinha que desaparecer.

E então, Loki desapareceu frente a seus olhos. Se desmaterializou.

Daimhin o buscou a seu redor, pensando que a tinha descoberto e que ia acabar com ela. Mas o Deus Jotun já não estava no precipício.

Quando o divisou, a barda ficou sem respiração.

O jotun diabólico tinha aparecido sobre o carro de Nerthus. Atrás dela.

A Deusa se mantinha serena e tranquila enquanto elfos, gigantes, trols, purs, etones, vampiros, lobachos e inclusive espectros da escuridão, aproximavam-se dela, do seu carro, dos seus bois, para que os *huldre elver* e as Agonias acabassem com eles.

Era maravilhoso poder participar de uma guerra assim, sem necessidade de brigar, a não ser obrigando ao outro a render-se e a não oferecer resistência alguma quando lhes arrancasse a vida ignóbil que tinham.

Seus olhos verdes olhavam para o alto do despenhadeiro, como se soubesse que ali havia uma barda com o livro mágico da Freyja entre suas mãos.

Depois, desviaram-se para longe, até Carrick, muito longe do carro, que jazia estirado e ferido, olhando para o mesmo lugar que ela, como se fosse um guerreiro que se encomendava às valkyrias. Mas Nerthus sabia que não se encomendava a ninguém. Não olhava o céu.

Olhava a sua irmã vaniria, que ele protegia com seu dom.

Ela sabia. Tinha-o visto. Conhecía o futuro.

Por isso também viu o que viria a seguir. Em realidade, só tinha podido ler até esse preciso momento, depois não sabia como acabaria tudo. Mas, com o que já sabia, dispôs as fichas como pôde, agiu quando acreditou conveniente, e decidiu que queria ganhar e perder ali, rodeada dos seus.

Virou-se com uma calma espantosa, e um sorriso satisfeito em seus lábios. Nem sequer esperou a pôr incerteza ao acontecimento que viria a seguir.

Nem sequer gritou quando a ponta bicuda da vara de Loki, do maldito Laeviatann, feito de visco, titânio, desdém e puro veneno anti deuses, cravou-se no centro de seu peito, deixando-a sem respiração e com uma terrível dor que lhe retorceu as vísceras e a alma imortal.

No momento em que a deusa foi ferida de morte, todo seu feitiço se dissipou, e os jotuns, até agora submersos sob a força de sua energia, despertaram de sua letargia.

Os *Alfkamp*, as Agonias e os *Huldre elver* que flanqueavam à deusa, não puderam ajudá-la nem atacar Loki, porque este elevou a mão livre enquanto segurava seu bastão com a outra, e erigiu um encantamento a seu redor. Ninguém poderia acessá-los, ninguém poderia chegar até ele.

Os filhos de Nerthus estavam agora nas mãos de seus filhos. E não iam ter piedade com eles.

— Olá, rameira — a saudou Loki com um sorriso sinistro na boca. Suas tranças coloridas se moviam de um lado ao outro, e aqueles olhos carvão destilavam ódio. — De verdade acreditava que fazendo uma entrada triunfal como a que fez, ia deter a Decadência dos Deuses? Me achou tão tolo?

Nerthus elevou as mãos trêmulas, sem deixar de sorrir para ele, embora sentia que a vara arrancava sua vida, e a segurou com ambas as mãos, rodeando o cajado com os dedos, puxando-o na direção oposta de Loki.

— Não vou te chamar de putinha, porque não chega à sola dos sapatos delas — o saudou Nerthus, mantendo a serenidade.

Loki moveu a ponta de um lado ao outro, aprofundando-se na ferida mortal da deusa, e esperou ouvir um gemido, um uivo, algo que o fizesse sentir bem.

Mas Nerthus não ia dar. Quanto mais se entretinha com ela, Thor e Jade antes chegariam até a barda. Entretanto, não podia desvalorizar Loki. O Vigarista era um velhaco, e quando acreditava que estava ganhando a batalha, ele já tinha ido e voltado do mesmo lugar.

Mas ela também.

— Vai perder, louco de merda — disse Nerthus, tossindo sangue pela boca.

— Não acredito — negou ele. — Quem vai perder vai ser você. E me acredite que depois irei atrás de sua filha, para que me dê o que é meu e se submeta a mim.

Nerthus se pôs a rir, e puxou a lança de Loki, querendo arrancá-la do corpo.

— Não tem nem ideia ainda, verdade? Você nunca será homem suficiente para ela. Nunca foi. Não é agora. Nem será depois. Por que insiste?

— Cale-se.

— O Ragnarök não vem por sua inveja insana de Odin. Vem como vingança a Freyja. Não aceitou que minha filha o rejeitou...

— Não fale do que não sabe... — grunhiu Loki, ofendido.

— Ah, mas eu sei, sim — assegurou orgulhosa. — Sei tudo. Por isso decidi castigá-la do único modo em que podia incomodá-la: fazendo a vida de Odin impossível. Porque sabe que minha filha tem poucas fraquezas, ela está acima de muitas coisas, sobretudo de você. Mas você explorou bem as poucas que de verdade lhe importam. Porque você — o olhou nos olhos, aproximando-se dele sem respeito e nem consideração — sabe o que aqueles dois sentem. Você, você começou tudo, invejosa... cadela má... — para ela, Loki era um homem afeminado, um hermafrodita que podia estar com quem o rodasse, menos com a pessoa que ele realmente queria. E Nerthus sabia da obsessão que tinha Loki por Freyja. Porque Freyja tinha sido criada para deixar os homens loucos. Aos maus, e aos bons. — Mas tenha claro uma coisa. Se você lançar

merda, Loki, eu vou com minha vassoura de bruxa e a recolho. A limpo — sentenciou, trêmula, — para não deixar rastro de sua porcaria. Embora sua merda sempre cheire.

— Já não pode limpar nada, velha. Nada absolutamente. Seu fim já está escrito. Não pode se livrar do destino que o Laeviatann inflige em você. Sente a escuridão? — disse divertido. — Esse frio, essa fraqueza... Se chama morte. E é o que está acontecendo com você, Deusa. Morre. Não tem Idúnn perto para que te dê uma de suas maçãs, e nunca a terá. Morrerá, porque assim eu decidi. Morre, maldita! — clamou, movendo a lança.

Então, Nerthus se segurou à lança, e em uma luta de titãs, foi retirando pouco a pouco, sentindo como a ponta de visco e titânio misturado, roçava sua carne aberta, rasgando-a ainda mais.

Nerthus não moveu um só músculo de seu rosto. Seu sorriso zombador seguia aí, perene. Só seus olhos, repentinamente negros e as diminutas veias azuis que percorriam seu rosto, davam a entender o esforço que fazia em ser forte e em dar o último golpe.

Loki franziu o cenho e depois pôs-se a rir.

— Gosto assim, Nerthus. Que resista.

Os lábios da Deusa da Terra se estiraram em um sorriso triunfal, em que, além disso, também mostrava suas presas. O cajado não se moveu nem um milímetro mais, pois ela o mantinha onde o queria. Extraído quase em sua totalidade do centro de seu peito.

Nerthus tomou ar pela boca, deixando que o calafrio da vida que expirava a percorresse. Estava bem. Aceitava-o.

Então, o céu se tornou tormentoso, e começou a cair chuva e granizo. O vento acelerou sua velocidade e os tornados duplicaram sua grossura. A onda gigante que se aproximava pelo leste, açoitada pelo corpo de Jormungander, comia a distância que os separava, e não demoraria nada em engoli-los.

Nerthus levantou o olhar ao céu e decidiu que ali, assim, encomendava-se à sua valkyria maior. A sua filha Freyja. Ela saberia como salvá-la. Era uma guerreira morta em batalha e se encomendava à Rainha das Guerreiras de Odin.

— *Jeg I hjertet*, minha filha — repetiu olhando o céu, deixando que a chuva molhasse sua pele, seu cabelo, seu corpo, e os raios iluminassem seu rosto. — Se prepare — disse em voz baixa para que Loki não a ouvisse. Tinha os olhos desvairados e estava perdendo a consciência... — Se prepare, Resplandecente. Não perca as esperanças. Quando descer, Mímir terá algo a te mostrar.

— O que murmura? — disse Loki, impressionado por sua resistência, tentando cravar-lhe a lança de novo.

Nerthus era mãe, e sabia o que doía à sua filha. Não havia segredos para ela. Tudo o que tinha feito no Midgard, tudo, tinha feito por ela, para que recuperasse sua felicidade e seu verdadeiro trono. Para que soubesse qual era a verdade. Para que um novo caminho pudesse desenhar-se em um futuro, ainda incerto.

A imponente e ferida gravemente Deusa, sem olhar o Vigarista, pronunciou suas últimas palavras, quase sem ar.

— Vai fracassar, Loki — disse simplesmente. — Porque acredita que todas as pontes físicas dos Nove Reinos estão fechadas e porque... porque acha que já não há portas por abrir-se. Mas nesta realidade, as emoções criam pontes e portais entre uns e outros. Não os vemos... — sussurrou fechando os olhos... — Mas seguem aí. Os humanos sabem muito disso... São pontes vinculantes, como o nó perene vincula. Como o *comharradh*. Nós e cadeias invisíveis, e nem por isso menos reais e consistentes. Você não sabe — riu, deixando que a chuva se misturasse com suas lágrimas, — mas há um sentimento que, por si só, rompe fronteiras, derruba muros e une mundos... Sabe qual é?

Loki a escutava, cansado de tanto palavrório, e raivoso porque a Deusa sempre queria ter a última palavra. Seu capacete dourado de chifres estava sendo banhado pela água que caía do céu, e escorregava por seu rosto e pela ponta de seu nariz.

— Não. Não sabe — negou Nerthus. Fechou os olhos, sorriu com o rosto voltado para céu e disse: — porque um deus vigarista qualquer e trapaceiro como você não sabe o que é o amor.

Nerthus jogou mão de seu último fôlego e de suas forças na fraqueza, e ela mesma voltou a cravar a lança no peito. Nunca permitiria que Loki a matasse. Em todo caso, ela faria o haraquiri

antes, com sua própria lança. Porque morrer, às vezes, também era uma decisão. E ela já a tinha tomado fazia tempo. Queria morrer naquele instante, naquele momento, jogando na cara de Loki quão ignorante era e cedendo seu capacete imortal aos guerreiros que saberiam o que fazer com ele.

Do corpo da Deusa emergiu um redemoinho que jogou Loki para trás, e cuja luz o obrigou a cobrir os olhos.

O redemoinho se fez grande e Nerthus, ainda com seus olhos fixos no teto estelar, pronunciou as palavras "Para sempre em meu coração, filha" e começou a absorver um a um aos *huldre elver*, as *dodskämp* e os *alfkamp*, como se seu corpo que morria fosse a porta de outro mundo.

Para Brunnylda e suas Agonias, a situação não podia ser mais crítica. Em um instante, tinham passado de pegar armas para matar sem esforço aos jotuns, a tentar defender-se deles e de seus numerosos ataques. E era impossível seduzir a todos, que agora tinham um objetivo claro e concentrado ao redor do brilhante carro de Nerthus.

Se morressem ali, não teria sentido nada do que teriam feito. Por isso, quando o redemoinho que se abriu sobre aquela limusine divina e emergiu do corpo da Deusa começou a absorver aos seus, a jovem e bela *dodskämp* decidiu que ela também queria partir.

O Midgard não era seu reino. Eles não tinham por que morrer naquele lugar.

Iria, sim. Mas não o faria sozinha.

Ao Raoulz tinha alcançado uma garra de lobacho, e sua perna direita estava sendo mordida por duas serpentes dos elfos escuros. Quando o viu no chão, sem poder defender-se, tão digno e honorável como ele era, tão belo e inalcançável a seus olhos, lançou-se para cobri-lo com seu corpo e socorrê-lo. Ele sofria. Morria.

Segurando sua cabeça morena com delicadeza e colocando-a sobre seus joelhos, retirou-lhe a longa franja de seu exótico rosto e juntou seu testa à dele.

— Tudo bem — falou. — Não precisa me suplicar. Levarei-o comigo lá onde o redemoinho nos deixar.

Raoulz a olhou assustado, sofrendo por suas feridas, mas não ousou abrir a boca. Olharam-se fixamente enquanto seus corpos saíam velozmente para o torvelinho e eram tragados por este.

Todos os elfos, seres de Nerthus, procedentes de seu Reino, desapareceram ante o absorto olhar de Loki. Serennia foi a última deles em desvanecer-se daquele campo de batalha.

E depois desta, escutou-se um flop! E o redemoinho se fechou simplesmente.

O Laeviatann caiu sobre terra firme, pois não só não havia rastro da Deusa, mas tampouco o havia do carro no qual, fazia um momento, Loki estava em cima.

O Vigarista passou a língua pelos dentes como se estivesse inconformado com o acontecido, e estirou a palma para frente. Sua lança voou até ele, só com uma ordem mental.

Talvez Nerthus valesse mais pelo que calava que pelo que dizia. Mas ele, só a observando, já sabia o que tinha que fazer e a quem tinha que matar.

Não só havia um totem oculto em algum lugar. Havia dois, e um deles aquele homem de cabelo negro, que carregava uma berserker nos braços, e que ia escoltado pela Escolhida e pelo vanirio curador, o levava na cabeça.

E depois estava o menino perdido... Esse loiro meio morto que só fazia olhar para o escarpado, bem onde Nerthus também tinha olhado absorta, como se ali houvesse alguém.

Bem. Ia se encarregar de descobrir a todos, de jogar por terra sua jogada e de aniquilá-los.

Ele se encarregaria desses vanirios loiros, da japonesa, e do irmão da barda.

Fenrir e Angrboda não permitiriam que aqueles que voavam no mesmo nível do precipício, elevando-se como um foguete até acima de tudo onde o maldito teixo seguia em pé, continuassem avançando.

Asgard

Yggdrasil

Freyja ficou de joelhos em frente a Yggdrasil e levou suas mãos ao centro de seu peito, porque sentia que tinham arrancado seu coração. Seus olhos prateados se encheram de lágrimas e então, de sua trêmula boca, saiu um profundo e potente grito de dor que se escutou em toda Asgard, na terra dos anões e no Valhalla, até na terra dos elfos.

Sua mãe. A Vanir mais incrível e de mais magia e poder acabava de ser assassinada por Loki.

Dobrou-se sobre si mesma, chorando de modo esmigalhado, e vomitou a água que tinha bebido do pano úmido da fonte de Mímir. O estômago doía, e a impressão de sentir que sua mãe se encomendava a ela provocou um vazio enorme.

Skuld, frente a ela, não sabia o que fazer. Jamais a tinha visto assim. Ninguém a tinha visto assim, e ser a primeira em presenciar à Deusa Vanir quebrada deixou-a fria, e ao mesmo tempo, a fez sentir um profundo respeito pela situação. Freyja parecia tão vulnerável, tão ferida... Quase humana. Não sabia que demônios tinha visto, porque ela já não via o futuro. Mas seja o que fosse, tinha tido um efeito demolidor nela.

Os gritos de dor de Freyja lhe atravessavam a alma, e a fazia chorar também. Skuld secou as lágrimas dos olhos e as olhou, aniquilada. A Resplandecente tinha tanta força em seus sentimentos que contagiava.

Quando a loira e bela Deusa elevou a cabeça, seus olhos choravam lágrimas de sangue. Estava destroçada. Os ombros não podiam deixar de tremer, e seus lábios desenhavam bicos incontroláveis.

De repente, Freyja fechou os dedos de suas mãos, formando punhos raivosos e tensos e, jogando o pescoço para trás, gritou com todas suas forças, fazendo o epicentro dos nove mundos tremer. Skuld, assombrada e sobressaltada pela tristeza da Deusa, estava convencida de que seu uivo foi ouvido até no Midgard.

— Freyja? — perguntou Skuld, tentando aproximar-se dela.

Mas Freyja se dobrou de novo para frente e ficou como uma bola, agarrando o ventre, balançando-se ligeiramente, com as bochechas manchadas de suas próprias lágrimas vermelhas e um olhar indefinível.

E, então, se desmaterializou, deixando montinhos brilhantes e dourados no ambiente, flutuando como purpurina ao redor dos ramos enegrecidos do Yggdrasil.

Quando se foi, Skuld ainda continuava chorando.

Asgard

Terra dos Elfos da Luz

Freyja se materializou na sala dos Totens, ali onde a escultura de sua mãe, monumento erigido em honra à sua figura, permanecia protegido atrás de uma vidraça de cristal. Naquele lugar da terra dos elfos, já não havia ninguém. O silêncio era tão agudo que inclusive doía.

Todos os guerreiros, fossem da raça que fossem, sem distinção, tinham sido reunidos no Víngolf para formar esquadrão junto às valkyrias, os einherjars, e os anões.

Deviam estar preparados para proteger os muros de seu mundo.

A Deusa aspirou pelo nariz e elevou a mão para apoiar a palma no frio cristal. Seu calor criou um vapor ao redor, que depois cristalizou como o estigma de um floco de neve, para percorrer a vidraça até congelá-lo e depois fazê-lo explodir em mil pedaços que caíram para baixo como uma torre de naipes.

A Resplandecente, vestida com sua roupa de guerra, tinha seu capacete alado nas mãos. Seu cabelo solto e loiro desenhava brilhos nas paredes, mas seus olhos já não possuíam resplendor.

Tinha escutado a sua mãe. Tinha ouvido tudo o que disse. Pediu a ela que não perdesse a esperança, exigiu que estivesse preparada. Mas, como ia estar, se acabava de descobrir que sua mãe tinha morrido por sua culpa? Se não tivesse rejeitado Loki, ela continuaria viva, e o Ragnarök não aconteceria... Era a responsável

pelo fim do mundo? Era a responsável pela morte de suas valkyrias?

Passou os dedos pelas maçãs do rosto e depois os observou. Nas pontas, ainda tinha sangue fresco e úmido. Como a que tinha derramado por Od. Pelo amor de sua vida. Um amor fugidio e covarde que nunca a mereceu.

Com expressão derrotada, Freyja elevou o pé e se introduziu naquele panteão dedicado a Nerthus. As dormideiras e trepadeiras que percorriam suas colunas de mármore perdiam vida e cor, como se sentissem que aquela terra morria.

Ficou de frente à figura de sua mãe, e com seus dedos manchados de sangue, pintou as bochechas da escultura esbranquiçada. Porque ela também tinha chorado.

Ambas o fizeram com essa terrível perda. Nerthus chorou ao lhe dizer que a amava, e ela chorou ao vê-la partir.

Inclinou o queixo para baixo, e começou a soluçar de novo em silêncio. Sentou-se sobre o colo de pedra de sua mãe, levou as mãos ao pescoço dela, e apoiando a bochecha sobre seu ombro, procurou a proteção da mulher que a gerou e que já não possuía um corpo quente e vivo. Agora, a única coisa que podia tocar era aquela lembrança gélida e imortal, dura, que não podia abraçar, mas sim podia ser abraçada, embora nada pudesse aquecê-la nem devolvê-la à vida.

Odin a tinha escutado. Todos o tinham feito. Quem podia fazer ouvidos surdos ao pranto da valkyria mais poderosa e a Deusa mais valente? Quando Freyja chorava, todos o faziam de algum modo. E não sabiam a razão pela qual isto acontecia. Talvez porque, embora se dizia que era uma Deusa altiva, também sabia ser atenciosa e também se preocupava com os seus à sua maneira. Era divertida, provocadora e forte, e o pulso não tremia em nenhum momento. Mas era uma líder excelente, a que todos, sem exceção, obedeceriam às cegas.

Por isso, vê-la em pedaços, abraçada à figura de sua mãe Nerthus, afetou Odin como nada o tinha feito antes.

Quando uma deusa do panteão morria, a câmara que ocultava seu totem e sua estátua na sala dos elfos obscurecia-se, e então, o cristal até esse momento inquebrável, rompia-se simplesmente, como se com a despedida da divindade também perdesse todas suas qualidades protetoras. E ali estava Freyja, no interior da câmara da Deusa da Terra, cujas trepadeiras e flores morriam junto com o espírito que se foi.

Odin inspirou pelo nariz. Ele, como ela, estava já totalmente preparado para a última batalha. Se abaixo no Midgard morriam seus guerreiros, teria que confrontar o fim de seus dias em Asgard, defendendo como pudessem os muros de sua casa. Todos estavam preparados por trás das paredes do Víngolf. Heimdal, Frey, Njörd, Thor, as valkyrias, Lidam e seus elfos, os anões... Todo aquele que soubesse lutar, inclusive o que não sabia e era valente, teria que empunhar uma arma ou recorrer à inteligência para proteger-se. Entretanto, embora outros estavam todos preparados para o que viesse, Odin precisava dela a seu lado. Por muitas razões.

Freyja era uma amazona excepcional, uma guerreira brutal e uma completa feiticeira, certamente, a mais inteligente e sábia de todas, inclusive mais que sua mãe.

Mas sua fortaleza agora parecia diluir-se com cada lamento e cada tremor de seu corpo contra a escultura em tamanho real da mulher que lhe deu à luz. E as mãos de Odin coçavam para aproximar-se e acalmá-la.

Essa era a mulher que o tinha rejeitado não uma, mas umas mil vezes. Era a mulher que lhe dizia que não porque respeitava Frigg, embora depois falasse depreciativamente sobre ela. E isso dizia muito sobre quem era a Resplandecente e sobre o que pedia em um homem.

Freyja era a Vanir que lhe ensinou tudo o que sabia de magia e a melhor negociadora de todas. Essa Deusa que chorava lágrimas de sangue por Nerthus, igual às tinha chorado por seu amante desaparecido, não podia ficar ali quando o fim chegasse.

O Aesir se armou de coragem e caminhou até ela, até essa vidraça.

Freyja sentiu sua presença assim que ele entrou no salão. Mas nunca imaginou que se colocaria em frente a ela e a olhasse daquele modo, como se no fundo, de um modo estranho, entendesse o que sentia e como se sentia.

A jovem elevou o olhar e seus olhos se cruzaram, ficando imantados um no outro. Ela se abraçou com mais força à estátua, mas Odin balançou a cabeça em negativa, entrou na câmara com toda sua autoridade e a arrancou dos braços da figura de pedra.

— Não! — gritou Freyja.

Odin suportou seus golpes, suas bofetadas, seus arranhões, e decidiu que se Freyja precisava abraçar-se a alguém, que o fizesse a alguém vivo, para que compreendesse que ainda se podia lutar. Odin se sentou sobre a figura de Nerthus, com todos os amparos metálicos que usava, e colocou Freyja sobre suas pernas. Desse modo, os dois estavam sobre Nerthus, sob seu abrigo e permissão.

— Me deixe, maldito! — Freyja chorava, tentando libertar-se, mas Odin não permitia.

— Está bem — disse ele em voz baixa, abraçando-a contra seu corpo com cuidado, mas com intensidade. Apoiou sua barba áspera e loira sobre sua cabeça e a balançou como pôde. Porque era uma Deusa, mas também uma menina. E uma mulher. — Está bem...

— Odeio você, Odin! — grunhiu, afundando os dedos em seu longo cabelo loiro, ainda esperneando contra ele. — Com todas as forças de meu coração, odeio você!

— Me odeie. Mas utilize toda essa raiva para viver e para brigar, Vanir. Não se renda agora.

— Minha mãe morreu por sua culpa! Você a exilou ao Midgard! — exclamou, destroçada — Quando este era seu lugar!

— Sempre há razões para fazer o que fazemos. Você nunca teve problemas para poder vê-la...

— Mas quando se fecharam as portas de Asgard, ela jamais pôde retornar!

Zas! Deu-lhe uma bofetada que ricocheteou nas paredes de mármore e cristal do palácio élfico. Odin não girou o rosto, continuou encarando-a sem medo, como se aceitasse tudo o que ela dissesse nesse momento.

E então viu em Freyja o fogo e a frustração, a fúria e a indolência em seus olhos, e soube que, se ao final pudessem descer ao Midgard atrás de Loki, ela não o deixaria escapar. Vingaria-se de todos aqueles que lhe fizeram mal, de todos. Inclusive dele.

— Sente-se melhor me batendo?

— Não — respondeu. — Me sentiria melhor se pudesse arrancar seu cabelo da cabeça e... e depois te tiraria esse olho azul que tem e...

— Bem — assumiu Odin, querendo tranquilizá-la. Melhor que se concentrasse em sua pessoa e não na perda que tanto a abatia. — Faça isso. Me machuque.

E então, Freyja, tomada por completo por suas emoções, fez algo que inclusive o surpreendeu. Soltou um resmungo de raiva e puxando seu cabelo comprido, expô-lhe a garganta e o mordeu com toda a força da que foi capaz.

Os vanirios bebiam de seus companheiros assim, e suas dentadas se consideravam eróticas, ela também podia fazê-lo se assim o desejava, podia transformar a dor em prazer, mas não quis. A cólera tomou conta dela, e desejou rasgar a pele de Odin com suas presas. E isso foi justamente o que fez.

Odin ficou tão surpreso que não foi capaz nem de afastá-la. Manteve-se imóvel, apertando os dentes com força, suportando a agressão como pôde.

Quando Freyja o afastou como se não gostasse de sua carne, continuava tendo lágrimas nos olhos, mas desta vez não eram de sangue. Eram lágrimas salgadas e cristalinas.

Soltou seu cabelo e o segurou pelo queixo para lhe dizer com sua alma em sua voz:

— Você acabou com minha mãe. Você. Loki a matou, mas você acabou com ela. — Odin a escutava com atenção, enquanto a ferida de seu pescoço sangrava profusamente. — Minha mãe se encomendou a mim, quando eu ainda não posso descer para buscar seu corpo, e quando nenhuma só de minhas valkyrias continuam em pé para recolhê-la. Sabe o impotente que me sinto? Sabe?! — suas palavras eram dardos de despeito e ira para ele.

— Sinto muito, Freyja.

— Não sinta! Sacrificou-se! Deixou que ele a matasse — murmurou, incrédula. — Ele... Esse filho da cadela... Portanto, não penso esperar que Loki venha aqui. Ela me disse que não perdesse a esperança, e isso vou fazer. E também me disse que Mímir tem algo a me dizer. Assim, faça o favor de pegar o seu cavalo e montá-lo — o incitou. — Porque eu vou pegar um dos meus gatos para incitar as minhas valkyrias, para que quando descerem, porque vamos descer — lhe assegurou. Negava-se a acreditar o contrário, — façam-no carregadas de raios de alta voltagem e de uma fúria cega como a que eu sinto. E que recordem que Loki e Angrboda são meus — seus olhos prateados cintilaram, desafiantes.

— Bebeu de Mímir de novo? — perguntou Odin com a voz áspera.

— Bebi o que restava do pano. Vi a minha mãe me dizer adeus. Vi como todos lutam em nosso nome, Caolho. Assim, tenha fé neles como eu a tenho, como minha mãe teve, porque isto não vai acabar aqui — o empurrou pelo peito e se levantou de cima de seus joelhos. — Ah, e Odin — acrescentou quando saía da câmara de Nerthus. Secou o rosto úmido com o dorso de sua mão e lhe jogou um último olhar por cima do ombro. — Quando tudo isto acabar, também cuidarei de você. Dou minha palavra.

O Deus loiro e enorme, sentado com as pernas abertas sobre Nerthus, elevou uma de suas espessas sobrancelhas vikings e disse com um meio sorriso:

— É uma ameaça?

— É óbvio. Não brinco, Caolho. Pode fazer comigo o que tiver vontade. Mas não vou perdoá-lo pelo que fez à minha mãe. Porque ela morreu ali embaixo por nós, quando você e os seus estão aqui entrincheirados e ainda vivos.

Freyja saiu da sala com o andar próprio do que era: uma Deusa da magia e da sedução. E uma mulher que acabava de ver morrer a sua mãe.

Odin ficou um bom momento sentado sobre a estátua ornamental. Pensativo. Com uma ferida aberta e sanfrenta na garganta, e uma sensação estranha em seu peito. E, para que

negá-lo? Inclusive na virilha. Porque uma dentada de Freyja era excitante, embora a tivesse dado para castigá-lo.

Ao menos, tinha conseguido o que queria. Sua atenção, e também seu avivamento. Não suportava vê-la triste nem depressiva. Freyja desprendia luz quando se sentia forte.

E nesses instantes de escuridão, ele precisava da Resplandecente.

Todos precisavam dela.

VI

Loki os tinha no ponto de mira. Restava somente quatro vanirios e duas meninas, e depois os que voavam até o início do precipício. Estavam loucos. Não sabiam para onde iam nem o que iam encontrar ali.

O casal loiro com as meninas atadas às costas já não podiam defender-se muito mais do que o faziam. De fato, um purs que saía do interior da terra acabava de agarrar o tornozelo da mulher, que gritava de dor pelo ácido que lhe queimava a pele.

As pequenas gritavam por sua mãe e choravam ocultando seus rostos nesses pareôs que levavam às costas. Chamavam-se Gwyn e Beatha.

Loki sorriu quando viu que quatro purs mais os arrastavam ao interior da terra, aos dois, e os engoliam sob as garras e os corpos de uma legião mais de vermes subterrâneos que saboreariam às

duas meninas como se fossem caramelos. Porque os purs adoravam crianças. Pareciam-lhes deliciosos, no sentido literal da palavra.

Ele mostrou a cara à greta pela qual tinham desaparecido e sorriu satisfeito. Bom, agora se encarregaria da hábil japonesa que estava defendendo o bardo ferido no chão, e também se encarregaria de matá-lo.

Aiko se virou depois de rasgar a garganta de um eton que tentava manipulá-la mentalmente. Ela não estava para joguinhos desse tipo. De fato, os vanirios eram mais fortes que eles a esses níveis, por isso suas interações não provocavam muitas alterações. Sim, confusões. Mas ficavam nisso.

A kofun sentiu a presença da escuridão em pessoa, e quando percebeu a figura recortada de Loki a apenas uns metros dela, iluminada pelos raios, e ensopada pela chuva, armou-se de coragem e agarrou com força o cabo de sua espada samurai.

Sabia que Carrick confiava em que ela arrancasse uns segundos de paciência para que Daimhin permanecesse coberta até que Thor chegasse até ela. E deixaria a vida nisso para conseguir.

— Não é rival para mim, chinezinha — Loki riu dela.

— Não sou da China. Sou japonesa — respondeu a bela oriental, apontando-o com a ponta de sua espada.

— Pode escolher. Se una a mim. Ou morre, como todos.

Os olhos escuros de Aiko se entrecerraram. Ela era uma kofun cujo dogma e princípio se achava em mostrar respeito também ao inimigo. Mas não havia respeito possível para Loki, porque não lhe mostrava respeito ao propor aquilo.

Para o jotun, tudo se podia comprar, e tudo tinha preço. Ser fiel a si mesmo valia menos que nada ou era uma utopia.

Mas Aiko tinha em Carrick um exemplo de como queria ser. Ele poderia ter se rendido naquele buraco em Cappel le Ferne, como Daimhin. Entretanto, nenhum dos dois o fez. Esperaram, foram pacientes e se apoiaram na dor do outro, nunca no ódio.

Ela faria o mesmo. Apoiara-se no amor e na verdade dos dois bardos, e em seu juramento como a samurai que era. Sua fidelidade estava ligada ao pulsar de seu coração. E seu coração estava preso ao de Carrick. Nunca, jamais, iria com Loki.

Aiko adiantou seu pé esquerdo e elevou o cabo da espada, preso pelas duas mãos, até seu rosto. A ponta de seu pé olhava à frente, ao Vigarista.

— Prefiro morrer sabendo que luto por algo justo e bom, que viver com a alma negra e humilhada. Prefiro a morte, sem lugar a dúvidas — decretou Aiko.

Com o único pensamento de Carrick em mente, imaginando que ambos se reuniriam em um lugar melhor, acreditando que esse paraíso existia, a jovem japonesa se lançou contra o Deus Jotun, dando um rápido salto para frente e brandindo sua katana com um movimento muito ofensivo. Ao menos queria feri-lo, lhe infligir uma parte da dor ao que ele os tinha submetido.

Mas o Deus maligno não só a esquivou com uma espantosa tranquilidade, mas também aproveitou para surpreendê-la pelas costas, e lhe cravar a lança Laeviatann entre as omoplatas até atravessá-la pela frente.

Depois a levantou, içando-a como se fosse uma bandeira ou um troféu do que alardear e lançou Aiko contra Carrick, atravessando ambos com a mesma ponta.

O bardo, que ainda olhava para cima, cuidando de sua irmã, soltou o ar pela boca, e antes de morrer no ato, rodeou Aiko com os braços. Rezou por suas almas e a de sua irmã, cuja proteção de invisibilidade se acabava com sua própria morte.

— Eu acredito em você, *mo Piuthar*. Minha irmã — sussurrou Carrick.

Imediatamente depois, o bardo morreu com a única esperança de que Daimhin obtivesse o que eles não tinham conseguido.

Loki arrancou a ponta de sua lança do corpo dos dois vanirios mortos e depois focalizou seus olhos na garota que segurava aquele livro entre suas mãos, ali no alto da ravina, e que acabava de cair de joelhos ao dar-se conta de que seus pais e seus irmãos tinham sido assassinados.

Não tinha do que preocupar-se, porque ela estava a ponto de reunir-se com eles.

Thor sabia que lhes choveriam de novo milhares de flechas dos elfos. Nerthus tinha morrido pelas mãos de Loki, e seu efeito se dissipou. E agora todos os jotuns estavam mais raivosos que nunca. Só restavam eles quatro em pé. Eles, e a barda que ainda não via.

Voavam contra tudo e todos, e agora já o faziam desprotegidos, contornando aquele muro de pedra e morte que assegurava uma ascensão de três mil metros de altura. Jade, Daanna e Menw estavam expostos a que uma dessas flechas envenenadas os alcançasse. Por isso exigiu deles tudo o que pôde e mais para que antes de que isso acontecesse, Daimhin já tivesse o Invencível.

Com o corpo como se fosse um míssil, sua berserker entre seus braços, e seus amigos presos a ele e à sua velocidade, Thor deu tudo para chegar ao penhasco do precipício e ficar de frente à barda e o teixo.

Mas ao chegar até as raízes de Llangernyw e divisar o solitário aterro, não viu a jovem e barda loira, mas sim se encontrou com uma gigante que os ultrapassava uns vinte corpos, e que longe de ser tão desagradável como o resto, esta era bonita, mas letal.

Angrboda elevou o punho e golpeou os quatro com força, mas Thor esquivou o impacto certo. Menw, Daanna e Jade não tiveram tanta sorte e saíram lançados para um lado e colidiram duramente contra o chão.

— Jade! — gritou Thor olhando para trás. Ia virar-se e pegá-la. Não pensava deixá-la ali.

Mas a berserker tentou erguer-se do chão. Deslocou o ombro com o impacto, e tinha um corte na testa. Seu cabelo, envolto no coque que lhe tinha feito sob o castelo de Fionia, parecia alvoroçado e fora do lugar.

Ela levou a mão à testa e depois ao ombro, e então o buscou com os olhos.

— Não! — gritou, querendo detê-lo. — Continue, Thor! Não venha por mim!

— Mas, Jade...

Ela, Menw e Daanna estavam feridos gravemente, estendidos no chão, e Thor olhava com horror e incredulidade àquele imenso

lobo chamado Fenrir, filho de Loki, que avançava cerimoniosamente passo a passo para eles.

— Não! — ela voltou a gritar para ele. A berserker se virou e tentou proteger a Escolhida, que tinha um bebê em seu ventre e a quem uma das flechas dos *svartálfars* tinha alcançado nos rins. — Vá, Thor! Tem que chegar a ela! — exigiu, socorrendo a vaniria. — Chegue a Daimhin! rogou-lhe com os olhos cheios de lágrimas. — Encontre-a! Não se preocupe comigo!

“Mas, como? Como não vou preocupar-me com você?”, disse-lhe desesperado, querendo ir para ela.

“Disse que não venha!”, ordenou-lhe cobrindo Daanna com seu corpo. O lobo se dirigia para eles, ia ser implacável, ia destruí-los.

“Tudo o que tínhamos por fazer, o fizemos, *mo ghraidh*”, disse ela falando mentalmente com ele, embora protegendo a *Velge* com seu corpo. “Tudo está dito. Sem recriminações, *mo mann*. Lembro que te amo, sei que te amo, e se houver vida além de tudo isto — olhou tudo o que a envolvia, repleto de escuridão e trevas — recordarei que você e ninguém mais, pertence-me — sorriu, refletindo nesse gesto todo o amor real que sentia por ele. — Deixe-me aqui, com seus amigos. E cumpra com o objetivo. Dê o capacete à criadora de mundos. Dê a ela, maldição!”.

— Amo você — ele disse, movendo os lábios. Ambos estavam ensopados pela chuva inclemente e o granizo que os banhava de cima a baixo, como se com isso se pudesse limpar todo o sangue derramado.

— Sei — respondeu Jade, segurando seu olhar. — O encontrarei, formos aonde for.

Jade inclinou a cabeça, abatida por seu destino, e esgotada de fazer-se de forte. Deu as costas a Thor e se concentrou em manter Daanna viva e em ajudá-la.

O vanirio de olhos lilás se virou como um raio, estimulado pelas palavras de sua *cáraid*.

Thor não podia estar por eles, tinha que procurar Daimhin. E então, à sua direita, em frente a Llangernyw, o corpo de Daimhin apareceu como por arte de magia. A vaniria olhava as páginas do livro, mas era incapaz de pronunciar uma só palavra, pois não

deixava de chorar. Seu corpo tremia entre fortes tremores, espasmos de agonia e tristeza que com muita dificuldade a deixavam respirar.

Thor correu para ela, esquivando outro murro de Angrboda.

Via a meta a ponto de ser tocada pela ponta de seus dedos. A barda o olhou com desespero, incrédula de comprovar que continuava vivo e que ia por ela.

Mas nada ia ser tão fácil. Loki apareceu às costas da bela loira, com sua lança entre as mãos, sorrindo triunfal, porque sabia muito bem o que tinha que fazer.

Ia matar Daimhin.

Menw, o curador do clã vanirio de Black Country, e o amor eterno de Daanna McKenna, ficou de quatro, recuperando-se do impacto.

Sua mulher, sua bela Escolhida, tinha sido alcançada por uma flecha, e jazia estirada e ferida gravemente naquela terra encharcada de barro e água.

O loiro, cujo longo cabelo loiro sempre prendia com um diadema, e cujos olhos refletiam a mais pura paixão, estudou o lobo Fenrir para descobrir que ali, no interior daquela magnífica besta, não havia alma, só vazio.

E odiava pensar que Daanna sofresse a dentada daquele monstro.

O curador, vestido de negro, como todos os vanirios que tinham lutado naquela planície, ergueu-se e se colocou de pé, diante das duas mulheres que socorriam uma à outra.

— Menw — murmurou Daanna, segurando a parte de trás das costas. Os olhos azuis de Daanna se encheram de lágrimas. Mas não disse nada mais.

Eles, melhor que ninguém, não tinham que dizer coisas para entender-se. Chegaram juntos ao Fim do Mundo, e tiveram entre suas mãos a oportunidade de mudar as coisas. A profecia do *noaiti* foi sempre concisa. Embora duvidavam de que o papel que desempenhassem fosse tão determinante para conseguir o êxito, pois não acreditavam ter nenhuma possibilidade.

Mesmo assim, se a *velge* era determinante para o dia da porta, tal e como disse Adam do clã berserker, ela devia manter-se viva. Por essa razão, Menw McCloud faria o possível para lhe arrancar segundos de vida do tempo e dá-los à sua guerreira e ao fruto de seu amor. Um fruto criado, mas ainda não nascido.

Menw tomou a espada que lhe tinha dado Kenshin Miyamoto, e a localizou ao lado de sua perna direita, com a ponta apontando o chão. Não sabia se era ou não a espada de Susanoo, mas sim sabia que carregava a energia de Miya, e esta era meio divina, pois tinha parentesco direto com o Deus japonês.

Depois, olhou de soslaio a gigante, que se aproximava deles, pois era incapaz de perseguir Thor.

Tinha que agir rapidamente. Mas antes de realizar seu movimento, depositou seus olhos sobre Daanna e olhou seu ventre em avançado estado de gestação. Apertou os dentes com impotência, e depois se obrigou a recompor-se. Não perderia o controle.

— Nosso filho ia ser um Deus entre os Deuses — recordou as palavras de Freyja. — Aodhan, meu pequeno nascido do fogo, tem que ser quem veio a ser — jurou. — E vou fazer o possível para que assim seja. O que mais me dói é não poder ver se... se vai ser tão bonito quanto sua mãe.

Jade segurou a mão de Daanna, que se rompia ao ouvir essas palavras.

— Menw... — gemeu Daanna em meio de uma forte espetada ali onde a flecha a tinha alcançado. — Seria bom como você. Isso me basta.

— Levo sua imagem à tumba, preciosa minha — lhe assegurou orgulhoso.

— Oh, Deuses... — de Daanna não saíam as palavras, por isso disse as que mais resumiam o que sentia por ele. — *Mo chroid. Mo ghraidh. Mae.* Meu coração. Meu amor. Sempre — levou a mão ao ventre, onde estava seu nó perene. Não permitiria que ele a visse quebrada. Manteria sua imagem forte e serena, para que ele pudesse tomar forças dela.

O curador assentiu com um leve movimento de sua cabeça e respondeu:

— *Mae*. Sempre — levou a mão ao coração, ali onde o *comharradh* tinha sido gravado.

Menw se moveu para a esquerda, fazendo uma finta ao lobo que ia para ele, para em seguida ir na direção oposta e enfrentar Angrboda. Como ela era tão grande, Menw aproveitou sua estatura menor e sua velocidade para surpreendê-la e lhe cortar os tendões do Aquiles de ambos os pés.

Angrboda gritou com todas suas forças e caiu ao chão, sem equilíbrio. Não esperava aquilo. Depois, gritou raivosamente aos *svartálfars*, segurando as feridas dos pés:

— Disparem outra vez!

Então, Menw, com a espada de Miya ensanguentada entre as mãos, deu longos e velozes passos até Fenrir, de modo que o corpo do animal ficasse entre ele, as duas mulheres e o precipício abismal.

O Curador também sabia de guerra, não só de curar. Por isso impactou com o ombro, com força, contra o peito peludo do filho de Loki, e o impulsioneou com toda sua alma até o precipício, até voar com ele e deixar de tocar terra firme.

Menw sabia que cairia, e que, quando o impacto quebrasse algum osso, não só os jotuns em geral iriam para ele, mas sim Fenrir lhe arrancaria a cabeça.

Mas não importava. A morte era a morte, seja como fosse.

Apesar de escutar Daanna pronunciar seu nome enquanto caía pelo precipício, segurando bem a Fenrir que lhe cravava as mandíbulas no ombro, o único que importava para ele era que tinha afastado a besta de Loki de sua Daanna, de seu filho, e da mulher de Thor MacCallister.

Thor sabia que se havia um modo de ganhar tempo ante Loki, não era lutando corpo a corpo contra ele, porque aí todos tinham a perder.

Era o Transformista, o deus mais mentiroso, trapaceiro e manipulador. E se não vencia pela força e por sua magia negra,

faria-o por seus ardis. Sua lança Laeviatann estava a um palmo das costas de Daimhin. Esse Deus adorava atacar traiçoeiramente. A barda nem sequer poderia se esquivar.

Então, decidiu que o único que podia fazer era surpreendê-lo. Com o capacete Invencível sobre sua cabeça, Thor abriu seu dom, esse que o permitia ler todas as mentes e que o fazia detectável para os deuses. Mas não o importou, porque no Midgard já não havia escapatória nem salvação para ele, porque Loki ia vê-la e encontrá-la de qualquer maneira.

Nerthus lhe tinha falado da escuridão de Loki, pelo que supunha estar em sua mente, e de quão difícil era sair dali depois. Todos que a tocaram um dia se banharam em águas negras e sujas. Já não saíam dali sendo os mesmos, e suas almas teriam outra cor. Mas quem não arriscava, não podia ganhar.

Por isso, Thor se concentrou na mente de Loki, e permitiu que todas as vozes de seus monstros, ininteligíveis e pouco harmônicas o avassalassem: permitiu que as vozes dos mortos e de seus elfos da escuridão entrassem nele. E deixou que os gritos dos jotuns penetrassem em sua cabeça, tal e como Thor os ouvia. Era algo louco e estridente, insuportável. Mas pior e mais nauseante era tocar a mente suja e putrefata do jotun.

Vislumbrou o momento exato que Loki ficava imóvel ao perceber aquela inundação incessante de vozes e percebeu sua mesma dor de cabeça, a sensação de pressão nas têmporas e a tensão nos olhos. Agora, ambos estavam conectados.

O Vigarista o olhou assombrado e franziu o cenho ante a impossibilidade de não poder avançar a ponta de sua lança contra a tenra carne da vaniria.

Thor o impedia. Tentava controlá-lo mentalmente.

Nesse momento, o celta imortal de olhos lilás correu até Daimhin, enquanto imobilizava com sua mente momentaneamente a Loki. Quando chegou até ela, tirou o capacete. O Vigarista continuava olhando-o descrente, como se aquilo não fosse possível.

Daimhin, que tinha os olhos cheios de lágrimas e já não aguentava com sua alma devastada pelas contínuas perdas que

tinha sido testemunha, observou Thor com o rosto pálido e seus lábios trêmulos.

— Mataram a todos — sussurrou Daimhin.

— Sei — lhe disse Thor, fazendo soberanos esforços em manter Loki naquela posição. — Mas tem que reagir. Voe. Voe alto, Daimhin — pediu, colocando o capacete por fim sobre a cabeça dela. — Nerthus me deu isto para você...

— Steven morreu — disse, ainda fora de si. — Já não o sinto. Meu irmão. Minhas irmãs. Meus pais... Steven — repetiu. — Partiram. Já não voltarão. Como vou viver sem eles?

— Ei, barda — Thor a segurou rosto para que se concentrasse nele... — É filha de Gwyn e de Beatha. Eles eram honoráveis e valentes como você. Todos perdemos. Todos — lhe recordou. — Mas você tem a possibilidade de cumprir seu destino e mudar o do restante. Não sei como se faz... Somente você sabe. Assim, saia daqui, se eleve sobre todos, e leia sem medo, porque enquanto possuir este capacete, será Invencível. Invulnerável. Imortal como os vínculos que todos os que demos a cara pela vida e pelo bem temos. Vamos, vá! Leia em nome de todos! — exigiu. — Mude as coisas! — Thor fechou os olhos com força ao sentir o ataque do Deus e experimentar o modo em que o absorvia e o fazia partícipe das coisas mais horríveis.

Daimhin assentiu nervosa, e com o capacete de rubis vermelhos nas laterais, o moicano avermelhado romano e os chifres afiados e curvados, a vaniria fixou os olhos frágeis além daquelas nuvens negras e infranqueáveis.

E saiu depressa como uma bala, para ler aquilo que já tinha sido escrito.

Quando Daimhin desapareceu, Thor se virou e olhou para Loki. O Trickster tinha um tic no olho, seu olhar se enegreceu por completo, e de repente, soltou um grito de raiva que nada tinha que invejar ao das valkyrias. Ecoou em toda a planície, e avivou a onda gigantesca que varreria a todos em menos de um minuto, e que provocava o tremor e o murmúrio maquiavélico da terra.

Esse grito serviu para afastar a mente de Thor dele. E ao romper o contato, Loki aproveitou para ser ele o invasor na mente do vanirio.

— Vou destruí-lo, filho da puta — disse o Deus. — Vou fazer que morra sem coragem, sem lembranças, sem nada... — elevou sua mão e o paralisou.

Thor não tinha medo da morte. Não temia a nada. Tinha dado tudo. Tinha amado com tudo. O que fosse que Loki lhe fizesse, já não valia a pena.

Por isso sorriu.

Estava acostumado a que jogassem com sua cabeça e suas lembranças, teve muito disso em Shipka, e por mais que Loki o fizesse acreditar que Jade não o amava, que não sentia nada por ele, que por sua culpa ele a tomaria e a violaria e depois comeria seu coração, Thor sabia diferenciar o que era pensar de sentir, e nada, nada poderia lhe tirar a emoção que experimentava ao ver Jade, ali curvada sobre Daanna, querendo protegê-la da nuvem de elfos escuros que iam disparar um bando de setas negras contra elas. Nada poderia mudar o que sentia ao vê-la, nem o fazer acreditar que no coração dessa mulher não havia amor. Porque o havia a torrentes. Porque tinha que estar cheia disso para dar sua vida por outra pessoa. Assim, não importou que Loki o fizesse ficar de joelhos, porque seu espírito seguia inquebrável, de pé, e seu orgulho olhava para o alto, onde Daimhin tinha que ler.

Nem tampouco importou que o Vigarista, movendo seus dedos e retorcendo-os como em um punho, em um giro atroz e perverso, obrigasse-o a introduzir ele mesmo a mão no peito e a arrancar seu próprio coração.

Porque enquanto isso acontecia, Thor MacCallister tinha as lembranças bem guardadas, e estava imaginando-se em sua aldeia na Caledonia, rodeado de seus amigos, de sua mulher e de uma menina de olhos lilás que tinha a beleza de sua mãe e todo seu caráter valente.

Uma menina que sorria de orelha a orelha e o abraçava com todo o carinho que só se experimentava entre pais e filhas.

—Aileen? —Thor moveu os lábios para pronunciar o nome de sua filha híbrida, a quem recordava fugazmente e de maneira surpreendente, antes de cruzar a porta do além.

E isso não o fazia ele.

Era Jade quem, segurando o ventre de Daanna, recordava a sua pequena por fim. Era ela quem fazia possível o impossível.

E foi Jade quem lhe deu a melhor despedida de todas. A que o fazia completo.

Seu peito doía como se lhe acabassem de arrancar o coração. Jade elevou o rosto e fixou seus olhos esmeralda naquela inundação de flechas negras que atravessariam seu corpo e o da *velge*, sem piedade, sem contemplação, e sem respeito pela vida.

Daanna estava em silêncio, olhando o mesmo que ela, no chão, imóvel, porque a flecha lhe tinha entrado pela parte traseira do rim e acabou cravando na parte inferior da coluna, entre as lombares. Não podia mover as pernas.

As duas mulheres ficaram de mãos dadas, e foi Jade quem, emocionada, pousou sua mão livre sobre seu ventre de grávida.

“Não esteja triste, Jade. Fecha os olhos”.

A berserker os abriu de repente e dirigiu seus olhos a Daanna. A vaniria assentiu, e com os olhos lhe recomendou que a obedecesse.

— Faça — sussurrou Daanna.

— É seu filho o que fala? — perguntou impressionada.

— Sim. Meu pequeno Aodhan... — disse Daanna, orgulhosa, pousando sua mão sobre a de Jade.

“Fecha os olhos e se abra, Jade. Pensa em Aileen. O sangue chama o sangue. Há corações que pulsam ao mesmo ritmo”.

Ela não sabia nem o que pensar, nem sequer se ia ter a paciência de fazer isso quando milhares de flechas estavam a caminho.

Mas, de repente, Jade experimentou a sensação de ter estado grávida. De ter tido vida, como a tinha Daanna. Os olhos se

encheram de lágrimas, e apesar de que estavam fechados, as lágrimas brotaram entre seus cílios. Era incrível. Mágico. Emotivo.

De repente, recordava aquele momento. Recordava Thor com ela, segurando sua mão, animando-a a que empurrasse. Ele se encarregou de tudo. Foi difícil, complicado... Mas ambos conseguiram com ajuda de seus amigos dos Bálcãs. Todos estiveram ali quando ela deu à luz e presenciaram o milagre da criação de um híbrido.

E então, o orgulhoso Thor pousou seu bebê sobre seu peito. Tinha uns olhos azuis impressionantes, vivos e puros. Uma covinha no queixo, como seus pais, e um arbusto de cabelo negro igual a eles. Ninguém poderia dizer que não era sua filha.

— Aileen — sussurrou Jade, levando a mão à boca, sem deixar de estar em contato com a barriga da Daanna... — Deuses... Minha menina.

Recordou-a. Recordou tudo dela.

Aodhan lhe estava dando a possibilidade de ver sua filha antes de morrer, de conectá-la com sua memória e avivá-la em sua lembrança. E permitiu que Thor também visse o mesmo.

Mas então, Jade sentiu o momento no que o coração de seu companheiro deixou de pulsar.

Não quis olhar. Não quis vê-lo. Não ia lembrar dele assim. Não podia... Loki o tinha matado e ela não podia continuar sem ele. Sem Thor.

“Tem que dar uma mensagem. Depressa”, apressou-a Aodhan, inquieto.

— Uma mensagem? A quem?

“Não há maior vínculo nem maior sentimento que o amor, Jade”, assegurou o pequeno. “É o único que cria pontes e abre caminhos. Deixa uma mensagem para a Aileen. Eu a encontrarei e farei que te escute”.

— O quê?

“É minha tia — continuou. — Caleb McKenna tem o mesmo sangue que minha mãe, o mesmo que eu, e posso conectar com eles agora. Não há vínculo mais forte que o que se cria entre uma mãe e um filho. Aproveitemos”.

Jade não pensou duas vezes. Tinha Loki elevando o Laeviatann detrás da Daanna. As flechas caíam em uns segundos.

A berserker fechou os olhos e pensou em Aileen. Imaginou que Thor estava ali com ela, tentando lhe falar, lutando por escutá-la. Quis acreditar que continuava vivo, porque assim era mais feliz, e se deixava uma mensagem a Aileen, queria que a sentisse bem, não abatida e cansada.

“Minha pequena Aileen. Esteja onde estiver, só quero que saiba que seu pai e eu a amamos com todo nosso coração. Quisera poder te abraçar de novo e ver a esplêndida mulher que todos dizem que é. Quisera poder viver para fazer isso. *Is caoumh lium the, mo chailín. I mo chroid go deo.* Amo você, minha menina. Para sempre em meu coração”.

De repente, a lança de Loki atravessou o peito de Daanna. Matando-a no ato.

— Morre! Morram todos! — exclamou Loki.

“Não deixe de pensar na Aileen!”, ordenou-lhe Aodhan com a voz desesperada, afetada pelo que acabava de acontecer à sua mãe. Mas ele continuava vivo em seu interior.

E nesse instante, um raio de luz emergente do ventre da Escolhida atravessou o céu e penetrou entre as nuvens.

Jade não se moveu do lugar. Nem deixou de recordar a sua filha, cujo nome significava luz. Toda a que faltava ao Vigarista.

Com elegância e bravura, Jade esperou que chegasse sua vez, contemplando Loki, um ser covarde e abusador que acreditava que tinha ganho.

Mas ninguém ganhava em uma guerra. Todos perdiam. Inclusive ele.

Daimhin levitava entre as nuvens, rodeada pelos vampiros, os espectros e os jotuns. Segurava o livro de Bryn, a Selvagem, que em realidade era um decreto de criação da Deusa Vanir, entre suas trêmulas mãos.

Olhou à frente, à noite que desaparecia e que, além da destruição e da morte, continuava dando lugar ao dia. Ia a lua, e

chegava o sol. E se o sol ainda iluminava, havia esperança para que banhasse de luz aquele Inferno.

A barda, sentindo-se protegida, forte, poderosa, mas muito sozinha, decidiu que leria com a intenção e com todo o amor que tinha recolhido de todos os que tinham morrido. E tinham sido todos. Nem um continuava em pé.

Tomou ar e decidiu que já não havia nada a perder.

— Quando a noite mais escura chegou ao Midgard, quando Loki e seus filhos estenderam seus tentáculos, quando só restava um suspiro de vida ao Mundo Médio, a ponte arco-íris Bifrost ardeu de raiva e se refletiu no céu. E ali, todos, vivos e mortos, viram como se abria uma porta estelar. A porta pela qual os deuses viajam para retornar para casa. A porta que cruzarão para proteger a todos seus filhos. O que leio se fará realidade. Assim será.

Surpreendida pelo silêncio que veio a seguir, Daimhin deixou de ler, e contemplou aflita como suas palavras se tornavam reais.

No céu que só ela via, pois estava acima das nuvens, criou-se um raio fixo, estelar, colorido, extremamente resplandecente, que vinha de algum lugar da galáxia. E que parecia iluminado pelo sol que subia do horizonte, alheio ao feito de que já não restavam dias para iluminar.

Daimhin engoliu em seco e meio que sorriu, encantada.

Seria verdade que os deuses viriam? Era aquele a ponte Bifröst?

Sem perder um segundo mais, decidiu continuar com o que tinha escrito no livro.

— Quando no Midgard já não restava amor nem corações pelos que lutar, quando Loki ia aniquilar a última vida plausível, foi então quando o vínculo mais perene e imortal abriu outra passarela às estrelas, uma via para que todos aqueles que permaneciam perdidos e presos retornassem ao Midgard para recuperar o que lhes pertencia, para proteger o que mais amavam e a defender o que consideravam justo. O que leio se fará realidade — repetiu com voz trêmula. — Assim será — assegurou com convicção.

Então, de entre as espessas nuvens, um raio que vinha daquela planície de desolação e dispêndio as atravessou com força e decisão para iluminar outra parte do firmamento.

Aí se criou um buraco que brilhava como um diamante, como se escavassem a galáxia para que desse orifício saíssem todas as estrelas fugazes.

VII

**Em algum lugar dos Nove Mundos.
Hringhorni**

Aileen acariciava a adaga keltoi que foi a ela foi legada.

Passava os dedos pela lâmina em que tinha escrito *An duinne doch* "o homem da noite", em gaélico. Era de seu pai, Thor.

Do homem que lhe deu a vida, que cantava canções de ninar quando pequena, enquanto a embalava e a balançava entre seus braços. Aileen recordava a voz terna e sussurante de seu pai em seu ouvido, quando ela dormia aconchegada com a bochecha apoiada em seu ombro. O encantava fazê-la dormir.

E sua mãe, sua mãe Jade, era a dos amanheceres brincalhões e as risadas. Os abraços e os carinhos, acompanhados de "minha menina" e "te amo".

Sempre sentiu falta deles, e mais agora, quando já não restava nada.

Estar naquele navio, com todas as almas desses guerreiros aos que Hela tinha extraviado e ainda por cima navegar sem rumo, não a deixava de bom humor.

Caleb tampouco se encontrava melhor, pois sabia que no Midgard sua irmã estava arriscando a vida, que poderia morrer a qualquer momento, e que ele não estaria a seu lado para socorrê-la. Sim, estaria com Menw, mas Caleb sempre tinha sido superprotetor com todos, e ele sempre precisou estar lá, defendendo aos seus.

A híbrida fixou seus olhos lilás no horizonte e pensou que o mais emocionante e heroico que fariam, com muita sorte, seria encontrar outro farol cheio de almas perdidas como as que já tinham recolhido. E isso a deprimia. Porque não podia imaginar Ruth e Gabriel lutando contra o mal sem ela ao lado. Era injusto. Injusto que Ás e Maria tivessem entregado sua vida para que eles fizessem uma regata marítima em um universo perdido e afastado dos Nove Mundos.

Que sentido tinha tudo aquilo? Parecia ridículo.

Mas, de repente, sentiu que a nuca arrepiava e que o coração saltava um batimento do coração. Franziu o cenho e olhou para trás. Sentada na proa, como estava, imaginava que só veria mar e névoa, e nada mais.

— O que está acontecendo? — perguntou Caleb a seu lado, ao perceber sua inquietação.

Aileen franziu o cenho e esfregou a nuca.

— Não sei — deu uma volta sobre si mesma, olhando todos os lados. Ergueu-se de um salto, e isso chamou a atenção de todos os espectros, que a seguiram com os olhos. — Não tenho certeza. Sinto algo...

— O quê? — Caleb parecia tão intrigado quanto ela.

Aileen levou o indicador aos lábios e o fez calar. Depois aguçou o ouvido, e deixou de piscar.

“Aileen...”.

A morena de olhos lilás não ousou sequer respirar e ficou paralisada. Uma onda de sentimentos a percorreu dos pés à cabeça e secou sua garganta.

— Não pode ser... — murmurou em voz baixa.

“Deuses... Minha menina...”.

Seus olhos se umedeceram e não puderam conter as lágrimas. Levou a mão ao coração e olhou para Caleb sem compreender nada.

— Caleb.

— Fale, meu bem.

— Parecerá uma loucura, mas estou ouvindo a voz de minha mãe. É... É a voz de minha mãe...

— O que diz? Eu não ouço nada...

Ela o agarrou pelos braços e o sacudiu levemente.

— Digo que é a voz de minha mãe!

Aileen sentiu por onde vinha o chamado, e olhou para sua direita. No horizonte, sobre o mar calmo e sem vida, apareceu uma luz que, ao princípio, tinha a aparência de uma estrela, mas depois, fez-se cada vez maior.

— Ali! Ali! — apontou, dando saltos como uma louca.

Cahal, Miz, Nanna e Noah saíram da cabine como um raio, alertados pelos gritos de Aileen.

— Vem dali! A voz de minha mãe vem dali! Dessa luz!

Os olhos amarelos de Noah se transformaram em uma linha muito fina, tentando ver o que via a híbrida.

— Minha amiga Jade morreu, Aileen — disse Noah com suavidade, sem pretender ser muito ofensivo. Ali, nesse navio, poderiam se tornar completamente loucos ante a solidão e o aborrecimento. Convinha que mantivessem a serenidade e a razão. Entretanto, ele podia sentir a surpresa e a emoção de Aileen como se fosse real.

— É que só eu vejo? Só eu vejo essa luz? — quis saber Aileen, desesperada.

— Que luz? — disseram Nanna e Noah de uma vez.

"Minha pequena Aileen. Esteja onde estiver, só quero que saiba que seu pai e eu a amamos com todo nosso coração. Quisera poder te abraçar de novo e ver a esplêndida mulher que todos dizem que é. Quisera poder viver para fazer isso. Is caoumh lium the, mo chailín. I mo chroid go deo. Amo você, minha menina. Para sempre em meu coração".

— Por Deus! — exclamou Aileen consternada, com vontade de saltar da nau de Noah e nadar através desse manso mar até a luz. — A estou escutando agora! Vejo a luz! — correu até plantar-se diante de Noah e lhe exigir que movesse o navio até ali. — Está ali!

— Eu também vejo a luz — disse Cahal de repente.

— E eu — confirmou Miz, sorrindo Aileen.

Nanna não dava crédito, e ansiosa como era, procurava por toda parte.

— Temo que vejo menos que uma toupeira — disse simplesmente, entrecerrando as pálpebras. — Por que vocês três a veem e outros não? — perguntou surpresa.

— Vejo-a porque Cahal a vê, e compartilha seu dom comigo — explicou a cientista loira. — E se Cahal a vê, é porque é um portal de ormes, de energia luminosa. Está abrindo uma porta. Está criando uma ponte pela qual podemos viajar com a ajuda do druida.

Cahal afirmou categoricamente. Ele podia fazer que todos viajassem através dos *ormes* e que não se desintegrassem na tentativa. Era o *magiker*, e seu dom se apoiava em manipular a matéria.

— Por isso está aqui — sussurrou Miz, olhando-o maravilhado. — Não há nada ao azar. É... É incrível. Por isso Aileen está aqui. Por isso recolhemos a todos os guerreiros... É porque somos o gancho, e vamos voltar — pôs sua cara de física quântica e depois entrelaçou os dedos com os de Cahal.

—Terá que ir até ali. Mova a maldita nau até essa luz, Noah — imperou, Aileen emocionada. — Algo acontece. Minha mãe está falando comigo.

Caleb se colocou ao lado de Noah, e ambos, sem mediar palavra, entraram de novo até a central da nau, onde havia aquele imenso espelho exterior que dava ao Midgard. Foi então quando viram. Não só havia um portal ativo. Dois se abriram de repente.

Noah e Caleb olharam um ao outro, com surpresa, mas também com renovadas esperanças.

Dois.

— Guie o navio até a luz que diz minha mulher — pediu Caleb, lhe dando uma palmada de apoio nas costas.

— Prepare a todos, presas — ordenou Noah com o olhar fixo cheio de firmeza e vontade na tela. — Vamos retornar.

Caleb sorriu e assentiu com orgulho. Lá fora, Miz explicava como era o portal que se abria no horizonte, e Aileen se segurava ao corrimão metálico da imponente nau, com todo o corpo para frente e os olhos lilás cheios de determinação. De repente, levantou-se uma tempestade de neve de um nada que agitou seu longo cabelo negro de um lado a outro. E Aileen escutou pela primeira vez a voz do bebê que todos venerariam em um futuro.

“Voltem. Agora. Voltem”.

— Ouço Aodhan — balbuciou. — Ouço o Aodhan! — repetiu, procurando Caleb com os olhos.

Mas, desta vez, o vanirio do clã keltoi, que tinha substituído o líder natural Thor MacCallister, refletia uma expressão estranha e coibida no rosto, preso entre a emoção e a ansiedade.

— Eu também o ouço, *mo ghraidh*.

Seu sobrinho se comunicava com os dois. Falava ao mesmo tempo com eles.

— Se prepare! — gritou Caleb aos espíritos dos guerreiros traídos. — Chegou o momento de vingar nosso destino! — elevou o punho.

Os guerreiros gritaram em uníssono, sem nada que invejar dos espartanos.

Cahal localizou suas mãos na estrutura externa da nau. Miz se abraçou a ele pelas costas. E, enquanto se aproximavam do túnel luminoso, o impressionante navio que Noah liderava, o Deus da Luz, mudou seu estado uniforme a um mais difuso, onde os átomos vibravam e se desmaterializavam. Onde, o que era, deixava de ser.

Vibrando de igual maneira, Caleb rodeou Aileen pelas costas e lhe disse ao ouvido:

— Estamos de volta. Segure-se a mim.

Ela se abraçou a ele, sem deixar de olhar o túnel de luz através do qual viajavam ao Reino Médio para reencontrar-se com seus amigos, lutar ao lado deles, e averiguar por que sua mãe lhe falava de entre os mortos.

— *Is caoumh lium the, mammaidh. I mo chroid go deo.* Amo você, mamãe. Para sempre em meu coração.

Asgard.

Víngolf. Palácio dos einherjars e das valkyrias

Ao lado do Valhalla residia o Vingolf, pousado sobre a vasta planície do Idavöllr.

Ali, sobre a planície interminável, Freyja e Odin tinham convocado a todos seus séquitos para que estivessem preparados e dispostos a morrer por sua causa.

Aquele era um palácio onde valkyrias e einherjars conviviam, onde todos haviam sido humanos recolhidos mortos da Terra, para serem convertidos em imortais guerreiros do céu.

A razão principal pela qual Odin e Freyja haviam transformado a tamanho exército, era precisamente para defender seus ideais e seus mundos do ataque de Loki e seus jotuns.

E esse dia tinha chegado.

Em fila, os milhares de guerreiros imortais, einherjars de todas as épocas, acompanhados por uma quantidade similar de valkyrias, esperavam o discurso de seus deuses.

Os dois exércitos fizeram um corredor para que seus superiores passassem através deles.

As valkyrias vestiam-se como amazonas, com diademas pousadas sobre suas cabeças, em cujos lados haviam duas asas douradas e brilhantes. Pintaram o rosto com máscaras negras que cobriam seus olhos, e linhas que maquiavam e aguerriam suas feições. Permaneciam sérias, tanto como podiam estar, ante a possibilidade de perder tudo que possuíam. Seus longos e pesados cabelos exibiam-se soltos e brilhantes sobre suas costas tatuadas. Um espartilho metálico as protegeria pela frente, mas por trás estavam descobertas, para que suas asas similares às dos falcões, grandes, elétricas e intimidantes, pudessem estender-se com total liberdade.

Usavam macacões curtos e justos, botas de couro com ornamentos de titânio, ombreiras metálicas e bicudas, coloridas: vermelhos, negros, prateados e dourados. Era um espetáculo vê-las alinhadas, mostrando seus corpos esculturais, com a ponta de seus arcos repousando no chão da campina, segurando-os como bastões.

Os einherjars davam o mesmo medo e a mesma impressão. Uns olhavam os outros, não como inimigos, mas sim como companheiros de batalha. Havia guerreiros de todos os tempos, desde romanos, vikings, persas, samurais, celtas... de todos os lugares e todas as épocas. Muitos deles já não recordavam como era a vida no Midgard, mas todos e cada um deles recordavam às mães humanas que lhes deram à luz. E esse amor era imperecível e indelével. Por isso, se desciam, fariam-no com a memória cheia dessa melancolia e esse amor. Porque não havia melhor modo de lutar pela Terra e a humanidade que recordar os sentimentos e os valores que ali nasciam e inculcavam. Porque na Terra havia muita maldade. Muitíssima. Mas também havia lampejos de verdadeiro amor.

Os einherjars vestiam-se como se fossem espartanos. Com aqueles *slips* negras com protetores, as botas de cano alto e metálicas com tachas bicudas no solado. Cintos de couro pele e cristal inquebrável se cruzavam sobre seus peitos musculosos e nus. E usavam ombreiras prateadas e douradas, compostas do metal que os anões criavam. Do mesmo modo, suas costas estavam expostas para que suas asas também pudessem abrir-se e sulcar os céus junto às suas companheiras de batalha.

Seguravam em suas mãos lanças de elegantes formas e pontas extremamente afiadas. Algumas de uma seta de ferro, outras de duas, inclusive de três. Algumas com serra, e as outras lisas.

E presa com um arnês de couro, exibiam uma espada gravada e criada por Odin que lhes saía por detrás dos ombros, como se o cabo quisesse repousar detrás de suas cabeças.

O silêncio era quase atroz. Ali, nem sequer se movia uma alma.

Atrás deles, como se tratassem de cavalos ou peões, encontravam-se os nibelungos, a raça de anões, muitos deles criadores de armas e de artefatos especiais, que sim tinham decidido brigar. Apenas os via a cabeça, já que tinham todo o corpo coberto por uma tosca armadura prateada e negra. Carregavam martelos e espadas, e seus capacetes eram redondos e lisos, com o símbolo de Odin gravado nas laterais.

E rodeando a todos, como torres, encontravam-se os elfos da luz, com aqueles trajes simples e ergonômicos, de cor negra e dourada. Seus cabelos loiros presos em intrincados penteados, e seus olhos azuis claros olhando à frente, em sinal de reverência. Eram os mais respeitosos e silenciosos de todos.

Então, as dadivosas portas do palácio Vingolf, altas e inacessíveis, pesadas e robustas, cheias de gravuras e ornamentos de ouro e diamantes, abriram-se de par em par.

Os dois exércitos ficaram eretos, e o som de suas armaduras ressoou em todo o Valhalla.

Frente a eles começaram a desfilar todos os deuses que iam à guerra por vontade própria, porque alguns, como Frigg, não o

fariam. Preferiam ficar atrás dos muros de seus reinos e defender como pudessem o seu. Ninguém pensava em analisar se era um ato de covardia, porque todos deviam ser livres de tomar suas decisões.

Mas Odin, principalmente, nunca admitiria que a decisão de Frigg de não descer com ele o tinha liberado, mas também decepcionado.

O primeiro em desfilar foi Heimdal, cuja trombeta Gjallarhorn, presente de Odin, pendia de seu pescoço, embora duvidasse que alguma vez o usasse de verdade. Seu cabelo ruivo estava preso em um rabo de cavalo alto, e vestia-se como um einherjar, como todos os deuses que desfilavam. Ele era filho de Odin, e nasceu de nove gigantes que o alimentaram com o sangue de um javali. Nunca falava. Só escutava as vozes dos reinos e observava os mundos. Ele decidia quem entrava em Asgard e quem não o faria. Era o guardião de Bifröst, dessa ponte destruída pelo qual ninguém poderia descer.

Depois chegou Frey, o irmão de Freyja, cuja espada da Vitória lutava sozinha e era altamente mortal. Frey era quase tão belo quanto sua irmã, e também era adorado pelos elfos. De fato, ele vivia no Alfheim com eles. Apareceu sobre um cavalo totalmente negro, com a crina branca e uns protetores na cabeça que lhe faziam parecer um touro. Era um puro sangue mágico que esquivava todos os obstáculos. Transpassava paredes, mares, tudo o que existia e por existir.

Em seguida chegou Thor, filho de Odin, Deus das Tormentas, do Trovão e do Clima. Com o Mjölner em sua mão, um presente dos anões Sindri e Brokk, caminhava sério, olhando à frente, com sua capa vermelha ondeando atrás dele e sua barba trançada. No abismo de seus olhos azuis aparecia a raiva por uma perda. A de Gúnnr.

Freyja e Odin, que desfilariam atrás dele, sabiam. Sabiam da fúria que atravessava a alma brava do Deus. E também de sua impotência, por não ter podido fazer nada para evitá-la. Era horrível e frustrante para um guerreiro como ele, dar-se conta de que não

podia batalhar onde mais precisavam dele. Onde sua filha o necessitava. Por isso, Thor mataria com mais raiva que nunca.

Quando chegou a vez de Odin e de Freyja, que percorreram o longo corredor ao mesmo tempo, os dois o fizeram sobre seus animais. Freyja montava sobre seu gato branco com listras negras, seus bichanos que se confundiam com tigres de bengala. Levava uma cadeira metálica vermelha sobre seu lombo e a sela era negra e acolchoada. A deusa cobria sua cabeça com seu capacete de batalha alado, e levava às suas costas uma lança com dupla lâmina nos dois lados. Ela era deusa, feiticeira, mulher e valkyria, e sem dúvida, era a que mais respeito e poder inspirava no panteão. A única deusa que lutaria junto as suas valkyrias, dísir menores. A única que daria tudo de si mesma, como tinha feito sua mãe.

Ainda exibia os olhos tristes, mas ao menos já não sangravam. Já não chorava.

O único que queria era sair dali para vingá-la, ou, deixar que Loki entrasse em Asgard para poder destruí-lo. Mas precisava bater e procurar algum confronto para deixar ir toda essa dor.

Quando os guerreiros a viram, acompanhada por Odin, que parecia um einherjar mais se não fosse porque toda sua roupa constava de metal e couro negro, combinando com seu tapa-olho, inclusive sua capa, que repousava sobre o lombo branco de seu cavalo cinza, chamado Sleipnir, tanto valkyrias como einherjars começaram a golpear o chão com suas armas.

Sleipnir era o mais veloz de todos, inclusive mais que o cavalo da General. Podia viajar de ponta a ponta do horizonte, impulsionado pelos ventos dos pontos cardeais, e também podia ir até o Helheim, a terra dos mortos, e voltar. Além disso, tinha runas gravadas em seus dentes e sua história havia trazido muitas consequências graves a Asgard, mais ainda ao saber que tinha sido um presente de Loki, antes de suas maldades e de que fosse banido.

O ritmo que os guerreiros punham a seus golpes fez retumbar o Valhalla.

E então, quando o casal de deuses se posicionou ao lado daqueles que sim os acompanhariam na batalha, Odin elevou o

braço para que lhe prestassem atenção. Controlando em todo momento Sleipnir, dispôs-se a lhes falar:

— Meus filhos sofreram uma dolorosa derrota. Mas não há vergonha na batalha, porque eles deram tudo, inclusive quando sabiam que iam perder. Loki e seu séquito abusou do seu poder, e castigou duramente o Midgard. Breve se abrirá uma porta neste reino. Loki a abrirá assim que destruir o Reino Médio e virá aqui com seu interminável exército de jotuns para infligir o mesmo castigo. As profecias falaram claro, e se este deve ser nosso destino, então — elevou o queixo e olhou para Freyja de soslaio — que assim seja. Mas nós escolhemos como queremos cair. Esta é nossa última batalha —assegurou olhando a cada um deles. — Por Asgard! — rugiu elevando Gungnir por cima de sua cabeça.

Foi então a vez de Freyja, que desafiante como era, fez seu enorme gato andar diante dos einherjars e de suas amazonas lançadoras de raios. Nos olhos de homens e mulheres, ficava muito claro o magnetismo que exercia sobre todos os que a olhavam. Não sabia muito bem o que ia dizer, mas tinha claro o que queria transmitir.

— Na Terra se perderam muitas coisas. Estão se perdendo ainda. Minha mãe, Nerthus, me ensinou que devia acreditar até o último momento, e que se as coisas não vinham como eu queria, que fizesse o possível para modificar sua direção e atraí-las até o lugar que eu desejava. Disse-me que nem todos tínhamos que aceitar o destino como nos vinha, que não fosse conformista. Mas desta vez — sua voz se tingiu de melancolia — não me restou outra. Todos ouviram meu grito de dor — assumiu com uma sinceridade espantosa. — É o que se sente quando arrebatam a uma mãe — explicou sem baixar a cabeça. — E desejaria fazer o luto que ela merece e lamber minhas feridas. Mas não há tempo para isso. Vocês também perderam pessoas que amavam. Os einherjars perderam a seus companheiros Ardam das Highlands, a Engel, a Teo, William... — os guerreiros assentiram, concentrados. — Minhas valkyrias perderam também a suas irmãs — se virou para olhá-las de frente, insistindo a seu felino que caminhasse lentamente. Ninguém ousaria tocar a esses gatos, pois sabiam que

eram terrivelmente ariscos. — Perderam a Nanna, Gunny — desviou o olhar para Prúdr, filha de Thor, e ao próprio Thor, que agachou a cabeça, pois não queria que ninguém visse sua aflição, — a nossa querida Róta, e a minha adorada General. Elas se sacrificaram para dar um tempo de vida de incalculável valor a esse planeta e a seus guerreiros. Fizeram a *Farvel Furie* mais apoteótica que lembro e deveriam se sentir tão orgulhosos delas como eu me sinto. Os elfos da luz também perderam seus primos: os *elver*, aos *huldre elver*, as *alfkamp*... Todos morreram — sentenciou. — Todos perdemos e de todos tiraram algo. Assim, que lhes peço que agora gritem como eu fiz em nome deles. E que se preparem para lançar suas armas contra eles com a inclemência que eles mostraram contra os nossos. Talvez percamos — reconheceu Freyja, — e se isso acontecer, não sabemos o que acontecerá a nós, mas devemos fazer o possível para não nos ajoelhar ante Loki. Eu não vou fazer isso. Quero os ouvir bem forte! — clamou, elevando o rosto valente para o céu.

Todos soltaram um grito ensurdecador, como se entrassem em um frenesi louco e selvagem, se animando e estimulando uns aos outros. Era a ira e a fúria dos que precisavam ir enfrentar a morte. Diriam adeus sem medo e com a bravura dos que já não tinham nada a perder.

Mas, de repente, no ponto culminante daquele avivamento, uma faísca elétrica percorreu a planície de Idavöllr.

Então, no céu, formou-se uma espiral luminosa, formada por centenas de estrelas.

De repente, Heimdal se elevou entre todos os deuses, com o Gjallarhorn entre suas mãos, e os olhos azuis hipnotizados por aquele túnel que adquiria maior luminosidade a cada segundo. Como se seus movimentos estivessem programados como os de um robô.

A Deusa franziu o cenho, ficando em guarda. Mas aquela não parecia uma porta aberta pela escuridão. Mas bem o contrário. Então, Freyja e todos os deuses escutaram através desse túnel a voz da barda, e ficaram paralisados.

"Quando a noite mais escura chegou ao Midgard, quando Loki e seus filhos estenderam seus tentáculos, quando só restava um suspiro de vida ao Mundo Médio, a ponte arco-íris Bifrost ardeu de raiva e se refletiu no céu. E ali, todos, vivos e mortos, viram como se abria uma porta estelar. A porta pela qual os deuses viajam para retornar para casa. A porta que cruzarão para proteger a todos seus filhos. O que leio se fará realidade. Assim será".

Freyja tomou ar pela boca, emocionada por ouvir aquela voz tão doce e pura. Era a barda. E estava lendo. Os olhos se encheram de emoção e de determinação, refletindo em seu olhar a decisão de entregar tudo por uma causa.

Odin sorriu por debaixo de sua barba e olhou feliz e orgulhoso para Freyja. Se aquilo estava acontecendo de verdade e não era uma brincadeira do Vigarista, queria dizer que suas fichas se moveram como eles esperavam, e que nada tinha sido em vão.

— É sua barda? — perguntou Odin, segurando as rédeas do Sleipnir, sem poder afastar o olhar da ponte que se abria em seu céu.

Freyja assentiu e sorriu satisfeita, como se lhe tivessem tirado um peso de suas costas. Ambos os deuses trocaram olhares de reconhecimento e admiração mútua, embora possivelmente nunca o admitiriam.

O Deus mudo e ruivo se localizou frente a Freyja e a Odin, e com uma energia inusitada, Heimdal tomou a trombeta entre suas mãos, liderando a todos os exércitos, e soprou com força.

O som da trombeta se converteu no aviso e o disparo de início que necessitavam todos os guerreiros para dirigir-se à ponte Bifröst, que renascia de suas cinzas, e viajar através dele.

Mas a Deusa Vanir e o Deus Aesir seriam os que encabeçariam aquela expedição à Terra. Por isso, ambos se adiantaram e esperaram que o buraco ficasse maior. A luz iluminou a todos, e um forte vento, como o que entrava em uma casa quando se abria a janela principal, açoitou suas cabeleiras, algumas presas e outras soltas.

A Asgard tinha chegado seu momento. E não iam defender-se. Iam atacar.

— Ouça, Frígida — advertiu Odin, localizando-se a seu lado. Os dois deuses loiros eram impressionantes um ao lado do outro. Qualquer um podia adivinhar que seu poder por solitário era descomunal, mas se decidiam agir um ao lado do outro, era exponencialmente demolidor. Loki não teria nada a fazer contra eles em igualdade de condições. Para Odin pareceu mais linda que nunca, quando seu rosto adquiriu o resplendor que emanava de Bifröst. Chamavam-na a Resplandecente por algo. Impressionado, ficou olhando uns segundos mais, como se aquela, e não outra, fosse a imagem que queria levar à tumba. Seu perfil de Vênus, suas maçãs do rosto altas, seus lábios rosados e macios, as covinhas que saíam quando sorria... E seu olhar tão felino quanto de seus animais. Era linda, maldição. — Que mais escreveu nesse livro fiado pelas nornas?

Freyja mordeu o lábio inferior inconscientemente, e ainda emocionada pelo que estava presenciando, que não era outra coisa que uma imensa porta à esperança e à continuidade da vida, respondeu:

— Escrevi meu próprio desenlace do Ragnarök. Minha própria profecia — lhe deixou um piscar de olhos para a lembrança. Tinha escrito tantas coisas... E todas serviam para reverter o que foi feito por Loki. Recordava o livro como se o tivesse tido ontem entre as mãos. Suas capas, o tato de suas folhas, inclusive a lenda vertical que tinha escrito em suas laterais, com uma invocação em *Futhark*. Era o novo livro da criação, O novo livro do Ragnarök. O único que valeria, e o único cujas palavras os deuses fariam valer de verdade. Tinham perdido muitíssimo. Agora chegava o momento de recuperar tudo aquilo que era dele. Depois acrescentou: — Descemos para lá, Caolho. Vai provar o *carpe diem* dos humanos em suas carnes.

— Temos o livre arbítrio? — quis saber com curiosidade.

Ela assentiu afirmativamente.

— O que vier, nós o escreveremos, viking. Tudo está por fazer.

Com aquelas palavras, Freyja se adiantou a Odin, correndo com seu gato, que possuía a velocidade de mil gazelas juntas, e com sua capa vermelha ondeando atrás dela e seu longo cabelo

loiro açoitando suas costas, dispôs-se a saltar até percorrer a ponte dos mundos.

Odin a seguiu, seguindo seu rastro, decidido a encontrar-se com Loki e matá-lo com suas próprias mãos, pois já não haveria perdão para ele. E, sobretudo, lutando ao lado da única Deusa que tinha decidido brigar a seu lado no Midgard. Só por isso, Odin sempre reconheceria que a Vanir tinha um valor fora do comum, e um senso da fidelidade excelso.

Com um meio sorriso, imitando o grito de guerra de Freyja, os deuses retomaram seu próprio caminho para descer ao Midgard. Um caminho que Daimhin guiava com sua voz, que elevava, mas que ainda faltava por escrever.

A Decadência dos Deuses ia se converter no renascer do Midgard.

Maravilhados pelo que a barda lia e eles escutavam com total clareza, todos os guerreiros tomaram a ponte que Bifröst estendia para defender seus valores e o que eles consideravam justo.

E, enquanto isso, a voz de Daimhin os guiava, alvoroçando-os e incitando-os a conseguir uma vitória espetacular.

"Quando no Midgard já não restava amor nem corações pelos quais lutar, quando Loki ia aniquilar a última vida plausível, foi então quando o vínculo mais perene e imortal abriu outra passarela às estrelas, uma via para que todos aqueles que permaneciam perdidos e presos retornassem ao Midgard para recuperar o que lhes pertencia, para proteger o que mais amavam e a defender o que consideravam justo. O que leio se fará realidade. Assim será".

VIII

Daimhin não era capaz de deter-se. Via aquelas duas janelas luminosas no céu, e seu coração se expandia ao vislumbrar a porta da esperança e da sobrevivência. Ali, sobre as nuvens, com o olhar fixo nas estrelas, e o capacete Invencível protegendo sua cabeça, não importava estar rodeada de jotuns. Não podiam se aproximar dela. Ninguém mais poderia machucá-la.

Com uma imensa alegria e sentindo-se forte, observou intrigada como aparecia a parte dianteira de uma nau enorme e intimidante. Fazia aparição, centímetro a centímetro, no firmamento, como o navio pirata do Peter Pan navegando os céus.

E pela ponte Arco-íris, viu emergir a um exército estelar interminável e numeroso, encabeçado pela mulher mais incrível que jamais tinha visto, e por um homem enorme e de olhar avassalador, embora só tivesse um olho. Ambos com capacetes pomposos, destinados a provocar medo a seus inimigos, correndo um ao lado do outro, como uma equipe perfeitamente compenetrada.

Lambeu os lábios, e continuou lendo aquela espécie de Bíblia da Nova Criação. Acariciou com a ponta do dedo a lenda em vertical que decorava as laterais das páginas e sorriu ao ler:

— “Pelo que disse a *vö/va* e do que Orlag falou, o mundo se esqueceu. A vida nos nove mundos nunca mais será escrita. Nunca

mais será lida, pois viveremos para contá-la. Que assim seja. Assim é. E assim será”.

E depois de ler aquele conto lateral, a barda continuou com seu livro.

— Da terra desapareceram os maremotos, os furacões, os tornados, as gretas, as explosões vulcânicas, os incêndios e a chuva ácida... E sua crosta se reconstruiu e se converteu em inquebrável. O Midgard curou suas feridas e retomou seu equilíbrio para ser semeado, em um futuro, com novas sementes e nova seiva” — Daimhin parou de ler quando deixou de ouvir aquele som incessante do mar agitado e o ruído das explosões dos gêiseres dos vulcões. O Midgard já não estremecia. Acaso a onda de água e fogo se deteve? De verdade a terra ia recompor-se por arte de magia? — Loki e seus jotuns já não puderam sair desse Reino nem dessa dimensão. As vias de fuga que pretenderam tomar se converteram em armadilhas mortais que os aproximavam de seu destino fatal. E foram caçados como cães pelos deuses Freyja e Odin, que clamavam vingança pelas afrontas sofridas. A perseguição seria feroz. E o corpo a corpo decidiu a morte. Já não fariam escravos nem prisioneiros. Ou viviam uns ou o faziam os outros, mas nunca de novo em uma mesma dimensão e tempo.

Isso só deixava claro uma coisa. Os deuses queriam guerra. Não queriam vencer somente por suas palavras. Procuravam o confronto com Loki. E isso os honrava, pois não abusavam daquela carta tão mágica e determinante para além de vencer sem fazer nada. O livro serviria para sanar feridas e devolver o equilíbrio perdido. Mas vencer os jotuns era a missão dos Vanir e dos Aesir, e de todos seus exércitos.

— Todos aqueles caídos na batalha final pelos ardis e as artimanhas de Loki e seus filhos... — os olhos da jovem se encheram de lágrimas e teve que deixar de ler. Não podia acreditar. — Todos aqueles caídos pelas mutretas e as artimanhas de Loki e seus filhos, reviveram em busca de uma segunda oportunidade, elevaram-se como almas renascidas, para lutar junto a seus companheiros e ser vencidos ou resultar ganhadores, mas, desta vez, com justiça e equanimidade. Pois na guerra não devia existir a

armadilha — soltou o ar entre seus brancos e retos dentes. — De verdade?... Steven? — disse, levando a mão ao coração. — Steven?! — gritou a pleno pulmão. Não escutou sua resposta, mas havia algo nela que a encheu de fé e lhe devolveu parte da vitalidade perdida, a mesma vitalidade que só podia lhe dar escutar o batimento de coração do seu companheiro. De senti-lo vivo. Entretanto, devia continuar lendo, e depois comprovaria se o que experimentava no centro do peito era verdade. — As almas dos humanos justos que tinham perdido a vida na destruição de seu mundo, foram transferidos ao caldeirão, onde, uma vez tenha terminado a batalha final, escolheria-se àquelas que sim deviam ser devolvidas ao Midgard. As crianças inocentes que pagaram os erros e a ignorância e cegueira dos pais se recolheram para fazê-los reviver em um futuro próximo e os deixar um legado que eles reconstruiriam. Os animais, os mais inocentes de todos, retornariam a essa realidade vivos e sadios, quando Loki e seus monstros já não existissem nesse plano. A fauna e a flora repovoariam o mundo que lhes tinha sido roubado. E o Deus do Sol retornaria para tomar seu legado, e provocaria uma abertura na noite mais escura para fazer chegar os raios de sua bondosa luz.

Daimhin fechou os olhos consternada, quando sentiu a esse raio sobre o que lia, iluminar seu rosto sulcado em lágrimas e orvalhar sua pele para fazê-la branca e brilhante. Só foi um raio. Somente um. Mas Daimhin nunca havia sentido a candura do astro da manhã sobre ela. E quando sentiu seu surpreendente calor, quis abraçar-se a ele. O capacete lhe permitia ser tocada pelo sol sem que a ferisse.

— Todos os guerreiros que lutavam em nome de Odin e de Freyja lutariam sob a luz do dia e da noite, e durante essa guerra, não teriam nenhuma debilidade. Seriam fortes, resistentes. Nem o sol os queimaria, nem a lua os esfriaria.

A vaniria se sentia eufórica pelo que suas palavras estavam criando. Estava-o conseguindo. Conseguia. Conseguia criar a realidade que lia.

— A enorme serpente Jormungander se decompôs ao dar-se conta de que tudo o que ela tinha destruído tornou a se unir. Seu abraço nunca seria mortal.

Os céus escuros e negros sobre os quais Daimhin estava, abriram-se parcialmente com o toque do raio solar, e uma serena claridade, parecida com a bruma dos sonhos, depositou-se sobre o campo de batalha.

— E nessa guerra se dariam os encontros esperados, e todos tomariam o lugar que lhes correspondia. Os espíritos capturados por Hela retornariam a seu plano e teriam a oportunidade de voltar para o ciclo de reencarnação, mas antes lutariam contra os espectros da filha de Loki — disse Daimhin, acariciando com a ponta dos dedos as últimas palavras daquela invocação. — Tinha chegado o momento de que a luz, por fim, tomasse a escuridão. Loki e os seus tinham uma sentença sobre suas cabeças, e os guerreiros Vanir e Aesir se asseguraram de que se cumprisse. Porque o Decadência nunca existiu, mas sim chegou um Novo Amanhecer. Passo a passo, os deuses cuidariam do mundo de seus filhos e ajudariam a sanar suas feridas e a apagar suas cicatrizes. E assim foi o verdadeiro Ragnarök. O que leio, se fará realidade — sorriu. — Assim será.

Quando Daimhin fechou o livro, decidiu que desceria de novo à planície repleta de jotuns para lutar e comprovar com seus próprios olhos se o que dizia o livro era verdade.

Entretanto, antes de fazê-lo, a guerreira loira e bela montada nos lombos do tigre de bengala, passou por seu lado e tomou o livro entre as mãos, voando como se o céu a fizesse livre e esse fosse seu lugar.

— Isto é meu — disse. Pousou a palma aberta sobre sua capa e o fez desaparecer. Acabava de fazer desaparecer aquele livro mágico. Sem mais.

A barda olhou nos olhos à mulher, que tinha um olhar prateado muito belo e ao mesmo tempo intimidante.

— Bom trabalho, barda — disse a mulher. — Me alegra ver que o capacete de minha mãe fica tão bem em você. Bem lido — a felicitou.

Daimhin levou a mão à lateral do capacete e roçou os brilhantes vermelhos.

As asas do capacete da deusa se moviam como as de um pássaro. Era incrível. Poderia voar com elas?

— Fre... Freyja? — perguntou Daimhin, estupefata. Nem em seus sonhos imaginou encontrar-se de frente com a deusa Vanir. Ela era um ser filho de humanos mudados pelos deuses, era mágica por si só. Mas ser e saber-se produto de uma intervenção divina, não implicava não surpreender-se ao ter contato com eles. E mais ainda, com ela. Com Freyja. A maior de todas.

A Deusa lhe dedicou um sorriso altivo e soberbo, mas cheio de carinho por ela, por tudo o que tinha conseguido. Piscou um olho e, em seguida, com esse homem enorme montado sobre aquele cavalo cinza precedendo-a como se em realidade a protegesse, atravessaram o manto de nuvens espessas que separavam o céu da terra, como uma superfície sólida, o que não era.

E atrás deles, os milhares de guerreiros, de todo tipo, seguiram-lhes, ao grito do *Asynjur!* e outros muitos alaridos. Mulheres aladas, homens alados, elfos luminosos, anões cobertos com cotas de malha e enormes machados, desfilaram por seu lado, levantando o ar a seu redor, provocando que seu comprido cabelo loiro se agitasse envolvendo seu rosto.

Daimhin sorriu, satisfeita e agradecida, sentindo-se em meio de um redemoinho de felicidade, e abriu os braços, desfrutando daquela sensação de vida. Porque embora soubesse que ainda deviam lutar, sentia-se mais a salvo que nunca.

Asgard tinha descido por completo, e desta vez iam ser os deuses os que lutariam por eles em seu nome. O mereciam.

Loki apertava os dentes com tanta raiva que todos iam saltar, um a um. Que demônios aconteceu? Como tudo se voltou contra ele? Seu plano se deteve em instantes de conseguir seu propósito. Não podia acreditar que um grupo que não superava vinte pessoas tivesse conseguido deter seu avanço. A ele! Que era o maldito Deus da Escuridão!

Em uma vã tentativa, o Vigarista bateu sua lança contra o chão, pensando que assim poderia provocar algum tremor, ou ele mesmo poderia desaparecer. Inclusive acreditou que podia abrir um portal, como tantos outros abriu. Mas, não aconteceu nada. Acaso estavam anulando seu poder?

Recuou, assustado pela primeira vez em séculos, e mais quando viu aparecer a loiríssima Amazona, a mesma que o enlouquecia e o obcecava, cavalgando os céus sobre seu tigre, com o olhar fixo nele enquanto atravessava as nuvens negras. E, a seu lado, Odin sobre o cavalo que ele mesmo lhe deu de presente.

Os dois pareciam tão sincronizados que sentiu ânsias de vômito pelo asco e repulsa. Odiava-os com todas suas forças.

Incrédulo, contemplou o modo como o céu acima e a planície abaixo se enchiam de guerreiros de Asgard, dispostos a enfrentar seus jotuns, com a fúria cega dos que tinham sido impelidos a ver a guerra de longe.

Loki olhou a mulher estendida no chão, cobrindo com suas mãos o ventre da Escolhida, a qual, de repente, começou a levitar, envolta por uma luz estranha e mágica, criando uma imagem de fantasia, de Bela Adormecida morena.

A berserker piscou para que seus olhos derramassem as lágrimas que turvavam sua visão, comovida pelo que estava acontecendo, e se afastou ligeiramente. Que bruxaria era aquela?

Loki não ia permitir isso. Ia atravessar o ventre da maldita *velge*, e ia fazer nesse mesmo momento, antes que Freyja e Odin chegassem até ele.

O jotun elevou seu Laeviatann com a ponta apontando as costas da jovem vaniria. Jade se levantou para tentar impedi-lo, mas justo quando a ponta de sua lança ia atravessar a tenra carne, uma espada se interpôs em seu caminho.

Loki elevou o olhar ao escutar o som do metal se chocar contra o metal. Seu olhar seguiu a mão que segurava o cabo, a lâmina em que tinha gravado um dragão, e a roupa negra que cobria esse homem que tinha ousado detê-lo.

— Tira suas garras de cima de minha mulher, seu grande filho da puta — lhe disse o vanirio.

Seus olhos azuis pareciam letais. Não havia nem um só arranhão em seu corpo. Loki o recordava caindo ao precipício com as mandíbulas de seu filho rasgando-o. E agora parecia saído de uma ducha relaxante. Seu cabelo loiro se sacudia pela tempestade de neve que criava a descida dos deuses e seu olhar gelado não hesitava em ameaçar o Deus.

Menw McCloud recordava ter morrido. Recordava perecer sob os dentes de Fenrir e as garras venenosas de lobachos e purs.

Mas então abriu os olhos, e contemplou o céu enegrecido cruzado por um raio de sol, uma nau que saía de um buraco luminoso do céu, e uma ponte de cores brilhando como diamantes, através do qual desciam milhares de guerreiros do céu.

Ao princípio se sentiu desorientado, perdido. Não entendia nada. Mas depois, escutou a voz de seu filho falar com ele e dizer que fosse ajudá-los. Tomou a espada que lhe tinha legado Miya e que ainda segurava entre as mãos, inclusive morto, e se dirigiu até eles. Tinham-lhe arrancado o coração e a cabeça, mas agora parecia estar tudo em seu lugar. Como era possível?

Estalou o pescoço para um lado e voou ansiosamente até encontrá-los no mesmo aterro onde os tinha deixado.

Daanna flutuava no ar, iluminando-se como uma virgem. E Jade tentava protegê-la do ataque final de Loki. O Deus queria fazer mal a seu filho e a sua mulher. Não. Nem pensar. Mais não.

Menw se apresentou em frente ao Deus, colocando a espada entre o corpo de sua mulher e a lança de Loki. Essa espada pertencia a um samurai, e também a um deus filho das tormentas. Era forte. E poderia deter o ataque.

Quando a lâmina da lança impactou contra a da espada, Menw levantou o braço para afastá-lo e tirá-lo daquele raio de ação, empurrando-o para trás com força.

Os olhos negros de Loki cravaram os olhos na espada e depois em sua própria lança, surpreso ao dar-se conta de que tinha repellido seu movimento.

— Não vai tocar em minha família nem nos meus amigos — jurou Menw, colocando Jade atrás dele. — Nunca mais — ressaltou o Curador.

Loki sofreu um tic ocular; sua paciência acabava. Que um vanirio ousasse lhe dizer isso, era a gota que enchia o copo.

Um movimento à sua esquerda provocou que desviasse o olhar. E ficou em choque ao encontrar-se com o corpo de Thor MacAllister levitando como o de Daanna, iluminado, em posição horizontal.

Jade, protegida atrás do corpo de Menw, olhou fixamente o seu homem, sem acreditar se o que estava vivendo nesse momento era fruto da ilusão e de seus próprios desejos, ou fruto da realidade.

O Deus Vigarista esticou a cabeça para baixo e contemplou, horrorizado, que os corpos dos vanirios que tinham morrido flutuavam vários metros acima do chão, iluminando-se, rodeados de um pó de estrelas azulado que os protegia e os curava.

— Estão lhes devolvendo à vida? — disse Loki para si mesmo. Não precisava de resposta. Aquilo saía do controle.

Observando Odin e Freyja, assegurando-se de que ainda podia fugir, agiu com agilidade e correu até chegar ao lugar onde estava a cabeça de Mímir. Agarrou-a e chamou Fenrir, Angrboda e Hela aos gritos. Tinham que sair dali. Jormungander continuaria nos mares, mas nada podia fazer por seu filho serpente. Esperava que mergulhasse nos abismos e hibernasse até que passasse o tempo, e pudesse retornar de novo.

Agora só lhe restava escapar e salvar sua pele.

Em meio da chegada dos deuses, o Trickster se decidiu pela retirada, apesar de que ainda tinha a todos seus exércitos lutando por ele e por sua nova Ordem fracassada. Ia abandoná-los para lutar sozinho por sua sobrevivência e a daqueles que ainda podiam protegê-lo. Porque Loki precisava da gigante feiticeira e do seu lobo, já que Angrboda sabia de bruxaria, e Fenrir podia matar Odin, segundo a profecia da *vö/va*. Entretanto, ali, nessa nova realidade e vendo o pouco efeito que tinha seu Laeviatann nesse instante, talvez tivessem modificado as leis da magia, e então, a sua, destrutiva, já não valia. Por isso tinham que assegurar-se de levar

Mímir com ele, porque era um Oráculo, que tudo sabia e tudo via. E precisava dele para que o obrigasse a lhe dizer que movimentos devia fazer para não ser caçado pelo Caolho.

— Não há tempo! Venham! — exclamou, puxando os cabelos de Mímir e colhendo com força a gigante puxando-a pelo pulso, arrastando ambos pelo lodo e o barro, até chegar ao teixo. Observou o horizonte e até que não viu aparecer Fenrir, não se moveu do lugar.

O enorme lobo correu até seu pai. Este subiu sobre seu lombo, e tocando o sobrevivente tronco do teixo Llangernyw com uma mão, e aos seus com a outra, pronunciou umas palavras em *seid* para desaparecer aos olhos de todos.

Se o Midgard acabava de ser reconstruído e seu equilíbrio era devolvido, então, também voltavam a existir as *hules* como tal. Por isso decidiu fazer uso da *hule* do teixo, anteriormente protegida por Agelystor, para escapar através dos túneis que os elfos tinham criado.

Uma retirada a tempo para encontrar proteção também podia ser considerada uma vitória.

E, embora não o fosse, era o único que podia fazer.

Daanna abriu os olhos e se encontrou voando a alguns metros do chão. O primeiro que fez foi tocar o ventre, esperando não encontrar nenhuma ferida fatal para seu filho. Depois, fez o mesmo com o centro de seu peito, pois recordava perfeitamente a sensação de ser atravessada pela ponta da lança de Loki. Matando-a no ato.

Mas ali já não haviam cortes nem feridas. Nem sinal de arranhões ou ossos quebrados. Nem sequer estava já a flecha que a tinha alcançado, lançada pelos *svartálfars*, e que lhe tocou a coluna. Nada. Já não havia nada que doesse.

Então sentiu umas mãos quentes e doces puxar sua cintura para baixo, e colocá-la de modo vertical.

Quando seus olhos azuis se encontraram com os de igual cor dos de Menw, sua alma se abriu como uma flor de lótus.

Estavam vivos!

O Curador sanava seu espírito em somente lhe sorrir. Ambos engoliram em seco e se acariciaram os rostos, para comprovar que eram reais, que continuavam ali.

Não se disseram nada. Não precisaram.

Menw a abraçou contra ele, e Daanna fez o mesmo. No céu, a morena vaniria se colou ao corpo de seu *cáraid* loiro, de seu príncipe das fadas e pai de seu filho, e se beijaram, felizes por reencontrar-se vivos, sãs e salvos. A dor tinha desaparecido. A tristeza também.

"Os amo muito, mamaidh e allaidh", disse Aodhan.

Menw sorriu e tocou o ventre de Daanna, sem cortar o beijo de sua mulher.

"Obrigado por manter viva nossa esperança, meu filho", reconheceu Menw. "Sem você, nada disto teria sido possível".

Daanna observou, desconcertada, a chegada dos deuses, e contemplou com ceticismo o modo como o Hringhroni sulcava os céus, a ponto de aterrissar sobre o mar, que longe de estar bravo, estava calmo e manso.

"Aí vêm meus tios", assegurou Aodhan, feliz.

Menw elevou o olhar e esperou espectador o momento em que o navio de Balder tocasse mar ou terra firme. Porque ali, nessa nave em forma de navio, encontravam-se Cahal e Caleb.

Seus irmãos.

Os tios de Aodhan.

Sua família.

Jade avançava para Thor, ainda suspenso no ar.

O fazia arrastando os pés, fraca por ver o amor de sua vida daquele modo. Não queria criar esperanças, não queria acreditar que ele pudesse voltar para a vida porque, se não voltasse, ela morreria com ele.

Mas esperava. Esperava isso com toda a fé de seu coração.

Seu Thor parecia um anjo ou um demônio, dependendo do belo que se acreditasse que eram uns ou outros. Thor era belo

como só um vanirio celta podia ser. Sua mandíbula pétrea, suas feições duras e ao mesmo tempo lindas, e seus olhos... Deuses, seus olhos. Ela precisava ver que os abria para perder-se nesse oceano lilás, único e especial.

Impressionada, viu como o buraco de seu peito, sangrento e profundo, fechava-se lentamente para desenhar de novo um peito liso e escultural.

Jade lambeu os lábios secos, e levou as mãos ao centro de seu peito, porque seu coração ia escapar de um momento a outro.

Ouviu o primeiro batimento do coração de Thor, que ele mesmo arrancou. E sentiu a primeira coisa que ele fez, que foi tocá-la mentalmente. Antes, inclusive de respirar, buscava-a, porque ela era o motor de sua vida. O oxigênio para seus pulmões.

Jade deu graças por reencontrar-se com ele, por que a vida a tinha obrigado a enfrentar a todos por seu amor, e porque havia valido a pena fazê-lo. Necessitavam-se para viver.

Quando Thor abriu seus olhos, a primeira coisa que se fixou foi nela. Os olhos verdes de sua companheira de vida o estavam esperando. Desejavam reencontrar-se.

Thor voou para ela e estendeu os braços até segurá-la. O moreno uniu sua testa com a dela e tomou seu rosto com ambas as mãos.

— Está vivo... — murmurou Jade, descomposta pela emoção, rindo e chorando ao mesmo tempo.

Ele assentiu e colocou sua boca sobre a dela.

— Prometi a você que recordaria Aileen — disse ela sob seus lábios... — A viu, não foi?

— Vi-a em sua cabeça, meu amor — respondeu ele. — Antes de morrer, vi-a. Não houve morte mais doce.

Com ternura, pegou o pulso de sua mulher e beijou seu *comharradh*.

— Aodhan me pôs em contato com ela. O filho de Daanna... É muito poderoso — afirmou assombrada.

— Tem que ser. Com os pais que tem... — Menw elevou os olhos para ver seus amigos beijando-se no céu.

— Thor... por que revivem? — quis saber ela, tocando sua bochecha. Menw, ele, Daanna e todos os outros tinham morrido. E agora, voltavam para a vida. — Não entendo. Vi-o morrer. Parti-me em duas.

— É coisa dos deuses — explicou Thor. — O livro que Freyja legou à barda devolve à vida. De fato, Freyja e Odin estão falando comigo agora —disse Thor, virando-a para beijá-la, sem ar.

— Mas, agora? — disse ela com sua boca ocupada.

— Sim.

— E o que dizem?

— Dizem-nos que nos unamos à ofensiva. Que subamos ao navio do Balder e naveguemos com ele para pôr ordem no Midgard. Que deixemos o campo de batalha para seus guerreiros e se encarregarão de tudo.

Jade pensou que isso era o que deviam fazer. Que agora não iam fugir, e menos quando por fim tinham reforços.

Odin e Freyja, montados nos lombos de seus animais, aterrissaram atrás deles, emudecendo-os no ato.

Freyja elevou uma sobancelha loira para estudá-los atentamente. Odin fez o mesmo.

Os dois deuses se mantiveram em um silêncio tenso, e depois foi o Caolho o que, puxando o Sleipnir, ordenou:

— Quando subirem ao Hringhorni, digam a meu filho que estou orgulhoso de sua volta — pediu estalando os dentes. — Que lidere a limpeza do Midgard. Por certo, celta — indicou Odin, entrecerrando seu olho azul. — Não quero que volte a tocar a mente de Loki. Acabou. Não se aproxime dele.

— Não pensava voltar a fazê-lo. Com uma vez tive suficiente —assegurou Thor, deixando que Jade rodeasse sua cintura.

— Mas mantenha a mente aberta para nós. Se por acaso precisarmos de você, leitor de mentes — pediu Odin.

O vanirio assentiu, comprometido.

— Nós vamos atrás de Loki — acrescentou Freyja, decidida. — O Transformista e seus filhos nos pertencem — a bela divindade seguiu o corcel de Odin, com os ombros jogados para trás e uma

pose de superioridade que ninguém poderia jamais jogar-lhe na cara.

Antes de inspecionar o teixo, Freyja se deteve e olhou para Jade por cima do ombro, inclinando a cabeça para trás.

A berserker lhe devolveu o olhar, não a retirou. Sabia que a Deusa ia dizer algo, mas não intuía o quê.

— Navegou alguma vez? — perguntou Freyja.

— Muitas — respondeu Jade, sem compreender.

— Pois se prepare, loba — pediu a Deusa, — porque a viagem nesse navio não vai esquecer jamais.

Dito isto, a Vanir pronunciou umas palavras sussurrantes em *futhark* antigo e tocou o teixo. Ao mesmo tempo, os dois deuses desapareceram, dispostos a seguir Loki até os limites dos nove mundos.

IX

Quando Daimhin desceu de entre as nuvens, com aquele capacete sobre a cabeça, olhava esperançosa a volta à vida de todos aqueles que tinham morrido e eram vanirios como ela. E todos o faziam. Do céu, contemplava emocionada os seus pais, Beatha e Gwyn, ajudar a segurar Carrick e Aiko enquanto voltavam para a vida.

Seus pais viviam! Seu irmão vivia... Seu irmão vivia!

A barda correu para eles, emocionada, e quando a viram chegar, os quatro abriram seus braços para sepultá-la com seus corpos em um cândido recebimento cheio de alegria e incredulidade.

Beatha e Gwyn lhe disseram quão orgulhosos estavam dela e de Carrick enquanto enchiam o rosto deles de beijos. Seu irmão,

arisco ante essas amostras de carinho, deixou-se fazer, porque ele era feliz tendo Aiko com ele, e porque, depois da morte, o melhor era retornar ao lado dos entes queridos.

A japonesa sorriu e o beijou nos lábios, e ele a abraçou, mas olhou a sua irmã por cima da cabeça morena da kofun.

Os dois se contemplaram e se felicitaram pelo trabalho feito. Ele a tinha protegido até o final, até que Loki o matou. E Daimhin o amava muito mais por isso, porque ele ficou na frente dela, para que ela cumprisse com sua missão.

— Não tire o capacete ainda — lhe recomendou Carrick em meio de um sorriso. — Pode ser que precisemos para algo mais e voltemos a nos encontrar com o fim do mundo.

Daimhin lançou uma olhada ao redor, procurando com ânsia a suas irmãs caçulas. Mas não as viu.

— Onde estão as meninas? — perguntou assustada. Então, recordou ter lido que as crianças esperavam ocultas em algum lugar, até que a guerra acabasse.

— Estão em Asgard, protegidas e cuidadas pelas nornas — explicou Gwyn, seguro de suas palavras.

— Como sabe, *allaidh*? — perguntou Daimhin.

O loiríssimo Gwyn beijou a cabeça de Beatha e respondeu:

— Porque Freyja nos disse mentalmente enquanto voltávamos à vida. Todas as crianças envolvidas no Ragnarök esperarão em Asgard até nossa chegada. Não era justo que estivessem aqui.

E muito de acordo estava ela com as palavras de Freyja. Quanto mais sabia dela, mais a admirava. Aparentemente, os deuses não eram tão desapegados como pareciam em primeira instância.

A seu redor, os jotuns se dissiparam, e já não eram alvos para eles, pois os guerreiros de Asgard os estavam defendendo para lhes dar uma pausa.

Era estremecedor e belo ao mesmo tempo, ver a ferocidade com a que atacavam e a facilidade com a que aniquilavam os jotuns. Os elfos da luz encurralavam aos da escuridão e lhes devolviam as flechas com uma agilidade opressiva.

Os anões aniquilavam os purs e aos etones a marteladas.

As valkyrias torravam lobachos e vampiros com seus raios, e os einherjars se carregavam dos gigantes de gelo e de fogo com suas espadas, como se tratasse de destruir torres de naipes.

Era um espetáculo.

Daimhin poderia admirar aquela ação em cena se, como Carrick e Aiko, e seus pais, tivesse a seu lado o seu companheiro.

Assim, com a esperança de encontrá-lo, afastou-se deles e se dispôs para buscá-lo. Porque queria a seu punk. E se outros tinham voltado para a vida, o berserker também o faria.

Aquilo parecia um cemitério de corpos que se desintegravam e alguns se desvaneciam no céu como pó de cinzas. E no meio de tantos efeitos especiais, Daimhin avançava sem deter-se, estudando a superfície com os olhos laranjas mais abertos que nunca. Se algum jotun pretendia atacá-la, saíam propulsados para trás pela proteção que exercia o capacete sobre ela. Era maravilhoso ter o poder sobre sua cabeça.

E então, aos pés do precipício, localizou uma montanha de lobachos mortos. Os einherjars se dedicavam a amontoá-los em piras enquanto gritavam com diversão quantos iam aniquilando.

Daimhin se deteve frente à montanha, sem piscar nenhuma só vez. Aguçou o ouvido e esperou longos e intermináveis segundos para ouvir algo.

Era dali de onde vinha o aroma de Steven. Único e inconfundível. E se cheirava desse modo, era porque estava vivo. Mais vivo que nunca.

E de repente... boom!

Os purs voaram pelos ares como se pesassem menos que nada, e de debaixo daquela montanha cadavérica apareceu Steven, seu homem de moicano vermelho e olhos dourados.

Estava de pé, com as pernas e os braços abertos, em posição protetora e nada relaxada. Era alto e grande, e muito musculoso.

Ele inalou quando a viu. Loira, linda, jovem, pequena e com esse aroma de fruta de verão.

— Olá, melãozinho sádico — sussurrou a modo de saudação. Orgulhoso e pedante ao ver-se de novo vivo.

Ela levou a mão aos lábios trêmulos e caminhou hesitante até ele. Quando o teve em frente a si, elevou sua mão para tocar sua bochecha áspera e seu atraente rosto de Adonis. Os olhos dourados de Steven desprendiam amor e loucura por ela. E ela o aceitava com agrado, porque seus sentimentos por ele eram os mesmos.

Então, o berserker a agarrou pelas axilas, levantou-a e a subiu montada sobre sua cintura, embalando-a nos braços. Daimhin cruzou os tornozelos sobre seu osso sacro e rodeou seu pescoço com suas mãos. Steven cheirava a homem e a frutas silvestres. Adorava.

— Pensei que morria — disse Daimhin em voz baixa, falando sobre sua bochecha... — Pensei que morria quando te vi cair — passou sua mão por seu moicano, como se acariciasse um cão, e Steven ronronou de prazer.

Ele a abraçou contra seu corpo com força e deu duas voltas com ela, enquanto a beijava nos lábios.

— Não iria sem você, guerreira. Salvou a todos — grunhiu orgulhoso. Seu coração pulsava somente por ela, vivo e entregue aos seus sentimentos.

A vaniria negou, querendo tirar assim méritos próprios.

— Fomos todos. Todos nos demos esta oportunidade. E, entre todos, conseguimos.

— Hei! Pombinhos! — gritou Thor por cima de suas cabeças, voando com Jade entre os braços. Atrás deles, Daanna e Menw os acompanhavam de mãos dadas. — Temos que ir todos à nau de Balder — ordenou sem demora. — A esmagadora nos espera para percorrer o mar e o Midgard e acabar com todos. Vão?

Daimhin e Steven se olharam para decidir se queriam subir a esse navio ou não. Claro que sim. Fariam-no porque agora se sentiam mais fortes que nunca, e porque se tratava de dar uma estocada final, eles também queriam executá-la e ser partícipes de tudo.

— Vamos, pequena? — perguntou Steven.

— Vamos — afirmou Daimhin, agarrando Steven pela camiseta para elevá-lo do chão e levá-lo com ela com uma risadinha.

A esse voo de seis guerreiros reencontrados e cheios de novas energias, se uniram o quarteto formado por Beatha, Gwyn, Carrick e Aiko, e depois, o grupo se fez maior quando se aderiram os vanirios de Chicago, liderados por Jamie e Isamu, que se abraçavam no voo, felizes por voltar a desfrutar de seu amor perene e imortal.

Thor reunia, através de seu dom, a todos os guerreiros que tinham cáido na primeira batalha e que depois tinham ressuscitado, para que juntos navegassem ao lado de Balder e outros, e percorressem os mares para limpá-lo da contaminação dos jotuns.

Não iam deixar nenhum em pé.

Uma vez foram pó.

Uma vez foram explosão.

Uma vez foram cristal e diamante.

Mas antes foram grito.

E agora, depois de seu desaparecimento, aquele grupo de guerreiros abraçados uns aos outros, compostos por Gabriel, o Engel, Gunny, a valkyria furiosa, Róta, a Má, Miya, o vanirio kofun, Bryn, a General, e Ardam das Highlands, se materializaram de um nada, bem naquele mesmo lugar onde haviam implodido, no lugar exato onde a mancha negra do chão deixava uma prova de tudo que tinham aniquilado com seu sacrifício.

E apareceram ali, abraçados como a equipe que eram, cuja amizade os tinha empurrado a não deixar a ninguém para trás, a viver juntos, e a morrer unidos. Eram de carne e osso, como antes.

As três valkyrias, guardadas no centro por seus três einherjars, olharam umas às outras, sem compreender nada.

Estavam bem. Não tinham nenhuma ferida. E se sentiam poderosas como eram.

Bryn chegou a pensar que tinham morrido e estavam na planície do Valhalla, mas ao escutar o grito de guerra das guerreiras como ela, elevou a cabeça ao céu, e se sentiu feliz e completa quando viu todas suas irmãs do Valhalla protegendo-as e lhes

fazendo reverências enquanto concentravam toda a atenção nos assassinos de Loki.

Estavam ali! Tinham descido!

Bryn elevou o punho, eufórica, virou-se e se fundiu em um abraço glorioso com Ardam enquanto gritava:

— *Asynjur, nonnes! Asynjur!*

— Porra... — sussurrou Róta, copiando o gesto de Bryn, animando às suas. — *Asynjur!*

Róta e Gúnnr se fundiram em um abraço emocionado com Miya e com Engel, que já analisava a situação com seus olhos de estrategista. Depois, os seis, emocionados por reencontrar-se, voltaram a fazer um abraço grupal, não para morrer, mas sim para apreciar sua nova existência.

Gunny não podia acreditar o que viam seus olhos, quando o próprio Thor, o Deus do Trovão, chegou até eles com o martelo estendido para destroçar a quatro gigantes que corriam contra seu grupo. Mjölnir impactou contra os corpos, voltando de novo para sua mão como se fosse um bumerangue, acabando com suas vidas.

O Deus, cujo joelho cravava no chão, ergueu-se e caminhou ostentoso para sua filha e para o Engel, com sua capa vermelha atrás das costas e seu capacete prateado e alado.

Gúnnr franziu o cenho, e esperou paciente o seguinte movimento de seu suposto Pai, ao quem pensou que nunca voltaria a ver.

— Nunca. Jamais — enfatizou Thor com veemência — pense que me sinto envergonhado de você. Ouviu-me?

Gunny não respondeu. Olhou-o solene, assombrada pela paixão em sua voz.

— Porque você, pequena Gunny, é uma fúria, uma valkyria com o valor de mil homens como eu, e a admiração e a lealdade de uma deusa como Freyja. E é minha filha — sentenciou elevando o queixo. — Minha — repetiu. — Tem uma cadeira em Asgard, a meu lado, Gúnnr. Como a tem Prúdr. E essa cadeira esperará por você até que você diga que somos merecedores de sua companhia.

Bryn e Róta sorriram dissimuladamente e olharam a sua irmã com o orgulho pertinente daqueles que sabiam gozar do amor e da amizade de alguém como Gúnnr. Eram sortudas por tê-la.

Thor lhe deixava claro que se alguém devia ganhar seu respeito, esse era ele. Seu banho de humildade o deixava exposto, mas não sentia vergonha por isso.

No final das contas, Gúnnr era sua filha, e ele era seu pai.

— Obrigada pelo oferecimento, Pai — respondeu Gúnnr, entrelaçando os dedos de suas mãos com os de Engel. — Mas, por agora, conformo-me com a vida que tenho ao lado dos meus.

Thor não sentiu isso como uma afronta, mas sim como uma porta aberta ao futuro. Entendia que sua filha tivesse desconfianças com relação a ele, mais ainda quando, durante séculos, ocultou dela que ele era seu pai. Mas Gúnnr ganhava a todos com sua coragem e sua dignidade, e a ele e a toda Asgard ganhou com o último grito que tinha dado e que suportava um sacrifício pelos outros.

O Deus do Trovão os olhou respeitoso e acrescentou:

— Como veem, Asgard desceu ao Midgard para proteger seus filhos e a seus guerreiros.

— Um pouco tarde, não acha? — particularizou Róta com seus olhos claros cheios de ironia. — Tivemos que morrer para isso.

— Sim, valkyria — disse Thor, — mas era algo necessário. Além disso, não se queixem, porque sua Deusa as reviveu.

Róta não poderia rebater isso. Era uma realidade. E agradeceria eternamente a Freyja por ter lhe dado a possibilidade de voltar a tocar seu japonês e amá-lo como ele merecia.

— A questão é que eu gostaria de contar com vocês para lançar o primeiro golpe mortal em Loki. E preciso das três, e dos seus raios. Sobretudo os seus, General. — Thor olhou para Bryn deferentemente.

O Engel deu um passo à frente e respondeu:

— A guerra não acabou. Se Gúnnr aceitar e, se não nos necessitarem aqui — ressaltou, atendendo às suas responsabilidades, — os ajudaremos no que precisar.

Gunny deu de ombros e sorriu com docilidade.

— Claro. O que seja para eletrocutar — respondeu.

A General rodou os ombros, Ardam estalou o pescoço atrás dela, e ambos de uma vez perguntaram:

— Do que se trata?

Thor sorriu, fixou o olhar no mar e apontou o extenso e plano horizonte com o Mjöltnir em sua mão.

— Quero que as valkyrias e os einherjars me ajudem a matar Jormungander.

Hela era a Deusa da morte. Mas temia o fracasso e a deixar de existir. Sua imortalidade, agora que os deuses de Asgard monopolizavam os céus e agora que parecia que o Midgard nunca foi destruído por sua mão, estava posta em dúvida.

Não queria ser presa de novo no Helheim, porque inclusive o Inferno era hostil para ela. E não sabia até que ponto a prejudicava que seu pai Loki tivesse perdido autoridade e domínio no Reino Médio. O que ia ser dela, então?

Por isso mandou seus espectros que possuíssem os corpos dos guerreiros que desciam do céu e os obrigassem a lutar uns contra os outros. Eles podiam fazer isso. O melhor era destruir suas mentes, comê-los por dentro.

Com movimentos diligentes de seus braços, guiava e dirigia a seu séquito, mas, aparentemente, nada parecia fazer efeito. Estava frustrada.

E, então, sentiu o estremecimento da dúvida e a insegurança quando notou que algo, totalmente oposto a ela, nascia de um nada a que ela mesma lhe tinha enviado.

Hela girou seu corpo de frente para o vulcão que tinha explodido naquela ilha engolida pelo mar, e que agora nem sequer estava queimada nem inundada, mas sim parecia um jardim puro e luminoso. O vulcão já não expulsava fumaça, nem existiam tornados e maremotos. Mas sentia algo sair de seu interior, algo incrivelmente forte e poderoso.

A Guerreira tinha morrido ali. Tinha sido queimada. E o *noaiti*. E seus sobrinhos. Todos morreram.

Por esse motivo ficou sem palavras quando a cratera do agora calmo vulcão expulsou dois seres luminosos e estes eram recolhidos pelo Pégaso voador de Bryn.

Hela jogou raios e centelhas pelos olhos e mil impropérios pela boca.

— Malditos sejam! — gritou, soltando um alarido de frustração e um chilique próprio de uma criança.

Daquilo que uma vez foi fogo e lava e agora era somente terra sólida e um abismo de mistério, emergiram os corpos da Sacerdotisa e do *Noaiti*, entrelaçados entre si, dando voltas no ar sobre si mesmos, indivisíveis como as almas vinculadas que eram. Assim, rodando brandamente, como em uma coreografia, saíram à superfície que tinha deixado de ser apocalíptica.

Adam olhava embevecido o corpo luminoso de sua *kone*, que com um olhar assassino em seus lindos olhos caramelo, procurava com esforço o confronto direto com Hela. Porque Ruth sabia o que tinha que fazer se retornasse da morte.

Ambos viveram os féis do Helheim ao que Hela os expôs, mas agora, como uma ave Fênix, seu voo seria mordaz e direto, porque tinha um objetivo. Porque em seu reviver, a Deusa Vanir falou com ela para lhe dar umas diretrizes.

A morte já tinha passado. E a reencarnação milagrosa os deixavam sem palavras.

O berserker sorriu peversamente e a beijou com profundidade, apreciando aquele voo oculto e inesperado, e gozando de ter uma mulher tão poderosa entre seus braços.

Ruth abraçava Adam com todo seu coração e seu corpo, e lhe devolvia o beijo apaixonadamente. Adam afundou sua mão morena em seu cabelo vermelho e lhe mordeu o lábio inferior.

— Olá, *mo ulv*. Meu lobo.

— Olá, *min katt*. Minha gata. Morreria uma e mil vezes para ter uma ressurreição assim.

Ambos sorriram um para o outro e esperaram que Angélico os pegasse. Porque sabiam que o Pégaso ia chegar.

Quando voltaram para a vida de entre as chamas que os queimaram, ouviram Freyja lhes dizer que Nora e Liam estavam a salvo em Asgard e que retornariam quando, por fim, a batalha final acabasse. Depois, em sua ascensão, escutaram o vanirio Thor, o pai de Aileen, dizer que iriam ajudar Balder e embarcar com ele em sua nau para finalizar a caçada. Que Angélico os pegaria, já que Bryn ia dar essa ordem a seu animal.

Nem Ruth nem Adam sabiam como era essa nau, nem tampouco tinham notícias do que acontecia no exterior. Só sabiam que as coisas tinham mudado, e estavam a ponto de comprovar quanto.

Entretanto, tinham algo muito claro: os dois tinham uma conta pendente com essa filha de uma cadela, divindade da dor, da morte e do sofrimento.

Ruth, cujo corpo não deixava de brilhar, olhou de frente para Hela, insistindo que se preparasse para o que estava por vir. Porque nem sequer imaginava.

Quando Angélico os pegou e os levou voando pelos céus, deteve-se uns cem metros de onde levitava Hela, cuja túnica negra se movia de um lado ao outro, marcando aquelas pernas asquerosas e esqueléticas.

A sacerdotisa de cabelo mogno e capa vermelha, abriu os braços de par em par e apoiou as costas no peito de Adam, sentado atrás dela.

— Segure-me, amor — pediu Ruth. — Ajude-me a dar a ela seu castigo.

— Está preparada? — perguntou-lhe Adam, fixando seus olhos negros à frente, apoiando o queixo sobre a cabeça mogno de sua mulher.

Quando Hela os viu, quebraram-se todos os seus esquemas. Ela era a Deusa da Morte. Como tinham escapado do Helheim sem sua permissão? Não compreendia. E não gostou nenhum pouco da sensação que a percorreu ao querer conectar com seu Helheim, do qual ela era rainha, e não poder entrar em contato com ele.

— Que demônios acontece? — perguntou, surpresa.

Todos os espectros que a rodeavam, suspensos no céu, com rostos decrépitos e cerúleos, transparentes a maioria, olharam para Hela esperando uma ordem de sua dona.

A morena apontou para Ruth e para Adam com aversão. Desejosa de acabar de novo com eles. Desta vez, os elfos não a acompanhavam, pois estavam todos na planície lutando contra os rebeldes. Mas suas almas malignas, seus entes, podiam destruir mentes, embora a dessa garota e a de seu companheiro não fossem as mais fracas.

— Pegue-os! — gritou a deusa indo para eles, voando a toda velocidade.

Ruth esperou pacientemente e sentiu os braços de Adam rodeando sua cintura, lhe dando seu apoio e sua força. O *chi* tornava fortes a ambos, e sabiam compartilhá-lo.

A Guerreira nunca se sentiu tão poderosa como nesse momento. O *Noaiti* era receptor dessa energia, e sabia do que seria capaz de fazer.

Ruth fechou os olhos e seu corpo se acendeu como uma lâmpada, cegando a todos os espectros e a própria Hela.

— O que é...? — A deusa se deteve em pleno voo, e cobriu seus olhos com sua mão, porque aquele resplendor doía de um modo incômodo.

Ruth inclinou a cabeça para trás e Adam se abraçou forte a ela.

E, de repente, quando a jovem se converteu em um potente farol humano, um foco que podia guiar na mais tenebrosa escuridão, do centro de seu peito começaram a emergir almas luminosas, dispostas a enfrentar os espectros. Eram as almas capturadas de Hela, aquelas que foram encontrar um asilo na Guerreira para que os levasse de volta à casa, mas que não puderam encontrar o caminho porque Hela os reteve para fazê-los desaparecer. Agora, todas essas almas que tinham vivido no limbo do Helheim de maneira injusta, perdidas e extraviadas, encontraram o lugar pelo qual sair; uma porta pela qual escapar. E essa era Ruth.

A Guerreira de Almas as liberava momentaneamente para que os espíritos malignos tivessem uma réplica nas almas de luz.

Ela aceitava quem era, e por isso decidia que o melhor que podia fazer era deixar-se ir. Permitir que toda essa gente protestasse através de seu corpo e procurasse a vingança contra Hela, para que depois, seu descanso fosse longo, e pudessem retornar à vida, renovados, como almas sem contas pendentes nem falhas de outras existências.

Adam experimentava o mesmo que Ruth, e a ajudava a suportar a energia e a vibração que atravessava o centro de seu peito. Admirado, observou o vendaval alado que se converteram essas almas de luz para enfrentar Hela.

A Deusa da Morte se enfraquecia ao saber que essas almas tinham sido delas, e agora escapavam pela mão da Guerreira. E, pior ainda, tinham tal força e ousadia, que conseguiam vencer os seus espectros.

O Pégaso agitava suas enormes asas brancas, mantendo Ruth e Adam no mesmo lugar, ancorados no céu, deixando que o bem e a inocência viajassem através deles.

— *Silfingyr!* — gritou Ruth, estendendo sua mão.

Seu arco de corte élfico e de cor branco marfim se materializou entre seus dedos, enquanto continuava sendo uma ponte entre o mundo dos mortos e dos vivos. Com uma decisão irrevogável, e aproveitando a surpresa de Hela, Ruth se concentrou nela e apontou como se aquela fosse a flecha mais importante de sua vida. E era. Apoiou seu queixo na mão que esticava a corda mágica azulada e a ponta da flecha iridescente, e esperou um segundo mais em assegurar seu tiro.

Adam centrou bem seu braço e o manteve reto, enquanto ambos olhavam o mesmo ponto.

— Não vai falhar — sussurrou ele, animando-a, confiando cegamente em suas capacidades. — Você nunca falha.

Ruth agradeceu seu apoio, e pensou que era uma maravilha gozar do respaldo de um berserker como ele, que a ajudava e a apoiava em tudo.

— Vamos, dispara! Agora! — Adam a estimulou.

Ruth soltou a flecha azulada, repleta de eletricidade e de alma, de instinto e de coração, de amor e de compaixão, e de todos esses valores dos quais uma deusa da morte como Hela, filha de Loki, carecia.

A deusa não a viu vir, pois por diante tinha uma batalha campal celeste entre a luz e a escuridão. Não percebeu a flecha azulada que atravessou seus espectros e que de repente se cravou em sua testa, entre as sobrancelhas.

Aquele foi o final para ela. Pois a energia pura do caldeirão das almas de que as flechas estavam repletas, cravou-se em seu corpo e em sua mente e atuou como se fosse um potente veneno paralisante que a deixava em estado vegetativo.

Hela caiu do céu, com aquela vara de luz azulada e luminosa fixa em seu crânio. Girou os olhos e ficou presa por milhares de convulsões enquanto descia à terra.

Quando seu corpo impactou na dura superfície, ela já estava inconsciente. De fato, nunca poderia despertar, a não ser que Ruth decidisse extrair essa flecha.

E não era algo que a Guerreira tivesse em mente.

Adam afundou seu rosto na nuca de Ruth e sorriu satisfeito.

— Onde põe o olho, põe a flecha, preciosa.

Ela sorriu e girou a cabeça para o beijar no queixo.

— Fiz isso com você.

— Bendita flechada, *kone*.

Ruth e Adam, livres, sorridentes e satisfeitos com o que tinham feito, dirigiram-se no lombo de Angélico até a planície onde tinham deixado a todos seus amigos, dispostos a continuar lutando e a encontrar essa nau do Balder para onde se dirigiam todos os guerreiros.

Esperavam vê-los de novo, retornados da morte, tal e como eles tinham feito.

Ao menos, agora, se os espectros de Hela eram aniquilados pelas almas da luz, já não teriam possibilidade de voltar com sua Rainha. O ciclo de reencarnações teria se acabado para eles. E isso era algo bom, porque no Midgard sobrava maldade, e era momento de fazer limpeza.

Noah timoneava o navio com diligência.

Quando este tocou o mar, todos os espíritos dos guerreiros desembarcaram correndo sobre as ondas como se patinassem sobre terra firme.

Tinham muito pelo que lutar. Não só contra os espectros de Hela, que chegavam em numerosas manadas. Mas também contra a deusa que os fraudou e os enganou, conduzindo-os a uma vida perdida e sem farol algum.

Perambularam naquele solitário purgatório durante muito. Por isso, Noah se dirigiu ao líder daquele repleto clã de guerreiros atemporais e o animou a que se vingasse em nome de todos:

— Holger, é seu momento — disse o Deus do Sol Nascente, olhando com determinação ao guerreiro ruivo. — Te recolhi do limbo para que lidere sua rebelião contra os espíritos do Helheim e contra a própria Deusa da Morte. A filha de Loki os ludibriou — recordou, avivando seu rancor. — Está em suas mãos devolver a afronta. Devolva a seus espectros e a suas almas escuras ao seu lugar, no Tânatos, onde jamais poderão sair. E você e os seus serão livres.

— Só queremos descansar — disse Holger em nome de seus amigos de morte.

— Descansarão quando vencerem os fantasmas de Hela. Enfrente-os e com certeza encontrarão com velhos conhecidos. Inclusive, com aqueles que sendo humano os traíram. Percorram o mundo de ponta a ponta e os façam desaparecer. São muitos, mas não estão tão preparados quanto vocês.

Embora os olhos azuis de Holger não tivesse vida, pareceram brilhar ante a ideia desse reencontro. O viking estava decidido a fazer cumprir seu juramento de vingança.

Por isso apontou à frente com sua espada, e estimulou a todos os espíritos mediante um grito de guerra.

Noah aproveitou então para guiar o navio ao redor da ilhota onde acontecia a batalha, e com a luz que destilava da armadura dourada da nau, cegava de maneira angustiante a todos os jotuns.

Aos vampiros, os queimava como se sua luz viesse do próprio sol, altamente nociva para eles.

O Hringhorni era conhecido como uma esmagadora, uma nau feita expressamente para a vitória. E Noah ia demonstrar isso.

Todos os amigos que se encontravam em sua nau, observavam, atônitos, o que acontecia naquela planície.

Aileen e Caleb pareciam dispostos a saltar ao mar para brigar, assim como Cahal e Miz, mas se deram conta de que, em realidade, não precisava.

Hringhorni, por si só, era uma máquina de matar, um triturador que afetava de mil maneiras diferentes jotuns, seja quem fosse: não importava se eram gigantes, vampiros, *svartálfars*, purs, etones, lobachos, espectros... Era-lhe indiferente. Aquela nau, só com sua presença, arrebatava a vidas dos assassinos de Loki, porque ficavam imóveis ao ser vítimas de sua luz, e isso todos os guerreiros de Asgard aproveitavam para acabar com eles.

A vitória seria esmagante.

— Estamos ganhando? — disse Aileen, para si mesma, com assombro.

— Porra... — murmurou Caleb sem acreditar. — Pensava que deveríamos lutar a uma guerra de igual para igual e me deparo com este alarde de abuso de poder — sorriu maléfico. — Eu adoro.

Aileen sorriu ao ver que seu vanirio desfrutava com a visão. O certo era que não se podia dizer que aquilo fosse uma luta igualada. Os asgardianos ganhavam de lavada.

— Eu quero um navio como este — murmurou Cahal às suas costas, preparado também para visitar o campo de batalha no caso de que precisassem deles. Embora já tinham chegado à conclusão de que não precisariam deles. — Quanto acha que custaria construir algo parecido, Ossinhos? — perguntou o druida à sua noiva.

Miz, que analisava com olhar científico qual era o efeito da nau de Noah na natureza dos jotuns, não sabia o que dizer. Mas adoraria saber.

— Depende... — respondeu coçando o nariz. — De quanto dinheiro dispõe?

—Como se o dinheiro valesse algo agora mesmo... — resmungou Aileen.

Noah sentia um orgulho especial por comandar aquele navio, e ainda não acreditava que era dele. Havia muitas coisas que tinha que assumir por ser Balder, filho de Odin, o Deus do Novo Amanhecer, e muitas coisas mais... Mas, por agora, o único que lhe importava era reencontrar-se com as pessoas que tinha deixado no Midgard. Esperava que todos seguissem com vida.

E foi nesse momento quando, atravessando as nuvens que se dissipavam, executadas pelos raios do sol, viu emergir como uma aparição Ruth e Adam, voando sobre um Pégaso branco. O Pégaso de Bryn, a Selvagem.

Noah saiu de sua cabine de controle, com Nanna arrastando-o pela mão. Tinha que certificar-se de que o que via em seus olhos era verdade.

Aileen engoliu em seco ao ver o mesmo que seu amigo via. Eram eles. Não só Adam e Ruth, que comandavam aquele voo conjunto montado sobre um animal de contos de fadas que contrastava com o horror que havia na planície. Atrás deles, Beatha, Gwyn, Carrick, Daimhin, Aiko, Steven, Jamie, Isamu, Daanna, Menw e... Um momento.

Caleb ficou tenso a seu lado, no preciso instante em que viu o que ela via.

— Está de sacanagem... —murmurou o vanirio.

Aileen se angustiou e seus olhos se encheram de lágrimas. Caleb e Cahal respiraram fundo, com emoção, como se os pulmões tivessem secado de repente.

O Druida adorou ver seu irmão Menw e desejava abraçá-lo e lhe dizer que o amava. Mas ali havia alguém mais que parecia uma visão. Uma inesperada e maravilhosa.

Quando um a um começaram a aterrissar sobre o Hringhorni, gritando, e dando alaridos de alegria, felicitando-se por continuarem vivos, congratulando Daimhin e Carrick pelo que tinham conseguido, e por aquela chegada triunfal e esmagante de Balder, em realidade gritavam e celebravam pela vida e por seu reencontro.

Ruth e Adam desceram de cima de Angélico e a de cabelo mogno se fundiu em um abraço com Aileen.

— Maldita louca — murmurejou Aileen ainda trêmula ao ver essas duas pessoas aproximar-se até onde ela estava. — Quanto senti saudades...

— E eu — disse Ruth sem deixar de abraçá-la.

— São... são eles? — perguntou temerosa à sua melhor amiga.

Ruth se afastou ligeiramente dela, e assentiu, empatizando com suas emoções.

— Sim, querida. São eles —respondeu feliz.

Caleb tomou a sua irmã pelos ombros e a atraiu a seu corpo, lhe dizendo algo em voz baixa parecido a "irmã valente e amada".

De fato, todos, um a um, foram se saudando e abraçando, até conseguir fazer uma montanha imortal de reencontros e emotividade.

Porque haviam laços inquebráveis na verdadeira amizade, e laços mais fortes que o sangue quando se escolhia uma família. E eles eram mais que isso.

Tinham muitíssimo que contar-se, mas tudo podia esperar. A bordo do Hringhorni estariam a salvo. Nada podia atacá-los, nada podia feri-los, nem sequer o sol, nem nada podia vencê-los. Tinham todo o tempo do mundo para ficar em dia, mas o que parecia iminente era o reencontro com Thor e com Jade.

Nesse instante, Noah e Adam, que tinham jogado o braço pelo ombro um ao outro, e ao que Noah lhe havia devolvido o *oks* que o *noaiti* deu a ele, acrescentando um emocionado “sempre esteve comigo, *kompiss*” no momento, observaram incrédulos a aterrissagem de Jade nos braços de Thor.

Caleb e Cahal fizeram o mesmo ao ver Thor, o verdadeiro líder celta, vivo e saudável.

Aileen se separou dos braços de sua amiga Ruth, que a olhava enternecida, emocionada e feliz por ela. Aquele era seu momento.

Thor e Jade, em troca, não tinham olhos para ninguém mais. Para ninguém.

Não importava quem estivesse nesse navio. A eles somente importava uma pessoa. Uma.

Uma mulher que foi arrebatada de suas mãos sendo uma menina, educada sob a ignorância de não saber o que, nem quem era. Uma mulher única em sua espécie, a primeira de todas.

Sua filha Aileen tinha começado tudo. Com ela começou a forjar a salvação do iminente Ragnarök, porque criou um efeito dominó que moveu uma a uma todas as fichas que participavam daquela jogada divina. Até esse momento.

O momento em que, apesar de todo o sofrimento e das perdas, salvaram-se e voltaram para acertar as contas.

Todos fizeram um corredor a seu redor, solenemente, afastando-se para que os três se vissem e se saudassem como era devido.

Aileen respirou agitado e arrastou os pés, passo a passo até eles.

Pelo amor de Deus, que bonita era sua mãe, e quanta bondade irradiava. Era uma Guerreira como ela. E seu pai? Tinha seus mesmos olhos! Nunca os esqueceu. Inclusive, depois de recuperar sua memória, sonhava com eles.

Com o coração desfeito e as pernas de gelatina, Aileen fez um bico e ocultou o rosto abaixando o queixo.

Mas sua mãe e seu pai, que tremiam com a avalanche de sentimentos que os percorriam, adiantaram-se e cortaram a distância que os separava para fundir-se com ela em um abraço de três lados que não podiam adiar mais. Disseram-se todo tipo de frases em gaélico, beijando-se, acariciando-se e tocando-se.

Jade admirava a incrível mulher que era sua filha. Sua beleza e sua bravura. Não precisava falar com ela para dar-se conta de que defenderia com unhas e dentes aos seus.

— Escutei sua voz — disse Aileen com a voz quebrada. — Sua voz nos mostrou o caminho que devíamos seguir... Mamãe... — soluçou transformada em uma massa de nervos. — Você sempre esteve em meu coração.

Jade permitiu que suas lágrimas se deslizassem por suas bochechas.

— *Oh, mo ál aileen...* Minha preciosa luz. E você esteve no nosso. Sabe por que te encontrei? Porque o amor cria pontes entre as pessoas, minha vida. Não há nada mais forte que isso. Nosso amor por você os encontrou através das dimensões. Graças a Aodhan — esclareceu Jade, olhando eternamente agradecida para Daanna. — Ele me pôs em contato contigo.

Aileen assentiu e levou a mão à cinta de couro que estava atada em sua coxa. Tirou sua adaga celta e a mostrou a seu pai.

— Isto é seu, papai. Desde que a encontrei, sempre esteve comigo. Pensei que lhe entregaria isso do outro lado, pensando que já não estavam vivos... Mas nunca... Nunca imaginei poder dar isso em pessoa.

Thor a pegou com olhos frágeis, e puxou sua filha para abraçá-la.

Aileen ocultou o rosto entre os corpos de seus pais, e começou a chorar de felicidade.

— Te amamos, pequena — disse Thor, apaixonado. — Espero que possamos recuperar o tempo perdido — olhou à frente e fixou seus olhos lilás nos verdes elétricos de seu melhor amigo. Caleb McKenna, *cáraid* de sua filha.

Caleb nem sequer piscou. Manteve o olhar sem baixar a vista nem um momento.

— Venha aqui, *brathair*. — Thor abriu o braço para que Caleb se unisse a eles. — Liderou a todos. Fez um excelente trabalho. Embora, você e eu sabemos que temos algo pendente — o advertiu, — mas isso não tira a felicidade que sinto ao vê-lo de novo. Ao ver todos — retificou, dirigindo-se aos vanirios com os quais tanto tinha compartilhado... — Estou feliz de estar de volta com minha mulher e minha filha ao lado.

Caleb sabia ao que se referia. Thor lhe daria uma surra por como tinha tratado Aileen no princípio, mas depois, tudo se esqueceria. Porque eram família.

Enquanto os vanirios realizavam um abraço coletivo, Noah, que acabava de saudar carinhosamente Ruth, e depois tanto ele como Adam saudaram com uma reverência à princesa berserker Jade, pigarreou tomado por tantas emoções como sentia, e desenhou um sorriso para acrescentar:

— Já haverá tempo de celebrar nossa reunião. Agora, cabe-nos colocar o navio em ação e navegar até aniquilar uma a uma a presença dos jotuns no Midgard. Vamos limpar nosso mundo — sentenciou.

E isso fariam, pois todos tinham aplaudido o discurso do Deus e desejavam ver o Midgard sem aqueles seres desprezíveis proliferando ao redor.

Entretanto, ao entrar na cabine de controle, antes que Noah dirigisse o navio, Nanna se localizou atrás dele, abraçou-o pelas costas e o beijou entre as omoplatas.

Noah sabia o que a valkyria ia pedir. Através dos vidros de sua cabine, observou o exterior e localizou a suas irmãs valkyrias, Bryn,

Gúnnr e Róta, estender suas asas e voar para o oceano, por cima do mar.

— Noah — sussurrou com doçura.

— Vá com elas — lhe concedeu de pronto.

Nanna rodeou seu torso com seus braços e colou sua bochecha à sua pele.

— Amo você, Deus do Sol.

— E eu a você, valkyria — respondeu ele, pousando sua mão sobre as duas dela. Tal era a diferença de tamanhos. — Mas, Nanna — se virou e baixou a cabeça para olhá-la nos olhos. — Escute-me bem.

— Fale.

— Quero-a de volta. Não se exponha muito. Sabe que não posso estar sem você muito tempo.

— Não o farei — ela assegurou, passando sua mão por seu peito. — Não posso estar afastada de você e de suas tatuagens — murmurou divertida, seguindo com a ponta dos dedos todas as marcas *futhark* de sua pele e de seu rosto. Tinha até na língua. — É somente que quero estar junto a elas neste momento. Preciso vê-las — o beijou nos lábios e passou os dedos por seu longo cabelo platinado quase branco.

Ele compreendeu perfeitamente. Eram suas irmãs, e o laço que as unia era extremamente intenso. Sempre foram um quarteto, e embora não tinham podido sê-lo na morte e no fracasso, ao menos, queria ser na vitória, naquele dia cheio de luz e de êxito que se converteria a volta dos deuses.

Porque Noah não tinha nenhuma dúvida já. Não sabia o que Odin e Freyja iam fazer durante sua perseguição a Loki, mas eles iam ganhar no Ragnarök. Não haveria nenhuma perda mais.

— Então, vá — lhe deu uma palmada nas nádegas e permitiu que sua mulher abrisse as asas na proa e convocasse o raio ao grito do *Asynjur!*, para subir aos céus e reunir-se com suas amigas, que voavam ao lado do Deus do Trovão.

Thor cuidaria de Nanna, porque sabia quem era. Caso contrário, suas irmãs a defenderiam.

Não ia prendê-la no navio, porque aí a vitória ia estar carente de emoção. Mas sim lhe permitiria que se divertisse com as mulheres lançadoras de raios.

Ao menos, seria mais emocionante.

XI

Freyja e Odin se deixavam levar pela energia das *hule* que os elfos tinham criado no interior do Midgard. Um intrincado circuito de caminhos e corredores secretos, alheios à realidade do Reino Médio, e detectáveis só para o olho divino ou semideus.

Entretanto, embora ambos percorressem aquele túnel montados de seus animais, os dois sabiam aonde iriam parar. Não haveria surpresas. Porque Freyja já havia dito a Odin o que ia acontecer depois que Daimhin lesse o livro que ela tinha escrito à mão fazia muito tempo.

Muito.

— Loki não poderá escapar de nós — disse a deusa Vanir ao entrar no mundo subterrâneo de Llangernyw.

Odin a tinha observado atentamente, e depois de manter-se em incerteza, disse:

— Tão fácil vai ser? Estamos falando do Trickster, Freyja — a recordou. — Ele sempre guarda uma jogada na manga. Não podemos facilitar.

— Não estou dizendo que não andemos com os três olhos bem abertos — disse, soberba. — Nunca terá que subestimar o Transformista. Só digo que sempre o encontraremos, porque assim está escrito. Loki pode passar a eternidade tentando escapar de nós se quiser, mas sempre o encontraremos, sempre o encontraremos como se deixasse um rastro só visível a nossos olhos. E o único modo que pode terminar a perseguição, é com ele morto. Ou com nós dois sob seu jugo. Mas nem você e eu estamos dispostos a cair, verdade? — perguntou-lhe com voz afiada.

Odin negou com a cabeça. Havia tantas coisas que queria perguntar a essa Deusa. Tantas perguntas que não foram feitas e tanto a revelar e admitir...

Quanto saberiam um do outro? Pouco? O suficiente?

— Quando escreveu essa profecia, Freyja? — perguntou o Aesir, colocando-se a seu lado. Ele sobre seu cavalo e ela sobre seu gato branco de listras negras.

Freyja manteve o olhar à frente e Odin voltou a admirar seu elegante perfil. Inclusive quando estava calada, falava.

— Depois que me falou da sua profecia — respondeu a deusa... — depois que retornou a Asgard sem um de seus olhos, e cheio de sabedoria porque viu o que podia acontecer e acreditou que a *vö/va* tinha razão. Então sabia mais que ninguém — a Deusa respondeu, segurando suavemente as rédeas do seu gato. — E pensei que, como Deusa Vanir, eu também devia ter algo na manga, uma carta com a qual poderia jogar. Quando chegou o momento de iniciar nossa partida de xadrez, e soube que minha General ia descer ao Midgard, assegurei-me de que levasse seu livro com ela. Todos tomamos decisões, alguns com mais acerto que outros. A única coisa que sei com certeza é que tanto você como eu dispusemos nossos peões como melhor soubemos. E, entretanto, nada disso teria dado seus frutos se minha mãe Nerthus não tivesse intervindo. Se não fosse por ela, agora o Midgard não existiria, e você e eu seríamos carne de presa para Loki, e não o contrário. A pergunta é: quanto Nerthus sabia de nós e de nossos movimentos?

— Acha que sua mãe bebeu do Mímir como eu fiz? Porque não se bebe de sua fonte direta sem dar algo em troca.

Freyja não respondeu àquela hipótese. Sua mãe tinha feito algo, disso tinha certeza. E, possivelmente, fez no mesmo dia que burlou a segurança de Asgard e chegou até o Alfheim para trocar o capacete Invencível e substituí-lo por outro. O que teria dado em troca? Não sabia, mas esperava saber.

Odin não podia negar nenhuma só palavra das que tinha saído da boca de Freyja. Todos deram algo em troca para chegar até esse ponto onde estavam, mas nada teria funcionado se não fosse pela

participação definitiva de Nerthus. O que, por certo, o fazia se sentir estúpido e cheio de contradições.

Em um ato de honra e de humildade, Odin segurou Freyja pelo antebraço e deteve sua caminhada.

O enorme felino, que todo mundo confundia com um tigre de bengala, bufou ao Deus como se o proibisse de tocá-la. Freyja acariciou o lombo de seu gato e o tranquilizou.

— Está tudo bem, precioso — cantarolou. Então, estudou a enorme mão que a segurava e a marcava a fogo na pele, e depois levantou o olhar para ele com curiosidade.

— Fez a sua mãe reviver? — perguntou. — Vi todos os guerreiros ressuscitar lá fora. Acaso a leitura desse livro provoca a ressurreição de todos os mortos por Loki na batalha do Ragnarök, inclusive apesar de serem deuses?

Freyja elevou os cantos de seus lábios e respondeu:

— Acredito que nunca saberei se minha mãe retornou à vida, ou se está na dimensão que ela abriu para desaparecer com todos seus elfos. Nunca saberei. Não sei se a voltarei a ver, Caolho. Ela é livre de viver onde quiser.

Odin a olhou sem acreditar completamente. Aquela Deusa sabia muito, e sua filha era sua digna herdeira. Estalou a língua e mostrou seus dentes brancos e afiados em um amplo sorriso.

— É uma pena — a provocou. — Porque eu adoraria lhe abrir as portas de Asgard de novo e que ocupasse um trono de honra. Eu gostaria que fosse reconhecida como a autêntica salvadora do Ragnarök.

— Esqueça isso — disse Freyja, balançando o corpo de um lado ao outro, compassando-se ao ritmo que impunha seu gato. — Acredito que minha mãe, esteja onde estiver, encontra-se em seu próprio Reino mágico, feito à sua imagem e semelhança. Acredito que Asgard, depois de tudo, seria pequeno — acrescentou, sabendo o muito que podia incomodar Odin.

Ele não caiu em sua provocação. Manteve-se em silêncio, pensando em quão bom seria para ele fazer as pazes com Nerthus, não só como favor aos Vanir, mas sim, para recuperar a atenção de

Freyja. Posto que nesse momento sabia que o odiava profundamente e o culpava pela morte de sua progenitora.

Mas é que nem sequer ele sabia o que estava se movendo no Midgard e nunca imaginou que a Deusa da Terra fosse tão ousada para ela mesma mudar o suceder dos acontecimentos.

— Loki tem a cabeça de Mímir. Acompanham-no Angrboda e Fenrir —anunciou Freyja. — Agora mesmo não podem acessar a suas visões de maneira nenhuma, pois as nornas não continuarão tecendo o tear até que isto acabe. É um tempo de não futuro, só de presente. Eles estão perdidos e possivelmente não saibam como agir a partir de agora. Em troca, Mímir só possui o dom da adivinhação se continuar bebendo de seu poço do conhecimento. Imagina aonde pôde ir Loki para utilizar Mímir, nos ver chegar e agir em consequência? — arqueou uma sobrancelha loira e o olhou de esquelha.

Odin deixava muito claro. O poço do conhecimento de Mímir se conectava diretamente com a raiz do Yggdrasil, a que desembocava no Midgard. E se havia um lugar que tinha sido regado com a mesma fonte do conhecimento de Mímir, esse era o lago onde Nerthus escondia seu carro dourado e seus bois, um conclave onde sempre tinham rendido culto a ela. Um lugar oculto da dimensão da Terra, mas dentro dela, onde só se respirava paz e tranquilidade.

Encontrava-se na Dinamarca. Odin nunca pôde visitar esse lugar, pois estava vetado para ele. Mas, em troca, Freyja sim, podia.

— Só para que fique claro — ressaltou Odin antes de avançar em sua busca. — Escreveu que nós ganharíamos? Ou que ganharia o melhor? Digo para não facilitar — ressaltou o Deus.

— Jogamos com muita vantagem. Mas não com tanta — replicou Freyja. — Que valor teria se os deixássemos tão indefesos? Pensava que você gostava da emoção, e que deseja um confronto real com Loki, para saborear melhor a vitória.

Odin piscou assombrado. Freyja o conhecia melhor do que pensava. Não gostava de forjar brigas de nenhum tipo. Adorava testar-se e demonstrar que ele podia com todos. Sobretudo, com Loki, que sempre tinha fugido e se esquivado dele. Desta vez, o

Vigarista não poderia escapar dele. Ambos teriam que acertar as contas, embora fosse pela última vez.

— Bem. Então...

— Então — continuou Freyja assinalando com o queixo uma luz ao final do túnel, — quando sairmos daqui, ao final do túnel, estaremos no bosque de Fionia, onde minha mãe fazia seus rituais. Prepare-se, porque vamos nos encontrar com Loki de frente — lhe ordenou.

— Sim, senhora — Odin sorriu e piscou um olho para ela.

De repente, Freyja ficou olhando como se o visse pela primeira vez, ou se visse nele o reflexo de algo que era impossível. A pele arrepiou, e sacudiu a sensação incômoda do corpo. Estava enlouquecendo, e a proximidade do Aesir provocava isso.

Passou séculos lutando sobre o magnetismo que ele impunha nela. Passaram muito tempo negando um ao outro. Porque Freyja podia ser ativa e distante, mas não era mentirosa consigo mesma. Amava Odin quase com a mesma intensidade com a que tinha amado ao maior amor de sua vida. A seu misterioso, divertido e enigmático Od. Como podia amar com a mesma intensidade a dois homens tão diferentes? E por que o que estava com ela não aceitava de uma vez por todas que a amava? Isso a desequilibrava e a fazia sentir-se mal consigo mesma. Porque em sua relação haviam muitas máscaras e muitos segredos, e nenhum deles continha uma só verdade.

Agora, antes de atravessar o túnel e dar de cara com Loki, sua esposa e seu filho lobo, reverberavam em sua cabeça as palavras que sua mãe Nerthus lhe dedicou antes de morrer.

Havia dito: “Não perca a esperança. Quando descer, Mímir terá algo a te mostrar”.

E Freyja estava decidida a verificar o que era que a cabeça falante teria a lhe dizer.

Loki estava de pé, com o Laeviatann, que já não abria portas de nenhum tipo, enfiado na areia da margem daquele lago. O sol brilhava sobre sua cabeça morena e sobre seu capacete dourado e

negro com chifres bicudos e curvados para trás. Seus olhos negros permaneciam fixos na água cristalina daquela lagoa, alheia a tudo o que acontecia na Terra. Era um maldito paraíso.

Loki olhou para todos os lados e pediu à gigante que trouxesse a cabeça de Mímir.

— Traga-a para mim, Angrboda.

A mulher, dolorida ainda pelos cortes que Menw tinha insuflado com aquela espada, caminhou mancando, obedecendo às ordens de seu marido.

— Esse maldito vanirio — murmurou dando claras amostras de dor. — Me cortou com a lâmina de uma espada que tinha a energia de um deus ou semideus, do contrário não posso compreender por que minhas feridas demoram tanto em cicatrizar.

Loki fez ouvidos surdos às suas queixas. Angrboda era bonita, mas muito chata. Supunha-se que Ihe tinha dado filhos incrivelmente fortes, bestas que matariam Odin e engoliriam o sol e a lua. Mas a profecia era falsa. Não se completou.

A jotun deixou a cabeça na margem do lago, e os olhos claros, quase brancos do gigante, se abriram para olhá-los. Mímir não julgava, apesar de saber tudo e de conhecer tudo sobre todos, essa cabeça não avaliava se o Deus dos Jotuns parecia derrotado ou não, ou se tinha feito as coisas erradas ou não.

— Dizem em Asgard que seu poço do conhecimento conflui em um lugar mágico no Midgard. É este, Mímir? — quis saber Loki de maneira impertinente.

Mímir observou o bosque e cheirou a água que roçava suas barbas trançadas.

— Sim. É este.

Loki fez uma careta de conformidade e insistiu ao Oráculo a que bebesse.

— Bebe — ordenou. — E me diga o que vai acontecer agora e como posso sair daqui.

— Se quer saber os acontecimentos, é você o que tem que beber, não eu — respondeu o gigante.

Loki franziu o cenho sem compreender.

— Foi assim como Odin viu o destino?

— Assim é — respondeu Mímir com tranquilidade. — Embora bem sabe que ele teve que me oferecer algo em troca.

Loki sorriu maliciosamente e cortou com a ponta de sua lança a bochecha do gigante.

— Isso foi em Asgard, onde você estava protegido e enfeitado e onde haviam umas leis que o alimentavam. Mas não aqui — negou Loki. — Vive porque necessito que esteja presente neste momento — lhe disse estendendo sua língua de serpente e trocando seus camaleônicos olhos a uns de réptil... — Porque você me ajudará a entender a visão. E seguirá vivendo enquanto eu ditar. Quando já não me servir, matarei-o.

Mímir nem sequer reagiu a essas palavras. Manteve-se calado, sereno e apático, sem lhe importar a ameaça de morte que caía sobre ele, nem a ferida que sangrava de sua bochecha.

O Vigarista, sob o atento olhar de Fenrir e Angrboda, se agachou na margem e uniu suas mãos a modo de terrina para sorver aquela água limpa e pura.

Quando a água, fria e fresca percorreu sua garganta, sentiu uma espetada poderosa nas têmporas. Sentou-se na areia úmida, parcialmente tonto, e deixou que o dom da adivinhação o possuísse.

Mas, em vez disso, Loki não viu nada sobre o futuro. O que viu foi o presente.

Um presente que nada tinha a ver com o que ele tinha sonhado ou desejado para a Decadência dos deuses e o fim da humanidade.

O estômago e a laringe começaram a arder e se retorceu para começar a cuspir sangue pela boca. Enquanto isso, atravessou-o a imagem de Hela sendo alcançada pela flecha da Guerreira, e ficando em estado vegetativo no momento em que essa arma iridescente a tocou.

Loki arregalou os olhos com estupefação.

Sua filha, a rainha da Morte, a guardiã do Helheim, acabava de ser vencida por uma sacerdotisa de Nerthus. Assim, simplesmente.

O Midgard se enchia de almas de luz que lutavam contra os espectros e os venciam com uma facilidade esmagadora.

O navio de Balder singrava o oceano e navegava pelas ilhas e os continentes, purificando a Terra e libertando-a dos jotuns. Balder... Tinha retornado. Era o fim.

E no mar, em algum lugar do Mediterrâneo, Jormungander queria fugir da perseguição das valkyrias, os einherjars e esse Deus intrometido que era Thor. O Deus do Trovão.

Não. Nada disso tinha que acontecer assim.

Quando abriu os olhos de novo, tinha a Angrboda sobre ele, analisando seu estado. Loki se retorcia como um verme, não podia deixar de cuspir sangue.

A gigante se aproximou da água para estudá-la com suspeita. E afundou seu dedo indicador no lago. Depois, provou-o com a ponta da língua, e em seguida tossiu, começando a cuspir como fazia seu marido. Aquela água era como ácido para eles.

— Maldita Nerthus! — blasfemou Angrboda, segurando a língua. — *Seidkona!* Bruxa! A água está encantada. É daninha para nós — argumentou a jotun. — Não se aproxime, Fenrir — advertiu a seu filho lobo. Este deu dois passos para trás e afastou o focinho da margem, obedecendo a sua mãe.

Ela era *völva* e bruxa, mas dentro das deusas de suas categorias, era Nerthus a mais poderosa de todas.

Angrboda lutou contra ela e seus feitiços mais de uma vez, mas nunca conseguiu superá-la, embora esse fosse seu empenho. Ao final, as bruxas e feiticeiras sempre tinham alguém a quem superar ou a alguém a quem imitar. Para ela, sempre foi a Deusa Vanir. E agora, acabava de lhe demonstrar com esse encantamento que não só ganhava quando quisesse, mas sim, podia usar a magia *seid* e a *galdrar*, um tipo de magia mais prática e xamânica, para combiná-las e fazer o encantamento invisível a seus olhos.

Desse modo, Nerthus sempre estava um passo a frente. Como nesse momento. Tinham recorrido a esse lugar do Midgard onde chegava a água do poço do gigante oráculo, mas não podiam beber dele, porque os envenenava.

— Hela... — sussurrou Loki. — E Jormungander... — tinha cravado os dois joelhos na areia e parecia louco e doente. Não

continuou falando porque um arroto sanguinolento o interrompeu e ao mesmo tempo lhe provocou uma hemorragia nasal.

A gigante tentou ajudá-lo a se levantar, mas Loki não permitiu, empurrando-a para afastá-la dele.

— Quer me ajudar, mulher?! — gritou furioso e com desprezo. — Faça que esta maldita dor desapareça! — segurou o estômago.

A morena Angrboda negou, lançando-lhe um olhar igualmente depreciativo.

— Não posso — negou simplesmente. — Não sei rebater o *seid* e o *galdrar* juntos. É o que tem viver durante tanto tempo presa no ostracismo. Talvez bebeu muito, não acha? — elevou uma sobrancelha negra, fazendo-o de menos.

Loki desejou matá-la nesse instante, mas precisava dela. Precisava de proteção. E mais agora que estava tão mal.

Do que lhe servia ter essa cabeça se não ia ajudá-lo? Por que deviam carregar Mímir se já não servia como Oráculo?

O melhor seria destruí-lo.

— Acaba com — ordenou Loki.

— Com o Mímir? — perguntou Angrboda sem ocultar sua incredulidade. — Sabe o que está dizendo?

— Sim, estúpida. Os Vanir cortaram a cabeça de Mímir, que era o tio materno de Odin. Depois, foi Nerthus quem enfeitiçou a cabeça falante e a deu de presente aos Aesir como gesto altruísta para fazer as pazes com eles. Odin se aproveitou disso e o usou para consultas oraculares. Não se vê capaz de rebater um feitiço de Nerthus? Não acha que pode acabar com o Mímir? — provocou-a.

Angrboda esfregou as mãos, ignorando a alfinetada de seu marido, e decidiu que tentaria. Mas, ao recitar umas palavras *seid* para desfazer o encantamento original, suas mãos começaram a arder como se as tivessem molhado com gasolina e alguém lhe tivesse jogado um fósforo aceso.

Angrboda correu para afundar as mãos na água, mas o efeito foi pior e mais daninho.

— É uma idiota! — acusou-a Loki com o queixo manchado de sangue. — Olhe para nós, maldição. Não nos serve de nada ter o Oráculo quando as leis mudaram e a magia se virou contra nós. A

água que bebi está me fazendo adoecer, não vê? — grunhiu sofrendo um novo espasmo. Moveu a mandíbula de um lado ao outro, e depois cuspiu algo da boca. Era um dente. Deuses... Acabava de cuspir um dente. — Estou me decompondo! Mate-o!

— Tentei! Mas o que Nerthus faz não se pode desfazer! — replicou ela, observando suas mãos queimadas e em carne viva. — É uma Vanir!

— E eu o Deus do Jotunheim! — gritou raivoso, dirigindo-se a Mímir ele mesmo com sua lança. O atravessaria no olho só por despeito. — Ninguém vai rir de mim!...

E nesse preciso momento se criou um redemoinho de luz sobre suas cabeças. E não precisou que ninguém os dissesse quem se aproximava. Sentiam sua energia divina.

Loki ficou com a lança a meio caminho do olho de Mímir. E ao ver o percal, bateu-se em retirada, escapando como um covarde. Como pôde, correu até Fenrir e subiu em seu lombo. O imponente lobo lançou uma última olhada àquele torvelinho luminoso, e em última instância saiu daquele bosque encantado e daquele lago envenenado, com seu pai nas costas, esperando encontrar a entrada de outra *hule* pela qual pudesse fugir e viajar sem serem vistos.

Sua mãe começou a gritar ao comprovar que a deixavam para trás. Adentrou tanto na água que agora não podia sair, e um grande número de braços cristalinos a seguravam por suas roupas, mantendo-a prisioneira.

Aquele era outro feitiço de Nerthus. Não cabia dúvida.

Angrboda viu, sem muita surpresa, como seu filho e seu marido partiam sem olhar para trás, deixando-a só naquele bosque e naquele lago, às custas de quem quer que fosse chegasse através do túnel de luz, ditasse sentença sobre ela.

Loki nunca tinha amado. Certamente, ela tampouco. Ambos precisaram um do outro uma vez, e mais quando a *vö/va* profetizou que lhe daria três filhos que acabariam com Odin. Era uma relação de conveniência e de interesse.

Mas a verdade não lhe doía. Haviam deuses feitos para triunfar e deixar marcas. E outros que eram uma mera ferramenta para um propósito. Ela tinha sido uma ferramenta para Loki.

E o Vigarista só ficava no melhor. Nunca no pior.

Entretanto, aceitar que ia morrer não queria dizer que caísse sem lutar. Tentaria. Apesar de que essa água cristalina estivesse enfeitiçada para reter o jotun que se banhasse nela, ou para envenenar àquele que queria beber de seu conhecimento.

Do redemoinho, emergiram Freyja e Odin voando sobre o lago e cravando o olhar em Angrboda. A gigante deu um tapa no ar para jogar Freyja de cima de seu gato, mas a deusa Vanir o esquivou de maneira maestral, e depois aterrisou com elegância na margem, fixando seus olhos prateados no pescoço de Angrboda.

Odin aterrisou atrás dela e observou Mímir.

Este focalizou seus olhos cegos nele, sem mostrar surpresa alguma por seu reencontro.

Freyja desceu de seu gato, e não pensou duas vezes. Ia atrás de Angrboda, que parecia ter dificuldades para sair do lago.

— Precisa de ajuda? — perguntou Odin observando-a com curiosidade.

A Deusa negou com a cabeça e perguntou a Angrboda:

— Onde está seu marido e seu filho?

— Foram comprar maçãs, cadela ególatra — respondeu com ironia. Não podia se girar, porque aquelas mãos feitas de água não a soltavam. Seus pés e suas pernas se consumiam ao estar em contato com o lago.

Freyja sorriu ante a piada.

— Me deixe adivinhar — continuou Freyja. — A deixaram sozinha e fugiram como uns covardes. Eles tentaram salvar a pele e nem sequer olharam para trás. Não lhe estenderam uma mão. — Freyja afundou a mão na água e depois a esfregou com os dedos, para analisar sua composição e se tinha sido alterada. Sentiu o toque de sua mãe naquele encantamento, e se inchou de orgulho ao ser sua filha. Sua mãe era a melhor feiticeira de todas, controlava todo tipo de magia, e ela era sua melhor aprendiz. Tudo o que sabia era pelo conhecimento sobre as artes mágicas que a

Deusa Mãe lhe transmitiu. — Tem um feitiço de imobilização e um de contaminação e morte — disse simplesmente. — Por isso Angrboda ficou aqui presa.

Odin analisou a margem e percebeu as manchas vermelhas escuras que manchavam a areia da margem. Era sangue. O Deus desceu do cavalo e se dirigiu para inspecionar as manchas. Analisou-as com seu único olho azul aço e murmurou:

— Quem bebeu?

Freyja o olhou com interesse e esperou para escutar a resposta de Angrboda, embora soubesse que não chegaria. Não tinha intenção de ajudá-los.

Odin se aproximou da cabeça de Mímir e perguntou a ele:

— Quem bebeu, tio?

Angrboda o olhou de esguelha e apertou os dentes. Esse gigante intrometido responderia a Odin sem rodeios.

— Loki. Loki bebeu — respondeu a cabeça falante.

Odin sorriu do mesmo modo em que Freyja o fez. O Vigarista sofreria os espasmos da morte em seu corpo e sentiria como a água percorreria seu sangue, seus músculos e seus ossos até torná-los mingau. Mas, embora o atraía ver Loki morrendo daquele modo tão agônico, preferia ser ele quem acabasse com sua vida. Apreciaria isso. E precisava disso. Ele devia acabar com aquilo.

Freyja observou Angrboda e se regozijou ao vê-la tão dolorida e angustiada. A bruxa, a odiosa bruxa gigante que gerou as bestas de Loki, encontraria o final banhada pela magia de sua mãe Nerthus. E também pela sua. Porque não pensava em estender mais aquela tensão. A Vanir apreciaria fazer essa gigante desaparecer desse mundo médio, e de todos os existentes e por existir. Não precisavam de bruxas como ela.

— Não imagino como Loki pode se sentir agora mesmo — murmurou Freyja, rodeando o corpo de Angrboda até se localizar diante dela. Era muito menor, mas cem mil vezes mais poderosa. Eram como um David contra Golias, e o tamanho não seria um problema. — Quando o Transformista matou a minha mãe, não imaginava que ela ia devolver a jogada, antes inclusive do que

ninguém esperava. Seu feitiço acabará com ele lentamente, e o deixará em uma bandeja para que o esmaguemos.

Freyja olhou de um lado ao outro daquele lago, e vislumbrou uns cipós que caíam ao redor das rochas pelas quais escorregava a impressionante cascata que repousava formando aquele maravilhoso lago natural.

— *Komme*. Venham — os cipós se elevaram, para se moverem como serpentes dispostas a dançar sob sua batuta e obedecer à deusa. Com os dedos, fez umas figuras no ar e as plantas se moveram imitando seus movimentos. Uma delas rodeou o pescoço de Angrboda, duas delas seguraram os pulsos da gigante, e duas mais se enrolaram em suas pernas.

Se havia algo que Odin admirava de Freyja, era que não tinha retraimentos em ser viking em suas torturas. De fato, às vezes pensava que ela era mais viking do que ele. Por isso a contemplou encantado quando seus olhos prateados observaram o rosto de Angrboda sem um pinga de compaixão e lhe disse:

— Agradeça que não tenho tempo para fazer com você o que de verdade gostaria. Agradeça que não tenho paciência para te torturar dia a dia como fez Odin com Loki quando o prendeu depois que ele, com suas trapaças, matasse seu filho. Agradeça que morrerá sem mal se dar conta disso.

— Não tenho nada que te agradecer, Freyja — asseverou Angrboda. O cipó espremia seu pescoço e a impedia de respirar. Ficava vermelha como um tomate e parecia que os olhos iam foram sair das órbitas. — Sabe por que meu marido fez tudo isto? Você o provocou. Você e o efeito que tem nos deuses e nos humanos. Em todo aquele que tenha um cacete entre as pernas! — acusou-a encolerizada. — Tive que suportar como ele se transformava em gigante e me possuía, gerando meus três filhos, e me chamando por seu nome. Como se sonhasse fazer sexo com você em vez de comigo.

Freyja a escutou atentamente. Ela não tinha a culpa de ser como era. Nem era a culpada de ter aquele tipo de magnetismo.

— Está na mente de quase todos os deuses! Eles usam a suas mulheres e imaginam que é você! Mas, sabe o quê?

— Me diga — disse Freyja, divertida.

— Deve se sentir muito infeliz.

Aquilo lhe chamou a atenção. Não deveria, pois eram palavras de uma mulher ressentida e vencida por sua inimizade mais acérrima. Tudo o que tivesse que pronunciar, sairia da escuridão do despeito e da inveja. Entretanto, esperou para ouvir o que tinha a dizer. Para comprovar se sua acusação ia na direção que ela imaginava.

— Devo? — replicou, elevando o queixo.

A gigante se esforçou em falar para acrescentar:

— Deve. Porque tem o poder de atrair ao seu quarto a qualquer homem, mas foi incapaz de reter ao que amou. Porque todos sabemos que Od te abandonou. E jamais retornou para você.

Sabia dissimular. Era uma arte como qualquer outra. Podia fingir que aquilo não a machucou, nem tinha aberto a única ferida que nunca cicatrizou. E isso faria. Embora por dentro gritasse e sentisse que se quebrava ante aquela verdade.

Mesmo assim, a deusa Vanir sorriu de modo que parecesse que tinha acabado de pensar em algo, e soltou um desrespeitoso:

— Tem razão. Não precisa que me agradeça por isso — elevou os braços por cima de sua cabeça e depois os deixou cair para frente, abrindo-os a cada lado de seu corpo. — Angrboda *dor!* Morre, Angrboda!

Os cipós extirparam a cabeça, os braços e as pernas de Angrboda, e os fizeram voar pelos ares. O torso da gigante se afundou no lago e desapareceu comido pela água enfeitiçada, até não deixar nem a roupa.

Freyja saiu da água com a sensação de que acabava de tirar um espinho. Mas ainda lhe faltavam um par a mais para tirar e sentir-se bem e liberta. Se alguma vez conseguisse sentir-se assim, sem peso sobre seus ombros.

Odin se apoiou em uma árvore para contemplar de braços cruzados à loira agir mediante sua magia *seidr*. Era muito poderosa, e embora Freyja lhe ensinara muito sobre magia e feitiçaria, (de fato, tudo o que ele sabia era graças a Vanir), sabia que a

Resplandecente ainda guardava muito mais conhecimento para si. E se sentia ciumento disso.

Mas ele também se sentia ciumento dela. De que houvesse coisas que nunca lhe mostrou, que nunca lhe ensinou, e mais quando tinham estado tão unidos.

As palavras de Angrboda lhe recordaram que outro, que não era ele, que não podia ser ele, estava no coração da Deusa. E não podia fazer nada para mudar essa situação.

Odin se obrigou a apagar essas lembranças de sua cabeça. Não podia voltar para o mesmo. Aquilo foi destrutivo, e o mudou para sempre. Embora isso não o impedia que se lembrasse dela cada noite. Mas tinha aprendido a ser forte e a ignorar suas emoções.

Tinha uma mulher que o respeitava, embora não se parecesse em nada com Freyja. Isso devia ser suficiente.

A Deusa passou pela frente dele, e lhe dedicou um olhar velado que o deixou e espectador imediatamente. Maldita seja. Odin soltou o ar dos pulmões, e se amaldiçoou uma e mil vezes, porque embora fosse o Deus mais poderoso de todos, não tinha poder para enganar a si mesmo e conseguir acreditar que não sentia sua falta. Porque sentiria saudade dela sempre.

— Uma a menos — disse Freyja.

Mas a ele não podia mentir. Conhecia-a. Sabia quando algo a alterava e algo a magoava. E Angrboda tinha morrido dando uma estocada dolorosa.

— Quantas vezes Loki tentou te seduzir? — perguntou Odin, inclusive antes de controlar o que saía por sua boca.

Freyja se deteve quando já tinha passado ao largo dele e lhe deu as costas, pois olhava de frente a Mímir.

— Tantas quanto você — respondeu ela.

Odin se separou do tronco da árvore e se colocou às costas de Freyja.

— E quantas vezes, Vanir, levou-a para a cama?

Freyja se virou e o fulminou com os olhos, banhados de raiva, fúria e decepção.

— Tantas quanto você — replicou. — Nenhuma — respondeu voltando a lhe dar as costas.

O Caolho teve que fechar os punhos para ignorar a coceira que sentia nos dedos pela vontade que tinha de tocá-la. E de demonstrar que se equivocou em todas e cada uma das vezes que o rejeitou.

— Eu não sou a amante de ninguém — acrescentou Freyja. — Não me deito com homens casados — disse simplesmente.

Odin resmungou algo ininteligível e de repente estendeu a mão até seu cabelo loiro, e a agarrou pelo cabelo, sem força, só para que se desse conta de que ele a segurava.

Então, deu um passo adiante e encostou seu corpo ao dela, para lhe dizer ao ouvido:

— Este é o Midgard. Não estamos em nenhum outro lugar. Aqui não há leis nem princípios.

— O que quer dizer, Caolho?

— Aqui não estou casado, Frígida — ronronou sobre sua garganta. — O que acontece aqui, pode ficar aqui. Ninguém tem que saber de nós. Ninguém saberá. Sua reputação de provocadora comigo seguirá intacta, e Frigg não tem por que sair ferida, pois não saberá. Talvez este seja nosso momento — beijou sua garganta e roçou sua pele com os cabelos loiros de sua barba.

Freyja fechou os olhos, nervosa ao ser tocada por ele daquele modo. Odin era um vendaval. Sempre tinha sido. Tinha-a tentado seduzir de mil maneiras, e Freyja resistiu recorrendo a toda sua dignidade e pondo muito esforço nisso. Porque era fraca com ele. Muito.

Mas a deusa tinha princípios e orgulho, e não era segundo prato de ninguém.

— Tenho piedade de sua mulher.

— Não minta. Não te cai bem.

— Equivoca-se. Sim, gosto dela. Compadeço-a por o ter como marido. Agora, se afaste — ordenou, afastando-se de perto dele. O olhou de esguelha e esfregou os braços, pois tinha a pele arrepiada.

— É uma covarde.

— E você um porco — respondeu de pronto. — Agora, me deixe falar com o Mímir — pediu. — Minha mãe me disse que tinha algo a me mostrar. E quero saber do que se trata.

Mímir assentiu e piscou uma só vez.

— Sim. É verdade — disse o Oráculo. — Ela preparou este lugar para que fique aqui e você seja a última depositária de minha visão. Só posso te mostrar meu conhecimento. A ninguém mais. Esse foi seu desejo.

A Vanir se inquietou ao ouvir aquelas palavras.

— Parece que minha mãe sabia que este momento ia acontecer — murmurou. Por isso, embora estivessem em uma das desembocaduras do poço da sabedoria do Yggdrasil, ninguém, nem sequer bebendo da água nem falando com ele, poderiam entrar em transe. Nem Deus, nem humano, nem imortal o faria, porque Nerthus tinha preparado um feitiço para que só ela, sua filha, pudesse acessar o gigante.

— Bom, o único modo de que entenda o que sua mãe fez — explicou Mímir, — o que viu e por que o fez é que veja com seus próprios olhos o que ela viveu. Quando acabar sua visão, Resplandecente — esclareceu Mímir falando pausadamente, — eu desaparecerei para sempre.

Odin acreditou ter ouvido errado.

— Não diga tolices, velho Mímir — o repreendeu. — O devolveremos a Asgard. À sua fonte.

Mímir sorriu afavelmente, mas o rebateu em seguida.

— Não, *Alfather*. Sinto muito, mas meu tempo acabou. Assim decidi a magia de Nerthus. E estou de acordo com ela. Passo séculos vivendo deste modo. Estou esgotado — reconheceu com expressão cansada. — Eu gostaria de encontrar repouso.

— Nerthus não vai decidir sobre algo tão importante, tio. Sua filha me acompanha, e ela é capaz de reverter o encantamento. Precisamos de você em Asgard.

Freyja não apoiou a proposta de Odin já que, se sua mãe tinha tomado essa decisão de fazer desaparecer a cabeça do Oráculo, teria seu motivo. Nunca fazia as coisas sem um plano, e sem ter estudado antes suas consequências.

— Odin, há coisas que nem sequer você pode trocar — espetou Freyja. — Seja o que for que farei com você, Mímir, decidirei depois — esclareceu a Vanir.

— Não há nada que possa decidir — respondeu Mímir. — Assim está decretado. Você será a última depositária de minha visão. A única que saberá o que Nerthus descobriu. Depois, partirei.

Freyja adquiriu uma expressão casual. Mímir desapareceria depois de lhe mostrar a visão. E era algo que deviam conduzir.

— De acordo, Oráculo — assumiu a Deusa. — Agora me diga o que devo fazer para que me mostre o que minha mãe queria me mostrar.

— Tome a água do lago. Não a fará mal — esclareceu para tranquilizá-la. — E a seguir, pouse suas mãos em minhas têmporas.

A Deusa não hesitou nem um segundo em seguir suas indicações. Encheu as mãos de água e a sorveu. Estava deliciosa, fresca e limpa. Depois pousou suas mãos nas largas têmporas da cabeça falante e olhou para Mímir fixamente.

— Não deixe de me olhar, Freyja — a advertiu Mímir. — Se verá em meus olhos e se moverá através deles. Prepare-se — recomendou enquanto suas cristalinas e pálidas íris se tornavam luminosas e de sua boca saía um feixe de luz que banhou a deusa. — A viagem vai ser muito intensa.

O corpo da deusa se banhou com a luz que emitia Mímir, mas seus olhos permaneceram abertos, capturados pela hipnose que o Oráculo exercia nela.

E então, tudo o que a rodeava deixou de existir. E se foi a outro tempo e a outro lugar.

Ao ponto de inflexão onde tudo mudou.

XII

Via o que os olhos de sua mãe tinham visto. E era como se estivesse fora de seu corpo, mas sem estar completamente. Encontrava-se em Víngolf. Em seu palácio.

Via a si mesma preparando-se, vestindo-se com seus melhores ornamentos para receber o homem que amava e que tanto queria. Ao único capaz de domar e receber seu coração.

Freyja se viu naquele cenário. Em seu lar afastado em Vingolf, à margem das habitações das valkyrias e dos einherjars. Ela possuía o andar mais alta, guardado por uma Torre que tinha vistas aos quatro pontos cardeais, e cuja paisagem mudava ao gosto da deusa.

Estava se enfeitando com esmero em frente ao espelho, colocando-se bem a calcinha dourada que só cobria sua virilha e separava suas nádegas por um fino fio de ouro. Seus seios nus eram cobertos por seu próprio cabelo loiro, que exibia liso como duas cortinas sobre cada protuberância.

Passou nos lábios um morango mordido que repousava na tigela de frutas sobre a cômoda e arrumou com os dedos as mechas de seu cabelo que não estavam em seu lugar.

Depois, pegou a tigela de frutas com ela e se virou, satisfeita com sua aparência, para sentar-se sobre o tapete de pele branca e brilhante que havia sobre o chão.

Aquele dia ia ser especial.

Alguém, repentinamente, tinha irrompido em sua vida, deixando-a sem palavras, impressionada e, pela primeira vez, atraída de verdade por um homem. Porque Freyja nunca se apaixonou assim, e agora parecia que tinha caído irremediavelmente nas redes do coração.

Tinha encontrado um visitante. Um estrangeiro que vivia em Asgard e ao que nunca antes tinha visto. Chamava-se Od, seu nome significava *inteligência e alma*, e depois do muito que o atraía sua maneira de ver a vida e suas constantes ideias, veio que não havia melhor nome para ele que esse.

Assim que se conheceram, Od lhe disse que viajava muito por outros mundos e que adorava inspecionar outras realidades, pois de todas havia muito por aprender. Era um viajante entre dimensões. Um informante para os deuses, fossem do panteão que fossem.

Quando Freyja o viu tão loiro, com o cabelo tão liso e resplandecente, e aqueles olhos azuis que pareciam ver além de sua alma, ficou sem respiração.

Od se aproximou dela, em uma reunião dos deuses em Yggdrasil, enquanto bebiam hidromel de suas taças cerimoniais. Assim que a viu, foi até ela, e suas palavras foram tão diferentes de todas as que Freyja tinha ouvido dos deuses usualmente machistas, que a cativaram.

— Ouvi que dizem de você que tem a alma fria — disse Od a modo de saudação. Direto, sem preâmbulos.

Freyja o olhou por cima de sua taça e sorriu de maneira coquete.

— E o que você acha, viajante?

Od negou com a cabeça, olhando-a de cima a baixo.

— Que mentem.

— Oh, acha isso?

— Sim — afirmou sem titubear.

— E por que pensa isso?

— Porque não pode haver nem um pinga de frieza em algo tão bonito e que faz meu sangue ferver só de olhar. É impossível.

Freyja inclinou a cabeça para um lado, impressionada por sua ousadia e sua sinceridade. Foi uma flechada.

Depois daquilo, passaram horas falando sobre qualquer coisa. Tudo parecia importante e relevante, sobretudo as constantes cruzadas de olhares que a deixavam tensa até o inexprimível.

Nessa mesma noite Freyja tomou uma decisão e fez sua primeira exceção com um homem. Convidou-o à sua torre, a seu palácio sagrado, para que passasse a noite com ela em seu quarto.

Freyja tinha rejeitado a todos. A todos os deuses existentes e por existir. Inclusive a Odin, por quem sentia uma atração terrível, mas que não podia consumir, já que Freyja era deusa do amor e não acreditava nas infidelidades, apesar de que os deuses eram propensos a todo tipo de relações, bacanais e orgias, inclusive o incesto.

Odin estava casado com Frigg e esta esperava o nascimento de um filho. Freyja não precisava interpor-se em um matrimônio. Se alguma vez transou com alguém, o tinha feito com a segurança de que não haveriam danos colaterais. Porque não havia nada pior que carregar um coração quebrado.

Para Freyja, ver e recordar aquele encontro tão vívido, encheu-a de nervosismo e de sentimentos reencontrados. Contemplou o primeiro encontro com Od com uma estranha sensação de perda e de nostalgia.

Era ele que estava sob o umbral de sua porta. Seu escultural corpo moreno estava coberto por uma capa de pele de urso branco. Prendeu seu cabelo em um rabo de cavalo loiro, e aquele penetrante olhar gázeo não tinha outro objetivo além dela. Sua pessoa.

Od entrou em seu quarto, sabedor de que não precisava de permissão, pois já a tinha. Freyja o esperava estirada no tapete, mordendo um morango, escaneando cada extremidade dela. Seus braços definidos, definindo cada veia e cada tendão. Seus ombros cheios, aquela cintura estreita a que seguiam umas flexíveis coxas, atléticas e robustas.

Era um conquistador. Um viking. Um homem que lavrou seu próprio destino, e sabia tanto e conhecia tanto de tudo, que nada o intimidava. Nem sequer ela.

— É o primeiro em estar aqui, Od — sussurrou Freyja, colocando-se de joelhos no tapete. Mastigou o morango e lambeu o polegar, lançando a ele um olhar velado.

Ele sorriu e admirou a estadia, para depois concentrar de novo sua atenção nela. Nada era mais atraente nesse aposento que ela. Suas curvas, seu cabelo, seus seios cobertos por aquele cabelo brilhante como o sol. Sua pele macia, os lábios carnudos que desenhavam quase sempre um sorriso de superioridade, que não o ofendia. Ao contrário. Deixava-o excitado.

—Então, farei que não queira que eu saia, Deusa — sentenciou de pronto, soltando sua capa e fazendo que se deslizesse por seu corpo, até fazer uma montanha a seus pés.

Od pisou no tapete, deixou-se cair de joelhos e disse a Freyja:

— Quero morangos.

Ela desviou o olhar à travessa de frutas e depois a ele.

— Sirva-se você mesmo.

Od se pôs a rir. Passou a língua pelos lábios e respondeu:

— Tudo bem.

Freyja recordava esse momento como se fosse ontem. O instante em que Od a surpreendeu tomando-a pela cintura e sentando-a escarranchada sobre ele. O momento em que sua boca pousou sobre a dela. A primeira vez que seus lábios se conheceram, e a faísca que suas línguas provocaram no primeiro toque.

Esse foi o beijo mais poderoso de todos. O primeiro encontro, que dizia se as almas encaixavam e eram afins.

E as suas eram.

— Muito deliciosos, os morangos — disse ele, travesso.

Surpreendida pelas sensações, Freyja rodeou o pescoço de Od e aprofundou o beijo, enquanto entrelaçava seus tornozelos pressionando a parte baixa de suas costas.

O viking afastou seu cabelo e descobriu seus seios. Baixou a boca sobre eles, faminto como estava, e os lambeu com a ponta da língua.

As sensações se dispararam e provocaram que a Deusa estremecesse entre seus braços, mais quando Od sugou suas aréolas e as chupou como se quisesse beber delas nesse momento.

Depois penetrou sua mão entre seus corpos, e deslizou os dedos entre o fino fio de sua tanga dourada.

— Importa-se? — perguntou, sabedor de que ela ia dizer que não.

Freyja baixou o olhar à sua mão morena, que mexia entre seu sexo, liso e sem pelo.

Od fechou os olhos ao notá-la tenra, inchada e úmida, preparando-se para ele. Não esperou que lhe respondesse. Arrancou-lhe a calcinha sem demora e jogou o diminuto tecido do outro lado do amplo recinto ovalado. Não tinha cantos. Por isso se dizia que seu mirante não possuía ângulos e não havia ninguém que pudesse ocultar-se dele. Diziam de Freyja que podia converter-se em falcão e que tinha uma visão de ave de rapina. Em parte, era porque nada no Valhalla escapava à sua observação.

Quando Od a deixou nua, ele mesmo baixou a calça, ansioso e trêmulo por possuí-la. Desejava-o com todas suas forças. Sem deixar de beijar-se, o viking tomou o pênis e o ajudou a empurrar entre suas dobras.

Freyja gostava dos homens poderosos e varonis como ele, os que liberavam seu lado selvagem, e não diziam tolices açucaradas como Bragi, filho de Odin, e poeta. Preferia homens reais, sem medo da sua força e de soltar seu lado animal. Ela era uma deusa que não ia se quebrar porque eram rudes com ela. E mais, necessitava essa sensação de luta e poder para desfrutar. E Od a deu.

Segurou-a bem pelos quadris, para que não escapasse, e a investiu com força.

Freyja deixou escapar o ar entre os dentes e jogou a cabeça para trás. Isso era o que sempre tinha querido. Um homem mágico, que embora não fosse Deus, pudesse enfrentá-la com a ousadia e a coragem com a que Od a possuía. Suas investidas se tornaram duras e excessivamente profundas, tanto que Freyja pensou que ia

atravessar seu estômago a qualquer momento. Mas isso nunca chegou, pois o prazer anulava todo o resto.

Od procurou seus lábios e os mordeu, enquanto segurava suas nádegas nuas e imprimia um ritmo frenético e louco em seus movimentos.

De maneira que quando o surpreendente orgasmo varreu a ambos, e Freyja ficou como gelatina entre seus braços, não sabia ao que ater-se.

Mas não precisava decidir qual seria o seguinte movimento, e não seria ela quem daria o primeiro passo. Aquele encontro era mais dos que ambos tinham esperado. E seria covardia não reconhecer isso.

Od puxou seu cabelo e a obrigou a olhá-lo nos olhos, brilhantes e quentes, igual aos maravilhosos pratos de Freyja.

— Serei o primeiro e o último a entrar aqui — sentenciou o viking com uma segurança contundente.

Freyja não pôde contestá-lo nem o contrariar. Como ia fazer isso, se ela mesma desejava que assim fosse? Se tinha procurado um amor desse tipo, sem complexos, sem inseguranças, sabendo cada um o que tinha e o que podia oferecer. Sem pretender nada mais que ser a gente mesmo, com suas virtudes e seus defeitos.

Aquela noite, sua vida mudou para sempre.

Porque experimentou os méis e os féis do amor. E criou a uma nova Deusa Vanir.

Freyja chorava, estupefata, ao reviver aquele instante. Não compreendia como sua mãe a fazia passar por isso de novo. Por quê? Por que tinha que lhe recordar tudo o que teve com Od e tudo o que perdeu? Não entendia. Que necessidade tinha que incluir na visão aquela parte de sua vida?

Entretanto, quando sentia que se decompunha e que perdia toda sua serenidade, a paisagem mudou de novo, e se viu na planície do Idavöllr, rodeada de suas flores e sua impoluta grama verde, perfeitamente segada.

Aquele era o lugar favorito das valkyrias para cavalgar. E também era o seu e o de Od, para cavalgar de noite, quando todos

descansavam. Parecia que só existiam eles no mundo. E ninguém mais.

A vasta planície repousava aos pés do Víngolf, que levitava no céu, marmóreo, brilhante e cristalino, emitindo um sem fim de cores que se refletiam ao redor.

Freyja chorava desconsoladamente, no fim do longo campo, cujo precipício conectava com outros mundos delimitados pelo Yggdrasil.

Não chorava pelas infelizes notícias que tinham chegado de Odin. O Deus tinha decidido visitar Mímir para ver o futuro e assegurar-se de que as profecias sobre seu filho não iam acontecer tal e como tinha vaticinado a *vö/va* que ele mesmo tinha convocado para surpresa de todos.

Em sua volta, Odin, que tinha sofrido um penoso retiro para absorver toda a informação do Oráculo e manter seu reino em soberana paz e harmonia, apareceu caolho, pois foi o preço que teve que pagar pendurar-se na árvore Yggdrasil e beber do poço da sabedoria do gigante.

O Aesir lhes falou do destino dos deuses e de uma série de acontecimentos que poderiam alterar sua existência.

Haveria uma traição, e uma rebelião. E, possivelmente, haveria uma luta para destruir o Reino Médio que com tanto zelo ele espiava, pois tinha uma fé enorme nos humanos.

A *vö/va*, então, não estava enganada.

Entretanto, Odin achava que as profecias estavam para não cumprir-se, e que com a informação da que dispunham, ainda podiam evitar esse fim que, naquela época, desejava ser muito longínqua e irreal.

Freyja estava tão preocupada como o resto em relação às notícias de Odin, mas sua situação pessoal a dominou completamente.

Então vestia com uma túnica longa e branca. Estava sentada, com as pernas encolhidas e abraçadas por seus braços e pousava o olhar perdido no horizonte estrelado. Depois de passar com Od cada noite por um longo período de tempo, pois ele sempre viajava

pelas manhãs, fazia muitas luas que o viking não a visitava e tinha cortado a comunicação com ela.

Não o compreendia. Tinha-a simplesmente abandonado. Sem uma explicação. Uma noite lhe disse que a amava e que era o amor de sua vida, e no dia seguinte não o viu mais. Desapareceu, até o ponto de fazê-la duvidar de se alguma vez tinha sido real.

Freyja estava mal fisicamente, o coração doía, e chorava lágrimas de ouro vermelho constantemente. Afastou-se de tudo e de todos, pois se encontrava em um momento delicado, repleto de desolação. Nem sequer suas valkyrias podiam falar com ela.

Ali, sentada, passou a mão pelas maçãs do rosto e recolheu de seu rosto o sangue que emanava de seus olhos. Converteu-os mediante sua magia em diamantes vermelhos, que descansavam sobre a palma de sua mão. O reflexo dos brilhantes era como o reflexo de seu amor por Od, poderoso e reluzente, mas frágil, já que se desvanecia sem luz a refletir-se neles.

Fechou o punho, raivosa, como se quisesse destruí-los. Mas depois abriu a palma e deixou que os diamantes caíssem sobre a grama, ocultando-se entre as longas folhas silvestres, perdendo-se nelas, tal e como ela se perdeu.

Foi aí, nesse preciso instante, quando sua mente começou a maquinar, durante três luas seguidas, sobre sua intervenção divina no Midgard. Sua magia faria o resto e sua estratégia a ajudaria a convir os movimentos mais adequados, conforme acontecessem no Midgard e em Asgard. Ela era perspicaz e sábia. Por que não ia poder dispor uma série de fichas futuras para jogar por terra os planos do ciumento e libidinoso Loki?

O Fim do Mundo não podia chegar, nem a Decadência dos Deuses, porque isso queria dizer que Od deixaria de ter tempo para retornar. Assim, motivada por sua vontade de reencontrar-se com ele, a Deusa sussurrou uma palavra em *Futhark* para materializar o livro que seria legado à sua valkyria favorita. A Bry, a Selvagem. Então, o livro possuía umas capas douradas. A pequena loira que tinha no Valhalla seria uma Guerreira brutal, a mais fiel de todas. Sua mão direita. E nela pousaria sua total confiança para que, chegado o dia, desempenhasse o papel que lhe correspondia.

Freyja abriu o livro dourado, cujas folhas de linho indestrutível provinham do mesmo tear das nornas, que ninguém podia tocar. Mas ela sim, porque era a Deusa Vanir, e nada nem ninguém resistia a ela.

Com a mão sobre o livro aberto, recitou um feitiço de ocultação. E depois, arrancou uma das plumas de falcão de sua capa Valshamr que protegia suas costas do frio, e lubrificou a ponta com sua língua, transformando-a em uma pluma de escritor.

Olhou de novo ao horizonte, consciente de que fazia o que fazia para que não esgotasse o tempo de voltar do homem que amava, para que sempre tivesse essa porta aberta para eles.

Ela amava com toda a alma, e agora a tinha quebrada. Mas seria forte, se recuperaria com o tempo, embora nada pudesse preencher o vazio que lhe deixava a ausência de Od. Nada.

Sobre Asgard recaía uma profecia. Infeliz. Falava do nascimento de três seres brutais que acabariam com os deuses. E de uma rebelião de um Deus contra o próprio Odin. De fato, o Deus Aesir havia retornado do poço sem poder negar tais predições.

Freyja não duvidava de que esse Deus traiçoeiro seria Loki, disso estava completamente segura, pois não havia nos Nove Reinos ninguém mais vigarista e enganoso que ele. O Deus Jotun adorava jogar com tudo e com todos, e, se não, tempo ao tempo.

Enquanto isso, ela somente podia jogar suas cartas. Se esse Ragnarök chegasse, Freyja agiria segundo seus intuitos.

Fechou os olhos, rezando à Deusa da Inspiração para que lhe desse a sabedoria necessária para evitar a catástrofe da que lhes tinha falado Odin, e murmurou umas palavras imaginando-se em meio da destruição dos mundos.

— Hoje estou aqui. Entre nuvens que não vêm do céu e poeira como a que a morte arrasta. Fervendo e ardendo, com os olhos úmidos fixos nas estrelas e a alma seca e eletrocutada, com minhas emoções exaltando e emergindo como um gêiser que se nega a ficar calado. Nada tenho sob controle. Hoje escrevo como um vulcão em erupção. Estou no Fim do Mundo.

Flas!

A imagem desapareceu ante seus olhos e se desvaneceu volatilizando-se no espaço, antes que ela começasse a escrever a lenda lateral em *futhark* que fecharia o feitiço em cada página.

E em meio de um novo aturdimento em sua visão, se viu no interior de um bosque. Nele, uma grossa raiz branca alimentava com água o interior de uma fonte guardada por Mímir.

Estava em frente ao poço do conhecimento.

Sua respiração se cortou quando viu passar por seu lado Odin, ainda com seus dois olhos, sua energia poderosa e seu atraente rosto, e se deteve, sério e decidido, em frente ao seu tio Mímir.

Seria verdade que estava a ponto de ver o que Odin negociou com o Oráculo? Ele não quis dizer o que foi.

Mas Freyja não era tola, e sabia contar. Arriscou um olho para obter todo o conhecimento, mas teve que dar algo mais para mudar o passado como fez em relação a seu filho Balder e a Nanna. O que foi?

Estava a ponto de descobrir.

XIII

Quanto se sabia do que tinha feito Odin? Quanto se sabia do que viu e do que fez para mudar o destino dos deuses?

Ninguém conhecia a verdadeira história atrás do mito. Sim, entregou seu olho. E sim, absorveu todo o conhecimento dos mundos. Mas, Mímir não oferecia nada gratuitamente. Ele se alimentava não só de água, mas sim das valiosas oferendas de outros.

O coração parou na garganta quando soube que ela, só ela, ia assistir aquele momento histórico que forjou uma lenda e um deus tal e como o conhecia.

O bonito Odin se apresentou angustiado em frente à cabeça de seu tio Mímir. Parecia cansado e afligido pela situação.

— O que acontece, *Alfather*? — perguntou Mímir ao vê-lo em frente a ele.

Odin passou os dedos pela fonte ornamental, de pedra e contas de cristal em que repousava aquela enorme cabeça. Parecia incômodo, mas também decidido a cumprir seu propósito.

— Na noite passada, com todos reunidos depois de nossa festa da caçada, convoquei a *vö/va* que tinha sido criada por gigantes, e me perguntou se desejava que me recitasse o antigo saber. Eu aceitei, pois desejava escutar de sua boca como se originou tudo. Que nos recordasse quão grandes somos por ser deuses criadores — ficou calado.

— Continue, *Alfather* — pediu Mímir, escutando-o com atenção.

— Tudo ia bem até que sua narração chegou à luta entre os Vanir e os Aesir. E nesse ponto, assinala que sabe segredos de mim que inclusive eu mesmo desconheço — murmurou contrariado. — E, então, advertiu-me que perderei um de meus olhos para obter todo o conhecimento. E depois, insinua que a escuridão espreitará. Que meus amigos se converterão em meus inimigos, que perderei meus filhos que ainda não nasceram — ressaltou — e que chegaria o Ragnarök. Que não podíamos evitar nosso próprio destino, onde muitos morreríamos, entre os quais eu mesmo me encontro. Também falou sobre uma segunda vinda, um Novo Amanhecer, que viria pela mão de um de meus filhos. Mas para que isso acontecesse, antes devíamos perder muito. Muitíssimo — ressaltou com suas palavras. — A vida — sentenciou. — E não estou disposto a isso.

— Compreendo — assentiu Mímir. — E por que vem aqui me falar disto? O que quer de mim? Se Orlag falou através da *vö/va*, pouco tem o que fazer.

Odin passou a mão pelo cabelo, refletindo seu nervosismo, e depois bufou. Esse gesto deixou Freyja arrepiada. Mas preferiu fazer caso omissa a essa sensação. Devia observar com muita

atenção, sem perder nenhum detalhe, desse encontro entre o Oráculo e o Deus.

— Passei toda a noite em claro. E decidi que quero ver com meus próprios olhos se o que a bruxa disse é verdade. Quero ver a verdade dos Nove Mundos. Investigá-los a fundo e compreender até que ponto o destino está fiado ao tear.

Mímir enrugou os lábios e franziu o cenho.

— O que me pede é arriscado, Odin. Quer ver o que eu vejo. Quer saber o que eu sei. Muito conhecimento para uma cabeça tão pequena.

Odin arqueou as sobrancelhas e observou o crânio de gigante de Mímir.

— Posso suportar, tio. Sou o Deus de tudo e de todos. Não insinue sequer que não posso suportar.

Mímir sorriu amavelmente.

— Eu não disse isso. Digo que a sabedoria suporta um sacrifício e terá que me dar algo em troca.

— Do que se trata?

— O que eu vejo por parte do que você vê. É um trato justo, não o considera assim?

Desta vez foi Odin quem reagiu de maneira estranha.

— Não acabo de entender o que diz.

— Peço um de seus olhos em troca, Odin. Com tudo o que saberá e tudo o que verá, não precisará ter um par de olhos para contemplar os mundos. Com um já basta.

— De verdade quer um de meus olhos?

— Sim. É o que peço por te ceder minha visão.

Freyja observou com certa ansiedade esse momento no qual Odin tirava um olho para dar a ele. Não afastou o olhar quando ele mesmo introduziu seus dedos na órbita de seu olho direito e o arrancou sem mal gritar. Com o rosto sangrento e a pálpebra fechada, mostrou seu olho azul ao Mímir e este assentiu, satisfeito por sua ousadia.

— Lance-o ao fundo do poço — ordenou Mímir.

Odin o deixou ir sem apego algum. Coisa que não surpreendeu a Freyja. Porque ele se sentia responsável pelos seus. Era um líder sem igual, um que faria o inexprimível por proteger seu mundo.

— Bem. Agora, mergulhe sua cabeça na água do poço, e depois, pouse suas mãos em minha têmpora. Transmitirei a você a realidade dos reinos. O presente e o futuro de tudo que acontece acima e abaixo. É assim que se converterá no olho que tudo vê.

Odin fez o que foi instruído, bebeu até fartar-se, e depois, com seu cabelo loiro e longo ensopado e a água escorregando por seu pescoço e seus ombros, pousou suas mãos sobre as têmporas de Mímir, o qual manteve seu olhar à frente.

— Me olhe, Odin. E se prepare para a viagem.

Depois daquilo, Freyja contemplou com desgosto o sofrimento de Odin por tudo o que experimentava pela visão. E ante ela passaram fugazmente, como se fossem segundos, os dias que esteve caolho e esgotado, pendurado pelos ramos do Yggdrasil, tentando beber e lutando por aceitar e ordenar tudo que lhe tinha sido revelado.

Freyja pensou que tudo acabaria ali, com ele pendurado pelo freixo sagrado, acompanhado de seus dois corvos que lhe narravam o que acontecia dia a dia em Asgard.

Entretanto, estava equivocada.

Ante seus olhos, voltou a apresentar-se Odin, de novo em frente a Mímir. Então já tinha seu tapa-olho de couro que lhe cobria o malogrado olho, e estava se recompondo de seus dias de jejum e abstinência em Yggdrasil, aceitando a erudição da que era preso.

— Foram muitas luas... Volta de seu retiro pessoal? — quis averiguar Mímir.

— Já sabe — respondeu Odin simplesmente. Então, seu tom se endureceu e seu porte era outro, mais duro e letal, como se pela primeira vez fosse consciente de que não devia subestimar a seus possíveis inimigos. — E também sabe por que estou aqui.

— Pode ser — assumiu a cabeça falante, cujas barbas se afundavam na água do poço.

— Quero acessar o futuro através de sua visão e viajar entre os mundos. Sei que posso fazê-lo — asseverou. — Freyja me

ensinou muitas coisas e é momento de pôr em prática meus próprios feitiços.

A Deusa, que era uma mera espectadora de luxo daquela cena, murmurou com um meio sorriso:

— Que atrevido este Odin.

— Vai alterar o tempo e as realidades? Acaso quer tornar as nornas loucas e encher de nós seu tear?

— É o único que posso fazer. Você mesmo sabe que nosso destino já foi descoberto. E que a *völva* tem razão. Sabe perfeitamente quais serão nossos inimigos e como nos vencerão.

— Tem que estar muito cego para não vê-lo — respondeu Mímir, dando como evidente.

— Pois, me dá razão.

— Em todo caso não a tiro, *Alfather*. E como pensa realizar sua viagem?

— Através da água do poço, com sua visão e um feitiço de abertura de portais que a Resplandecente me ensinou. Acredito que com isso será suficiente.

Freyja arregalou os olhos com surpresa. Assim, assim aconteceu? Utilizou a magia *seid* e a linguagem criadora *futhark* para fazer sua viagem no tempo e tomar o corpo original de Balder, cloná-lo e deixar o real na Terra sob a proteção de Ás Landin? Odin já sabia então que iam fazer os berserkers descerem e que ela criaria os vanirios em contraposição. Sabia tudo o que ia acontecer. Maldito, conhecia tudo. De fato, tudo o que conseguia era graças a ela.

— Incrível — murmurou a Vanir.

— Faz o que convenha, Odin. Mas já sabe que o preço que terá que pagar é muito caro.

Freyja observou o modo como a mandíbula dele endurecia, e todo seu corpo perdia tensão, como se acabasse de decidir que tinha que entregar algo muito valioso para ele.

Mesmo assim, tentou vender-se.

— Posso te dar o outro olho.

— Não. Não me interessa — respondeu seu tio.

— Quer um braço? Uma perna?

— Não, Odin. Tanto você como eu sabemos que no futuro só é Caolho. Não é nem coxo nem maneta. Está fisicamente completo.

— Então — sussurrou nervoso, — o que pede?

— Quero a única coisa que não posso experimentar.

Odin emudeceu, e a frieza que lhe percorreu gelou até a mesmo Freyja, embora estivessem em tempos e espaços diferentes.

— Fale com clareza.

— Quero que me entregue o sentimento mais prezado que alberga seu coração, Odin. Ama com toda sua alma. Eu nunca poderei experimentar isso — disse Mímir com tranquilidade.

Odin ficou consternado, e Freyja, que não acabava de compreender a que se referia, tentou caminhar até eles. E conseguiu. Para sua surpresa, podia mover-se através da visão. Localizou-se diante de Odin para olhá-lo no olho nesse instante e discernir o peso da realidade que caía sobre o deus Aesir. Parecia derrotado. Destroçado.

E isso a deixou mais nervosa ainda.

Porque não podia imaginar Odin deixando de amar Frigg, ou a qualquer dos filhos que teria com ela. Não podia imaginá-lo deixando de amar a humanidade pela qual tanto lutava e em que tanto acreditava.

Ele baixou a cabeça, mergulhado em sua própria desgraça e batalhando com unhas e dentes contra sua luta interna.

— Ama com toda sua alma a uma mulher, Odin. Só a uma. Não há um deus que ame como você ama. E quero me alimentar dessa sensação tão especial.

A deusa cravou as unhas nas palmas das mãos, pois a insegurança a carcomia. Acaso Odin tinha entregue seu amor por sua esposa? Então, por que motivo continuava dizendo a ela que a quem amava era a Frigg se isso não era verdade?

— Sim, só amo a uma mulher — assentiu Odin.

— Pois quero que renuncie a seu amor por ela. Quero que me dê isso. Não quero nada material desta vez. Acredito que a proeza que vai realizar bem merece um presente desse tamanho, não

acha? Tanto você como eu sabemos que passa séculos apaixonado pela mesma deusa.

“É Frigg. É Frigg”, repetia-se Freyja na cabeça. Assim, quando pronunciasse seu nome, seu coração não doeria tanto. Porque a rejeição de Odin durante todo esse tempo lhe doía tanto como o abandono de Od. Era uma infeliz. Angrboda tinha razão.

— Sim, é verdade, Mímir — afirmou Odin.

— Quando me entregar seu amor por ela já não haverá mais visitas. Já não haverá mais reencontros. As viagens de Od se acabaram.

Como?

Essas palavras foram tão daninhas como desoladoras. Cortaram-lhe a pele, e rasgaram sua alma como nada o tinha feito. Por um momento ficou surda, não ouviu nada mais, exceto o batimento frenético de seu coração nos ouvidos. Freyja empalideceu e entreabriu os lábios, como se não tivesse escutado bem.

— Deixará de se converter em Od e estar com a mulher que verdadeiramente ama. Deixará sua magia de lado. Nunca mais poderá estar junto à Freyja. Sei que, depois de seu retiro, está desejando retornar a seu lado, mas isso já não poderá acontecer. Fará desaparecer seu personagem e nunca mais se aproximará dela.

Cada palavra que pronunciava Mímir escurecia a silhueta de Odin, como se o lançassem a um abismo de sofrimento sem igual.

— Você... — disse Freyja em um sussurro, desaprovando Odin.
— Você não pode ser ele. Não pode... — negou veemente. As lágrimas se amontoaram na garganta e começou a chorar desconsoladamente.

— E como... Como acha que vou viver a partir de agora? — replicou Odin com a voz quebrada. — Ela... Ela é o motor de minha vida. Minha esperança.

Freyja soltou um grito de impotência e tentou lançar-lhe um murro, mas sua mão atravessou seu corpo, como se fosse um fantasma.

Não. Não podia ter dito isso. Isso não podia ser assim.

Ela se apaixonou por Od. Ela amava Od. Também tinha sentimentos muito fortes por Odin, porque também o tinha aprendido a amar inclusive sem chegar a tê-lo. E agora compreendia, do modo mais cruel e injusto, por que amava os dois do mesmo modo.

Porque eram a mesma pessoa. E ambos a tinham abandonado. Ambos a enganaram.

— Amo Freyja acima de todas as coisas. A amo inclusive acima de meus filhos que ainda não nasceram. O que sinto por ela é diferente de tudo que conheço. Quanto de mim perderei se te entregar o que mais quero? —perguntou desesperado.

— Será um Odin diferente. Assuma. Se quer mudar o destino, aceita que a Resplandecente está vetada para você. Se limitará a continuar com Frigg, com a esposa que escolheu...

— Conheci Frigg antes de Freyja. Eu... — disse Odin, perdido — não imaginei que haveria uma mulher que me deixaria tão louco até o ponto de querer viver para ela. Mas quando os Vanir e os Aesir fizeram as pazes e começamos a viver juntos, e Freyja se encarregou de nossa educação mágica, da minha — esclareceu particularmente... — Eu... me apaixonei. Simplesmente — reconheceu com o rosto decomposto. — Temo que se te der o que me pede, não voltarei a sentir paixão por nada. Nada voltará a me emocionar.

Mímir permaneceu impassível ante o rogo de Odin. O Deus lhe estava suplicando, à sua maneira, que não exigisse tanto dele.

— Mostra paixão por seu plano, Odin. Se debruce nisso. Por assegurar a continuidade dos deuses. E agora é básico para o equilíbrio de Asgard e dos Reinos que mantenha seu matrimônio com a Rainha dos Aesir e Deusa do Céu, Odin. Por que então não foi capaz até agora de abandonar Frigg e dizer que amava a Freyja?

— Frigg ficou grávida — explicou Odin. — É minha amiga. E... não sou capaz de partir seu coração. Além disso, não quero me jogar em cima de meu próprio clã por escolher a uma Vanir antes de uma Aesir.

— A isso me refiro. Mantenha o equilíbrio ou criará mais inimigos dos que já começam a nascer. Acha que é justo para Frigg

saber que seu marido ama a outra mulher? Acha que é justo para Freyja que continue sendo seu amante? Não acha que é egoísta?

— Claro que é egoísta! — clamou Freyja, decepcionada e furiosa com ele. — Muito egoísta! Não se pode ter tudo nesta vida! Tinha que saber escolher! Devia ficar comigo! recriminou-o despedaçada, perdendo a compostura, dando chutes e arranhões que não chegavam a machucar sua pele.

Odin suspirou, abatido.

— Pode manter o ânimo e a esperança, Odin.

— A que se refere?

— Lute e trabalhe para evitar o Ragnarök e, talvez, quando chegar o momento — se referiu a si mesmo dessa maneira — todo o entregue e todo o servido, será devolvido a seus donos.

— Está falando de uma eternidade. Não posso estar uma eternidade sem Freyja — Odin deixou claro. — Vai me custar horrores não vê-la diariamente, não poder tocá-la. Como imagina que vou aguentar tanto tempo?

— Porque a verás, e isso será suficiente para você. Sentirá luxúria e atração por ela, porque a Vanir o deixará louco como deixa loucos a todos os homens. Porque te interessará e te cativará, mas não será capaz de escolhê-la acima de sua mulher. Não será capaz de voltar a ser Od para ela. Não poderá sê-lo.

— E quem me impedirá isso?

— Você — respondeu Mímir. — Me entregue seu amor por ela. Faça isso agora. Sacrifique seu coração e tudo estará feito. Recorde que é o *Alfather*. Seu dever é olhar pelo bem de todos acima do seu próprio. E isso implica fazer sacrifícios muito grandes. Assim, se concentrará em todo o resto e não terá distrações de nenhum tipo. Ouvi que um amor deste tipo aliena as mentes e distrai à alma.

Freyja não podia crer. Não podia acreditar no que Odin ia fazer.

— Como faço?

— Não! Não, Odin! — gritou Freyja com todas suas forças, — Não o faça!

Estava tão impressionada que não entendia que aquilo era uma visão e que não podia interceder nela.

— Pensa em Freyja — pediu Mímir.

— Não! Não, por todos os Deuses! Não o faça, Caolho! — chorou desolada. — Não dê algo tão nosso... — suplicou caindo de joelhos e cobrindo o rosto com as mãos.

Odin fechou os olhos e Freyja viu, desanimada e inconsolável, como uma lágrima caía pelo canto do único olho de seu atraente Deus. Odin chorava, como ela chorava.

Não queria fazê-lo. Mas o fez.

— Coloque a mão no peito — disse Mímir.

Odin o fez sem nenhum problema, porque era todo-poderoso e manipulava seu corpo como queria.

— Rodeie seu coração com a mão.

Odin soltou uma exalação de angústia e apertou os dentes com ferocidade.

— Pensa no que ela te faz sentir. Tem-no?

Ele assentiu firmemente, e quando a cabeça do gigante lhe pediu que o desse, sua mão estava rodeada por um halo de luz de muitas cores nos que preponderava sobretudo o branco brilhante.

— Imbecil! Estúpido! — gritou-lhe Freyja... — Matou aos dois!

O Aesir observou a luz que emanava de sua mão e, triste, esperou a última ordem de Mímir.

— Lance-a em meu poço.

Odin abriu sua mão, e após vários segundos segurando seu amor com delicadeza, ao final, deixou-o ir e permitiu que Mímir se alimentasse dele.

Então, tudo ao redor de Freyja se tornou escuro.

Sozinha, abraçava a si mesma, ajoelhada no chão, com seu espírito quebrado e tudo o que tinha acreditado saber sobre si mesma e seus sentimentos, totalmente destroçados. Se olhava para trás, tudo que lhe tinha importado fazia parte de uma moldura de fotos com um vidro opaco e rachado.

Aspirou pelo nariz, tentando recompor-se. Agradeceu à escuridão, porque podia se ocultar nela. Poderia lamber suas feridas e ficar nesse lugar, estendida no chão, escondida.

Entretanto, um resplendor fez que abrisse os olhos e elevasse os olhos.

Tinha frente a ela a sua mãe Nerthus. Estava sentada em frente a uma penteadeira de ouro, com querubins ao redor de sua moldura. Achava-se em um palácio, no interior de uma sala em que milhares de trepadeiras caíam do teto cristalino e se retorciam pelas paredes de pedra como porcelanas, branca e lisa, movendo-se a seu desejo.

Sentada em frente àquela penteadeira, acabava de se materializar sua mãe, Nerthus. Sua mãe.

Seu cabelo vermelho caía por suas esbeltas costas e olhava seu reflexo com aqueles olhos verdes que tanto amor lhe tinham dado.

Quanto precisava dela! Quanto sentia sua falta! Freyja se levantou pouco a pouco, pois sentia que lhe tinham dado uma surra. E assim tinha sido. Odin a feriu mortalmente, e agora estava convalescente. Precisava correr e abraçar-se a sua mãe para procurar consolo.

Mas então recordou que aquilo era uma visão. Uma visão que sua mãe tinha criado para ela, porque queria que visse o que sabia.

Nerthus cravou os olhos no espelho, justo onde ela estava, e a olhou por cima de sua cabeça.

— Se tiver suportado a visão até aqui, minha pequena Freyja, saberá então que não sou de carne e osso, e que agora mesmo não pode me tocar. O que preciso é que me escute.

Freyja soltou um soluço e negou com a cabeça. Parecia-lhe muito cruel ver sua mãe e não poder abraçá-la nem lhe dizer quão orgulhosa estava dela nem o muito que a amava.

— Mamãe... — falou, rendida.

— Sei que teve muitas surpresas. Revelações muito... inesperadas. Mas acredito que é necessário que as saiba agora, pois ninguém verá o futuro como Odin e eu o vimos. Tudo está no ar — admitiu a Deusa da Terra... — mais agora que nunca — tomou um frasquinho de cristal azul de sua penteadeira e o abriu para inalar o perfume. — Te conheço, minha filha. Sei qual é seu maior desejo e qual é sua debilidade. Seu desejo é que Od retorne, e sua

debilidade é Odin. Soube, sempre, os sentimentos que tinha pelo Caolho, que não eram diferentes dos que Od despertavam em você. Sim, não se surpreenda — a recriminou olhando-a através do espelho. Sua mãe a conhecia tão bem que saberia que caras estaria pondo. — Sou sua mãe e não sou idiota. Eu não gostava que sentisse nada pelo Odin, não se equivoque. Mas quem manda sobre o coração? Eu certamente não — fez uma pausa e depois prosseguiu. — Você não é uma deusa qualquer, Freyja, e tanto você como eu sabemos que não se pode amar por igual a dois homens diferentes, a não ser que esses homens sejam a mesma pessoa. Por isso, quando vi que olhava Od como olhava para Odin, um alarme em mim se disparou. Odin podia ter me desterrado ao Midgard, mas a magia Vanir em nós é poderosa e pode superar todo tipo de proibições. Assim retornei a Asgard e me ocultei na forma de um animal. Sabia então que Od a tinha abandonado, e curiosamente, coincidia com o retiro de Odin. E isso me surpreendeu. Além disso, como Deusa do Midgard, também precisava saber o suceder dos acontecimentos para mudar o futuro. Eu também tinha que dizer o meu. Assim, me apresentei ante o Mímir e exigi ver o passado, o presente e o futuro. Ele, como tinha feito com o Odin, pediu-me algo em troca — explicou a Deusa sem deixar de olhá-la. Para Freyja, parecia uma conversa real e isso a reconfortava. — Me exigi o mesmo que pediu a Odin. O maldito Oráculo se tornou viciado no sentimento que recebeu do Caolho e exigi de mim o mesmo. — Nerthus emudeceu e brincou com uma pedra vermelha e brilhante que fazia rodar entre seus dedos. Era uma de suas lágrimas vermelhas cristalizadas. — Não entreguei meu amor por você, porque não pensava fazê-lo jamais. Mas sim entreguei meu coração de mulher. Reneguei o amor de um chefe viking que me deixava louca, cuja tumba se encontra sob a ilha de Fionia. Tinha-lhe prometido fazê-lo imortal para que ambos vivêssemos juntos a eternidade — explicou afetada. — Mas, em troca de ter uma possibilidade de salvação, de que você fosse feliz e de arrumar tudo em um futuro, sacrifiquei-o. Abandonei o meu homem — contou emocionada e triste ao mesmo tempo. — O viking já não tinha paixão para lutar. Esteve noites inteiras sem

dormir. Ao final, entregou as armas ao Rei da Dinamarca em troca de proteção para os seus, já que, por causa de meu desaparecimento, sabia que já não poderia cuidar de ninguém nem ser o líder que todos admiravam.

—Oh, Deuses... Mamãe — murmurou Freyja, empatizando com sua mãe. — Sinto tanto...

— Imagino que agora tem que estar sentindo tanto como eu. — Isso provocou um sorriso nos lábios de sua filha. — Mas cuidei disso e me assegurei de que minha decisão e meu sacrifício valesse a pena, ao menos, para que uma das duas conseguisse ser feliz. Vi o que Odin e você fizeram, e as fichas que colocaram no Midgard para que se movessem como peças de dominó. Entretanto, faltaram fichas para completar aquele baile. E eu as acrescentei — elevou a mão aberta e lhe mostrou o diamante vermelho que não deixava de cintilar como uma estrela. — Te falo agora de minha projeção do passado, justo no dia em que mostro o Uoervinnelig, meu capacete Invencível. Disse que o capacete carregava rubis porque simbolizavam sua dor e suas lágrimas ao ser abandonada. Este diamante que tenho na mão é uma das lágrimas que deixou cair na planície de Idavöllr, no mesmo dia em que escreveu seu próprio decreto de profecia. O dia em que escreveu seu Ragnarök pessoal depois de ver que Od já não retornava. Agora saberá que seu livro mudou o futuro de verdade, senão, não estaria aqui me escutando.

— Sim... — sussurrou Freyja secando as lágrimas com a mão. — Sim, sei, mamãe.

— A crina do capacete é de um de seus preciosos javalis imortais e poderosos — sorriu com melancolia. — Mas isso já sabe — Nerthus se agachou e pegou o citado capacete entre as mãos. — Os chifres simbolizam minhas vacas. Aqui está. Aqui o tenho. Em seu passado, em sua lembrança, já lhe dei isso. Mas no meu, entrei na sala dos totens e o troquei por outro diferente para levar o autêntico. E roubei uma *handbök* de Asgard, uma dessas diminutas fadas guias com as que vocês gostam de brincar. Também peguei uma das donzelas de Frigg comigo para que seja a guardiã da caixa da fada, e seja ela a receber aos que devem encontrar o capacete — moveu os lábios mostrando desconformidade. — Levei Fulla.

Essa garota descobriu o que estava acontecendo no palácio de Frigg, já sabe do que falo, não? — e se deteve, dando tempo para ela entender o que insinuava. — Tive que sequestrá-la para que não abrisse a boca e não dissesse nada a Odin... Ela guarda a fada no porta-joias de Frigg.

Freyja não podia acreditar no que ouvia. Fulla era a donzela favorita de Frigg, a que guardava suas posses mais apreciadas, entre elas, seu porta-joias. Mas foi dito que um gigante se apaixonou por ela e a levou com ele a seu mundo, e ninguém voltou a vê-la nunca mais. Mas, sim. Sabia muito bem a que se referia sua mãe.

— Por todos os deuses... — disse Freyja.

— Já saberá, mas a barda precisava de proteção para ler seu livro, ou a iam matar antes de que o fizesse. Assim que o deixo na tumba de pedra de meu amor, que eu amava, e o que teria sido um Deus da Terra e Senhor dos Elfos justo e equânime — passou a mão pela crina de javali e brincou com suas pontas. — O vanirio e a berserker o encontrarão — vaticinou — para dá-lo a Daimhin. Ou isso espero. Mas suponho que se estiver aqui me escutando, é porque finalmente o encontraram e o entregaram — se levantou com o capacete entre as mãos e deu as costas ao espelho para olhar de frente à sua filha. — Freyja, não há nada mais duro que renunciar ao verdadeiro amor. É como se uma parte de você morresse para sempre — pronunciou as palavras sabendo deixar uma mensagem de esperança em sua filha. — Odin o fez. E eu o fiz. Fizemos para dar uma esperança a todos os outros. Porque se conseguíssemos deter o Ragnarök, talvez tudo pudesse mudar e começar do zero, assumindo nossas faltas. Talvez o equilíbrio possa ser mantido de outra maneira — desta vez a olhou como se de verdade a visse. — Não podemos viver dos erros do passado. Devemos confrontar o presente sabendo que cometeremos mais, que os aceitaremos, mas que lutaremos por continuar adiante, e ter o tempo para poder pedir perdão. E eu te peço perdão, Freyja. Por ter agido às suas costas e por não ter te dito o que eu sabia sobre a verdadeira identidade de Od. Mas não podia, porque já sabe as mudanças que as cartas mal colocadas provocam em uma jogada

de pôquer. Pode ter um Ás, e de repente apostar e se equivocar. E que você soubesse a verdade poderia nos ter destruído antes do tempo — suspirou olhando ao redor de seu palácio. — Todos temos nossos segredos. Odin teve os seus. E espero que o coloque em seu lugar, mas não se irrite nem se regozize nisso — elevou a mão como se lhe acariciasse a bochecha. Freyja aproximou seu rosto, esperando encontrar seu calor. — Não vale a pena. Porque você, querida minha, também tem os seus — o canto de seu lábio se elevou lateralmente e a olhou de modo suspicaz. Freyja ficou tensa e compreendeu a que se referia. — Ambas sabemos do que falo, verdade? Conheço minha filha, embora tenha a pele de outra pessoa — piscou um olho.

Freyja ficou em choque a ouvir aquilo. Ela sabia. É óbvio! Como não ia saber?! Sua mãe era inteligente e sagaz como um lince.

— Como eu gostaria de poder te falar disso... — reconheceu um pouco abatida.

— Sei que agora quer me contar isso tudo, mas não precisa. Sei. Sei tudo. O único que não sabe é Odin. E como acha que reagirá quando o souber?

— Jamais o direi... não posso. Romperia minha promessa. E já concordei que deixaria de ter efeito quando ele se desse conta e me visse de verdade...

— E não pense que não vai dizer a ele. De um modo ou de outro, saberá. Muitas coisas terão acontecido se estiver aqui, e uma delas é que terei morrido. Não se sinta mal por isso, porque, já sabe que eu nunca partirei completamente. Estarei a seu lado. Encontrarei o modo de chegar a você, minha vida. Sempre fiz isso, não foi?

Freyja fez um bico e cobriu a boca com as mãos. Sua mãe sempre lhe dizia de pequena que ficava feia quando fazia esse gesto.

— Quando sair da visão que te preparei, Mímir poderá desaparecer para sempre. Eu encantei essa cabeça, e eu mesma a destruirei. Assim o disse e assim o decretei. Zanguei-me tanto por perder a meu viking, que quando saí de minha viagem no tempo

utilizei a magia *seid* com o Mímir e me assegurei de que, uma vez ele tivesse mostrado a visão, autodestruiria-se. E acredito que me agradecerá isso, porque deve estar farto de tudo. A eternidade assim esgota muito.

— Mas...

— Quando despertar de sua visão, já não valerá o que Odin deu ao Mímir. Seus sentimentos por você lhe serão devolvidos, atravessarão de novo seu peito e ficarão nele, mas só durante um dia. Foi a única condição que Mímir me impôs. Odin tem um dia para que descubra a verdade. Está em suas mãos tomar a decisão de arriscar-se e dizer o que sente por você. Sentirá-se estranho e tomado pelas emoções, o pobre infeliz — murmurou Nerthus, rindo dele. — Se no tempo que sai o sol e fica a lua, Odin continuar te negando, então, perderá seu amor para sempre. Seguirá sendo um homem sem paixão. Entende o que te digo?

Freyja ficou estática ao ouvir aquilo. Queria dizer que quando saísse da visão e Mímir morresse, o Deus voltaria a sentir por ela o que sentia fazia séculos? Apaixonaria-se de novo? E como reagiria Odin? Temeraria a esses sentimentos? Não podiam esquecer o objetivo de sua missão conjunta, que não era outra que caçar Loki e Fenrir. Mas enquanto cumprissem seu objetivo, o que acontecesse durante a caçada não deveria ser tão importante, se o fim era o mesmo. Sua mãe falava com ela como se realmente fosse uma conversa real e não um monólogo. A Resplandecente tinha que assumir muitas coisas, entre elas, como ia olhar a esse mentiroso na cara e não arrancar sua cabeça por seu ardil?

— Tanto você como eu sabemos que isto que há entre vocês não pode continuar assim. E menos deste modo. Tampouco acredito que o melhor seja matá-lo, e não me diga que não está pensando nisso porque sei o que pensa sempre, joventinha — a apontou com o dedo indicador. — E conheço do princípio ao fim seus instintos sádicos e vingativos, embora tenha nascido da mais gentil — seus incríveis olhos verdes a olharam com adoração. — Enfim... Faça algo para solucionar isso, Freyja. Se de verdade quer voltar a ser feliz, dará a ele uma oportunidade e tentará que seu coração fique com ele. E contigo. Porque já não teria sentido

retornar a Asgard assim. Você sabe quem é ele. Agora só precisa que Odin saiba quem é você. Entendido? Ah, e façam o favor de matar Loki por mim e lhe arrancar essas tranças coloridas e de mendigo que usa.

Freyja piscou para afastar as lágrimas e depois sussurrou:

— Entendido, *mor*. Mãe.

— Amo você, Freyja. E eu adoraria vê-la feliz de novo — reconheceu sua mãe. — Acha que será capaz de permitir que Odin reivindique seu coração? Acha que se atreverá a reivindicá-lo?

Aquela era a grande pergunta. O alto grau de responsabilidade que tinha o Aesir poderia lhe privar de novo de reconhecer seus sentimentos e lançar-se pelo que realmente queria. E só tinha um dia.

Estava em suas mãos provocá-lo o suficiente para que Odin reagisse.

Nerthus lhe lançou um beijo no ar e se despediu dela dizendo:

— Vocês dois foram feitos para estarem juntos, embora me doa. Nunca imaginei que um Aesir pudesse amar desse modo a uma Vanir. Mas, se o olhar bem — Nerthus esfregou o queixo, pensativa — os vanirios e os berserkers podem se amar, inclusive minhas Agonias e meus elfos... Neste mundo, o amor entre opostos pode nascer de um nada. Porque se complementam à perfeição. Bem sabe que não sou fã do Caolho. Mas admiro seu sacrifício pelo bem de todos, porque sei quanto custa renunciar o que ele renunciou. Aproveite a oportunidade. E se atreva a lhe contar sua verdade, embora ele nunca tenha contado a dele e você tenha tido que descobri-la por mim. Será doloroso para ele, e você já não tem por que continuar respeitando a promessa que tão honavelmente respeitou, porque o Ragnarök foi evitado, e tudo o que se deu em troca para evitá-lo já não tem valor — emitiu um sorriso de desculpa e, com o capacete entre as mãos, desapareceu dizendo finalmente: — *Jeg I hjertet*, minha pequena.

XIV

Odin via Freyja imóvel e estática, com suas mãos pousadas sobre as têmporas da cabeça gigante de seu tio, com as botas mergulhadas na água do lago, e a capa de plumas a cobrindo por cima dos tornozelos.

De verdade Nerthus tinha conseguido que seu tio desse uma visão a Freyja? O que teria entregue a Deusa da Terra em troca? E o que estaria mostrando Mímir agora mesmo a ela?

Odin se sentia nervoso. Mas ainda estava mais preocupado por ela.

A Resplandecente não deixava de chorar. Seus ombros se sacudiam em espasmos, e soluçava incontrolavelmente.

Gostaria de poder abraçá-la, então. Só ele sabia quão duro era senti-la perto e vê-la, e poder viver somente da lembrança de quando estiveram juntos.

Freyja dizia que não, que ele nunca tinha dormido com ela. Mas sim, o tinha feito. Durante longas noites de amor e paixão. Só que ele adotou outro rosto. Naquelas noites deixou sua alma e seu coração, o de verdade. E, embora amasse Frigg e se visse incapaz de deixá-la, sim sabia que não poderia amar a ninguém como tinha amado Freyja sendo Od.

Quando alguém arrebatavam esse sentimento, ficava oco por dentro, vazio. Nada o apaixonava o suficiente, não tinha um motivo de peso pelo qual lutar e continuar. Mas Odin era o líder de Asgard e seu senso de dever e sua responsabilidade lhe deram as forças que já não podia lhe dar o estar apaixonado até a medula pela Deusa Vanir.

Entretanto, Freyja continuava provocando emoções nele muito fortes para serem ignoradas. Toda ela, tão magnética, era um canto de sereia que o atraía contra as rochas. Porque ela o destruía. Destruía-o porque não podia estar com ela como queria. E Freyja não se cansava de rejeitá-lo.

Eram esses olhos prateados, parecidos com os de seus gatos. Muitos diziam que eram tigres de bengala, mas não. Eram lince boreais, conhecidos como Skogkatt. Ela tinha a mesma personalidade que seus animais. Tinha descido ao Midgard montada em Bygul, que queria dizer “abelha de ouro”. E o outro

lince gigante, o Trjegul (árvore de âmbar dourado), tinha-o deixado em Víngolf.

Ela era ágil, elegante, especial, selvagem, valente, bonita... Como seus gatos.

Mas também era carinhosa e atenta.

Em suas noites juntos, Odin se maravilhava pelos cuidados com os que o enchia. Sua comida favorita, uma massagem de óleo aromático, uma dança sob as três luas, uma briga de amantes na cama... E sua conversa. Sua conversa era inteligente, divertida, criativa. Sabia escutar. E podia falar com ela de qualquer coisa: política, guerra, estratégia... Odin se amaldiçoava por ter se casado com Frigg em vez de casar com ela. Mas também era político, e a paz em Asgard era algo instável. Como teriam reagido os seus se em vez de desposar à boa Frigg, se apresentasse com Freyja? Talvez, agora fosse diferente. Mas o agora era muito tarde.

Entretanto, ninguém poderia tirar de Odin a sensação de voltar a estar com ela, a sós, juntos em outro mundo, caçando Loki. Frigg não tinha querido descer com ele. Ela considerava que essa função bélica e vingativa não lhe pertencia.

E aquele gesto lhe demonstrou de maneira fria e letal, quão equivocado esteve ao colocar Frigg na frente de Freyja. Não haviam duas mulheres mais diferentes. E a que o fazia sentir diferente do resto não era sua esposa.

Maldito fosse seu tio por lhe pedir algo assim. E maldito era ele por ter dado. Não obstante, não restava outra opção. Ao final, sua intervenção de nada teria servido sem a de Freyja e a de Nerthus. Eles três juntos mudaram tudo.

Freyja se deixou cair de joelhos na água. Suas pernas já não a sustentavam.

Odin sentiu uma espetada terrível no coração e desejou afastá-la de Mímir, se tanto mal fazia a ela.

Mímir sorriu levemente e disse:

— Já acabou a visão, Freyja. Aprenda com o que viu e use-o como melhor convenha — disse o gigante.

— Sabe que, por tudo o que exigiu, merece desaparecer, verdade? —disse Freyja.

— Sua mãe tampouco me fez nenhum favor encantando minha cabeça. Olho por olho.

— Isso quem teria de dizer é Odin — murmurou a Deusa.

— Como seja. São deuses, e terão a eternidade para poder me perdoar. Agora, é momento de fechar os olhos para sempre. *Farvel*. Adeus.

As mãos de Freyja deixaram de tocar aquele enorme e envelhecido rosto e, nesse momento, a cabeça de seu tio desapareceu no ar, deixando faíscas de luz azulada a seu redor, como se fosse pó.

Odin abriu os olhos com surpresa. O Oráculo já não existia. Simplesmente desapareceu.

Freyja chorava, apoiando suas mãos sobre seus joelhos, abatida, com a cabeça agachada e o cabelo loiro cobrindo o rosto parcialmente. De repente, ela tirou o capacete alado da cabeça e o observou, acariciando suas asas laterais. E depois, aspirando pelo nariz, lançou-o com raiva contra as rochas que cercavam o lago. Este ricocheteou e caiu na margem sem um só arranhão. Seu gato se aproximou para farejá-lo e para tomá-lo entre suas afiadas presas.

Odin enrugou o cenho, surpreso. Levou a mão ao coração, sobressaltado por aquela sensação de eletricidade que o percorreu de cima a baixo e que pressionou seu peito, como se não o deixasse respirar.

— Freyja? — perguntou às suas costas. — Está bem?

A Deusa olhou ao céu azulado e limpo daquele reino localizado em outra dimensão e suspirou, como se quisesse livrar-se de toda a dor que a aturdiu.

Escutou os passos de Odin atrás dela. Estava se aproximando, mas ela se levantou a tempo, fazendo que se detivesse.

A Resplandecente sentia que tinham jogado com ela. Ela tinha amado com loucura, e continuava amando igual, porque Od não estava, mas sua energia e sua personalidade se achava em Odin. Como ia poder esquecê-lo assim? Como não ia sentir o que sentia por Odin? E ela sentindo-se mal por turvar a lembrança de Od, sentindo que era infiel, quando em realidade não era...

Estava apaixonada por dois homens que eram a mesma pessoa, e nenhum nem outro o dissera. Ninguém lhe revelou a verdade, até esse momento.

Freyja compreendia as razões que sua mãe tinha para não dizer-lhe. Certamente, se soubesse, a história deveria ser reescrita, porque a hecatombe que teria provocado em Asgard com sua fúria haveria replanejado os Nove Reinos de outro modo. Nem Yggdrasil teria aguentado aquilo. E as nornas precisariam de muito linho para seu tear, porque a guerra entre eles ainda estaria presente.

Entretanto, Freyja não podia evitar as lágrimas de Odin quando entregou seu coração. Odin a amou mais que tudo. Mas teve que renunciá-la para poder mudar os acontecimentos e o destino dos deuses. Culparia-o por isso?

Não.

Era o Pai de Todos. Um líder. Seu Deus. E devia ser responsável. Mímir foi egoísta e ambicioso, e o Aesir nada pôde fazer para convencê-lo.

Assim, Freyja não estava magoada por isso. Não o culpava por isso. O que ela queria lhe jogar na cara era que esteve casado com outra mulher que não queria, e que se apresentou ante ela com outra pele para fazê-la se apaixonar e fazê-la sua amante. O amor que Od lhe deu era vida e luz para ela.

Mas ao saber a verdade, agora, convertia-o em algo sujo, porque não deixava de ser uma infidelidade. E Freyja odiava as infidelidades desse tipo.

Sua decisão para com ele pendia por um fio, porque estava entre duas opções: a da vingança e a do castigo. Ou a da redenção.

O problema era que se Odin voltasse a estar apaixonado por ela e tinha recuperado seu coração, isso não assegurava que uma vez acabado o dia retornasse com ela a Asgard e decidisse não voltar para Frigg. Por que era tudo tão complicado?

Não poria a mão no fogo por ele. Depois que finalizasse o dia, o Aesir teria que decidir o que fazer com sua vida e com seu amor. Poderia desprezá-lo de novo, porque um deus como ele não queria esse tipo de emoções. E se isso era assim, Freyja se

asseguraria de arrancar o coração, porque ela tampouco queria amar dessa maneira, já que não era correspondida.

Não obstante, o único que tinha a deusa Vanir nesse momento era somente o presente. O presente em um lugar alheio ao mundo, onde por uma vez poderiam ser eles mesmos, sem máscaras. Ela como Freyja, e ele como Odin.

E se havia algo contra o que não podia lutar Freyja, porque era deusa e mulher, era sobre suas paixões. Não mandava sobre seu coração. E seu coração lhe ordenava que tomasse o que tinha na frente, com a fúria e a raiva daquela a quem tinham partido a alma e necessitava que alguém a unisse de novo. Só para sentir-se melhor.

Assim, depois de recuperar-se por todo o vivido e compreendido, a deusa elevou seus olhos prateados para fixá-los no atraente rosto viking de Odin.

— Quanto acha que vi, Odin? — perguntou a ele com um fio de voz.

Ele, que estava somente a dois metros de distância dela, bateu as pestanas loiras e espessas e depois endureceu a expressão.

— O quê? Não fala? — perguntou a modo de ataque. — Suponho que é melhor para os dois que não mencionemos nada a respeito, verdade?

— Suponho que viu muito mais do que esperava.

— Só a verdade — respondeu ela. Seus sentimentos teriam sido devolvidos? Aceitaria-os ou lutaria contra eles?

O pomo de Adão de Odin se moveu para cima e para baixo e elevou o queixo em gesto defensivo. Por todos os demônios... Freyja sabia. Sabia tudo! Esse olhar não refletia outra coisa que não fosse um total conhecimento e controle da situação. Tão grande e masculino como era, sentia-se como um camundongo entre as garras de um gato.

Então, ela levou sua mão direita à ombreira esquerda, e a tirou. E fez o mesmo com a outra. Sua capa de plumas coloridas se deslizou por suas costas e caiu no chão úmido.

— Acredito que tem razão — disse Freyja.

— A que se refere? — o olho azul de Odin se iluminou.

— A que aqui não estamos sujeitos a leis nem a princípios — ia tirar as botas, mas era muito esforço. Assim estalou os dedos e ficou nua, tão bela como era, frente a ele, com só uma calcinha dourada de renda, como as que Od gostava, cobrindo seus genitais. Nada mais. — Asgard se rege de uma maneira. Midgard de outra. Podemos ser quem queiramos ser.

Freyja não queria falar do assunto. Só sabia que tinha diante de si o homem que tinha amado e ao que amava, os dois em um.

— Aqui me tem, Odin. Em bandeja.

Ele podia ter um olho. Mas via melhor que com dois. Sabia o que Freyja fazia com ele, como jogava, como provocava. Não ia colocar o mel nos seus lábios para logo tirá-lo. Parecia decidida.

Porra, desejava aquilo. Desejava-o há séculos. Desejava-a tanto e estava tão duro nesse momento que não podia nem se mover. Tenso, a ponto de explodir em somente contemplá-la.

— Sem recriminações? — disse Odin, passando a mão pelo queixo, esfregando-o com força.

— Deveria ter alguma? — Ela adorava lhe lançar contínuas farpas.

Maldita seja. A Deusa tinha a faca e o queijo na mão, mas pouco importava isso a ele, porque, por fim, depois de muito, Freyja poderia voltar a ser dele, e nada nem ninguém poderia dizer nada, porque no Reino Médio tudo era permitido.

— Aqui não — disse ele.

Odin avançou sobre ela como um animal faminto, e ela respondeu como uma fera a quem não gostava de ser espreitada. "*Aqui não*", tinha respondido. Mas errava de novo.

Sua recriminação estaria justificada neste e no resto do reino. Porque uma mulher decepcionada e apaixonada ao mesmo tempo, era igual na Terra, no Céu e no Inferno.

E Freyja tinha decidido que faria ambos arder no Inferno.

Ela afundou a língua em sua boca, e imediatamente a de Odin foi ao seu encontro. Mediram-se como titãs, como se um fosse o alimento e o estímulo do outro.

Odin a agarrou nos braços enquanto apertava suas nádegas e a obrigava a lhe rodear a cintura com as pernas. Ele cortou o beijo repentinamente e a olhou como se acabasse de descobri-la. Olhou-a de um modo que dava a entender que estava surpreso de tê-la de novo.

No centro de seu peito, suas emoções se converteram em um nó doloroso que o pegaram despreparado.

Ela piscou respirando agitadamente pela boca, lhe jogando o fôlego sobre a sua.

— O que acontece, Caolho? — disse ela, provocadora. — Muito para você? — Não se referia a ela. Referia-se ao que ele podia sentir amando-a de novo como a tinha amado em seu mundo. Odin não sabia suportar essa emoção. Tinha enganado Frigg para estar com ela, quando o amor deveria superar todas as barreiras existentes e por existir, e deveria ser um motivo de união e concórdia, não de discórdia. Mas ele tinha temido mais a discórdia e a guerra antes que a solidão.

As palavras não saíam de Odin. De repente, algo nele mudou. A frieza e a indiferença que implicava tudo o que o envolvia ficou opaca, e diminuiu, até converter-se em um ponto miserável que desapareceu ante seus olhos.

Já não estava gelado. Agora, tinha aquela chama com pernas, que era Freyja, dando a ele todo seu calor. E a tinha colada a ele. E se sentia tão feliz e tão pleno, que tinha vontade de começar a chorar como um menino.

Era estúpido. E estava perdido.

Como podia sentir-se assim de novo? Mímir lhe tinha arrancado o coração e a capacidade de amar. Como podia ser que o beijo de Freyja o fizesse sentir daquele modo, como se tivesse asas e o Midgard fosse um lugar luminoso cheio de oportunidades? Como se a amasse igual ou mais que antes? Por quê?

Já não havia receios. Já não havia temores. Tinha Freyja com ele, e isso era suficiente. Tinha esquecido como era amá-la até o ponto da dor.

Durante a eternidade se levantou cada dia tentando agarrar-se à sua lembrança para obter forças e manter-se forte em seu

propósito de deter o Ragnarök. Mas a lembrança não fazia justiça à realidade.

A Vanir era incrível.

— Vai me beijar ou vai ficar me olhando? — soltou Freyja, mordendo o lábio dele.

Odin sorriu. E foi esse sorriso o que o delatou. Nele, Freyja pôde ver o deus que foi, o Od, o viajante, os seus sentimentos, e o que ambos eram juntos. Podiam conseguir tudo o que se propusessem. Foram feitos um para o outro. Inclusive sua mãe Nerthus dissera isso. Por isso lhe doía tanto que, apesar de saber disso, ele ficasse com Frigg.

Mas se Odin soubesse a verdade... Do que servia dizer? Era ele quem tinha que dar-se conta.

Então, ele segurou seu rosto com uma mão e pousou seus lábios sobre os dela com uma ternura que debilitou a Deusa.

Não. Não. Ela não queria isso. Devia manter-se forte.

— Freyja... — murmurou Odin, pronunciando seu nome como uma súplica.

— Não — ela se afastou e deteve suas palavras, pousando sua mão sobre sua boca. — Não diga nada — lhe ordenou. — Não quero ouvir nem uma palavra.

— Desejo você — disse ele, mordendo o interior de sua palma.

— Isso é bom — murmurou Freyja encorajada e sentindo-se provocada pela situação. Seu descobrimento abriu-lhe uma ferida, atacando a sua bem construída segurança em si mesma. Ela sempre acreditou dominar Odin e pô-lo em seu lugar. E resultava que ele já tinha estado entre suas pernas, e que ainda por cima levou seu coração como um perito saqueador. E ela sem saber...

Não. Não era uma deusa que se caracterizasse por sua paixão. Ela era uma deusa que devolvia a afronta. E precisava disso. Urgia-lhe devolver o golpe, e o faria nesse encontro. Porque era a Vanir. E não permitia que rissem dela assim. Não julgava a decisão de Odin, o que condenava eram as formas. O Caolho queria tudo. Queria a esposa e a amante. Mas não podia ter tudo, e menos quando se faziam escolhas equivocadas.

— Eu também o desejo — disse ela, lhe mordendo o lábio inferior, puxando-o sem muita delicadeza.

Odin a olhou nos olhos como se pudesse atravessá-la. Piscou uma só vez, e só quando viu o outro sair da água, nu por completo, compreendeu a que se referia. Porra, era Od.

Freyja acabava de invocar a imagem de Od da água. Era ele mesmo.

— Suponho que já se conhecem — disse Freyja olhando o guerreiro nu que acabava de criar mentalmente com sua magia e a água enfeitiçada de sua mãe. — Od, este é Odin. Odin — olhou de frente o Deus que a tinha agarrada nos braços e acrescentou. — Odin, este é Od.

Odin cravou os dedos nas nádegas nuas de Freyja e reprimou sua atitude.

— Que demônios faz?

— O que acha que faço? Sabe que estou apaixonada pelos dois e que eu não gosto de ser infiel, como você é — jogou na cara dele. — Quero que Od esteja conosco. Assim, em vez de uma infidelidade, será um jogo de casal. Um trio — sorriu com o olhar brilhante nublado pelo despeito e a ofensa.

— Mas...

— Mas o quê? — disse de má vontade. — É um deus. O Deus. Nada o scandaliza. Quer me ter, Odin? Bem. Entrego-me a você. Diz que aqui podemos ser quem queiramos ser. Então, aceita que esta sou eu. Uma mulher apaixonada por dois homens muito iguais. Igualmente mentirosos. Igualmente infiéis. Igualmente deuses.

A mandíbula quadrada de Odin se endureceu, igual a seu olho. Ele a desejava mais que desejava a paz. Desejava-a inclusive antes de caçar Loki e matá-lo. Esse era o poder de Freyja sobre sua pessoa. Sobre seu coração, que voltava a pulsar como por arte de magia, apaixonado por ela como se não houvesse um amanhã. Não ia desperdiçar seu momento. Queria-a.

— Como deseja, Rainha — sussurrou Odin.

Odin a beijou de novo sem deixar nada escondido.

Freyja não queria pensar no que estava fazendo. Só queria deixar-se levar. Sentir que tinha aos dois. Sentir que Odin compreendia o que era compartilhar uma pessoa.

A jovem afundou os dedos no cabelo de Odin e o obrigou a abrir mais a boca e a converter o beijo em um mais úmido e intenso.

Ele gemeu e sentiu o puxão que o falso Od dava a sua tanga dourada. A arrancou simplesmente, como aquela primeira vez que ambos recordavam perfeitamente.

Freyja jogou o braço para trás e rodeou o pescoço de sua miragem. O Od falso se sentia real. Mas não tinha alma. Só era um objeto, uma ferramenta para aquele jogo perigoso.

— *Hallo* — disse Freyja carinhosamente, beijando-o na boca.

— Não.

Odin a segurou pelo queixo e a obrigou a olhá-lo com a expressão séria e antissocial.

— Não o quê? — disse, ela divertida.

— Quer um trio, Freyja? Eu lhe darei — grunhiu, excitado e zangado com ela. Depois pronunciou umas palavras no idioma da magia *seid* e mudou a direção dos acontecimentos. Od não se moveria por vontade de Freyja. Moveria-se por vontade dele. Ele moveria àquela marionete como quisesse. — Mas será da minha maneira.

Depois daquilo, Freyja não pôde dizer nada mais. Porque tinha a língua do Odin na boca, e a boca de Od nos seios.

Depois, Odin se moveu para se localizar às suas costas e permitiu que o falso Od a içasse.

— É o que quer? — perguntou-lhe Odin, mordendo o lóbulo da orelha dela.

Ela suspirou e assentiu. Não lhe dava nenhum medo. Já tinha perdido tudo. E se para ganhar tinha que apostar o pouco que ficava, faria isso.

— De acordo — Odin deslizou seus dedos entre suas nádegas e a acariciou naquele nó de músculos apertados, massageando-o para que se contraísse e se expandisse.

Em seguida, Odin estava diante dela, em vez de atrás. E era Od quem segurava suas pernas e apoiava seu peito em suas costas, abrindo-a para a inspeção de Odin.

Ele sorriu, passou a língua pelos lábios e cravou seu olho azul elétrico em sua vagina.

— Senti tantas saudades sua... Senti tanto a sua falta — reconheceu sem nenhuma vergonha.

— Não sei do que me fala — Freyja fingiu que não sabia a verdade. Não ia lhe dar o gosto de admitir que estava apaixonada por ele quando ele voltaria para Frigg pelo bem do equilíbrio de Asgard.

— Sim, é claro que sim... — Odin sorriu e colocou seus lábios sobre o sexo de Freyja. O bigode a picou e ao mesmo tempo a estimulou. Aquilo sim era diferente. Porque Od não tinha pelo na cara, era imberbe. Odin era um viking, um homem, um guerreiro, e seu físico não falava de outra coisa. Então estendeu sua língua e a afundou entre suas dobras mais íntimas, que estavam inchadas e sensíveis. E começou a torturá-la sem compaixão, enquanto sentia uma profunda invasão por detrás. Od a estava penetrando, obedecendo as ordens mentais de Odin, e enquanto isso, Odin a comia pela frente com perícia e dedicação.

Tinha-o esquecido. Od era exigente. Mas Odin, sendo ele mesmo, seria-o mais.

Assim gozaria depressa. Freyja se agarrou ao cabelo de Odin. Estava deixando-a louca. Nunca havia sentido nada parecido. Odin a degustava, degustava seu sexo. E Od a possuía pelo outro lado de um modo profundo e rítmico. De repente, quando o Caolho penetrou a língua em seu interior, ela soltou um grito de prazer, e gozou sem poder nem querer detê-lo. Era incrível. Maravilhoso.

Quando abriu os olhos de novo, ainda sofrendo os espasmos do primeiro orgasmo, Odin se levantou de novo e ficou entre suas pernas abertas.

— Me dispa —ordenou a ela.

Freyja o olhou com seus olhos velados e intumescidos. Estalou os dedos e seu corpo ficou nu em frente a ela. Olhou-o com languidez quando seus olhos percorreram todas suas tatuagens.

Tinha quase todo o corpo marcado com runas e com imagens de seus pertences que se enroscavam uns com os outros. Mjölñir sobre um ombro, seu cavalo Sleipnir no outro. Uma mulher da qual não se via o rosto, pois estava de costas, repousava sobre sua coluna vertebral. Tinha lobos em suas omoplatas, dois corvos debaixo dos bíceps... E muitos desenhos mais. Era uma obra de arte pictórica andante.

Então ele a beijou, para evitar que dissesse nada violento ou desagradável, porque a conhecia quando se zangava.

E enquanto Od continuava a possuindo por trás, ele segurou o membro ereto, grande, grosso e venoso, mais inchado que nunca, e se posicionou entre suas pernas. Depois, introduziu-o milímetro a milímetro em sua cavidade, estirando-a, obrigando-a a abrir-se e a que o aceitasse. Freyja estava fechada, porque outro a ocupava por trás, mas isso não seria problema para que ele a possuísse até o punho, que era como queria fazê-lo.

Quando a penetrou por completo, com força, a Deusa se deixou ir e se agarrou ao cabelo louro de Odin.

— Mais... Mais... — pediu ela, o mordendo no ombro.

Odin uivou como um maldito lobo e segurou-a bem pelos quadris, penetrou-a como um pistão diabólico, que só queria marcar como faziam seus animais.

Freyja se dilatava e permitia que ele se deslizesse sem problema dentro e fora, fazendo que os testículos se chocassem com os de Od.

Ele a beijou, a ponto de gozar, em meio de seu particular frenesi. Queria transmitir a ela tudo o que sentia, o muito que a tinha amado, e o muito que a amava então.

E Freyja quis afirmar-se no beijo nesse instante, embora depois, ao abrir os olhos e olhar-se, nada tivesse mudado, ele não se deu conta de nada. Tudo seguiria tristemente igual.

— *Min gudinne...* — ele sussurrou ao começar a ejacular em seu interior.

Isso fez que ela gozasse com ele, e que gozassem ao mesmo tempo. Sem mais. Perfeitamente coordenados.

Então, a figura de Od às suas costas explodiu, convertendo-se em água.

Odin caiu de costas sobre a areia daquele lago mágico e enfeitiçado, com Freyja em cima dele, ainda em seu interior.

Freyja sabia que nunca dedicava essas palavras a Frigg. No entanto, embora parecesse mentira, não lhe deu o consolo que necessitava. A fez sentir-se pior. Com ela era ele mesmo, com Frigg não.

E, mesmo assim, quando a lua desaparecesse para dar lugar ao sol, ele não teria intenção de tomar a decisão de deixar a sua mulher.

Freyja começou a chorar sobre o ombro de Odin, e este a abraçou, embalando-a contra seu peito, visivelmente afetado por aquela troca emocional que os prendia.

Ele também lamentava tudo. E o pior era que não sabia como desfazer a ofensa, nunca, melhor dizendo. O que devia fazer? Amava essa mulher como a ninguém no mundo. Amava-a mais que a seus filhos. Por que tinha que voltar a sentir-se assim se depois, ao retornar a Asgard, nada teria mudado? Frigg o deixou sozinho na guerra. Freyja o acompanhou sem pestanejar.

Ele amava Freyja. Não amava Frigg.

Mas Frigg era a deusa dos Aesir. Como ia desmanchar seu matrimônio? Isso daria origem a novos conflitos?

XV

Freyja tentou se erguer, embora Odin não permitiu que ela escapasse. Manteve-a abraçada, pois se ela o deixava sozinho nesse instante, ele desmoronaria. Tinha estado sozinho por séculos, não queria sentir-se assim nunca mais. Precisava conservá-la e desfrutar de Freyja um pouco mais.

Freyja, em troca, não estava disposta a perder essa batalha. Aquele encontro tinha sido bem como queria. Deixava as coisas claras. Ele precisava dela para estar completo, para ser ele mesmo. Para ser feliz.

E se não visse isso, não era porque faltava-lhe um olho, era porque então estava ante um covarde.

— Não sabia como me aproximar de você sendo Odin — murmurou o Deus, acariciando seus longos fios de cabelo loiro. — Não me deixou outra opção.

Ela, que tinha a bochecha pousada sobre seu peito, negou com a cabeça em desacordo.

— Me enganar? Me fazer acreditar que era outro?

— Nunca teria me recebido como Odin.

— Esse não é o problema — assegurou. — O problema é que você me conheceu quase ao mesmo tempo que a Frigg. Mas a escolheu por ser Aesir.

— Não foi assim... Não exatamente. Os Aesir queriam tronos homogêneos, não heterogêneos. Eu devia ter Frigg como esposa. Mas quando comecei a te conhecer e me ensinou a me proteger com a magia, vi quem era e o que era em realidade, e me senti muito perdido. Não compreendia — explicou calmo, com o olhar fixo no circular espaço que faziam as altas copas das árvores — o que acontecia comigo. Era a primeira vez que conhecia o amor. Mas você me rejeitava uma e outra vez...

— Porque o fato de que seja Deus, Odin, não te permite que possa ir para cama com quem sentir vontade. Não tem por que

conseguir sempre o que quer. Foi infiel a Frigg neste tempo. Todos conhecemos suas aventuras — disse erguendo-se, descontente.

— Sabe por quê? Porque não podia te ter, Freyja. E procurava o que você me fazia sentir em outras mulheres.

— Procurava em outras mulheres o que encontrou comigo, mas que em sua própria cama não tinha — jogou na cara dele com frieza, afastando-se dele. — É tão tosco... E mesmo assim, isso não é desculpa. Nada disto teria acontecido se tivesse escolhido bem.

— Se a tivesse escolhido, teriam acontecido coisas piores...

— Mas talvez seria mais feliz. E talvez eu também — bufou com frustração. — Não se dá conta? Diz a ela as coisas que me diz? As que me dizia quando estava na cama comigo? — estalou os dedos e sua roupa de guerra a cobriu por completo. Depois caminhou até pegar seu capacete, que repousava aos pés de seu gato.

Odin fez uma careta de abandono.

— Minha relação com ela é muito diferente. Frigg me dá muitas coisas. É minha melhor amiga.

— Frigg não é sua melhor amiga! — clamou ela, enfurecida. — Desde quando é?! — rugiu, o acusando mal-humorada.

— Desde que aceitou a morte de Balder e Hoedr e mesmo assim ficou ao meu lado para me fazer companhia e me servir de conselheira. Ela não me abandonou nenhuma só noite. Nenhuma. Esteve lá para mim. E mudou, fortaleceu-se... — disse agradecido. — Me apoiou e me suportou.

Aquilo frustrou tanto a Freyja que soltou um raio por sua mão até impactar a um palmo das partes nobres de Odin sobre a areia.

— Eu sou sua melhor amiga, seja Od ou seja Odin! Sempre fui eu! — exclamou com impotência, angustiando-se de novo. — Ela nunca te deu o que necessitava! Por que não se dá conta do óbvio?! — gritou.

Odin olhou o chão com pesar. Não podia enfrentar Freyja, porque compreendia sua dor, já que lhe doía igual.

A Deusa colocou seu capacete alado sobre a cabeça e subiu no lombo de seu gato.

— O que muda isto? — murmurou ela com tristeza. Odin se sentia culpado e esperava seu olhar reprovador.

— Me diga, Odin. O que muda descobrir que sempre me amou e que você era Od? O que muda o fato de que entregou um olho e o amor que sentia por mim para chegar a um dia como este, onde há novas oportunidades e vamos vencer Loki? Muda algo? Me diga! — exclamou imperativa. — Se sente melhor? Odin — o olhou, farta de que fosse tão esquivo. — Continua me amando? Me... me ama?

— Freyja... Isto o que aconteceu é... — respondeu nervoso. — Inesperado.

O mundo de Freyja caiu ao chão.

— Inesperado? — grunhiu, deixando-se levar pelos demônios. — Inesperado, diz? — riu incrédula. — Inesperado é que minha mãe morreu para isto! — Um raio emergiu do céu e caiu bem diante de seu gato, que nem se alterou. — Sabe o quê? Tome a decisão que tomar, Odin, espero que recorde que não é Frigg a quem chama de “minha deusa” na cama. E não é ela quem luta a seu lado. Sou eu — sentenciou virando o rosto para ocultar suas lágrimas. — E por ser o olho que tudo vê... — negou decepcionada. — Não vê uma merda.

— Freyja, não vá. Espere ao menos eu me vestir.

Levantou-se de repente, estalando os dedos para vestir-se tão rápido quanto ela e ir em sua busca. Precisava explicar-se. Agora mesmo seus sentimentos eram como um gêiser. Tudo o superava. Sua responsabilidade, a vontade de encontrar Loki, o amor que sentia por Freyja como se nunca o tivessem tirado dele.

A Deusa e seu gato tinham desaparecido justo pelo lado direito de uma rocha, supostamente onde haveria o ponto de saída desse portal dimensional. Para os deuses, uma vez quebrados os feitiços, era fácil detectá-los. Odin estava a ponto de montar em Sleipnir para ir atrás dela, quando escutou a risada de uma voz feminina provir do interior daquele penhasco rochoso por onde descia a água.

O Deus, ao escutar aquele som inesperado, se virou para comprovar que, por trás da cascata, intuía-se a silhueta de uma

mulher loira que ria sem parar e que carregava uma cesta de vime vazia.

Odin arqueou a sobrancelha de seu olho bom e a estudou para descobrir, com assombro, que a conhecia.

Essa mulher que saía da água e que parecia falar com algo que tinha no interior da cesta era Fulla, a donzela que foi viver com um gigante e que, nunca, sob nenhum conceito, devia estar no Midgard.

Odin desceu do cavalo e correu até a cascata para comprovar que realmente se tratava dela e que sua visão não lhe pregava peças. Estava exatamente igual à última vez que a viu. Que demônios fazia aí?

— Fulla? — perguntou de repente.

Fulla não respondeu. Continuava falando com o que fosse que houvesse no interior da cesta marrom.

— Agora que se foi a bruxa má, já podemos ir — dizia. — Se quebrou o encantamento, as vacas se foram, o carro já não está. Somos livres, irmãs.

— Fulla, é você?

A donzela levantou a cabeça, um pouco desvairada, e fixou seus olhos no rosto de Odin. Se estava ou não surpreendida, não demonstrou.

— Só se souber meu nome te darei o que busca — respondeu como um robô.

— De que fala, Fulla? Sou Odin e não estou procurando nada. Mas me surpreende vê-la aqui. Mas, o que...? O que faz você aqui? — tentou procurar uma resposta coerente, mas não lhe ocorria nenhuma. — Não tinha partido com um gigante da cordilheira que limita Asgard?

Fulla piscou como se acabasse de esbarrar em um desequilibrado.

— *Alfather*? Garotas! — exclamou Fulla falando com a cesta. — Odin veio nos resgatar e nos levar ao Palácio de Frigg! Por fim retornaremos para casa!

— O quê? — disse Odin. — Que diabos carrega nessa cesta? E quem é a bruxa má? — estava surpreso por quão mal parecia estar

da cabeça. Fulla sempre foi muito lúcida e responsável, por isso Frigg a tinha em tão alta estima. Mas a deusa não pôde retê-la quando a jovem virginal se apaixonou e quis fugir com seu futuro esposo.

— Quem é a bruxa má? — jogou a cabeça para trás e emitiu uma sonora gargalhada. — Quem pode ser?! A deusa das vacas! A do cabelo vermelho!

Odin só conhecia uma deusa das vacas.

— Nerthus?

— Que inteligente é para algumas coisas, Odin... — murmurou rindo de algo que só ela sabia com suas irmãs “as pedras”. — Inteligente para umas coisas e um pouco lento para outras. Sim. Nerthus me exilou aqui, com ela. Para proteger seu segredo e o que ocultava o palácio dos pântanos.

Odin não sabia como reagir, porque Fulla nunca tinha falado assim com ele. Era estranho reencontrá-la desse jeito, com seu branco e impoluto vestido estilo troiano e seu cabelo loiro solto. Quando ela partiu, Frigg ficou sem sua melhor confidente e amiga.

— Por que Nerthus te enviaria aqui?

— Porque não a interessava que tivesse muita relação com Frigg. Já sei — disse olhando o interior da cesta. — Sim, é o Caolho. Falta-lhe um olho. Não sejam mal-educadas.

— O que leva aí dentro?

— A minhas irmãs Hlin e Gna. Oh, venha — as animou, — não sejam vergonhosas e o saúdem.

Deuses. Fulla estava pirada, completamente louca. De repente o urgiu resolver aquele enigma, pois não gostava que Nerthus se intrometeu nas coisas de Frigg. Não tinha nenhum direito nem esperava que tivesse nenhuma razão.

— Fulla — Odin estirou o braço aproximou a donzela, fazendo que as pedras do cesto caíssem na água.

— Por Todos os deuses! Não sabem nadar! — gritou pousando suas mãos sobre suas bochechas.

— Claro que não sabem nadar, energúmena — disse — São pedras. Agora me diga por que Nerthus não queria que estivesse no Fensalir.

— Porque... Porque...

— Por quê?! Não tenho tempo para isto!

— Porque eu sei a verdade, e quando a descobri e quis o informar ao resto de minhas irmãs, Nerthus me impediu e me levou com ela. Além disso, fez que eu levasse a bolsa de minha Senhora, repleta de suas joias, seus vestidos e... E seu porta-joias. Porque dizia que lhe serviria como recipiente.

— Que demônios sabia, Fulla?! — sacudiu-a. — Responda-me!

Fulla torceu o rosto e depois inspirou profundamente para dizer:

— Que depois... depois da morte de Balder e de Hoedr, Frigg já não voltou a ser a mesma. Outra tomou seu lugar.

O olho de Odin se converteu em uma fina linha azul, e sua boca se franziu em desacordo.

— Outra tomou seu lugar? A que se refere?

— Sim, *Alfather*. Frigg já não era Frigg. Freyja se fez passar por ela.

Freyja estava disposta a ser ela quem acabaria com Loki. Não podia suportar estar perto de Odin, que tinha recuperado seu amor, e que não era capaz de dizer que a amava como disse a Mímir. E o que era pior: Odin, apesar de tudo, não ia ser capaz de abandonar Frigg.

Quando, em realidade, a imagem dessa Deusa era falsa, pois fazia séculos que tomou o papel de esposa e dona de casa. E a ela tinha custado. A promessa que fez a Frigg tinha um alto preço.

Nunca imaginou que ela, precisamente, fosse em seu socorro para continuar com o mencionado equilíbrio de Asgard. Mas quando lhe propôs seu trato, Freyja então não o viu mau. Era toda uma declaração de intenções, e a prova real de que Frigg nunca amou Odin como ela o amava.

Mas Frigg a fez jurar que nunca falaria sobre seu pacto e o que ambas fizeram ou deixaram de fazer. Freyja tinha dado sua palavra e não a quebraria. Só romperia seu pacto se Odin se desse

conta da mudança e ele descobrisse a verdade ou por si mesmo, ou por outra boca que não fosse a dela.

E nenhuma coisa nem outra tinha acontecido. Durante séculos teve que dividir-se para fazer o papel da mulher que a deixava ciumenta. Noites dormindo ao lado de Odin sendo Frigg. Noites perdidas falando com ele sobre mil coisas. A conversa que Odin tanto elogiava sobre sua mulher era em realidade a sua. A amizade da que tanto Odin exibia era a sua. Ela era sua melhor amiga. Nunca foi Frigg. Em realidade, Frigg e ele eram desconhecidos. Se Odin tinha agora em alta estima a Deusa do Lar e da Família, era graças a ela. Porque tinha acabado pondo parte dela mesma em sua interpretação.

Por isso sabia que quando Odin fazia amor com Frigg, o fazia sem paixão, sem alma, sem coração. Nunca a tinha chamado "minha deusa". Porque tudo deu à mulher que de verdade amava. Já tinha dado a ela. A Freyja.

Mas o Caolho não se dava conta disso, e isso que era mais que evidente. Frigg precisava de ajuda todas as manhãs para vestir-se, porque era uma preguiçosa.

Ela, em troca, dava as manhãs livres a Hlin e Gna para que pudessem fazer suas coisas no palácio e a deixassem em paz.

Frigg não fazia arco e flecha.

Mas Freyja precisava exercitar-se um pouco no Fensalir ou morria de aborrecimento, por isso praticava no jardim dos pântanos.

Durante mais tempo de que teria desejado, Freyja se limitou a passar as manhãs em Vingolf e as aborrecidas noites e entardeceres em Fensalir. Inclusive alguma vez teve que fazer um de seus feitiços de duplicação para essas ocasiões nas quais forçosamente as duas deusas deviam se encontrar. Não obstante, ela sempre tentava não comparecer quando isso acontecia.

E não queria voltar a fazer isso. De fato, agora que ia atrás dos passos de Loki e que ela mesma acabaria com ele, não queria pensar em quão dura seria a volta a Asgard para ser de novo quem em realidade não era.

Só se Odin se desse conta do que acontecia e a escolhesse, acabaria seu sacrifício.

Mas restavam horas para que o dia acabasse no Midgard, em pouco tempo sairia o sol do amanhecer, e se Odin não a reconhecesse antes, seu amor por ela voltaria a desaparecer. E tudo acabaria para ela.

Por que as coisas entre os dois eram assim difíceis?!

Freyja deixou de pensar nisso quando, continuando por aquele túnel de luz que fazia de porta dimensional, e que a levaria até o lugar exato onde estava Loki, o resplendor desapareceu e se encontrou em uma gruta larga e muito alta, que parecia um anfiteatro natural com uma cúpula aberta no teto através da qual se via a lua de Alfheim.

Seu gato ficou muito quieto, permitindo que o raio do clarão da lua os iluminasse. Freyja observou o ambiente, admirando cada detalhe daquela gruta mágica com escritos élficos em suas paredes. E então viu uma tumba de pedra, aberta, rodeada de água, no centro daquela sala natural.

Não precisou averiguar onde estava. Sabia.

Ali era o lugar onde sua mãe ocultou seu capacete. Na tumba de pedra de seu viking amado. O único homem a quem amou por escolha própria e de verdade.

XVI

Onde tinham ficado seus planos? O que restava do Ragnarök? Nada já era como tinha imaginado.

Teve-o na mão, tocou-o com a ponta dos dedos. Por uma vez se viu entrando em Asgard como o único Deus, submetendo Odin e Freyja. Mas isso escapou dele, e ainda não assumia seus erros. Porque, em realidade, ele não tinha cometido nenhum.

A destruição do Midgard ia de vento em popa, só precisava que Jormungander a comprimisse para fazer o mundo explodir. Mas então, uma série de movimentos alheios aos que ele tinha organizado, desbarataram tudo. Sua ordem, que tentava impor, sofreu alterações que os deixaram nus e expostos.

Como ia imaginar que Nerthus fosse tão importante naquele desenlace como tinha sido? Ela atrasou tudo. Dificultou tudo. Ela deteve o Ragnarök com sua intervenção, e jogou a decadência divina por terra. Até o ponto em que agora ele, o Deus dos Jotuns, devia esconder-se como um animal sarnento, tentando estender sua vida para pensar em uma última jogada para lutar com seus inimigos.

A ele, o Transformista, só restava uma carta marcada com a que jogar. Era o Trickster, o Vigarista. E se tinha que cair, também sabia cair matando. Como tinha feito a Deusa da Terra.

Pensava em devolver a Nerthus sua ousadia e sua ofensa. Não ia ficar assim.

— Fenrir.

"Sim, pai?"

— Os deuses vão vir atrás de nós. Não nos darão igualdade — elevou o rosto pálido e com olheiras e fixou seus olhos agora tormentosos e moribundos na lua dos elfos. Seu aspecto já começava a ser cadavérico — Assim, vamos tentar surpreendê-los pelas costas.

O enorme gato branco e rajado de Freyja caminhava agilmente entre as rochas, cuidando de localizar o pé em posições ótimas para seguir avançando.

A gruta permanecia mergulhada em um silêncio que antecipava algo muito mais ensurdecedor.

— Não pode se ocultar, Vigarista! — exclamou Freyja, analisando cada esconderijo e descendo de um salto de seu lombo. — Está sentenciado!

Um ruído às suas costas a fez mover-se com rapidez e cuidar que ninguém a surpreendesse.

Mas quando viu quem era, o que sentiu ao vê-lo a deixou nervosa. O melhor seria caçar Loki e Fenrir rápido e deixar de discussões que, aparentemente, não iriam parar em nenhum lado e continuariam a fazê-los confrontar. Embora isso a destruísse e triturasse sua alma.

— Ah, é você — disse desdenhosa, sem prestar a mais mínima atenção nele.

Odin a olhou com cara pouco conciliadora e se aproximou até ela sobre seu cavalo Sleipnir.

— Não deveria vir sozinha atrás de Loki. Sobretudo quando ainda temos coisas pendentes.

O rosto de Odin parecia frio e desrespeitoso com ela, como se a odiasse profundamente.

Genial. Porque ela tampouco se sentia bem.

— Sou capaz de ir atrás dele. Conheço-o. Sei que agora deve estar escondendo-se em algum lugar ao ver que sua magia não se comunica com nada, já não surte efeito. Está muito fraco para seus truques.

— Acredito que me deve uma explicação — continuou Odin olhando-a com seu único olho gelado, segurando com força a sua lança Gungnir.

Freyja o olhou por cima do ombro, pois não compreendia sua atitude. Era ela quem deveria estar zangada, não ele.

— Olhe, não me esgote agora...

— Não te esgote... — disse Odin. — A não ser que ache que isto é te esgotar.

Aconteceu sem avisar. Como aconteciam as coisas inesperadas. A lança Gungnir se cravou no centro de seu peito e a atravessou pelas costas.

Freyja arregalou os olhos, impactada pelo que acontecia com ela. Era Odin quem a matava. Olhou-o fixamente, sem entender por que ele fazia isso. Com ela, sem mais nem menos.

Olhou para baixo para observar a lança e as runas gravadas na madeira e no metal. E então leu o que tinha escrito.

"Loki leva a tempo do engano".

Filho da Puta! Freyja queria matar-se por seu descuido e sua estupidez.

A lança de Gungnir se converteu paulatinamente no Laeviatann. Sleipnir tomou a forma de Fenrir, e Odin se transformou em Loki. Em quem, a não ser ele?

O Deus do engano e do transformismo.

Freyja sorriu ainda com vida balançou a cabeça.

— Devia imaginar isso. Não sabia... que ainda... restavam forças para se transformar.

Loki, muito pior, negou:

— Minha magia não faz mais efeito, a não ser em mim mesmo. Não sirvo para nada mais, deusa puta. Estou investindo as poucas energias que restam nisto — assegurou veemente. Seus olhos matreiros a admiraram e mordeu o lábio inferior. — Foi muito fácil. É muito fácil e acessível quando se trata de Odin. Iludida... Por que, Freyja?

— Por que o quê? — tentou segurar a lança que se movia, ferindo-a de mil maneiras diferentes.

— Por que se interessou por ele e não por mim? Eu que ia te dar tudo...

— A que preço, Loki? Você dá tudo porque tira de outros.

— Era eu seu companheiro, estúpida. Eu quem podia te fazer feliz. Não ele.

— Está doente... e cego. Pensei que o caolho... era Odin.

Loki grunhiu e moveu a lança de um lado ao outro, com vontade.

— Por que entregou seu coração a alguém que não o merece? Ele nem sequer se deu conta do que era evidente. E a mim só precisou ver para saber. Eu te conhecia melhor que ninguém. Observava você.

Freyja tentou tomar ar, mas não podia. A lança a impedia.

— Do que fala?

Por um momento pensou que lhe diria algo parecido a que gostava mais da escuridão que luz. Mas em vez disso a deixou sem palavras ao admitir:

— Falo de que você era Frigg. Vi em seus olhos. No brilho que tinham, repletos de vida. Frigg era tranquila. Você é um vulcão.

Maldito seja. Que ele se desse conta daquilo e Odin não o fizesse, humilhou-a ainda mais do que estava.

— Muito observador.

— Odin sabe?

— Não... te importa.

— Já vejo. Pois não se preocupe, cadela — aproximou seu rosto do dela, inclinando-se para frente montado sobre o Fenrir. A Deusa tinha um rosto fino, delicado e terrivelmente atrativo, inclusive às portas da morte. — Eu direi a ele antes de destruí-lo como faço com você.

— Vá para o inferno, Loki.

Ele se pôs a rir e mostrou sua boca rachada e babosa, manchada de sangue. Piorando.

— Não serei eu quem vai ao Inferno. Você irá. Meu Laeviatann se encarregará de te enviar para lá.

Quando extraiu a lança do corpo da Deusa, seu corpo caiu para trás, e seu gato saiu correndo da gruta em busca de ajuda.

Freyja cravou o olhar desvanecido na abertura da rocha, através do qual via a lua élfica. Sempre a achou linda.

Igualmente linda quando a acompanhou no caminho da morte.

Seguiria sua luz prateada, como seus olhos. Talvez assim chegaria ao lugar onde se encontrava sua mãe.

O corpo de Freyja se elevou sobre o chão e um manto cinzento e nebuloso a cobriu, para fazê-la desaparecer simplesmente.

Loki respirava como se tivesse corrido uma maratona. Estava abatido e esgotado, mas ainda não tinha acabado com eles.

Ainda podia ter uma oportunidade de semear a decadência em Asgard.

Freyja já tinha morrido e ia direto ao Helheim. Agora só tinha que conseguir que Odin passasse pelo mesmo.

O Caolho não entendia nada do que era falado pela boca de Fulla. Era impossível.

Quando Frigg desapareceu? Por quê? E por que Freyja se fez passar por ela?

Precisava de respostas, e precisava delas já.

Urgia-o confrontar Freyja e lhe pedir todas as explicações necessárias para que ele compreendesse como tinha sido tudo.

Quando Odin apareceu na gruta com a expressão alterada, fez uma varredura no lugar para encontrar a deusa.

E então a viu aproximar-se dele com um dos seus sorrisos, montada sobre seu gato, repleta de soberba e altivez.

Seus quadris reboavam de um lado ao outro, montada sobre o Bygul, cujos olhos negros não o perdiam de vista.

— Não devia ter vindo na frente sem mim — a recriminou Odin.

— Demorou muito — respondeu a muito bonita Freyja. Por cima de sua cabeça aparecia sua lança de lâmina dupla, e seus olhos prateados pareciam cansados.

Odin lamentava ser ele o que provocava aquela expressão em seu olhar.

— Temos que conversar — disse Odin.

Freyja arqueou as sobrancelhas loiras e fez uma expressão de menosprezo.

— Não, não... — negou a loira balançando a cabeça.— Não há nada o que conversar com você — desmontou de seu gato e depois deu três passos até ele, afastando-se parcialmente de seu felino. — Estou muito cansada de falar.

Odin franziu o cenho e se surpreendeu ao tê-la tão perto. Depois do que acabava de saber, procuraria as respostas como fosse.

— Espera, Freyja — elevou os braços para detê-la, mas esta o agarrou pelo rosto e o beijou nos lábios, emudecendo-o.

Loki adorava o poder. E apreciava absorvê-lo, seja de um homem ou de uma mulher.

Para ele, o fim justificava os meios sempre. Se tinha que fazer sexo com Odin fazendo-se passar por Freyja, faria-o igualmente.

E se agora tinha que distraí-lo para lhe dar a estocada que desejava, também o faria. Homens, mulheres, não importava. Eram deuses. E ele devia enganá-los e vencê-los para demonstrar quem era mais inteligente.

Devia fazê-lo bem. E o fez. Até o ponto que Odin se entregou àquela troca sem condições. Com o descuido que o outorgava ter a mulher que amava entre seus braços.

Loki aproveitou esse momento de abandono do Aesir para colocar seu Laeviatann entre seus corpos e de um empurrão para cima cravá-lo no tórax.

Em troca, não foi Odin quem gritou. Foi Fenrir o que uivava perdido de dor.

Loki se virou para olhar o que acontecia e deu de cara com outro Odin, furioso, seguro, enérgico e vivo, que acabava de atravessar a garganta de Fenrir com a Gungnir. Seu filho lobo convulsionou, preso pela agonia e soltava espuma branca pela boca, até que seus olhos giraram para cima. Agonizava e morria em frente a ele.

Foi tudo muito rápido.

Aquilo era a última coisa que Loki esperava. Que seu filho morresse antes dele.

Supunha-se que Fenrir, nas profecias, matava Odin. Portanto, ele, seu lobo, tinha que protegê-lo. Mas, em vez disso, Odin surpreendeu aos dois. E agora tinha acabado com Fenrir, atacando-o desprevenidamente.

—Você não é o único que pode se transformar, Loki — rugiu Odin com a Gungnir em sua mão, cuja lâmina estava coberta do sangue do lobo.

O Vigarista olhou para Odin que tinha beijado e este se desmaterializou ante seu estupefato olhar. Era irreal. Falso.

— Freyja me ensinou sua magia *seid* para realizar este tipo de feitiços —explicou o *Alfather*. — E acabo de ver seu gato sair da gruta sem ela, quando ela nunca o abandona. Por isso soube que tinha acontecido algo. Como vê, não pode me ludibriar, Trickster.

Loki ainda não tinha adotado sua forma, e se virou para encarar o verdadeiro Odin.

Os dois cara a cara. Frente a frente. Ego a ego.

Era o confronto final. A última batalha.

O Jotun se mostrou ante seus olhos, tal qual era nesse momento. Com seu rosto cerúleo, seu cabelo enfraquecido, sua boca rachada e sanguinolenta e seus olhos fundos e fantasmagóricos.

Já não havia nada nele de divino nem magnânimo. Nada que admirar. Sua beleza desapareceu, com sua coragem e sua força. Tudo nele tinha desaparecido.

— Como temos que nos ver, não é, Loki? — Odin apontou para ele com a afiada ponta de sua lança. — O Ragnarök vai se converter em uma brincadeira de criança para mim. É um rival indigno. Dá-me pena. Um deus tão confiante como você, minguido desta forma. Apresenta menos batalha que um verme moribundo.

Loki estava muito esgotado para responder.

— Me diga onde está Freyja — exigiu Odin. — O que fez com ela?

Loki sorriu e um novo broto de tosse o deixou dobrado e sangrando pela boca.

Mesmo assim, investia suas últimas forças em rir de Odin e lhe deixar claro que era ele quem tinha ganhado. Não o contrário.

— Freyja? Freyja está na casa de minha filha. É sua convidada estrela. E está ardendo em minhas chamas.

Odin moveu a boca de um lado ao outro, e sem um grama de paciência, o agarrou pelo pescoço e o levantou do chão, sujeitando-o no ar.

— Vou te perguntar uma segunda vez: onde está Freyja?

— Atravessei-a com meu Laeviatann, desgraçado — respondeu dando de ombros. — É possível que agora esteja no Helheim, tentando fugir das chamas da morte eterna. Ninguém pode entrar nem sair dali — voltou a rir e acrescentou: — suas mulheres acabam todas queimadas por sua culpa.

— O quê? — disse sem compreender. Ele sabia? Ele certificava de algum modo o que Fulla tinha admitido sem dúvida nenhuma?

— Ah, o pobre Caolho... — zombou dele. — Aconteceu o mesmo com Frigg, embora você não descobriu — deixou cair a bomba, consciente dos danos colaterais que ia provocar. — O que? Não sabia? Esteve tão cego tentando evitar o Ragnarök, Odin, que não se deu conta de quem compartilhava o leito contigo. Eu sim me dava conta. Mas você não — lhe cuspiu na cara. — Não merece o amor que a Resplandecente sente por você. Não o mereceu nunca. Tem bem merecido ficar sozinho, sem uma e sem outra. Ficou com a que não o queria, e rejeitou a que deu tudo por você. Tudo. É um perdedor. E será sempre.

Odin jogou a cabeça para trás e gritou de impotência com todas as suas forças. Depois começou a dar murros no deus, que já não tinha nem poder nem resistência para defender-se.

Quando se cansou, deixando-o deformado e quase morto, agarrou seu crânio com uma só mão e o apertou sem consideração.

— Se é tão inteligente, Loki — mostrou-lhe os dentes, desenhando uma careta animal, — me mostre você o que quero saber. Você me dirá tudo o que preciso.

Odin fechou os olhos, e esperou que o conhecimento que o jotun possuía sobre a verdade de Frigg e Freyja o iluminassem. Sobreporia-se à maldade reinante em Loki, porque era outro sentimento mais poderoso o que o impulsionava e o guiava.

Quando acabou de usar sua mente, Odin não quis atrasar mais o inevitável. O que acabava de descobrir o tinha deixado frio, mas não tão gelado como saber que Freyja ia estar no Helheim consumindo-se em suas chamas.

Assim não teria mais deferência por esse demônio que tinha querido tudo o que ele tinha e que tinha provocado uma guerra por inveja, despeito e por medo.

Loki desejou afundar a Terra na escuridão, e Odin e Freyja o tinham evitado trabalhando lado a lado. Mas o mundo do aesir se envolveria em trevas se não conseguisse tirar Freyja em carne e osso do Helheim e não retornasse com ele a Asgard.

Seu verdadeiro lar. O de ambos.

Odin elevou sua lança, segurando-a com as duas mãos de um lado, e como se fosse um machado, utilizou a parte cortante para separar a cabeça do corpo do Vigarista.

Foi uma carnificina.

Mas não o importava. Depois, encarregou-se de fazer desaparecer cada uma de suas extremidades para que nunca pudessem ser unidas. Não restou nada de Loki.

Nem sequer suas mentiras.

Quando acabou, Odin queimou também o corpo de Fenrir e depois subiu rapidamente ao lombo de seu cavalo cinza, Sleipnir.

Necessitaria ajuda para entrar e sair do mundo dos mortos com o corpo e a alma de Freyja, mas se havia alguém que podia fazer isso, era ele.

Porque Loki, sem saber, tinha-lhe presenteado há séculos com o veículo perfeito para viajar através daquele reino.

E era seu cavalo Sleipnir.

Sem perder mais tempo, saiu daquela gruta e daquele buraco dimensional e viajou à velocidade do raio até onde estava seu filho Balder.

Precisaria dos seus amigos para que o ajudassem.

Midgard

Se houve um dia em que o mal esteve a ponto de vencer o bem, já não restava sinal dele. Do tempo apocalíptico que morava morte e destruição, chegou o novo amanhecer que trazia Balder com ele e seu navio Hringhorni, carregados de uma nova esperança.

Os elfos da luz venceram aos da escuridão.

Os einherjars e as valkyrias torraram sem compaixão os trols, os purs, os etones, e a qualquer assassino mais que passasse por ali.

As almas perdidas dos guerreiros venceram os espectros de Hela, ajudados pelas almas de luz que emanaram do corpo de Ruth.

Todos uniram suas forças para vencer.

Os anões acompanhados de Heimdal e Frey percorreram o mundo acabando com os vampiros e os lobachos que apareciam até de debaixo das pedras.

Thor e suas filhas Gúnnr e Prúdr lideraram um ataque brutal contra Jormungander. Eletrocutaram-no até consumi-lo e reduzir seu corpo ao de uma sucuri normal.

Agora, Jormungander estava na proa do Hringhorni, sem vida, preso em uma caixa que guardariam em Asgard.

O navio de Noah tinha percorrido o oceano em menos de um dia para banhar o Midgard com sua luz e aniquilar a qualquer assassino de Loki que tivesse ao redor.

Balder, acompanhado de todos seus amigos, e no último lance de sua viagem, também de sua mulher, limpou o mundo médio da imundície, e não precisou ir às armas para isso.

Quando se dizia que sua volta sobre seu navio daria uma vitória esmagante, era uma verdade muito grande. Porque a bordo do Hringhorni todos estavam a salvo. Os únicos que não estavam eram aquelas almas impuras e corpos poluídos por Loki, que pululavam sobre a superfície acreditando que tinham ganhado a guerra e que já não tinham nada mais do que alimentar-se.

Equivocavam-se. Todos os que davam ao Midgard por submetida e a Asgard por vencido, tinham errado. E aquela soberba foi seu pior inimigo.

Noah sorria por uma brincadeira que Thor havia dito a Caleb, insinuando que nesse navio ninguém podia brigar, por isso se livrava de receber seu castigo, mas assim que pudesse, cortaria suas bolas.

Outros conversavam divididos na popa, proa e no interior das cabines do navio, e compartilhavam suas impressões sobre tudo, que não era pouco, pois tinham conseguido mudar o destino de todo um mundo e de toda uma raça.

O filho de Odin ia deixar o navio atracado no mar, justo no mesmo lugar onde desembarcou fazia menos de vinte e quatro horas, quando Nanna se lançou em cima dele e lhe deu um profundo beijo, esmagando-o contra o console e o leme.

— Já disse, cara — disse Cahal aparecendo de repente e batendo em seu ombro. — Eu quero um cometa destes para mim.

A Cahal importava pouco se interrompia um desses beijos quentes que Noah e Nanna compartilhavam frequentemente. A valkyria adorava seu deus, e ele venerava Nanna como sua única deusa.

A jovem por fim tinha podido voar com suas irmãs, as quais, aparentemente, fizeram-lhe uma festa descomunal quando a viram. As quatro juntas lançaram seus raios pela primeira vez. Até então, Nanna não tinha podido fazê-lo, já que sua função era a de recolher os guerreiros caídos em batalha, e não tinha podido desfrutar de uma briga junto a elas.

Por isso estava eufórica e contava com todo luxo de detalhes, ao filho de Odin, como tinha sido a caça de Jormungander, fazendo todo tipo de dramalhões e abrindo esses olhos infantis que Noah tanto gostava.

Mas Cahal entrou na cabine e o interrompeu.

Noah não se importava. Gostava de sentir a todos tão felizes.

Ia responder entre risadas quando viu chegar, galopando com o Sleipnir sobre o mar, com expressão severa e preocupada, Odin.

Hringhorni se deteve e Odin chegou à proa, acompanhado de seu cavalo cinza, e sozinho, sem a companhia de Freyja.

As valkyrias franziram o cenho e se reuniram a seu redor, pedindo explicações.

— Onde está Freyja? — perguntou Bryn, a Selvagem, pedindo a palavra.

Odin a olhou ainda aturdido por tudo o que sabia e lhe disse:

— Loki a alcançou com sua vara e agora está no reino de Hela.

As Guerreiras dos trovões ficaram mudas ao ouvir aquilo. Freyja era sua líder, sua deusa, a amavam, e não podia ter morrido em seu confronto com o Vigarista. Asgard não podia ficar sem sua Vanir mais emblemática.

— Devemos ir buscá-la — disse Nanna saindo da cabine de controle, seguida de Noah. — Ela não pode morrer. Nem pensar.

Noah saiu ao encontro de Odin e ambos trocaram um olhar que falava de muitas coisas, sobretudo de orgulho e de congratulações pelo conseguido.

— Fez um trabalho incrível, filho — reconheceu Odin. — Asgard tem um deus à sua altura.

Noah negou com a cabeça, com modéstia.

— Tudo foi graças a meus amigos — assegurou. — Sem eles, jamais teria sido possível.

Odin olhou a cada um dos guerreiros que o rodeavam e sorriu, revelando-se nesse momento.

— Pois sou eu agora quem precisa sua ajuda — admitiu com uma humildade até esse momento nunca vista nele.

Thor, Heimdal e Frey, que o olhavam dos céus, nunca viram Odin tão abatido, nem sequer quando Balder morreu em Asgard. Era uma novidade ver o “Olho que tudo vê” tão afetado pelo desaparecimento de Freyja.

Noah abriu os braços e assentiu prontamente.

— O que precisa?

— Vou em busca de Freyja no reino de Helheim.

— Mas ninguém pode ir até ali e voltar.

— Eu posso, sim. Sleipnir pode viajar através de todos os reinos e entrar e sair quando desejar.

Foi então quando Ruth, a Guerreira de almas, caminhou entre a multidão, ficando na frente de Gabriel e de Gúnnr, e se apresentou a Odin com uma reverência.

A jovem havia retornado da morte, e seu dom estava muito ligado ao ciclo da reencarnação. Agora era muito mais sábia que quando desapareceu mergulhada na lava do vulcão provando os féis do fogo de Hela.

— Seu cavalo talvez possa entrar e sair dali. Mas sua alma não poderá fazê-lo sem uma âncora que o mantenha neste Reino dos vivos — assegurou. — Hela está inabilitada, a atingi com uma de minhas flechas, e agora permanece em um limbo do qual não pode sair, à espera de decidir o que devemos fazer com ela.

Odin sorriu e apreciou a evolução de Ruth.

— Nerthus a formou muito bem.

— Obrigada — assumiu orgulhosa.

— Sei que o Helheim não tem guardiã no momento — concordou Odin, sem tirar a razão dela. — Freyja não está lá como alma. Está lá em corpo e mente. Loki a matou com seu Laeviatann e a levou ao Reino dos Mortos em corpo presente para que sofra a morte das chamas uma e outra vez. Tenho que tirá-la dali. Porque duvido que resista a essa tortura por muito tempo. O Vigarista pretendia que fosse ela quem pedisse sua própria morte. Queria torturá-la. E ninguém suporta esse inferno.

— Talvez subestime a nossa líder. Talvez seja imensamente mais forte do que se espera — murmurou Róta. Não importava se era o *Alfather* ou não. — Mesmo assim, tem que tirá-la dali. Tem que tirá-la, Odin.

— Como posso ajudá-lo? — perguntou Noah, preocupado.

Odin tomou ar pelo nariz e se armou de coragem. Não tinha sido o melhor pai, não tinha um laço extremamente forte com seu filho, O Salvador, mas o amava. E precisava dele.

— É meu filho. Preciso que se vincule comigo e que me ofereça seu *chi* para poder retornar das chamas. Preciso de uma âncora no mundo dos vivos.

— Tudo bem — respondeu Noah, sem pensar. — Diga-me como faço isso.

Odin, que sempre tinha pedido coisas em troca de favores e que nunca tinha dado nada altruistamente, ficou sem palavras ante a bondade e o oferecimento de seu filho. Talvez Frigg não o amou, não era mulher para ele, mas o deus Balder. E Balder era pura luz. Isso sim tinha que agradecer-lhe.

Sorriu e pensou que se recuperasse Freyja e lhe dizia tudo o que tinha a dizer a ela, talvez dispusesse da eternidade para aprender com Balder. Devia fazê-lo, porque se via que era um idiota com mão de ferro.

XVII

Na parte mais escura, tenebrosa e fantasmagórica do Niflheim, se encontrava o Helheim, o Reino da Morte, localizado nas profundezas do Yggdrasil, como o último mundo abismal.

Todos diziam que era como o Inferno, rodeado de chamas avermelhadas e amarelas, tão altas como o céu, onde ardiam dia a dia as almas dos condenados.

Entretanto, Freyja acabava de descobrir que essas chamas em realidade só existiam para algumas almas especiais. Como a sua.

Em realidade, a terra do Hel estava coberta por névoa e gelo. Só gelo. Através dela os espíritos rondavam pelas vastas terras geladas, passando frio, lutando por achar um calor que nunca chegava. Aquela era a tortura.

Menos nessas câmaras ou piras especiais onde, por agora, só ela se queimava a cada momento. Morria e revivia. Morria e revivia. Assim, em um ciclo que não acabava.

Pouco a pouco foram chegando os espectros de Hela, vítimas da derrota no Ragnarök pelas mãos das almas de luz da Guerreira. Agora, voltariam a sofrer sua penitência.

E ela também. Loki a tinha enganado se fazendo passar por Odin, e ela, confusa como estava por tudo o que tinha passado no lago de sua mãe Nerthus, não soube vê-lo vir. Ele aproveitou para surpreendê-la e matá-la com seu Laeviatann e enviá-la diretamente, em corpo e alma, ao paraíso de sua filha Hela. Mas Hela não estava ali. Não se encontrava nesse lugar como a Rainha que era. E aquilo fazia que todos os mortos que tinham lutado junto a ela, estivessem confusos e perdidos sem sua presença.

De todas as maneiras, Freyja sabia que merecia por ter baixado a guarda desse modo. Agora já não saberia jamais qual teria sido a decisão de Odin ao acabar o dia. Escolheria a ela ou ficaria com Frigg? Daria-se conta de que durante séculos tinha sido ela sua esposa?

Que importância tinha? Tinha morrido.

E Odin não poderia ter nem a uma nem a outra. Porque ela era as duas.

Não teria saída. Deveria suportar aquela penitência até que ficasse louca e já não restasse nada dela.

Então, talvez, decidiria tomar a mesma decisão que tomou Frigg em seu dia. Morrer antes de suportar arder de novo.

Quando Freyja voltou a notar as chamas subir através de seus pés e suas panturrilhas, obrigou-se a recordar o dia em que Frigg lhe fez a proposta que mudou tudo. Porque aceitar aquele trato a tinha levado no caminho da amargura.

E o recordava como se tivesse sido ontem.

Séculos atrás

Em Asgard, Balder, o segundo filho de Odin, não deixava de sonhar com sua morte. Ele, que era o deus mais belo, o mais querido e bom, o melhor e mais louvado e o mais respeitado, fazia noites que sonhava com seu falecimento. Coisas obscuras lhe aconteciam, e tal era sua preocupação que Balder deixou de brilhar.

Sua mãe, Frigg, sabia interpretar os sonhos, e chegou à conclusão de que seu filho ia morrer. Para evitar, os Deuses Aesir fizeram uma lista com todas aquelas coisas que podiam matá-lo. Frigg pegou a lista para fazer cada coisa dos Nove Mundos jurar que não iam machucar Balder. Mas a Deusa do Lar e da Natureza evitou fazer o visco jurar, pois considerava que era uma planta insignificante que crescia no lado norte do muro do Valhalla, e que não tinha poder para acabar com a vida de ninguém.

Mas aconteceu que Loki, mediante suas artimanhas, disfarçou-se de anciã e conseguiu a confiança de Frigg para que esta lhe revelasse em confidência se havia algo que não tinha prometido ferir Balder. Por isso Loki soube como fazer mal ao deus da luz. A história do que aconteceu depois já se sabia.

Loki utilizou um ramo de visco e propôs um jogo aos deuses; um que se apoiava em jogar todo tipo de objetos a Balder, já que estes não o machucariam. Durante o jogo, Loki falou com Hoder, o irmão cego de Balder, e o animou a que lhe disparasse uma de suas flechas, mas a trocou pela de visco que ele mesmo tinha feito. E, além disso, ajudou o cego a guiar a seta para que esta atravessasse o peito do filho de Odin e o matasse.

Frigg se sentia culpada por ter caído nas redes de Loki e ter revelado o segredo que custou a vida do seu filho. Por isso se dirigiu ao Helheim para negociar com Hela a volta de Balder.

E aquela era a parte que ninguém sabia.

O que Frigg negociou em troca para que seu filho retornasse?

Isso era algo que só sabia Freyja, já que a própria Frigg a fez partícipe disso.

No mesmo dia que Balder morreu, Frigg pediu uma reunião secreta e clandestina com a deusa Vanir em Vingolf.

Freyja não sabia o que pensar ante aquela visita, já que ambas as deusas se conheciam e se respeitavam, embora Freyja soubesse que Odin já lhe tinha jogado um “olho” para convertê-la em sua amante. Freyja não diria nada a Frigg, entre outras coisas, porque não tinha intenção de ser a amante de ninguém. Mas, para sua surpresa, Frigg também sabia.

Aquele dia, ambas as deusas deixaram as coisas muito claras.

Freyja a esperou na entrada de Vingolf, e a levou até os jardins das flores secretas, de onde se tiravam poderosos elixires.

Freyja recordava perfeitamente o rosto destroçado de Frigg, o mal que se sentia por dentro porque ela se culpava por não poder salvar Balder.

A Vanir se sentou em um banco de pedra branca rodeado de flores vermelhas e azuis, que se abriam e fechavam ao ouvir sua voz.

— Sente-se a meu lado — ordenou Freyja, dando tapinhas suaves na banqueta de pedra.

Frigg se cobria com uma capa marrom, enfeitada, que a fazia ser invisível aos olhos de outros, menos da Resplandecente. Olhou a seu redor com seus olhos inocentes cheios de desconfiança.

Freyja a tranquilizou imediatamente.

— Não tem nada a temer aqui, Frigg. Ninguém a escutará. O feitiço do silêncio nos rodeia — explicou muito séria.

— Lamento incomodá-la — disse Frigg, sentando-se a seu lado recatadamente. — Sei como más são suas circunstâncias agora, Vanir. Sofrer um abandono de amor como o que sofreu deve ser horrível.

A sobancelha loira de Freyja saiu disparada para cima e se obrigou a responder com educação.

— Pior deve ser perder um filho. Minhas condolências.

Frigg pigarreou ao dar-se conta do seu deslize e depois se obrigou a encarar à Deusa.

— Por isso estou aqui. Quero que saiba que meu marido não sabe que vim a você.

— Por isso veste sua capa de invisibilidade? — perguntou a Vanir.

— Sim. Assim é. Ninguém deve saber. É muito importante que ninguém conheça estas palavras.

A deusa Vanir umedeceu os lábios com a língua.

— Estou escutando. Uma força maior deve ter te impulsionado para vir me visitar de forma privada. E sinto curiosidade pelo que quer me propor em um dia tão triste e infeliz para todos os deuses. A morte de Balder afeta a todos.

Frigg entrelaçou as mãos sobre seus joelhos, cobertas por parte da capa marrom e seu vestido branco.

Freyja não podia conceber que Frigg e suas donzelas se vestissem sempre igual, de branco impoluto. Quando ela, para recebê-la, vestiu um chamativo vestido vermelho de seda transparente. Não tinha nada que ocultar. E gostava de provocar.

— Diz bem, Vanir. Perder a um filho é terrível — confirmou Frigg, abatida. — É por isso, porque me neguei a perdê-lo, por isso estou aqui.

— A que se refere?

— Fui ao Helheim para negociar com Hela pela alma de meu filho. Perguntei a ela o que deveria acontecer para que aceitasse me devolvê-lo.

— Continue — a animou, escutando-a. Entendimentos com Hela? Mal assunto.

— Disse-me que para que Balder retorne, todos os seres vivos de Asgard deviam chorá-lo.

Freyja fez uma careta de desacordo.

— Negociou algo com a filha de Loki?

— Sim.

— Ela aceitou isso sem te pedir nada em troca? — Freyja não acreditava. Era uma Jotun. Tão vigarista quanto seu pai.

Frigg ficou em silêncio e depois se armou de coragem para enfrentá-la.

— Sim. Sim, me pediu algo em troca.

— O quê?

— Entregarei-lhe minha alma se um só desses seres que devem chorar a meu filho, não o choram. Mas é algo que só ela e eu sabemos.

Freyja entrecerrou os olhos e entreabriu a boca com surpresa.

— Não pôde ter feito isso. Não pode ser tão ingênua — disse Freyja, incrédula ante o que ouvia.

— Sei — assumiu Frigg. — Mas é a única coisa que resta. Minha última cartada. Não quero continuar vivendo se meu filho Balder não retornar à vida. Não tenho coragem para fazê-lo. Odin tem pensado em acabar com meu outro filho Hoder, e odeio

profundamente passar minha eternidade em Asgard sem nenhum de meus filhos, a sós com meu marido.

— Vamos ver se entendi: se o acordo com Hela falhar, ela ficará com sua alma? — continuava cética.

— Sim.

— Mas... haverá um modo de recuperá-la, não?

— Não quero que ninguém a recupere — Frigg a cortou, deixando-a sem palavras.

— Como diz?

— Não sou uma deusa mágica, nem forte nem Guerreira como você. Não tenho resistência para aguentar as torturas do mundo do Hel. Por isso, se fracasso, suplicarei a Hela que acabe com minha essência. Sou fraca. Reconheço-o.

— Não posso compreender... — murmurou consternada. — Não vai lutar por sua sobrevivência?

— Eu vivo para minha família, compreende? Sou a Deusa do Lar e da Fertilidade. E não suporto ver que arrebataram a minha família e que fracassei em meus trabalhos. É como se tirassem as suas valkyrias.

— Sim, seria terrível. Mas, insinua que se Balder não retornar, você não quer viver com Odin? É seu marido! É o *Alfather*! Senta-se em seu trono. Ambos são os líderes.

Freyja não podia conceber o que a Aesir estava dizendo de um modo tão submisso e tranquilo.

— É meu companheiro, sim. E o amo de uma maneira onde a emoção e a intensidade não têm lugar.

— Não há nada de mau em amar com toda a alma e entregando tudo — não gostou da resposta da Deusa. Acaso não tinha vida em seu interior? Seu sangue não esquentava ao ver Odin?

— Meu amor é diferente.

— Isso não é amar.

— Veja como quiser, Deusa. Temos percepções distintas. O que quero te dizer é que não amo mais Odin do que amo Balder e Hoder.

Freyja se levantou, incomodada com o que ouvia da boca da deusa dos Aesir.

— É um ato de irresponsabilidade, Frigg. Não deve deixar Odin sozinho.

— E não quero deixá-lo. Sei o importante que é para ele manter o equilíbrio dos Aesir. Ficaria arrasado, e Asgard entraria em outro tipo de conflitos se a base de sua família se rompe de qualquer jeito. Os Vanir exigiriam um trono ao mesmo nível. Por isso preciso que ele continue sendo quem é e se concentre em seus propósitos. E, para isso, essa imagem de normalidade deve perdurar. Se Hela leva minha alma, Odin não deve saber que eu morri. Tudo deve continuar igual.

— Esquece que eu mesma sou uma Vanir. Talvez me interesse que ele saiba o que acontece.

— Mas é inteligente. E sabe que todos perderíamos em um novo confronto pelo trono de Asgard.

— Sim... é verdade. E como pensa fazer isso?

— É por isso que te peço ajuda. A única que manipula a magia *seid* e que pode adotar minha forma e minha personalidade é você, Freyja. E — se levantou para colocar-se a seu lado, — não me equivoco quando digo que não sou nem a mais apaixonada, nem a mais sedutora, nem a mais Guerreira nem tampouco a que possui a conversa mais audaz e inteligente. Mas sou mulher. E me dou conta de como Odin a olha. O atrai. Gosta de você. Sempre gostou. Inclusive no dia de meu casamento, não deixava de te olhar. É seu objeto de desejo. E ele sempre foi o seu, inclusive antes de conhecer Od.

— É muito atrevimento de sua parte confirmar algo desse modo.

Frigg sorriu com docilidade.

— Não é atrevimento. É sincero e coerente. Eu assumo minhas facetas e meus defeitos como esposa e companheira de Odin. Mas isso não implica que não veja a realidade. E sei quão responsável é você, Freyja, com tudo o que tem relação com a ordem. Sabe que tal e como estão as coisas, conosco no ponto de mira de Loki por prender a sua mulher e os seus filhos, por culpa da profecia, e com

o assassinato recente de Balder, tudo pode ir a pior. A única Vanir presente em Asgard que pode se fazer passar por mim, sem que ele suspeite, é você. E é básico que ele não se dê conta. Que ninguém o faça. Porque as coisas devem ser assim, inclusive quando chegar o Ragnarök, que chegará — disse sem negar em nenhum momento a profecia. Todos sabiam que ia se cumprir.

Freyja analisou os prós e os contra. Era uma Vanir e estaria a par de todas as decisões do Aesir, e de suas confidências. Frigg queria sair da equação, pois considerava que se não era mãe, não era nada. Nem mulher, nem amante, nem esposa. E, muito menos, Deusa dos Aesir.

— Então, Freyja? — Frigg a olhou por debaixo de suas pestanas castanhas escuras. Aceita o trato? Ofereço a você as vantagens de liderar os Aesir e de ser a melhor amiga de Odin. Saberá tudo sobre todos. Se converterá em sua conselheira, em troca de que se passe por mim e aceite passar as noites em Vingolf. Ninguém mais pode fazer isso. Só você.

— Está me pedindo muito, Frigg — era Odin. Tinha que deitar com ele? E alguma vez poderia lhe dizer que era ela em realidade? Freyja gostava de Odin, sem dúvida alguma, e odiava saber que tinha escolhido Frigg para ser sua esposa. Mas estava apaixonada por Od. Entretanto, ele a tinha abandonado, e o que continuava ali era o *Alfather*, dedicando a ela todo tipo de olhares ardentes e interessados.

— Em suas mãos deixo que Asgard, se perecer no final, siga seu curso de superação depois da morte de meu filho e que chegue ainda inteiro ao Ragnarök. Se eu falhar, haverá problemas em nosso panteão. E a guerra entre nossos clãs retornará com mais força. Quer isso?

— Não. É óbvio que não — respondeu com urgência. — Só... me deixe pensar.

— Só tem até a noite. Supõe-se que esta tarde é quando todos os seres vivos devem chorar por ele. Todos — ressaltou. — Você chorará por ele?

— Chorarei por Balder porque era o melhor dos seus e o mais honorável — a olhou desafiante, ofendida por aquela insinuação. —

Mas não esteja tão segura de que Loki o faça. Não devia ter negociado nada com ele nem com sua filha. A não ser — a olhou de esguelha... — De que o fez de propósito porque queria se apagar de Asgard e de tudo o que ia acontecer em um futuro. Foi por isso?

Frigg deu de ombros e lhe deu as costas, colocando de novo a capa por cima da cabeça.

— Isso só eu sei. Me prometa, Freyja, que se cumprir o que te peço, nunca dirá a ele quem é em realidade, a não ser que ele descubra.

Frigg sabia que ela era uma valkyria, e que quando prometia, era para sempre. Jamais quebrava uma promessa. Era uma questão de honra.

Freyja tinha que analisar as consequências reais daquele trato.

Mas, em um repentino ato de inconsequência e também de coragem e interesse, a Vanir lhe disse:

— De acordo. Eu te prometo isso.

Frigg a olhou por cima do ombro, com um sorriso de agradecimento nos lábios.

— Sabia que não ia rejeitar esse desafio.

— Por quê? Porque sou guerreira?

— Por isso — disse Frigg procurando a saída daquele jardim.

— E porque meu marido te interessa de um modo que não me interessa.

— Você não está apaixonada por Odin — não era uma pergunta, mas sim uma afirmação.

Frigg deu de ombros ao sair dali e disse:

— Há deusas que estão destinadas a um tipo de amor. O meu não é amor de casal. Não sou uma deusa do sexo. Meu amor pode ser maternal e protetor. Tão somente isso. E isso é o que Odin pode obter de mim. Não mais. Talvez você, sob minha máscara, tenha mais a lhe oferecer. Quem sabe?

Freyja a olhou condescendente. Obviamente, tinha mil coisas mais que oferecer a ele. Não só paixão.

— Se antes de a lua se pôr, eu não voltar para este banco — informou a Freyja — significará que alguém não chorou meu filho, e

que minha alma será destruída por Hela. Você deverá me substituir a partir de então.

— De acordo.

— Até logo.

— Até esta noite, espero — Freyja se despediu dela.

Frigg saiu dos jardins das flores com um trato que assegurava a paz em Asgard e o equilíbrio entre os clãs Vanir e Aesir. Em troca, ela deixava de sofrer, deixava de fingir que amava a seu marido, e morria. Porque não queria viver sem seus filhos.

Frigg só era mãe, limpava o lar e cuidava da natureza.

Freyja tinha outras virtudes que poderia explorar.

O que aconteceu aquela noite, todo mundo soube. Balder não pôde retornar do Helheim porque Loki se disfarçou de anciã em Asgard, escondeu-se e não chorou sua morte.

O que condenou a Freyja a cumprir sua promessa e ser, durante séculos, a esposa de Odin de noite, e a mulher que o deixava louco e que não podia ter de dia.

E, para sua infelicidade, Odin nunca notou que, embora o corpo que passava as noites ao seu lado era o de Frigg, já não havia nada da deusa da natureza em seu espírito. Pois a Vanir ocupava tudo.

Helheim

Odin sabia o que tinha que fazer. Tinha viajado a Asgard com todos, no navio de Balder. E ali, localizado em frente a um Yggdrasil totalmente recuperado e frente a umas nornas que tinham a expressão preocupada, pois sabiam que Freyja era a única que faltava por chegar da batalha no Midgard, Odin e Sleipnir desceram pelas raízes do freixo até Helheim.

Agradecia profundamente a ajuda que seu filho Noah lhe emprestava.

Sentia-o com ele, ancorado em sua alma, como se uma corda invisível os unisse. E sabia que Ruth segurava a alma de Balder

para que não fosse a nenhum lado, nem a seu céu, nem à escuridão de Hela. A Guerreira de almas tinha inabilitado Hela, e por isso tiraria vantagem da situação.

Hela estava de joelhos, sobre a proa do Hringhorni, com os olhos virados olhando para cima como uma louca e a cabeça atravessada pela flecha de Ruth. Veriam o que fazer com ela quando tudo acabasse.

Era vigiada pelas valkyrias, que rezavam juntas pela recuperação de Freya.

Todos queriam ajudar.

Odin era um homem de guerra, mas amava seu filho. E, com o tempo, Noah aprenderia a amá-lo, não como fazia o antigo Balder, mas sim como um Balder que tinha que superar a surpresa e a injustiça que se cometeu contra ele. E estava dando o primeiro passo para consegui-lo. Porque Balder um dia seria muito melhor deus que ele, mais compassivo e mais redentor.

Em troca, ele não era assim. Ele cometia um sem fim de erros. Muitas vezes causava dano e quase nunca pedia perdão.

Não obstante, se havia uma mulher que podia aceitá-lo como era, essa mulher era Freyja. Porque o tinha feito. Tinha passado cada noite com ele como amiga e conselheira, e pela manhã tinha avivado seu interesse sendo outra mulher diferente. Amava a Resplandecente.

E o pior era que tinha chegado a amar de maneira diferente Frigg, e curiosamente esse amor também pertencia a Vanir.

A Freyja, podia amá-la como mulher.

A ela podia amá-la como companheira. A amava como amiga.

A amaria como esposa.

E a amaria como amante.

E a amava como a Guerreira incansável e valente que era.

Freyja era tudo o que queria em uma só pessoa. Era o que queria em uma Rainha.

Em sua Rainha.

E Frigg... Já não sabia nem quem era Frigg, porque quando mais a admirou e mais a respeitou, foi quando decidiu ficar a seu lado e ser forte por ele, depois da morte de Balder, e a posterior

morte de Hoder. Ele a venerava por isso. E acabou que a verdadeira Frigg não fez nada daquilo. A verdadeira Frigg entregou sua alma a Hela, e em vez de esperar que ele fizesse algo para resgatá-la ou negociar uma troca, decidiu dar também sua essência para não suportar a dor das chamas.

Havia se suicidado. Não quis lutar.

Não o amou para lutar por ele.

Ela amava o significado da família, mas não entendia que teria que amar a cada um de uma maneira, ou então anulava o que era especial.

E Odin sabia que quando a escolheu em vez de Freyja, perdia muitas coisas, entre elas a de ser pleno ao lado de uma mulher.

Não obstante, o melhor que lhe tinha dado a boa Frigg era seu filho Balder. E ele o estava ajudando agora a resgatar a mulher que de verdade tinha tido seu coração, desde a primeira vez que a viu.

Não pensava sair dali com as mãos vazias.

Ou partia com ela, ou faria o Helheim arder com suas próprias chamas geladas.

E lhe importava pouco o que ia fazer ou as consequências que ia trazer sua incursão ao Inferno. Mas Sleipnir o permitia ser veloz e ágil e viajar por onde ele quisesse.

Atravessou rápido como um ladrão o gélido rio Gjoll, que separava o Niflheim dessa funesta terra, cujas águas eram percorridas por uma quantidade bárbara de afiadas lâminas de facas. Sleipnir galopava sem ser ferido, pela qualidade que Loki lhe deu para cavalgar pelo Helheim.

Percorreu a ponte protegida pelo gigante Modgud, e não precisou pedir permissão para cruzá-la. Ele era Odin, e não estava para brincadeiras. O deus lançou Gungnir e atravessou o peito do gigante, que não teve os reflexos suficientes para esquivá-lo. Modgud caiu de costas e rugiu de dor enquanto Odin e seu cavalo passavam por cima dele.

Do outro lado da ponte se encontrava o temível bosque de ferro, que se presumia, devia proteger Angrboda. Mas Angrboda estava morta e não tinha permissão para retornar ao Helheim. Dentro do bosque haviam cem mil espadas de aço que seguiam as

ordens da gigante. Mas estas não reagiram. Pois não haviam ordens a obedecer.

E depois chegou ao último obstáculo a superar.

Mas Odin então estava frenético, louco pensando em que Freyja pudesse render-se como fez Frigg e deixá-lo sozinho. E ele não queria estar sem ela mais tempo, porra! Quando o enorme cão Garm, guardião da morada de Hela, saiu a seu encontro com o peito ensanguentado, Odin não pensou duas vezes e saltou por cima dele enquanto lhe atirava um golpe seco e duro no cangote.

Acreditava-se que aquela besta era comprada dando a ele um bolo de cadáveres. Mas Odin não se sentia tão benévolo para alimentar a esse animal.

Entrou pelas portas abertas dos muros de Helheim e seu rosto ficou congelado pelo indomável frio, a solidão, o gelo e o vento que o assolavam.

Todos os espectros que tinham retornado àquele lugar o olhavam como se não acreditassem. Mas Odin os paralisava com um olhar azul e frio, cheio de advertência.

Ninguém ousou incomodá-lo.

E, de repente, saltou por cima de uma barreira composta pelos ossos de todos os mortos de Helheim, e deu de cara com uma pira de fogo tão alta que parecia que tocava o céu escuro. Os espectros voavam a seu redor e gritavam, rindo do que havia em seu interior, sofrendo as inclementes chamas.

Ali, morrendo uma e outra vez, suspensa como uma virgem em sacrifício, havia uma mulher.

Não uma qualquer. Sua mulher.

XVIII

Odin queria trocar de lugar com ela. O cabelo loiro se agitava de um lado ao outro, e de seus olhos fechados brotavam umas nocivas lágrimas que o deixavam sem ar. Já não tinha capacete. Já não tinha roupa de guerra. Estava quase nua, porque assim podia sentir o fogo arder diretamente sobre sua pele.

E ele não podia suportar.

— Freyja! — gritou Odin, esgoelando-se.

Os espectros de Hela imitaram seu grito, rindo dele. Mas podiam rir do que quisessem, porque ele ia levar a garota, quer seja quer não.

— Freyja!

A Vanir começou a gritar de dor, pois começava de novo sua incineração em vida.

Odin obrigou Sleipnir a correr ao redor da imensa chama para que sua velocidade absorvesse o fogo e o fizesse desaparecer.

Mas aquilo continuava ardendo e consumia o corpo de Freyja, fazendo-o desaparecer por completo, convertendo-o em cinzas, para depois voltar a fazê-lo aparecer e começar de novo.

Tinha as chamas do Helheim na frente, e nelas Freyja, em vez de pedir que levassem sua essência para não as sofrer mais, continuava experimentando aquela cruel combustão. Não se rendia.

Isso a fazia tão diferente de Frigg... Tanto. Odin se odiava por ter sido tão cego ao não se dar conta de que Frigg era Freyja, e por isso estava tão à vontade com ela, mas não percebeu. Talvez foi porque quando Mímir o obrigou a entregar seu amor, aquilo também lhe dificultava poder reconhecê-lo em outra, por isso não intuía que a deusa Aesir já não era a mesma.

Ou talvez fosse porque, com um só olho, não via o que tinha que ver.

Mas seja como fosse, já a tinha perdido uma vez, inclusive antes de tê-la. Perdeu-a quando se casou com Frigg, perdeu-a quando, sendo seu amante, teve que entregar seu amor para mudar o futuro. E a perdeu quando foi incapaz de reconhecê-la pelo olhar e pelas palavras, sempre certas, de sua esposa.

Não pensava perdê-la mais.

Assim, desceu do Sleipnir e correu como uma bala para introduzir-se na chama onde queimavam Freyja.

O fogo o fez subir até onde ela estava.

A dor era insuportável, desanimadora e tão agonizante que pensou que, ali, os dois arderiam para sempre.

Mas não. Se Freyja o suportava, ele também podia, embora lacrimejasse.

Tomou-a nos braços e voltou a chamar por seu nome.

— Freyja! — sacudiu-a levemente para fazê-la despertar. — Abre os olhos. Sou eu — lhe rogou.

O calor começou a emergir de novo pelos pés. Em uns instantes voltaria a arder como a primeira vez. Mas ao menos arderiam juntos. Não pensava deixá-la só aí.

Agora os espectros riam dos dois, apontando para eles, incrédulos por vê-los ali.

Odin a abraçou com força contra seu peito, e lhe sussurrou ao ouvido:

— Me escute, *min blonde*. Minha loira — assim a chamava quando era Od. — Pude ter uma esposa, que se converteu na mãe de meus filhos e em Rainha dos Aesir. Mas só tive uma mulher e uma deusa em meu coração. Só uma, Freyja. E, para mim, sempre foi você. Sempre foi você. *Jeg elsker deg*. Amo você. Fica comigo. Volta para Asgard comigo. Escolho você por todas as vezes que não o fiz e que me converteram no desgraçado que sou hoje. Escolho a você, *min gudinne*.

Freyja não abria os olhos, e isso desesperou Odin. Por que não reagia?

Ele uniu sua testa à dela, e com mãos trêmulas embalou seu rosto e a beijou com todo o desespero de sua ansiosa alma ao mesmo tempo em que voltavam a queimar os dois.

— Noah ou Balder, quem quiser ser — disse Odin, triste e morto de medo de não voltar a ver os olhos prateados de Freyja olhá-lo como se fosse um gato. — me ajude. Me ajude, meu filho. Avise a sua amiga Guerreira, e nos ajude a sair daqui de retorno a Asgard.

Odin não podia sair por si só da chama, mas sentiu a presença de Noah a seu lado, e como este, ajudado por centenas de almas de luz que trazia a Guerreira consigo, puxaram seus corpos cheios de bolhas e feridas, como o de Freyja, até fazê-los descer sobre o cavalo Sleipnir.

Juntos, com ela inconsciente e ele ferido gravemente, galoparam com o apoio e o fôlego de todas essas almas que pareciam ter se convertido em vento sob suas asas.

Quando cruzaram de novo Helheim e escalaram as raízes do Yggdrasil até chegar a Asgard, Freyja ainda não tinha despertado, e foram suas valkyrias as que a recolheram alarmadas ao ver seu estado, nos braços de Odin, que também estava convalescente.

Foi Noah quem segurou Odin e o ajudou a descer de seu cavalo, para carregá-lo ele mesmo e levá-lo a seu palácio.

Deviam recuperar-se, pois as chamas do Helheim eram excessivamente dolorosas, e se não curassem bem, podiam deixar marcas.

Mas essas marcas não poderiam se comparar ao sinal que deixaria Freyja no coração de todos e no de Odin se não despertasse do inferno que tinha vivido.

Dois dias depois

Um potente raio caiu de repente sobre seus olhos. Era o raio do sol. E não de qualquer sol. Mas sim do Valhalla.

Quando os abriu, o fez com dificuldade, pois estava esgotada.

Ergueu-se levando a mão à testa. A cabeça doía, quando nunca sua cabeça tinha doído. Jamais. Era uma deusa. Imortal. Não haviam enxaquecas para os deuses.

De repente, recordou todo o sofrido como se tivesse sido um pesadelo. Afastou os lençóis de cetim dourado e analisou sua pele. Lisa e branca, de alabastro. Passou os dedos por cima de suas coxas, seu ventre, seus braços... Não havia nenhuma queimadura. Nada.

Quem? Como a tinha tirado das chamas do Helheim? Ninguém podia entrar e sair sem consequências.

Olhou a seu redor. Estava na torre de Vingolf. Em seu quarto. De seus quatro mirantes focados em cada ponto cardeal, podia ver os incríveis terrenos do Valhalla, suas belas terras já verdes e repletas de vida, totalmente recuperadas. Tudo voltava a estar em harmonia. Em equilíbrio.

Tinham evitado o Ragnarók. Ela e Odin.

Então recordou o trato que tinha feito com Mímir.

Odin só dispunha de vinte e quatro horas para descobrir quem era ela e decidir se a amava e se tomava a decisão de fazê-lo inclusive por cima de Frigg.

Seus olhos se encheram de lágrimas quando compreendeu que nada disso poderia ter acontecido. Ela não recordou nenhuma declaração nem nada parecido do deus. Quão último fez com ele foi partir zangada do lago do retiro de Nerthus, porque Odin não foi suficiente homem para admitir que a amava.

Depois, Loki a matou. E posto que não recordava nada mais, isso queria dizer que o tempo tinha acabado para ela e Odin.

Levantou-se da cama, surpreendida de que o corpo não doesse. Sobre a mesinha havia uma jarra de suco de maçã e uma taça pela metade.

— Bebe um pouco mais, deusa. Se sentirá bem.

Freyja se virou, impactada ao ouvir aquela voz.

Era sua mãe. A voz de sua mãe. E era ela a que estava à sua frente, com os braços abertos e um sorriso de orelha a orelha.

Freyja se jogou sobre ela, entre risadas e lágrimas de felicidade.

Era Nerthus. E estava em Asgard. Como era possível? Sua mãe havia retornado!

— Mãe!

— Olá, minha filha! — embalou-a com o carinho e o amparo que só uma mãe poderia oferecer, embora ambas fossem igualmente jovens.

— O que faz aqui? Pensava que tinha morrido. Não sabia quando poderia voltar a te ver!

— Digamos que fiz meus próprios trâmites — lhe inspecionou o rosto e o corpo. — Vejamos, deixe-me ver. Siiimm... — murmurou satisfeita. — Nenhuma marca. As valkyrias fizeram um bom trabalho com o *hjelp*. Não lhe deixaram nem nem por um instante.

Normal que não o fizessem. Eram suas filhas. Todas e cada uma delas. E embora muitas vezes tinha tomado decisões erradas, elas a amavam igual.

— Mas, mamãe — insistiu ansiosa — Odin te deixou retornar a Asgard?

—Temos um pacto de não agressão. Eu poderei te visitar quando quiser, sempre e quando cuidar da minha parte do bolo.

— Sua parte do bolo?

— Bom, isso ele já te explicará... Mais adiante — fez um movimento com a mão, tirando importância.

— E quanto a Loki e Fenrir? E Hela? Odin conseguiu acabar com eles? Deve ser, caso contrário, não compreenderia que os pássaros do Valhalla cantam como em seus melhores tempos — os apontou, localizando-os entre o colorido céu de seu Reino.

— Esses dois já são história, Freyja. Hela nunca poderá voltar a sair de seu Inferno. Jamais. Tudo acabou. Nunca os voltaremos a ver.

— Me alegro... Todos os deuses estão bem? Todos retornaram do Midgard?

— Todos estão perfeitamente bem. Os deuses, os einherjars, as valkyrias, as sacerdotisas, os vanirios, os berserkers, e inclusive os humanos que perderam a vida e que trabalhavam com nossos guerreiros. Todos tornaram a viver. Como você — objetou. — As chamas do Helheim por pouco acabaram com você, e entre todos a ajudamos a ficar boa.

Ela não queria recordar aquela agonia, e por isso seu corpo estremeceu.

— Todos ajudaram em sua recuperação. Suas meninas valkyrias, as nornas, que agora começaram a fiar um novo tear, as deusas, os deuses, elfos, anões... Todos se abateram por você e todos a choraram.

Freyja sorriu, e seus olhos se umedeceram de lágrimas.

— Nossa... Então, me amam um pouco?

Nerthus a olhou com orgulho e puxou seu cabelo carinhosamente.

— Deveria acabar de beber o suco das maçãs de Idunn. Graças a ele, ambos se recuperaram maravilhosamente.

— Ambos? A quem se refere?

Nerthus a olhou dúbia e depois seus lábios se elevaram em um sorriso divertido.

— O que recorda?

— Lembro de fazer amor com Odin, me zangar com ele depois de ter descoberto que ele era Od, e esperar, improdutivamente — ressaltou, azeda, — que ele me dissesse que me amava e que eu era a mulher de sua vida. Depois, Loki me enganou. E aí se acabou tudo para mim.

— Foi muito descuidada — a repreendeu Nerthus.

— Tinha me desequilibrado. Esse Caolho — grunhiu com frustração — consegue me chatear. É... frustrante — nem sequer lhe saíam as palavras. — E mais agora que o tempo já passou para que ele me escolhesse. Já é muito tarde. Já não podemos estar juntos — engoliu em seco com tristeza. — Porque... — desviou seus olhos cinzas ao exterior. — Enfim, já não podemos. Quanto dormi depois do fogo do Helheim? E quem me resgatou? Imagino que cara Odin ficou ao retornar a Fensalir e não ser recebido por Frigg. Deve pensar que, como disse de Fulla, fugiu com um gigante pelo qual se apaixonou.

Nerthus negou com a cabeça.

— Não. Nada disso. Vista-se e saia, Freyja. Precisa tomar um ar. E deve falar com Odin.

— Não gostaria de falar com ele. Não me escolheu, mãe. Tudo já é muito doloroso para mim para ter que me fazer passar de novo por Frigg, sabendo que o amor de Odin por mim expirou em um dia.

— Bom... Bom... — a segurou pelos ombros e estalou os dedos.

Vestiu-a de cima a baixo. Inclusive a penteou com esse movimento mágico de seus dedos.

Fez-lhe uma trança africana e a vestiu com um vestido leve e vaporoso de cor lilás, com rendas e pedrarias douradas.

— É linda — reconheceu Nerthus. — Vai deixá-lo sem palavras.

Freyja olhou a si mesma e passou as mãos pelo tecido, para desfrutar de sua suavidade.

— O que quer que faça? Por que me veste assim?

Nerthus se calou e acompanhou a sua filha para que saísse de seu palácio. No exterior, Bijul, seu lince das neves, esperava-a contente e feliz de vê-la de novo.

— Está bem, meu pequeno? Me alegre tanto em vê-lo... — a deusa lhe esfregou as orelhas e apoiou sua bochecha em seu pescoço peludo. O gato ronronou de prazer. — Quem o trouxe? Foi Odin?

— Querida, suba em seu gato e desça as escadas de seu palácio. Então conhecerá as respostas a todas suas perguntas. Se apresse — deu uma palmada.

Freyja ficou olhando a sua mãe com curiosidade. Mas a obedeceu.

Subiu na cadeira vermelha de seu gato e desceu as escadas de mármore branco para dar-se conta, impressionada, de que a planície de Idavöllr estava repleta de guerreiros e Guerreiras de todas as raças, que se posicionaram de modo que tinham deixado um enorme corredor no centro.

Um corredor em cujo final repousavam dois tronos vazios no alto de um tablado de cristal. Atrás deles, todos os deuses, Vanir e Aesir, se vestiam com seus melhores ornamentos, em comum união para recebê-la naquele inesperado momento.

A deusa Vanir sentiu uma estranha opressão no peito, e não pôde evitar emocionar-se quando, à medida que começou a avançar por esse corredor, todos, sem exceção, cravaram um joelho no chão para lhe mostrar reverência, respeito e fidelidade.

Era incrível. Estavam ali para recebê-la.

Ao lado direito, suas valkyrias, Bryn, Gúnnr, Róta e Nanna, ao lado dos seus respectivos companheiros, elevaram os queixos para lhe sorrir e piscar um olho. Aparentemente, tinham-na perdoado por tudo o que lhes tinha feito.

Do outro lado, estavam os vanirios aos que uma vez transformou, todos com seus companheiros, também se ajoelhando ante ela. Caleb e Aileen, Danna e Menw, Thor e Jade, Cahal e Miz, Carrick e Steven com Aiko e Daimhin, Beatha e Gwyn... Não faltava nenhum.

Os anões, os elfos, os berserkers... Adam e Ruth, que tinha desempenhado um papel importante na batalha final. De fato, todos, à sua maneira, foram importantes, pois todos tiveram algo a fazer.

Não havia ninguém em pé. Inclusive os acompanhavam as crianças. Todos os pequenos que tinham morrido no Ragnarök e que eram filhos de seus guerreiros, agora estavam com eles, lhe rendendo homenagem também. O híbrido, Johnson, estava sentado sobre o enorme joelho de Ardam das Highlands. Nora e Liam, a bússola e a detectora astral de Loki, sorriam olhando à frente, e apontavam para seu gato, maravilhados com seu tamanho. Nayoba e Lisbet, as filhas de Gwyn e Beatha. O pequeno Jared... Todos, sem exceção, haviam tornado com seus pais em sua ascensão a Asgard, e agora agachavam a cabeça ante ela. Ante sua superior.

E a admiravam como se fosse uma princesa de conto.

Era enternecedor vê-los. E terno era também a felicidade que irradiava dos mais velhos ao comprovar que as crianças de seus clãs estavam todos bem e a salvo.

Não obstante, Freyja deixou de fiar um pensamento coerente quando, ao final do corredor, viu a enorme figura do Deus que lhe tirava o sonho e estimulava seus dias.

Ele era o único que a fazia sentir-se assim. Forte e fraca ao mesmo tempo. E não entendia o que era que estava acontecendo, e por que tanta cerimônia.

Por que lhe davam as boas-vindas daquela maneira?

Então, para sua surpresa, Odin, vestido de imponente dourado e vermelho, sem capa, mas com seu cabelo solto preso em uma trança parecida com a dela e seu tapa-olho de couro negro lhe cobrindo um de seus olhos, cravou seu joelho no chão, e se agachou como todos os outros, sem afastar o olhar dela.

Freyja tomou ar pela boca e tentou não ter esperanças, porque ao final, Odin sempre acabava lançando-as por terra. Mas, em vez disso, o aesir agachou a cabeça quando a teve diante de si e cravou o punho no chão.

— Odin? O que... o que é isto? — perguntou trêmula.

— A resgatei do Helheim e te disse que a amava — disse ele simplesmente.

Freyja não saía de seu assombro. Disse a ela que a amava? Resgatou-a?

— Foi você? Você me resgatou?

— Passou dois dias na cama, inconsciente, e esperávamos que hoje despertasse. Foram os dois dias mais longos de minha vida. Mais que os dias nos quais tinha outra esposa, embora ao menos te via e tudo se fazia mais suportável — engoliu em seco... — Quero que saiba que sei sobre Frigg.

Ela fechou os olhos com pesar. Tinha certeza que brigaria com ela publicamente e a rejeitaria.

Mas Odin tinha outro discurso em mente.

— E te peço perdão por não ter te reconhecido nela. Peço-te perdão por ter me equivocado tanto em minhas escolhas. Por ser muito rigoroso e muito inflexível. Mas não quero me equivocar mais. Não posso — assegurou do chão.

— Odin...

— Se cale por uma vez, deusa — lhe ordenou. — Não posso me equivocar mais porque não sou capaz de viver separado de você outra vez, Freyja. Você foi, é e será para mim, minha autêntica Deusa. E te amo. Amo tudo em você, inclusive o que me deixa nervoso e me faz ter raiva. E eu... eu gostaria que aceitasse minhas desculpas e que quisesse sentá-la neste trono, a meu lado, por toda a eternidade. Porque ninguém fica melhor nele que uma Vanir como você — uma vez lhe disse que esse trono era para uma Aesir. Agora, por fim, tinha mudado de opinião. — Você faz que resplandeça, Freyja. Por favor, aceite a este Deus Aesir, caolho e teimoso que a única coisa que sabe e tem certeza neste futuro que vem, é de que te amará para sempre com todo o coração — disse levando a mão ao peito.

Freyja não se deu conta de que estava chorando até que as lágrimas caíram sobre as mãos que seguravam as rédeas de seu gato. Lágrimas claras e emocionadas.

Não soube o que fazer nem o que responder. Estava tomada pela emoção. O silêncio se tornou intrigante e cheio de incerteza.

Freyja então, deslizou-se de cima de seu gato e caiu ao chão. Lentamente, deu um passo adiante e olhou para Odin do alto, o qual não se atrevia a elevar o olho.

A Deusa passou a mão pelo cabelo loiro do Deus e caiu de joelhos ao chão, em frente a Odin, porque não gostava de olhá-lo do alto. Eles dois eram iguais.

Este a olhou nos olhos e não pôde evitar refletir o medo que sentia de ser rejeitado.

Odin tinha viajado ao Helheim para resgatá-la das chamas, e também tinha conseguido lhe dizer que a amava antes que acabasse o dia, do contrário, nada disso estaria acontecendo. Porque no único olho de Odin se refletia um amor puro, louco e incondicional. E isso não se podia fingir.

— Você, aesir tosco e abusado — lhe disse segurando-o pelo queixo e encostando seu corpo ao dele, — imperativo e responsável, leal e divino, é o único homem ao que sempre meu coração escolheu. E apesar de todos os erros e de toda a dor que nos causamos, nunca, jamais, mudou de opinião. Amei-o como Od — lhe sussurrou em voz baixa — e te amo como Odin. Você também é meu único deus. *Min Gud*.

— Freyja — murmurou nervoso. — Fica comigo e me ajude a construir um novo Reino e um novo equilíbrio. Preciso de sua luz para iluminar o longo caminho que nos espera.

— Como deseja, meu Deus — Freyja sorriu e então recebeu um beijo de Odin, profundo e comovedor, que fez que todos os guerreiros aplaudissem e aclamassem a declaração de amor de seus dois líderes.

Um Aesir e uma Vanir, os deuses mais temidos e respeitados dos Nove Reinos, iam iniciar uma nova aventura para criar as leis dos novos mundos.

Mas do que tinham certeza, era de que enquanto permanecessem juntos e se amassem tal e como eram, sem máscaras, tudo sairia bem para eles.

Ficava muito por fazer. Mas tinham a eternidade à sua frente, não só para criar, mas também para amar-se como não tinham podido fazê-lo durante séculos.

Sendo Freyja e Odin, os deuses mais passionais de Asgard.

XIX

A reconstrução ia ser complicada. Helheim tinha se fechado para sempre, e ali tinham deixado Hela, sem lhe tirar a flecha com a que a atravessou a Guerreira.

O Svartalfheim, o Niflheim e o Jotunheim foram selados para que esses mundos nunca pudessem conectar-se entre si, e que ninguém pudesse nem entrar nem sair deles. Embora já não restassem habitantes nessas terras.

Mesmo assim, Odin e Freyja tinham pensado recuperar parte desses terrenos, pois eram muito extensos para inutiliza-los, selando-os desse modo.

Yggdrasil recuperou seu aroma e sua cor, branco e brilhante, com seus ramos totalmente sadios.

Em suas raízes, as três nornas, Urd, Verdandi e Skuld, trabalhavam em um novo tear onde o futuro, sem profecias, já não estava escrito, mas sim era uma total incógnita para todos.

Odin e Freyja reuniram todos os guerreiros que participaram da batalha do Ragnarök na sala central de Vingolf.

Ali deviam lhes dar as novas diretrizes a seguir e os informar o que iam fazer a partir desse momento.

Odin, segurando Gungnir com uma mão e com os dedos entrelaçados com Freyja com a outra, chamou todos pela ordem.

Tinham ante eles a incríveis guerreiros únicos e honoráveis, que tinham dado tudo em nome de outros e de si mesmos, e Odin tinha que aprender muito deles, sobretudo do pequeno Aodhan, que não demoraria nada em nascer e que seria um deus entre os deuses.

— Tenho palavras para todos. Palavras de agradecimento por seus trabalhos e de admiração por tudo o que arriscaram para salvar o mundo médio — anunciou Odin. — Todos e cada um de

vocês são seres especiais que responderam a nossas expectativas melhor do que o esperado e nos deram uma lição de humildade e valores que começam a escassear em nosso Reino. É por isso que queremos lhes dar um presente muito especial.

Freyja abriu uma linda caixa esculpida de madeira, com flores desenhadas em sua parte superior. Em seu interior havia centenas de anéis com o *comharradh*, o nó perene, prateado e metálico, preso a umas cordas marrons originárias do tear das nornas que simbolizavam o acontecido e a mudança no Migard, e também quão entrelaçado estavam os destinos de todas as pessoas.

— Este é o anel do Ragnarök — disse Freyja. — Queremos dar a todos aqueles que lutaram até a morte na batalha final. É um anel que nos une. Que une o Midgard com Asgard e seus mundos mágicos — explicou a deusa. — Que une o que há em cima com o que há embaixo. E é, acima de tudo, um anel que tem que servir para se reconhecerem entre vocês. Para que saibam que quem leva este anel são pessoas unidas por uns laços inquebráveis e perenes, que nem a morte conseguiu separar. São os laços do amor e da amizade. Os laços da verdadeira família. A que se escolhe. Venham um a um pegar seu presente — ordenou Freyja.

E ali, um a um, se apresentaram antes os deuses para ser congratulados com o anel do Ragnarök, porque todos tinham somado naquela aventura e tinham aprendido algo pelo caminho do sacrifício.

Thor e Jade superaram as adversidades do tempo e da loucura.

Caleb e Aileen aprenderam que do ódio ao amor só precisava dar uma dentada.

Deram o anel a Ruth e a Adam, porque juntos descobriram que no amor e na guerra, tudo valia.

A Menw e a Daanna porque criaram uma vida sem igual e porque tiveram que entender que a melhor vingança era o perdão.

A Gaby e Gúnnr, porque, com sua fúria e sua paixão, andavam sempre de mãos dadas.

A Miya e a Róta, o amor colocou a ambos de joelhos. A Cahal e a Miz, porque juntos vingaram seus corações. A Bryn e a Ardam, porque descobriram que no amor não havia palavra segura.

A Carrick, Aiko, Steven e Daimhin, porque eles mantiveram a esperança até o final.

E a Noah e Nanna, já que o primeiro não estava à vontade ainda com que o chamassem Balder, porque não se podia tampar ao sol com um só dedo. E o amor deles brilhava muito.

Odin sorriu para Noah e este lhe devolveu o sorriso.

— Preparei o que me pediu — disse Odin em voz baixa, só para que ele o escutasse.

— Poderemos ver Ás e Maria no lago do Yggdrasil esta noite? — perguntou o deus do sol, esperançoso.

— É óbvio — assentiu Odin. — Não há nada que não dê a meus guerreiros e a meu filho. Eles são duas almas de luz que formarão parte do conselho dos novos deuses que está se formando. Mas — se inclinou para frente para lhe contar em confidência — também morrem de vontade de vê-los. Podem deixar seus afazeres para reencontrar-se com vocês.

A Noah satisfez tanto a resposta que pensou em informar a seus amigos ali mesmo. Mas, em vez disso, lançou-lhes uma leve olhada por cima do ombro e preferiu se calar, porque a surpresa que ia dar a eles ia ser maravilhosa. E queria ver suas caras então.

— Obrigado, Odin — disse Noah.

— Obrigada a você, filho.

Noah voltou para seu lugar, e foi Freyja quem apertou levemente os dedos do seu Deus e lhe disse entredentes.

— Logo o chamará Pai. Paciência.

Odin observou a sua deusa e se sentiu o homem mais completo e compreendido do mundo, embora lhe faltasse um olho. Sua mulher o fazia parecer inteiro e lia sua mente com uma facilidade espantosa.

— *Jeg elsker deg* — lhe sussurrou Odin, beijando-a no dorso da mão.

— Não mais que eu — respondeu Freyja com um sorriso.

Haviam outros guerreiros, como os elfos e as Agonias de Nerthus, que continuavam em sua dimensão especial, e que seria a própria Deusa da Terra a que lhes daria as alianças.

Todos acabaram de desfilar em fila para poder recolher aquele presente que os deuses fizeram para eles.

— Estarão conectados sempre por este anel — continuou Odin. — E com ele poderão viajar entre reinos.

— E qual é a sua exigência? — quis saber Noah, que se erigiu como o líder do grupo misto de guerreiros. — Um anel para viajar entre mundos? Com que finalidade?

— Meu pedido é que todos fiquem aqui. Preciso de vocês aqui. Os vanirios — olhou para Thor, Caleb, Cahal, Menw, Beatha, Gwyn, Carrick, Aiko, Daimhin, Miya, Jamie, Isamu. — Os berserkers — se concentrou em Adam, em Steven, em Jade, em Noah... — As sacerdotisas... — olharam Cedro, Daphne, Tea, Amaya, Dyra e Ruth. — Os einherjars e as valkyrias, é óbvio que ficam aqui, mas necessitamos também outro tipo de guerreiros que saibam tanto da humanidade para continuar nos ensinando o que fazemos de errado com eles e como solucioná-lo. O Midgard vai receber uma onda enorme de humanos, com uma segunda oportunidade, e todos ressuscitados, que recordarão a guerra e o fim do mundo, mas apesar do trauma, deverão reconstruir seu mundo para seguir adiante. Não voltarão todos, mas sim os justos. O planeta continuará tendo a mesma forma e a mesma divisão de continentes, mas há muito a modificar. Passarão anos até que tudo volte para seu leito. O projeto com os humanos continua em pé, caso contrário, daríamos razão a Loki se desistíssemos deles. Não obstante, esse mundo médio novo necessitará da sabedoria de uma nova geração. Mas não será a sua — Odin fixou o olhar no ventre de Daanna e sorriu.

— Quer que fiquemos aqui? Em Asgard? — assegurou-se Noah.

— Estarão melhor que nunca. Descansarão depois de tanta guerra como as que se viram envolvidos. E recorrerei a vocês e os enviarei a fazer alguma viagem quando achar necessário. Tomem isso como um tempo de retiro.

— Mas, se nós já fizemos o que nos cabia fazer, mas o Midgard necessita essas novas mãos das que fala, quem imagina que deve ir em nosso lugar?

Odin e Freyja olharam um ao outro e sorriram sem responder àquela pergunta tão direta.

Quem? Isso só sabiam ele e ela.

Já se veria.

XX

Ali, em frente ao Yggdrasil, Odin tinha Freyja sentada sobre suas pernas, e esta tinha o livro do Ragnarök aberto e o lia em voz alta para as crianças que se reuniram para escutar os deuses de Asgard. Adoravam que ela lesse para eles a história de como tinha sido a batalha final e recordasse a cada um o papel que tinham desempenhado.

Freyja lia as letras desse manuscrito como se fosse uma professora.

— ...E Loki foi vencido por Odin e por Freyja, e os Nove Reinos se renovaram com uma nova luz e com novas ideias. Fim.

Ali, todos os filhos dos guerreiros, todos os que tinham sido recuperados e ressuscitados da morte por aquele livro mágico, punham seus sentidos na narração.

Liam, Nora, Johnson, Lisbeth, Jared, Nayoba... Todos sem exceção escutavam, como se estivessem no cinema e vissem um filme ante seus olhos, a narração deliciosa e motivadora da deusa.

— Mas... — Nora elevou o dedo indicador onde exibia seu anel especial, como se estivesse em uma aula, e esfregou o nariz ante o atento olhar de Jared e Johnson. — Diz que em um futuro tem que descer novos guerreiros para proteger o mundo médio. Quem serão? Conhecem-nos?

Odin apoiou as mãos sobre as de Freyja e fechou o livro com ela.

— Talvez seja você, pequena — disse a Nora. — Ou você — olhou para Lisbeth. — Ou pode ser você — desta vez seus olhos

caíram sobre Aodhan. — Talvez todos vocês tenham algo muito importante que fazer e que contar.

O vanirio, filho de Daanna e Menw, tinha nascido em Asgard, e seu crescimento acelerado o tinha convertido em pouco tempo em um menino de sete anos, moreno e de olhos muito verdes e muito claros, como os de sua mãe, que falava com os deuses frequentemente por sua excelsa sabedoria. Converteu-se em um deus da compaixão, ideal para ser um comunicador entre mundos.

Aodhan olhou para Nora com especial interesse, e a cada uma das crianças que estavam sentadas com as pernas cruzadas sob os ramos, repletas de maçãs vermelhas da imortalidade que dava a árvore Yggdrasil, desde que o equilíbrio havia retornado. Todos eles exibiam um anel do Ragnarök porque, embora não lutaram, sim estiveram presentes e sim morreram injustamente.

— Recordem que não existe a luz sem a escuridão. Não existe o bem sem o mal. Não existe o perdão sem a ofensa. E não existe a rendição sem a redenção. Cedo ou tarde, um mal espreitará esse Reino em recuperação que é a Terra — lhes explicou Odin, beijando o ombro nu de Freyja. — Os novos humanos deverão reconstruí-lo, mas novos males renascerão, e então alguém deverá impor ordem e equilíbrio. Talvez vocês sejam os novos heróis.

— Mas — o interrompeu Freyja, acariciando e puxando sua barba loira, gesto que fez as crianças rirem, — não se adiante ainda, Caolho. Porque essa história, meu querido, ainda está para ser escrita, amor, e será em outro momento, e em outro lugar. Não agora.

Odin assentiu, louco de amor como estava por sua esposa Vanir, e respondeu ante os cochichos e as risadinhas das crianças.

— Como deseja, *min gudinne*.